



**ANAIS DO XV CONGRESSO ESPÍRITO-SANTENSE
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CEFD – UFES

2018

ISSN – 2595-5837

Apoio:

FAPES

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESPÍRITO SANTO

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESPÍRITO SANTO

Copyright © 2018 CEFD - UFES

Qualquer parte ou o todo desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada corretamente a fonte.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Centro de Educação Física e Desportos – CEFD

Diretor

Otávio Guimarães Tavares da Silva

Vice-diretora

Márcia Regina Holanda da Cunha

Ficha Técnica:

Título: Anais do XV Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Organização: Bruno de Oliveira e Silva, Christiane Garcia Macedo, Danilo Sales Bocalini.

Cidade: Vitória – ES

Instituição: CEFD – UFES

Ano: 2018

ISSN: 2595-5837

Comissão Organizadora do XV CONESEF

Coordenação Geral

Ueberson Ribeiro Almeida

Avaliação

Erineusa Maria da Silva

Liana Abrão Romera

Científica

Bruno de Oliveira e Silva

Christiane Garcia Macedo

Danilo Sales Bocalini

Cultural

Milainy Ludmila Santos Goulart

Divulgação

Ueberson Ribeiro Almeida

Financeira/Tesouraria

Márcia Regina Holanda Cunha

Logística

Ubirajara de Oliveira

Secretaria

Ana Carolina Rigoni

Andreia Chiabai Velten

Karen Jécika Marcolino Ribeiro

Mariana Zuaneti Martins

Monitores

Bianca da Vitória
Breno Fazio Antunes
Brunella Silva de Oliveira
Bruno Rafael Resende
Carolina Andrade Cypreste
Falcão
Clisciane Gomes Cupertino
Daniel de Souza da Silva
Derlan Alves Santana
Douglas Muller Bareno
Edson Lacchine Junior
Heduard Magalhães Silva

Israel Oliveira dos Reis
Janaina Rosa de Lima
Petronetto
Karine da Silva Pereira
Keila de Paula Patrocínio
Kevin Albino Pereira
Luana da Costa Smorim
Silva
Lucas Poncio Gonçalves
Pereira
Maick Almeida Moura
Maria Paula Louzada Mion

Matheus Martins do
Nascimento
Natália Camilo Marques
Natalia Rossi
Otaviano Pereira da Costa
Ramon Matheus dos Santos
e Silva
Tamaris Tomy da Silva
Thales Couto Bergantini
Vinicius Kunzendorff
Wderlan Alves Santana
Whitler Bins Salles da Silva

Pareceristas *ad hoc*

Adalberto Dos Santos Souza
Alexandre F. Machado
Ana Carolina Rigoni
André Luis Façanha Da
Silva
André Soares Leopoldo
Ariana Aline Da Silva
Bruna Saurin Silva
Bruno De Almeida Faria
Bruno De Oliveira E Silva
Bruno Vasconcellos Silva
Camila Rissari Correia
Carlos Alexandre Falconi
Cecília Nunes Silva
Christiane Garcia Macedo
Cinthia L. Da Silva
Cristiane Makida Dyonisio
Danilo Sales Bocalini
Érica Bolzan
Flávio Valdir Kirst
Frank Shiguemitsu Suzuki

Galdino Rodrigues De Sousa
Guilherme Gomes Passabão
Gustavo Marchetti Corrêa
Carneiro
Ileana Wenez
Ingrid Regis De Freitas
Schmitz De
Alencar
Ivan Marcelo Gomes
Janine Carvalho Valentino
Jederson Garbin Tenório
João Marcelo Miranda
Jóctan Pimentel Cordeiro
Jônatas Bezerra De Azevedo
José Francisco Chicon
Juliana Guimarães Saneto
Leonardo Araújo Vieira
Leonardo Trápaga Abib
Liana Abrao Romera
Lucas De Andrade Carvalho

Marcelo Adolfo Duque
Gomes Da Costa
Marcio Ferreira De Souza
Mariana Zuaneti Martins
Maurício Maia
Mauro Sérgio Da Silva
Milainy Ludmila Santos
Goulart
Olivia C. F. Ribeiro
Rafael Mathias Pitta
Roberta Luksevicius Rica
Rosana De Almeida E
Ferreira
Thiago Da Silva Machado
Ubirajara De Oliveira
Ueberson Ribeiro Almeida
Victor José Machado De
Oliveira
Vinicius Martins Penha
Vivian Marina Redi Pontin

Apresentação

No ano 2018, o XV Congresso Espírito-Santense de Educação Física (CONESEF) teve como tema “Políticas Públicas, Conhecimento e Intervenção”. Esse evento, iniciado em 1994, de periodicidade bienal constitui-se como um importante evento estadual da Educação Física brasileira. Sendo uma ação desenvolvida pelo Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). O evento configura-se como um canal permanente de diálogo entre a universidade, a comunidade espírito-santense e a sociedade em geral, aproximando a produção acadêmico-científica das necessidades encontradas no cotidiano das práticas de intervenção profissional em diferentes contextos.

Os/As protagonistas do evento são estudantes, docentes, pesquisadores/as e gestores/as, pois o CONESEF prioriza a construção de relações que possibilite a troca de experiência e resolução de problemas entre os pares. O XV CONESEF foi realizado na cidade de Vitória – ES – nas dependências da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A programação do evento ocorreu entre os dias 09/10/2018 e 11/10/2018, e contou com Apresentações de Trabalhos de Comunicação Oral e Relatos de Experiência, Sessão de Pôsteres, Conferência, Palestras, Oficinas e Minicursos, além de uma diversificada Programação Cultural. Apresentamos agora os anais desta edição. Desejamos a todos e todas uma boa leitura!

Comissão Organizadora

XV CONESEF

2018

PROGRAMAÇÃO

09/10/2018 (Terça-feira)

8:00 – Credenciamento
09:30 – Solenidade de Abertura/ Atividade Cultural
10:00 – Conferência de Abertura: “O jovem como sujeito social”
Conferencista: Dirce Djanira Pacheco e Zan (UNICAMP)
12:00 – Almoço
14:00 – Apresentação de Trabalhos
16:00 – Oficinas
18:30 – Conferência 2: Políticas públicas de saúde, práticas corporais e seus efeitos na intervenção profissional em Educação Física
Conferencista: Felipe Wachs (UFG)
21:00 – Programação cultural

10/10/2016 (Quarta-feira)

8:00 – Reuniões Institucionais
09:30 – Intervalo
10:00 – Conferência 3: Desafios contemporâneos para a formação e intervenção com ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos
Conferencista: Larissa Rafaela Galatti (UNICAMP)
12:00 – Almoço
14:00 – Apresentação de Trabalhos Minicursos
16:00 – Mini-Curso
18:00 – Sessão de postêres
18:30 – Conferência 4: A BNCC e os desafios para a educação física
Conferencista: Fernando Jaime Gonzalez (Unijuí)
21:00 - Programação cultural

11/10/2018 (Quinta-feira)

08:00 – Apresentação de Trabalhos
09:30 – Intervalo
10:00 – Mini-cursos
12:00 – Almoço
14:00 – Sessão de postêres
16:00 – Oficinas
18:00 – Programação cultural e Encerramento

Sumário

GTT 01 - ASPECTOS BIODINÂMICOS DO EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA	12
A HIDROGINÁSTICA NA PREVENÇÃO DAS PERDAS FUNCIONAIS DECORRENTES DO ENVELHECIMENTO	13
A NATAÇÃO INFANTIL: COMO ESTA PRÁTICA ESPORTIVA PODE CONTRIBUIR NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DE CRIANÇAS NA FAIXA ETÁRIA DE 05 ATÉ 12 ANOS DE IDADE	16
ANÁLISE DA CONFIABILIDADE ENTRE OS MÉTODOS PARA PREDIÇÃO DO PERCENTUAL DE GORDURA CORPORAL POR MÉTODO DE DOBRAS CUTÂNEAS OU BIOIMPEDÂNCIA PORTÁTIL EM JOVENS BASQUETEBOLISTAS	20
ATIVIDADES DA VIDA DIÁRIA E FORÇA MUSCULAR DE IDOSOS PARTICIPANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UATI).....	23
CARACTERIZAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS CARGAS DINÂMICAS DO TREINAMENTO COM KETTLEBELL E SEUS EFEITOS NA FORÇA E CAPACIDADE AERÓBIA	27
COMPARAÇÃO DO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E APTIDÃO FÍSICA DE DIFERENTES FUNÇÕES POLICIAIS MILITARES E INDICADORES DE FATORES DE RISCO	30
DÉFICIT COGNITIVO E DIFERENTES DOMÍNIOS DA ATIVIDADE FÍSICA DE IDOSOS PARTICIPANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UATI).....	33
FATORES ASSOCIADOS ÀS LIMITAÇÕES FUNCIONAIS NA MOBILIDADE DE IDOSOS DO MUNICÍPIO DE ALCobaça – BA	36
HATHA YÓGA MELHORA OS SINTOMAS DE ESTRESSE E HUMOR NOS ADOLESCENTES ...	40
MUSCULAÇÃO PARA IDOSOS COM OSTEOARTITE	42
NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA HABITUAL E O USO DE MEDICAMENTOS POR MULHERES IDOSAS PARTICIPANTES DE UM PROGRAMA COMUNITÁRIO DE ATIVIDADE FÍSICA	45
OFICINA SAÚDE DO IDOSO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE EXERCÍCIOS DE FORÇA PARA A TERCEIRA IDADE.....	48
UMA ANÁLISE DO SISTEMA MOTOR E SEUS MOVIMENTOS	51
VALIDADE E CONCORDÂNCIA DO USO DE ACELERÔMETRO PARA AVALIAR O TEMPO DE VÔO E POTÊNCIA EM SALTO VERTICAL	54
YOGALATES: COMO ESTRATÉGIA PARA MELHORAR OS PARÂMETROS FUNCIONAIS EM MULHERES IDOSAS: UM ESTUDO PILOTO.....	57
GTT 02 - ASPECTOS SOCIOCULTURAIS, HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	59
A FORMAÇÃO INICIAL EM PROJETO DE EXTENSÃO E SUA REPRESENTAÇÃO SOCIAL	60
A HISTÓRIA DO POLO AQUÁTICO NO ESPÍRITO SANTO: PECULIARIDADES DA DÉCADA DE 1930.....	63
AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO CULTURAIS NA FORMAÇÃO SUPERIOR: UM PROCESSO PROFISSIONAL E HUMANO	66
ANÁLISE ICONOGRÁFICA E INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE MEMES VINCULADOS NO CIBERESPAÇO	69
ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DO TEATRO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA DA PRÉ-HISTÓRIA ATÉ OS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS	72
ASPECTOS RELACIONAIS DA CRIANÇA COM AUTISMO EM SITUAÇÃO DE BRINCADEIRA	75
AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DOS DISCENTES, DOCENTES E GESTORES	78
CORPOS LÚDICOS, RELACIONAIS E CRÍTICOS: UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO DA DANÇA	81

DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA DO PROFESSOR COM E A MATERIALIZAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS	84
EDUCAÇÃO FÍSICA E OS PROCESSOS DE REAPROPRIAÇÃO DO MOVIMENTO CORPORAL DA RELIGIOSIDADE AFRICANA	87
EXTENSÃO EM MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO AO CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO: NO PERÍODO DE 2008 A 2017	90
FÉ FITNESS: AS IGREJAS EVANGÉLICAS E A OFERTA DE ATIVIDADES FÍSICAS ESPECIALIZADAS.....	93
FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA GRADUAÇÃO: A ESCRITA NO PROCESSO DA PESQUISA.....	95
INTRODUÇÃO À DOCÊNCIA: A FORMAÇÃO INICIAL E OS PRIMEIROS CONTATOS COM O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	97
MAPEAMENTO DOS APLICATIVOS SOBRE EXERCÍCIO FÍSICO: INCURSÕES INICIAIS ACERCA DOS USOS E CONSUMOS DESSES DISPOSITIVOS	99
O MALHAR COMO METÁFORA DA EXERCITAÇÃO FÍSICA.....	101
O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL DO/NO CEFD/UFES E SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA: ENTRE PRÁTICAS, LUTAS E REPRESENTAÇÕES (1994 - 2018)	104
O QUE FAZ A COMISSÃO DE ESPORTE NA CAMARA DOS DEPUTADOS?	107
PEDAGOGIA ESPORTE E GÊNERO: UMA ANÁLISE SOBRE PRÁTICAS ESPORTIVAS EM REVISTAS INTERNACIONAIS	110
PROJETO SOCIAL E FORMAÇÃO HUMANA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	113
RELAÇÃO PROFESSORA-ALUNA EM UMA ACADEMIA PARA MULHERES: AS INFLUÊNCIAS DA PERSONALIZAÇÃO.....	116
SABERES PROFISSIONAIS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ENTRE INGRESSANTES DA GRADUAÇÃO	119
SEJAM BEM-VINDOS: A RECEPÇÃO DE CALOUROS COMO UMA PRÁTICA FORMATIVA DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA	122
TRAJETÓRIA DA OFICINA DE TEATRO NO CENTRO DE ATENDIMENTO INTEGRADO (CAI): EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E CORPORAIS NA EDUCAÇÃO E CIDADANIA DE ADOLESCENTES	125
GTT 03 – EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	128
A COMPREENSÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ALUNOS DO SEGUNDO SEGMENTO DA EJA DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE TEIXEIRA DE FREITAS	129
A CONTRIBUIÇÃO DA CRIANÇA AO PROCESSO DE GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA	132
A CULTURA DA CAPOEIRA DE SÃO MATEUS NOS ANOS INICIAIS ESCOLARES	135
A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CURRÍCULO INTEGRADO: REALIDADE E POSSIBILIDADES.....	138
ABORDAGENS RENOVADORAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ENTRE O “REALIZADO” E O “IDEALIZADO” SOB A ÓTICA DOS DOCENTES	141
APRENDIZADO E MUITA DIVERSÃO: REFLETINDO SOBRE A INSERÇÃO DO ESPORTE DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	144
ATIVIDADES DE AVENTURA COMO POLÍTICA PÚBLICA.....	147
AVALIAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA: “POR DENTRO DAS COISAS É QUE AS COISAS SÃO”	150
BRINCADEIRAS HISTORIADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BRINCANDO COM OS CONTOS INFANTIS.....	154
CONHECIMENTO SOBRE TDAH E AUTISMO ENTRE GRADUANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA	157
CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO TRABALHO INTERDISCIPLINAR NO COTIDIANO ESCOLAR.....	160
COPA DO MUNDO: O MUNDO EM NOSSA ESCOLA	163
DANÇAS FOLCLÓRICAS NO CONTEXTO DA FESTA JUNINA: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	165

DAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	169
DESENVOLVIMENTO INFANTIL E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	172
EDUCAÇÃO E PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: PROJETO POSSÍVEIS CAMINHOS	176
EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO ESPECIAL: DA PERSPECTIVA DE INCLUSÃO À PRÁTICA PEDAGÓGICA	178
EDUCAÇÃO INFANTIL E MEIO AMBIENTE UMA TROCA SAUDÁVEL E PROSPECTIVA	181
EDUCAÇÃO OLÍMPICA NOS JOGOS RIO 2016: ALCANCE E IMPACTOS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	184
ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO COPA DE FUTSAL	187
EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL II	190
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: AULA INTERATIVA E ENTREVISTAS	193
HABILIDADES SOCIAIS E PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	196
JOGOS ELETRÔNICOS <i>VERSUS</i> EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	200
LIMITES E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA SERRA-ES	203
“LINDA, LINDA NOVA ALMEIDA, AQUI MORA O MEU CORAÇÃO”: O CONGO COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL E SEU LUGAR NA ESCOLA.....	206
LUTAS: DESAFIOS POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	209
O ATLETISMO NA ESCOLA: REVELANDO CAMPEÕES.....	211
O CONGO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM EM UM CMEI DA SERRA	214
O <i>FUNK</i> NO ENSINO MÉDIO: ENTRE OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES	216
O MUNDO MÁGICO DO CIRCO NAS AULAS DE ARTE E EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE SERRA-ES	219
O PARKOUR COMO CONTEÚDO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I	222
OS PROCESSOS FORMATIVOS EM DANÇA NO CEFD: DO CURRÍCULO PRESCRITO AO CURRÍCULO EM AÇÃO.....	225
ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO PEDAGÓGICA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DO ESTADO DO CONHECIMENTO À UTILIZAÇÃO DO WWW.YOUTUBE.COM COMO FERRAMENTA DE SUPORTE E APOIO PEDAGÓGICO.....	228
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONHECIMENTO DECLARATIVO A RESPEITO DO VOLEIBOL.....	231
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID: NÚCLEO EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – EXPECTATIVAS DOS BOLSISTAS	234
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID: NÚCLEO EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – PERSPECTIVAS DOS SUPERVISORES	237
PROJETO “AMIGO DA TURMA”: UMA PROPOSTA DE CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA À DISCUSSÃO DE BULLYING NA ESCOLA MESTRE ÁLVARO, NO MUNICÍPIO DA SERRA, ES	240
RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CARIACICA	243
UM NOVO SENTIDO PARA O TRABALHO COM DANÇA NA ESCOLA, APÓS VIVÊNCIA NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DA DANÇA DA UFES	245
UM OLHAR SOBRE A DOCÊNCIA.....	248
UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A DIDÁTICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.	251
GTT 04 – ESPORTE E LAZER.....	254
A INICIAÇÃO AO TÊNIS PARA CRIANÇAS: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA TÊNIS+	255
ABORDAGEM METODOLÓGICA DA INICIAÇÃO ESPORTIVA NO FUTEBOL	257

AULAS DE LUTAS NA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO GLOBAL E AUMENTO DE REPERTÓRIO MOTOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	260
CANOAGEM, UM ESPORTE EM DESENVOLVIMENTO NO BRASIL	263
CRIANÇAS E ESPAÇOS: BRINCADEIRAS COTIDIANAS EM GOIABEIRAS, VITÓRIA/ES	266
EQUILÍBRIO EM ATLETAS DE INICIAÇÃO À CANOAGEM.....	269
ESPORTE E LAZER NA UNIVERSIDADE: DOMINGO DE LAZER NA UFES	272
FATORES DE PROTEÇÃO AO USO DE DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS: O PAPEL DO LAZER	274
FATORES MOTIVACIONAIS ENVOLVIDOS NA CANOAGEM VELOCIDADE	276
FORMAÇÃO DE ATLETAS DE VOLEIBOL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE UM AMBIENTE FAVORÁVEL EM UMA ESCOLA	280
LAPIDANDO CIDADÃOS POR MEIO DO TÊNIS: A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO SOCIAL COM A METODOLOGIA DA TÊNIS+	282
OS SABERES EM GINÁSTICA RÍTMICA: DO MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO À FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA	285
PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NA GRANDE VITÓRIA	288
POR UMA POLÍTICA DE ESPORTE E LAZER PARA A CIDADANIA DA UFES	291
PRÁTICAS RECREATIVAS NO PET EF: A RECREAÇÃO COMO CONTEÚDO DE ENSINO	293
PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DE POLO AQUÁTICO: ENTRE LIMITES E POSSIBILIDADES	296
PROJETO TERCEIRA IDADE EM AÇÃO: AÇÕES E INTERVENÇÕES DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA CEFD/UFES	299
RELAÇÃO ENTRE O USO DE DROGAS E LAZER: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PESQUISA DE CAMPO	302
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO SOCIAL E ESPORTIVO – COPA MÁRIO CASANOVA	305
TALENTO PRAIANO: O FUTEBOL DE AREIA ATRAVÉS DE NOVAS METODOLOGIAS	308
GTT 05 – POLÍTICAS AFIRMATIVAS	310
A AÇÃO MEDIADORA DO EDUCADOR NA BRINCADEIRA DA CRIANÇA COM AUTISMO ..	311
A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA COM CRIANÇAS AUTISTAS	314
A BRINQUEDOTECA E O ATENDIMENTO ÀS ESPECIFICIDADES DA CRIANÇA COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA	317
A IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS DE INCENTIVO A ATIVIDADE FÍSICA NA INFÂNCIA E SEUS POSSÍVEIS REFLEXOS NA PREVALÊNCIA DE OBESIDADE EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL	320
A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DO HIP HOP PARA JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E AUTISMO.....	323
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL NO CONTEXTO ESCOLAR NOS ANAIS DO CONBRACE	326
ANDANÇAS NA UCV: TEMATIZANDO E PROBLEMATIZANDO A DIVERSIDADE E A DIFERENÇA POR MEIO DA DANÇA	329
ASPECTOS RELACIONAIS DA CRIANÇA COM AUTISMO	332
CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM HISTÓRICO CULTURAL PARA A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E AUTISMO	335
CORPO E CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSIBILIDADES E TENSÕES A PARTIR DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS	338
DANÇA E AS CULTURAS INDÍGENAS: SEUS SÍMBOLOS E INTERFACES NO CORPO INDÍGENA DANÇANTE.....	341
EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO NO CURRÍCULO DE LICENCIATURA NO CEFD-UFES	343
EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: O PROFESSOR COMO MEDIADOR NA EXPERIÊNCIA DE BRINCAR DA CRIANÇA COM AUTISMO	345

EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: A POTÊNCIA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E SEUS IMPACTOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA	348
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO COMPLEMENTAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA	351
FORMAÇÃO, GESTÃO E INCLUSÃO: DIALOGANDO COM OS ESTUDOS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL/EDUCAÇÃO FÍSICA.....	354
MULHERES TORCEDORAS: MAPEANDO A REDE ATIVISTA NO BRASIL	357
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	360
OS MOVIMENTOS PEDAGÓGICOS DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESPÍRITO SANTO EM RELAÇÃO ÀS POLÍTICAS DE GÊNERO PARA A EDUCAÇÃO	363
OUTROS OLHARES NO PROJETO “CUIDADORES QUE DANÇAM”: A MULHER PARA ALÉM DO CUIDADO E A DANÇA PARA ALÉM DA TÉCNICA.....	366
PERFIL SOCIOECONÔMICO E DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ATUAR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA NO MUNICÍPIO DE CARIACICA/ES.....	369
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO NO ÂMBITO EDUCACIONAL NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA: AS AÇÕES DOS/AS PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	372
PRÁTICAS CORPORAIS AQUÁTICAS: CONTRIBUIÇÕES POTENCIALIZADORA PARA JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUTISMO	375
PRÁTICAS CORPORAIS HOLÍSTICAS PARA IDOSOS COM CEGUEIRA E BAIXA VISÃO	378
PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS: TREINO PARA INCLUSÃO, MOVIMENTO ESPORTE E VIDA	381
QUESTÃO DE GÊNERO: UMA DAS PROBLEMÁTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	384
REPRESENTAÇÕES SOBRE CORPO E RAÇA: LENDO CORPOS, SUJEITOS E CORES	387
GTT 06 – SAÚDE COLETIVA E SAÚDE PÚBLICA	390
AS PRESENÇAS E ÊNFASES DO TEMA DA SAÚDE NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO CEFD/UFES.....	391
ASSOCIAÇÃO ENTRE FAIXA ETÁRIA E NÍVEIS DE PSA EM IDOSOS RESIDENTES NO MUNICÍPIO DE ALCobaça-BA.....	394
AVALIAÇÃO DO NÚCLEO DE APOIO À SAÚDE DA FAMÍLIA DE UM MUNICÍPIO CEARENSE: ESTRUTURA, PROCESSO E RESULTADO	397
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SAÚDE MENTAL: UM OLHAR DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS – CAPS AD LARANJEIRAS	400
MAPEAMENTO DOS DADOS SOBRE A OBESIDADE INFANTOJUVENIL NO ESPÍRITO SANTO, NA PLATAFORMA SISVAN, PELA EDUCAÇÃO FÍSICA	403
O TEMA DA SAÚDE NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFES: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSO	406
O TEMA DA SAÚDE NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFES: UMA ANÁLISE ENTRE AGÊNCIA E ESTRUTURA	409
O TEMA SAÚDE NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DO ESPÍRITO SANTO	412
OS BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA E A CAPACIDADE FUNCIONAL NA VIDA DIÁRIA DE MULHERES IDOSAS	416
PREVENÇÃO AO USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS A PARTIR DAS HABILIDADES SOCIAIS.....	419
SAÚDE COLETIVA E PRÁTICAS CORPORAIS: UMA EXPERIÊNCIA COM METODOLOGIAS ATIVAS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	422



Anais do Congresso Espírito-Santense de Educação Física
XV CONESEF – 2018
CEFD – UFES – Vitória – ES – Brasil
ISSN – 2595-5837

GTT 01 - ASPECTOS BIODINÂMICOS DO EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Comunicação Oral

**A HIDROGINÁSTICA NA PREVENÇÃO DAS PERDAS FUNCIONAIS
DECORRENTES DO ENVELHECIMENTO**

Adrielle Lopes de Souza¹

Ramiri Pinheiro Valério

Thais Rayane Alves Pimentel

Marcelo Alves Costa

O envelhecimento segundo Nahas (2006) é um processo gradual, universal e irreversível, provocando assim uma perda funcional no organismo do ser humano. Isso se dá por várias alterações orgânicas, como a redução do equilíbrio e da mobilidade, da capacidade circulatória e respiratória e as modificações psicológicas que ficam ainda mais evidentes na terceira idade (MACIEL, 2010). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é considerado idoso aquele que tem 60 anos ou mais de idade. A partir desse estágio da vida, nota-se uma acentuada redução da capacidade funcional do indivíduo, geralmente é provocada pelo sedentarismo, que junto ao processo de envelhecimento limitam a prática física, bem como a mobilidade do idoso. Diante disso, tem-se percebido o aumento do interesse dos profissionais de Educação Física e da saúde de modo geral em compreender como retardar esse processo que causa prejuízos à qualidade de vida da pessoa. Nesse contexto, sabe-se que a atividade física ajuda muito no tratamento de prevenção para várias doenças e traz diversos benefícios na vida do idoso, como o aumento da capacidade aeróbia, melhora na autoestima e na autoconfiança, diminuindo o stress e a ansiedade (MACIEL 2010). Assim, a hidroginástica tem se mostrado porta de entrada para a inserção do idoso nas práticas corporais, devido aos benefícios que o ambiente aquático e o convívio em grupo oferecem ao idoso, permitindo que ele se mantenha ativo e feliz. Estudos mostram que a

¹ Contatos dos autores: drika_uesb@hotmail.com; ramiri.valerio@gmail.com; thais_rayane@gmail.com; marcelo.alves.costa@hotmail.com.

prática regular desta modalidade tem proporcionado melhoras consideráveis nas capacidades físicas como a flexibilidade, força e equilíbrio. Exercícios feitos na água trazem melhorias na locomoção, no ganho de massa muscular, na flexibilidade, além de auxiliar na interação social. Logo após uma aula de hidroginástica, o idoso se sente mais relaxado e tranquilo, além de trabalhar os músculos, trabalha também seu emocional, fazendo com que ele compartilhe suas experiências vivenciadas em aula com as pessoas que estão ao seu redor. O presente estudo tem o objetivo de analisar os benefícios da prática de hidroginástica na terceira idade, com o intuito de difundir e ressaltar conhecimentos sobre a temática, para que haja uma maior conscientização sobre a importância de se manter ativo, realizando uma modalidade esportiva que proporcione bem-estar e melhorias na saúde física e mental do idoso. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de revisão bibliográfica, na qual foram pesquisados no Portal Regional da BVS, utilizando os seguintes descritores: "envelhecimento e perdas funcionais" sendo encontrados 12 artigos e logo após a leitura utilizou-se cinco artigos do mesmo, "envelhecimento e hidroginástica" encontrados 27 artigos e destes usados 24, "perdas funcionais e idosos" com um total de 29 artigos e destes utilizamos 2, "idoso e hidroginástica" encontrados 39 artigos e destes utilizados 10. Todos com filtros para língua portuguesa, sendo considerados os artigos que foram publicados a partir dos últimos 10 anos. Ao total foram encontrados 107 artigos. A partir dos critérios de inclusão e exclusão, todos os artigos em que o título e o resumo não condiziam com a temática foram excluídos da pesquisa. Logo após a leitura dos resumos dos artigos foram selecionados 41 artigos. Destes artigos selecionados na BVS foram usados 29. Após a análise dos textos, conclui-se que a prática regular da hidroginástica pode garantir melhorias na capacidade funcional do idoso, permitindo que as atividades da vida diária sejam realizadas com maior autonomia, evidenciando a importância de se incentivar a prática de exercícios físicos na velhice, especialmente a hidroginástica, considerada um dos principais meios para a promoção da saúde e qualidade de vida do idoso.

Palavras-chave: Envelhecimento, Perdas Funcionais, Idoso, Hidroginástica.

REFERÊNCIAS

NAHAS, Markus Vinicius. **Atividade Física, Saúde e qualidade de vida: Conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. 4.ed. Londrina: Midiograf, 2006.

MACIEL, Marcos Gonçalves. **Atividade física e funcionalidade do idoso**. Motriz, Rio Claro. v.16, n.4, 2010.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

A NATAÇÃO INFANTIL: COMO ESTA PRÁTICA ESPORTIVA PODE CONTRIBUIR NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DE CRIANÇAS NA FAIXA ETÁRIA DE 05 ATÉ 12 ANOS DE IDADE

Washington Dos Santos Barreto²

Julia Miranda Falcão

Este estudo se insere nas discussões sobre a aquisição de desenvolvimento psicomotor a partir da prática esportiva da natação. Sobre esta prática vemos na delimitação autores descrevendo sobre a importância da escolha desta modalidade esportiva pelos pais para seus filhos, Pereira et al (2011), diz que esta escolha pode estar relacionada possivelmente pela ressonância que as crianças ainda possuem do período em que estavam no útero da mãe, onde ali já iniciavam seus primeiros movimentos globais e para aproveitar esta lembrança com o meio líquido seus pais as incluem nas escolhinhas de natação. Sobre outra perspectiva Zulietti e Sousa (2002), vem nos falando que esta escolha pode estar diretamente relacionada ao sentimento de satisfação e prazer que a prática da natação propõe principalmente para a criança nos primeiros anos de vida. Outro fator determinante na escolha da natação é o que Borges e Maciel (2016) nos revela, que um dos motivos desta preferência é a prevenção de doenças crônicas como asma e a obesidade infantil, que tem crescido bastante nos últimos anos. Oliveira, et al (2013) também concorda com os citados acima sobre a contribuição desta prática no que tange a manutenção da saúde, segundo eles a mesma tem grande influência na vida dos praticantes no que diz respeito ao desempenho fisiológico e sua melhoria cardiorrespiratória possibilitando uma melhor circulação sanguínea e com isso melhorando sua respiração. O objetivo principal é investigar como a prática da natação infantil pode contribuir no desenvolvimento psicomotor de crianças de 05 a 12 anos de idade. Desta forma, pretende, especificamente, abordar a metodologia utilizada pelos professores de natação infantil, compreender como esta modalidade esportiva pode influenciar no desenvolvimento psicomotor e analisar as contribuições oferecidas pela natação na visão dos responsáveis na vida de seus filhos. A metodologia será de caráter qualitativo que tem como característica analisar e interpretar dados coletados (MARCONI; LAKATOS, 2011). O estudo se caracteriza como uma Pesquisa de

² Contatos dos autores: barretomissoes@gmail.com; juliamfalcao@gmail.com.

Campo, onde será possível obter maiores informações dos nossos sujeitos, a partir de entrevistas com os mesmos (professores e alunos) e observações de campo, que serão registrados por gravador de voz e diário de campo (MARCONI; LAKATOS, 2009). Nesse cenário, em relação às fases dos primeiros movimentos das crianças, Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) e Dantas e Manoel (2009) mostram que neste período começam o desenvolvimento das habilidades motoras básicas, e concordam que o movimentar humano é algo marcante e com características específicas aos seres humanos. A natação tem sua importância, enquanto prática esportiva, para o desenvolvimento físico e social durante o período da infância (BORGES; MACIEL, 2016). Segundo Velasco (2013) e Tahara e Santiago (2006), o aprendizado da natação se torna algo que contribui para a sobrevivência do ser humano e para as crianças tal prática significa uma nova descoberta que contribui para o desenvolvimento físico e psicológico e principalmente no controle espacial e coordenação dos movimentos. Sá, Nogueira e Jesus (2017) e Dantas (2013), concordam que para o ensino da natação ser visto como algo mais atrativo para as crianças é necessário que se utilize do lúdico e das brincadeiras e vale ressaltar que mesmo durante as brincadeiras as crianças estão se apropriando de inúmeros conhecimentos que não podemos descartar e que vai contribuir de maneira significativa com o seu desenvolvimento e desempenho nas aulas e no decorrer de sua vida infantil e adulta.

Palavras-chave: Natação infantil. Desenvolvimento motor. Psicomotricidade.

REFERÊNCIAS

BORGES, R. K. F. de M.; MACIEL, R. M. A influência da natação no desenvolvimento dos aspectos psicomotores em crianças da educação infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 1. Vol. 9, págs. 292-313, outubro / novembro de 2016. ISSN. 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/influencia-da-natacao-no-desenvolvimento-dos-aspectos-psicomotores-em-criancas-da-educacao-infantil>>. Acessado em 25/04/2018.

DANTAS, L. E. B. P. T.; MANOEL, E. de J. Crianças com dificuldades motoras: questões para a conceituação do transtorno do desenvolvimento da coordenação. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 15, n. 03, págs. 293-313, julho/setembro de 2009. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3908/5591>>. Acessado em 30/05/2018.

DANTAS, O. M. A. N. A. **O professor universitário e sua relação com o saber pedagógico**. Brasília: UnB/PPGE, 2013.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7ª edição. AMGH. Porto Alegre, 2013.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 6ª edição - São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 6ª edição - São Paulo: Atlas, 2011.

OLIVEIRA, L. R. de et al. Importância da natação para o desenvolvimento da criança e seus benefícios. **Revista Argumentam**. Faculdade Sudamérica. Volume 5, 2013, págs. 111-130. 2013. Disponível em:

<http://sudamerica.edu.br/argumentandum/artigos/argumentandum_volume_5/texto_5_1arice.pdf>. Acessado em 05/05/2018.

PEREIRA, K. R.G. et al. Influência de atividades aquáticas no desenvolvimento motor de bebês. Influence of aquatic activities on infants' motor development. **Revista da Educação Física/UEM. Maringá, Porto Alegre. Volume. 22, n. 2, págs. 159-168, 2. Trimestre. 2011**. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/273939690/Influencia-de-atividades-aquaticas-no-desenvolvimento-motor-de-bebes-pdf>>. Acessado em 18/05/2018.

SÁ, A. V. M. de; NOGUEIRA, A. C.; JESUS, B. G. de. II Encontro de Aprendizagem Lúdica. **Anais**, 18 e 19 de novembro de 2016 [recurso eletrônico]. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23130/1/EVENTO_JogosBrinquedosBrincadeiras.pdf>. Acessado em 15/05/2018. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2017.

TAHARA, A. K.; SANTIAGO, D. R. P. Lazer, lúdicos e atividades aquáticas: uma relação de sucesso. **Revista Movimento & Percepção. Espírito Santo do Pinhal-SP. Volume 6, nº 9. Jul./dez/2006. ISSN1679-8678. 2006** Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=lazer+lúdico+e+atividades+aquáticas+uma+relação+de+sucesso&rlz=1C1GGRV_enBR796BR796&oq=lazer+lúdico+e&aqs=chrome.69j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. **Páginas 26-36. Acessado em 10/05/2018.**

VELASCO, C. G. **Boas práticas psicomotoras aquáticas**. 1º edição – São Paulo: Phorte, 2013.

ZULIETTI, L. F.; SOUSA, I. L.R. **A aprendizagem da natação do nascimento aos 6 anos-fases de desenvolvimento**. 10 páginas. Disponível em:
<http://www.geocities.ws/aquabarra_aabb/Artigos/Adaptacao/Texto_03.pdf>. Acessado em 09/04/18, as 20:40. São Paulo, 2002.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

ANÁLISE DA CONFIABILIDADE ENTRE OS MÉTODOS PARA PREDIÇÃO DO PERCENTUAL DE GORDURA CORPORAL POR MÉTODO DE DOBRAS CUTÂNEAS OU BIOIMPEDÂNCIA PORTÁTIL EM JOVENS BASQUETEBOLISTAS

Roberta Luksevicius Rica³

Adriano F. Maia

Welmo Alcantara Barbosa

Cleidison Machado

Danilo Sales Bocalini

O perfil antropométrico e a composição corporal do atleta podem influenciar o desempenho técnico e físico durante o jogo. De acordo com Gomes et. al., (2009), as medidas antropométricas podem influenciar o desempenho esportivo e pode contribuir para o sucesso da modalidade, sendo considerada uma estratégia adicional para o monitoramento e controle do processo de treinamento. Para Prestes et al., (2006) o conhecimento a respeito da composição corporal tem como pressuposto definir uma condição morfológica específica de cada desporto, apresentando a possibilidade de se determinar as características físicas de atletas que se destacam já nas fases iniciais de desenvolvimento. Nesta perspectiva várias técnicas foram desenvolvidas para determinar o percentual de gordura de inúmeras populações, sendo que muitas técnicas e instrumentos utilizados sejam por técnicos ou por agentes de saúde não foram testadas, a exemplo, citamos o aparelho de bioimpedância portátil (BI). Sendo assim o objetivo deste estudo foi examinar a concordância entre a técnica de dobras cutânea (DC: seguindo o modelo da densidade corporal e em seguida utilizando a equação de SIRI) e o valor gerado pela utilização do BI para a determinação da gordura corporal

³ Contatos dos autores: robertarica@hotmail.com; adriano.maia@ufes.br; welmoalcantara@hotmail.com; cleidison@hotmail.com; bocaliniht@hotmail.com.

(GC) de jovens basquetebolistas. Para tanto foram avaliados 30 homens e 30 mulheres foram submetidos a avaliação antropométrica por duas técnicas: avaliação por dobra cutânea e por BI. Os resultados são apresentados em média \pm desvio padrão, sendo os dados analisados pelo teste t de student, correlação linear e bland-altman com nível de significância de $p < 0,05$. Os resultados são apresentados na tabela abaixo:

	Homens		Mulheres	
	X \pm EPM	IC	X \pm EPM	IC
Idade (anos)	23 \pm 8	18,99 - 28,88	24 \pm 6	21,33 - 31,13
Peso corpóreo (kg)	82 \pm 7	79,43 - 84,44	79 \pm 9	74,55 - 81,39
Altura (m)	1,79 \pm 0,10	1,75 - 1,82	1,66 \pm 0,13	1,61 - 1,70
IMC (kg/m ²)	26 \pm 3	24,62 - 26,58	29 \pm 5	26,89 - 30,51

O percentual de gordura gerado a partir da técnica de dobras cutâneas foi inferior (teste “t”, $p < 0,001$) tanto em homens (23 \pm 6 %) quanto em mulheres (26 \pm 8 %) quando comparado com os valores apresentado pelo BI nos homens (34 \pm 4 %) e nas mulheres (38 \pm 7 %). O mesmo resultado foi encontrado quando calculado o peso de gordura nos homens (DC: 20 \pm 6 kg, BI: 30 \pm 7 kg; teste “t”, $p < 0,001$) e nas mulheres (DC: 18 \pm 6 kg, BI: 26 \pm 7 kg; teste “t”, $p < 0,001$) bem como na determinação da massa livre de gordura em homens (DC: 66 \pm 7 kg, BI: 56 \pm 5 kg; teste “t”, $p < 0,001$) e em mulheres (DC: 52 \pm 5 kg, BI: 43 \pm 7 kg; teste “t”, $p < 0,001$). Os dados foram confirmados após realização da correlação de Person por apresentarem valores de r para os homens de 0,23 ($p = 1,03$) e 0,17 ($p = 1,56$) para as mulheres. Os resultados do presente estudo sugerem que a adoção da técnica de BI pode promover superestimação do percentual de gordura em jovens basquetebolistas de ambos os sexos.

Palavras-chaves: basquete, avaliação corporal, antropometria, gordura

REFERÊNCIAS

PRESTES, J.; LEITE, R.D.; LEITE, G.S.; DONATTO, F.F.; URTADO, C.B.; NETO, J.B.; DOURADO, A.C. Características antropométricas de jovens nadadores brasileiros do sexo masculino e feminino em diferentes categorias competitivas. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, 8(4):25-31, 2006.

GAYA, A.C.A. **Manual de aplicação de medidas e testes, normas e critérios de avaliação.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOMES, R.V.; RIBEIRO, S.M.L.; VEIBIG, R.F.; AOKI, M.S. Consumo alimentar e perfil antropométrico de tenistas amadores e profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, 15(6): 436- 440, 2009.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

**ATIVIDADES DA VIDA DIÁRIA E FORÇA MUSCULAR DE IDOSOS
PARTICIPANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE
(UATI)**

Mayne Lopes da Silva⁴

João Victor Rosa de Freitas

Lucas Lima Galvão

Rízia Rocha Silva

Douglas de Assis Teles Dos Santos

Rafaela Gomes Dos Santos

O envelhecimento é um processo natural e com o avançar da idade as pessoas idosas apresentam perdas progressivas nos aspectos biopsicossociais (SCHNEIDER, 2008). Segundo Gonçalves (2001), em 2025, 15% da população brasileira (34 milhões) estará acima de 60 anos. A diminuição da aptidão funcional do organismo durante o envelhecer influencia no desenvolvimento das atividades básicas da vida diária (ABVD) e instrumentais da vida diária (AIVD) e função muscular, entretanto, a maioria da população não possui acesso a programas de atividade física orientada. Assim, torna-se importante manter os níveis de atividade física por meio das tarefas de vida diárias (caminhar, higiene pessoal, levantar sem auxílio), bem como atividades instrumentais da vida diária (utilizar meios de transporte, lavar sua roupa, fazer compras e administrar os próprios medicamentos) (ACSM, 1999; MACIEL, 2010). Nesse sentido, a adesão de idosos a programas de interação social, promoção do lazer e que estimulem a prática da atividade física tem sido de grande importância para a manutenção e melhora da saúde da população idosa. O objetivo do presente estudo foi correlacionar a força muscular dos membros superiores e inferiores com as Atividades da Vida Diária (AVD). Estudo

⁴ Contatos dos autores: ma.yne@hotmail.com; jvrdfreitas@hotmail.com; lucagalvao07@gmail.com; rizarochasilva@gmail.com; datsantos@uneb.br; rafagomes.edf@gmail.com.

transversal realizado com 18 sujeitos, com idade igual ou superior a 60 anos, de ambos os sexos, participantes do programa institucional Universidade Aberta a Terceira Idade (UATI) da Universidade do Estado da Bahia, Campus X, em Teixeira de Freitas, Bahia. Foi utilizado para avaliar a força dos membros superiores e inferiores testes do protocolo Sênior Fitness Test (SFT) - teste de flexão de antebraço e sentar e levantar da cadeira avaliando a força e resistência dos membros superiores e inferiores (STOELBEN et al., 2016). Para mensurar a capacidade de autonomia e à independência nas ABVD foi utilizada a escala de Katz e para as (AIVD) a Escala adaptada de Lawton (SANTOS; VIRTUOSO JÚNIOR, 2008) analisadas de forma dicotômica: ausência de dependência (sem dificuldades) versus dependência (incapacidade/dificuldade para realizar uma ou mais atividade). Na análise dos dados foi utilizado o teste Shapiro-Wilk seguido da correlação de Pearson ou Spearman para dados normais e não normais, respectivamente. As análises foram realizadas através do software IBM SPSS versão 20.0. Foi adotado $p \leq 0,05$. Os resultados do estudo demonstraram que os idosos apresentam média de idade de $69,26 \pm 6,79$ com amplitude de 60 a 81 anos. Não houve correlação significativa entre a força dos membros superiores com ABVD ($r = -0,26$; $p = 0,29$) e AIVD ($r = 0,17$; $p = 0,48$). Houve correlação moderada negativa significativa entre a força dos membros inferiores e ABVD ($r = -0,61$; $p = 0,007$) mas não para AIVD ($r = 0,34$; $p = 0,15$). A força muscular pode ser definida como a capacidade do sistema músculo esquelético produzir tensão e torque (ALBUQUERQUE, et al., 2011) e está relacionada com a aptidão física vinculada à saúde, além de ter papel relevante para o desempenho físico em diversas atividades de vida diária (CARDOSO, et al., 2011) e/ou esportivas (BAPTISTA, CUNHA, OLIVEIRA et al., 2008). Por isso, estudos têm demonstrado que estímulos adequados de treino em idosos, independentemente do sexo, retardam a diminuição da força e da massa muscular normalmente associada ao envelhecimento. Assim, programas com intensidade suficiente para aumentar a força e o equilíbrio devem ser implementados como forma de prevenção de quedas e lesões (REBELATTO et al. 2006; SILVA et al., 2012; CARVALHO, et al., 2004). Com base nos resultados é possível concluir que os idosos da UATI/UNEB com o menor

desempenho no teste de força de membros inferiores possuem maior dependência nas atividades básicas da vida diária, ou seja, nas atividades de autocuidado.

Palavras-chave: Idoso; Atividades da Vida Diária; Força Muscular.

REFERÊNCIAS

ACSM. **Programa de condicionamento físico da ACSM**. 2.ed. São Paulo: Manole, 1999.

ALBUQUERQUE, C. V. et al. Efeito agudo de diferentes formas de aquecimento sobre a força muscular. **Fisioterapia em Movimento**, v. 24, n. 2, 2017.

BAPTISTA, R. R; CUNHA, G. S; OLIVEIRA, Á. R. Aspectos fisiológicos e biomecânicos da produção de força podem ser usados no controle do treinamento de remadores de elite. **Revista brasileira de medicina do esporte**. São Paulo. Vol. 14, n. 5 (set./out. 2008), p. 427-435, 2008.

CARDOSO, F. S. et al. Avaliação da qualidade de vida, força muscular e capacidade funcional em mulheres com fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 51, n. 4, p. 338-50, 2011.

CARVALHO, M. et al. Força muscular em idosos II: efeito de um programa complementar de treino na força muscular de idosos de ambos os sexos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 4, n. 1, p. 58–65, 2004.

GONÇALVES, A. K. Novo ritmo da terceira idade. **Pesquisa Fapesp**, v. 67, p. 68, 2001.

MACIEL, M. G. Atividade física e funcionalidade do idoso. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.4, p.1024-1032, out./dez. 2010.

REBELATTO J.R et al. Influência de um programa de atividade física de longa duração sobre a força muscular manual e a flexibilidade corporal de mulheres idosas. **Rev. bras. fisioter**, v. 10, n. 1, p. 127-132, 2006.

SANTOS, R. L.; VIRTUOSO JÚNIOR, J. S. Confiabilidade da versão brasileira da escala de atividades instrumentais da vida diária. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 21, n. 4, p. 290-296, 2008.

SCHNEIDER R.H; IRIGARAY T.Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008.

SILVA, M. F. et al. Relação entre os níveis de atividade física e qualidade de vida de idosos sedentários e fisicamente ativos. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 15, n. 4, p. 635-642, 2012.

STOELBEN, K. J. V. et al. AVALIAÇÃO DA FORÇA MUSCULAR DE DIFERENTES POPULAÇÕES: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 20, n. 1, p. 61-70, 2016.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Comunicação Oral

CARACTERIZAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS CARGAS DINÂMICAS DO TREINAMENTO COM KETTLEBELL E SEUS EFEITOS NA FORÇA E CAPACIDADE AERÓBIA

Carla Zimerer⁵

Sabrina Alves

Weverton Tavares da Silva

Raquel Khéde

Joscelino Neto

Rodrigo Vancini

Introdução: O treinamento com kettlebell (KB) tem destacado-se como uma tendência em programas de treinamento físico que visam o aumento do desempenho pelo aprimoramento da força muscular e potência aeróbia (consumo máximo de oxigênio - VO₂ máx) e por ser uma alternativa acessível, de baixo custo quando comparado aos métodos tradicionais (exemplo: prática de musculação em academias). No entanto, para potencializar os benefícios e reduzir o risco de lesões, é importante compreender como a distribuição dinâmica de cargas de treinamento pode ser mais bem empregada com este tipo de treinamento. **Objetivo:** Caracterizar a distribuição dinâmica das cargas de treinamento com KB e seus efeitos na força muscular e potência aeróbia. **Metodologia:** Participaram do estudo 14 mulheres moderadamente ativas, sem experiência no método (idade = 25,4 ± 5,4 anos; VO₂máx = 35,1 ± 5,8 mL/kg/min; massa corporal = 62,1 ± 13,3 kg; altura = 1,65 ± 0,60 m) e que completaram pelo menos 85% das sessões de treinamento com KB. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética com seres humanos da UFES (protocolo: 1038512). Para medidas de VO₂máx e força muscular foram utilizados, respectivamente, o protocolo de Bruce e o teste de 1RM no Leg Press 45°.

⁵ Contatos dos autores: czimerer@gmail.com; sabrina-avess@hotmail.com; wevertonrts@hotmail.com; raquelkhede@gmail.com; netoposses@gmail.com; rodrigoluizvancini@gmail.com.

Foi realizada uma familiarização durante 2 semanas. Em seguida, iniciado o período de treinamento com 3 sessões semanais, dividido em três fases: Fase I (2 semanas), Fase II (4 semanas) e Fase III (4 semanas), totalizando 10 semanas. Os exercícios usados no treinamento foram o swing e agachamento com KB. O volume foi determinado pela duração da sessão (minutos). O volume total (VT) foi calculado pela multiplicação do número de séries, de repetições e pelo peso (kg) do KB. A carga interna foi determinada pela multiplicação da percepção subjetiva de esforço (PSE) pelo volume. Para promover a progressão da intensidade nas sessões, o peso do KB era aumentado em 4 kg sempre que atendidos os critérios: $PSE \leq 5$ (Escala de Borg de 0 a 10); número de repetições ≥ 23 em 30 segundos; e manutenção da técnica adequada. **Fundamentação teórica:** Foram observados valores crescentes no VT ao longo das fases do treinamento ([Fase I = $10784,17 \pm 1411,02$ UA; Fase II = $59896,91 \pm 8109,68$ UA; Fase III = $71862,92 \pm 8001,42$ U.A.; $p < 0,05$]). Com relação à carga de treinamento, houve um aumento significativo a partir da Fase II, mas não foi encontrada diferença estatística entre a Fase II e a Fase III (Fase I = $277,71 \pm 90,27$ U.A.; Fase II = $528,66 \pm 76,79$ UA; Fase III = $543,79 \pm 68,98$ UA.; $p < 0,05$). Foi observado um aumento significativo da força muscular (20,6%) e da potência aeróbia (8,5%) dos participantes em decorrência do treinamento com KB ($p < 0,05$). Os dados deste estudo corroboram com a literatura atual, que sugere o treinamento com KB como alternativa aos métodos tradicionais para desenvolvimento da força muscular e da aptidão aeróbia. O aumento crescente do volume de treinamento ao longo das fases e a distribuição dinâmica das cargas promoveram o aprimoramento da aptidão física das participantes. **Considerações finais:** Compreender a relação dose-resposta do treinamento com KB é um desafio para os profissionais envolvidos nessa área, já que, por um lado, o treinamento com cargas distribuídas de forma subestimadas pode levar à prejuízos no desempenho e, por outro lado, cargas superestimadas podem predispor a lesões ou conduzir à síndrome de over training. Tal compreensão, quando relacionada ao treinamento com KB pode ajudar a elucidar quais os parâmetros de prescrição relacionados à frequência, intensidade, duração, e volume são mais eficientes para o desenvolvimento da aptidão física relacionada à saúde e desempenho físico.

Palavras-chave: Carga de Treinamento, Treinamento Kettlebell, Aptidão Física.

REFERÊNCIAS

FALATIC, A.J.; PLATO, A.P.; HOLDER, C; FINCH, D.; HAN, K.; CISAR, C.J. Effects of Kettlebell Training on Aerobic Capacity. **Journal of Strength & Conditioning Research**, California, v. 29, 2015.

FARRAR, R.; MAYHEW, J.; KOCH, J. A. Oxygen Cost of Kettlebell Swings. **Journal of Strength and Conditioning Research**, Lincoln, v. 24, p. 1034–1036, 2010.

FOSTER, C; MARROYO, J. A. R; KONING, J.J. Monitoring Training Loads: The Past, the Present, and the Future. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, La Crosse, v. 12, n. 2, p. 2-8, 2017.

GARBER, C.E.; BLISSMER, B.; DESCHENES, M. R.; FRANKLIN, B. A.; LAMONTE, M. J.; LEE, I.; NIEMAN, D. C.; SWAIN, D. P. Quantity and quality of exercise for developing and maintaining cardiorespiratory, musculoskeletal e neuronal fitness in apparently healthy adults: Guidance for prescribing exercise. **Medicine and Science in Sports Exercise**, Knoxville, v. 43, p. 1334-1359, 2011.

MANOCCHIA, P.; SPIERER, D.K.; LUFKIN, A.K.; MINICHELLO, J.; CASTRO, J. Transference of Kettlebell Training to Strength, Power and Endurance. **Journal of Strength & Conditioning Research**, Lincoln , v. 3, 2013.

TSATSOULINE, P. Enter the Kettlebell. **Dragon Door Publications** :United States, 2006.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

COMPARAÇÃO DO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E APTIDÃO FÍSICA DE DIFERENTES FUNÇÕES POLICIAIS MILITARES E INDICADORES DE FATORES DE RISCO

Almir de França Ferraz⁶

Michel Vetoraci Viana

Roberta Luksevicius Rica

Danilo Sales Bocalini

Susane Tamanho

Aylton Figueira Junior

Estudos sobre os efeitos da atividade física para determinação da qualidade de vida e da execução da tarefa laboral de profissionais que se expõem a riscos à própria integridade física, como acontece com os policiais, podem contribuir de maneira efetiva para que esses indivíduos possam realizar diferentes esforços físicos no cumprimento de suas ações (Anderson et al. 2016). Quando comparados com a população em geral, os policiais apresentam características típicas das atividades que exercem, decorrentes dos ambientes laborais que levam estes profissionais ao desenvolvimento de estilos de vida menos saudáveis (Monayo et al 2008, Sassen et al. 2010). Alguns fatores de risco e características ocupacionais podem contribuir para que se desenvolvam riscos crônicos à saúde, como diabetes, adiposidade, tempo de serviço excessivo, transtorno de sono, obesidade, estresse, inatividade física, alimentação inadequada, condições socioculturais e ocupacionais desfavoráveis a um estilo de vida saudável (Czaja-Miturai et al. 2013, Rajaratnam et al. 2011, Franke et al. 2002). O objetivo do estudo foi comparar os níveis de atividade física, comportamento sedentário e os riscos à saúde de policiais militares do patrulhamento ostensivo e especializado. Foram avaliados 146 policiais militares do

⁶ Contatos dos autores: ferraz7777@gmail.com; michell@oikossaude.com.br; robertarica@hotmail.com; bocaliniht@hotmail.com; t_susane@hotmail.com; prof.ayltonfigueira@usjt.br.

patrulhamento ostensivo e especializado e coletados dados antropométricos da massa corporal – kg; estatura – m; IMC - Kg/m²; RCQ e percentual de gordura. Os níveis de atividade física e de inatividade física foram determinados pelo IPAQ, versão curta 8, com análise estatística (Teste T, U Mann-Whitney e qui quadrado, $p \leq 0,05$). O tempo médio de atividade física – patrulhamento ostensivo (108,33 ± 92,60 min/sem) e do especializado (137,11 ± 90,30 min/sem), totalizando com média geral de 122,72 ± 91,94 min/sem, $p \leq 0,05$; e das médias do tempo sentado – patrulhamento ostensivo (391,27 ± 192,90 min/sem) com 30,1% de insuficientemente ativos e do especializado (319,41 ± 123,10 min/sem) com 17,1% de insuficientemente ativos, com média total de 312,00 ± 112,30 min/sem e 47,3% de insuficientemente ativos. Os policiais ativos têm chance de um terço a menos de desenvolver risco à saúde que os policiais inativos (OR=0,3; IC=0,18-0,67). Policiais do patrulhamento ostensivo possuem 3,6 chances de risco à saúde que os especializados por motivo do comportamento sedentário (OR=3,6; IC=1,48-8,75). Conclui-se que ambos os grupos de policiais militares possuem níveis de atividade física abaixo do recomendado e elevado tempo sentado, quando comparados as variáveis dos policiais do patrulhamento ostensivo possuem indicadores mais prejudiciais a saúde que dos especializados, portanto são grupos ocupacionais de risco e devem ser orientados sobre adoção de estilos de vida ativo e saudável.

Palavras-chave: policiais, atividade física, comportamento sedentário, risco, saúde.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, A.A.; YOO, H.; FRANKE, W.D. Associations of physical activity and obesity with the risk of developing the metabolic syndrome in law enforcement officers. **J Occup Environ Med**, 58(9):946-51, 2016.

CZAJA-MITURAI, I.; MERECZ-KOT, D.; SZYMCZAK, W.; BORTKIEWICZ, A. Cardiovascular risk factors and life and occupational stress among policemen. **Med Pracy**, 64(3):335-48, 2013.

FRANKE, W.D.; RAMEY, S.L.; SHELLY, M.C. Relationship between cardiovascular disease morbidity, risk factors, and stress in a law enforcement cohort. **J Occup Environ Med**, 44(12):1182-9, 2002.

MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E.R.; CONSTANTINO, P. **Missão prevenir e proteger: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

RAJARATNAM, S.M.; BARGER, L.K.; LOCKLEY, S.W.; SHEA, S.A.; WANG, W.; LANDRIGAN, C.P. Sleep disorders, health, and safety in police officers. **JAMA**, 21;306(23):2567-78, 2011.

SASSEN B.; KOK G.; SCHAALMA, H.; KIERS, H., VANHEES, L. Cardiovascular risk profile: cross-sectional analysis of motivational determinants, physical fitness and physical activity. **BMC Public Health**, 10(1):592, 2010.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

DÉFICIT COGNITIVO E DIFERENTES DOMÍNIOS DA ATIVIDADE FÍSICA DE IDOSOS PARTICIPANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UATI)

João Victor Rosa de Freitas⁷

Lucas Lima Galvão

Mayne Lopes da Silva

Fernanda Nascimento de Oliveira

Douglas de Assis Teles Santos

Rafaela Gomes dos Santos

O Brasil vem sofrendo transformações expressivas em sua composição etária. Dentre tais transformações, destaca-se o acelerado processo de envelhecimento e declínio dos níveis de mortalidade e fecundidade (VASCONCELOS; GOMES, 2012). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), em 2030, o número de idosos deverá superar o de crianças e adolescentes em cerca de quatro milhões, diferença que aumentará para 35,8 milhões em 2050. Com o aumento da expectativa de vida, segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 1989), o Brasil será o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas até 2025. Dessa forma, o envelhecimento populacional acentua-se um crescente número de casos de incapacidade funcional e déficit cognitivo nessa faixa etária, necessitando ser mais estudado, a fim de assegurar uma melhor qualidade de vida para essa população. O déficit cognitivo implica perturbação na orientação espaço-temporal, dificuldade de atenção e de memória, tornando a atividade física, social e intelectual do idoso limitada e restringindo sua funcionalidade (NUNES et al., 2017; MACIEL, 2010; FREITAS, et al., 2012; ARGIMON; STEIN, 2005). Schaie (1996), em um estudo longitudinal da

⁷ Contatos dos autores: jvrdfreitas@hotmail.com; lucascalvao07@gmail.com; ma.yne@hotmail.com; fernandaoliveiraedfis@gmail.com; datsantos@uneb.br; rafagomes.edf@gmail.com.

população geral acima de sessenta anos, observou que nenhum dos participantes do estudo evidenciou um declínio generalizado em todas as habilidades cognitivas examinadas. Constatou-se que o declínio desencadeado pelo envelhecimento incidiu, especialmente, nas tarefas que exigiam rapidez, atenção, concentração e raciocínio indutivo. O nível de Atividade Física pode ser avaliado em diferentes domínios, a saber: atividade física no trabalho, lazer, como meio de transporte ou tarefas domésticas. Muitos estudos tratam sobre a incapacidade funcional e o déficit cognitivo, entretanto, ainda se faz necessário pesquisar sobre a influência que o nível de atividade física causa na função cognitiva de idosos. O objetivo foi correlacionar o déficit cognitivo com os diferentes domínios da atividade física em idosos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI. Estudo transversal realizado com 18 indivíduos, com idade igual ou superior a 60 anos, de ambos os sexos, do programa institucional UATI, da Universidade do Estado da Bahia, Campus X, Teixeira de Freitas. Foi utilizado o Mini Exame do Estado Mental (MEEM) para determinar o nível cognitivo dos participantes e o Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ) para avaliar o nível de atividade física em diferentes domínios. Na análise dos dados foi utilizado o teste Shapiro-Wilk seguido da correlação de Pearson ou Spearman para dados normais e não normais, respectivamente. As análises foram realizadas através do software IBM SPSS versão 20.0. Foi adotado $p \leq 0,05$. Os idosos apresentam média de idade de $69,26 \pm 6,79$ com amplitude de 60 a 81 anos. Não houve correlação significativa entre o déficit cognitivo com o nível total de atividade física ($r = 0,33$; $p = 0,17$) e com os domínios específicos da atividade física, exceto uma correlação moderada para a atividade física no trabalho ($r = 0,60$; $p = 0,008$). Ter um estilo de vida saudável ao longo da vida é um fator de proteção para as diversas doenças que ocorrem no processo de senescência (DAWALIBI, et al., 2013; SILVA, 2012). A definição de envelhecimento ativo é apresentada como a “otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p.13). Com base nos resultados é possível concluir que o nível de atividade física no trabalho reduz o score do déficit cognitivo. Assim, concluímos que os idosos da UATI/UNEB que mantiveram-se trabalhando de forma remunerada ou

voluntária em atividades que elevam seus níveis de atividade física possuem um fator de proteção para o déficit cognitivo.

Palavras-chave: Idoso; Déficit Cognitivo; Atividade Física.

REFERÊNCIAS

ARGIMON, Irani I.; STEIN, Lilian Milnitsky. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. 64-72, 2005.

DAWALIBI, N. W. et al. Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. **Estudos de Psicologia**, v. 30, n. 3, p. 393-403, 2013.

FREITAS, R. S.; et al. Capacidade funcional e fatores associados em idosos: estudo populacional. **Acta paulista de enfermagem**, v. 25, n. 6, 2012.

IBGE. **Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

MACIEL, Marcos Gonçalves. Atividade física e funcionalidade do idoso. **Motriz**, v. 16, n. 4, p. 1024-1032, 2010.

NUNES, Juliana Damasceno et al. Indicadores de incapacidade funcional e fatores associados em idosos: estudo de base populacional em Bagé, Rio Grande do Sul. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 295-304, 2017.

SCHAIE, K. Warner; WILLIS, Sherry L. Psychometric intelligence and aging. **Perspectives on cognitive change in adulthood and aging**. New York: McGraw Hill, p. 293-322, 1996.

SILVA, Maitê Fátima et al. Relação entre os níveis de atividade física e qualidade de vida de idosos sedentários e fisicamente ativos. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 15, n. 4, p. 635-642, 2012.

VASCONCELOS, A.M. N; GOMES, M.M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 21, n. 4, p. 539-548, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Health of the elderly**. Geneva: World Health Organization. WHO Technical Report Series 779, 1989.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

FATORES ASSOCIADOS ÀS LIMITAÇÕES FUNCIONAIS NA MOBILIDADE DE IDOSOS DO MUNICÍPIO DE ALCobaÇA – BA

Fernanda Nascimento de Oliveira⁸

Daniela de Jesus Costa

Eduarda Pereira Damião

Bruno de Freitas Camilo

Douglas de Assis Teles Santos

Rafaela Gomes dos Santos

O processo natural de envelhecimento humano pode acarretar perda da mobilidade funcional de idosos, principalmente se estes estiverem expostos a fatores comportamentais de risco. A mobilidade funcional está relacionada com as atividades físicas realizadas pelo indivíduo, ou seja, mobilidade funcional são os movimento discretos e fortes realizados quando ocorre mudança da posição ou da localização do corpo, no transporte ou manuseio de objetos de um lugar para outro, quando se anda, corre ou sobe/desce e se utilizam diversas formas de condução (MOREY et al., 1998; OMS, 2004). A limitação na mobilidade funcional tem demonstrado ser preditiva de incapacidades e até mesmo da mortalidade precoce, uma vez que os efeitos da funcionalidade dos membros inferiores associam-se à perda progressiva da massa e da força muscular (NAKANO, 2007). O presente estudo tem como objetivo identificar a prevalência de limitações funcionais na mobilidade e a associação com variáveis de saúde, sociodemográficas, comportamentais e aspectos funcionais em idosos. Esta investigação caracteriza-se como um estudo observacional, do tipo analítico com delineamento transversal. O estudo foi realizado no município de Alcobaça, BA. A

⁸ Contatos dos autores: fernandaoliveiraedfis@gmail.com; danielacosta.2803@hotmail.com; edu17081998@gmail.com; brunodefritascamilo@yahoo.com.br; datsantos@uneb.br; rafagomes.edf@gmail.com.

amostra do estudo foi composta por 473 idosos, sendo 178 (37,6%) do sexo masculino e 295 (62,4%) do sexo feminino com idade igual ou superior a 60 anos. Os idosos responderam a um questionário estruturado e foram submetidos a testes de desempenho físico. Para análise de dados foram utilizados procedimentos de estatística descritiva (média e desvio padrão) e inferencial (Teste Qui-quadrado) considerando como significante as variáveis que apresentaram $p \leq 0,05$. A média de idade dos idosos foi de 70,25 anos ($DP \pm 8,25$), sendo que a média para as mulheres foi de 69,89 anos ($DP = 8,16$) e para os homens, 70,85 anos ($DP = 8,39$). Verificou-se que a maioria dos indivíduos (55,2%) estava inserida na faixa etária de 60 a 69 anos. A prevalência de problemas na mobilidade reduzida (problemas leves, moderados e graves) foi de 17,3%, sendo mais prevalente no sexo feminino (64,63%). Alguns estudos evidenciam que as diferenças entre os sexos influenciam no processo de aparecimento de limitações funcionais, como as referentes à mobilidade (MARUCCI; BARBOSA, 2003; SPOSITO et al., 2010; KHADR; YOUNT, 2012). Foi observado associação entre problemas graves na mobilidade com a percepção de saúde ($p < 0,001$); hospitalização ($p < 0,001$), uso de medicamentos $p = 0,001$. Resultados semelhantes foram evidenciados em outros estudos populacionais realizados no Brasil (PARAHYBA; VERAS, 2008; ALVES; LEITE; MACHADO, 2010; VIRTUOSO JÚNIOR; GUERRA, 2011). Segundo a OMS (2004) uma limitação funcional pode variar de um desvio leve a grave em termos da quantidade ou qualidade na execução da atividade comparada com a maneira ou a extensão esperada em pessoas sem essa condição de saúde. Quanto as variáveis de equilíbrio ($p < 0,001$) e força de membros inferiores ($p < 0,001$) os idosos que apresentaram problemas graves na mobilidade apresentaram piores desempenhos; nível de atividade física e comportamento sedentário ($p < 0,001$). O envelhecimento natural acarreta mudanças na composição corporal das pessoas, a partir de alterações na força, massa muscular e aumento de gordura corporal, que por sua vez, geram impacto no equilíbrio e mobilidade funcional (MATSUDO, 2013). Estudos têm evidenciado que indivíduos idosos que realizam atividades físicas regularmente apresentam mobilidade funcional superior quando comparados a idosos fisicamente inativos ou que permanecem maior tempo expostos ao comportamento sedentário (GUIMARÃES et al., 2004; ROSA et al.,

2013). O presente estudo demonstrou alta prevalência de limitação na mobilidade dessa população, principalmente, em idosos que estavam hospitalizados, consumiam maior número de medicamentos ou que apresentavam maior percepção negativa de saúde. Além disso, constatou-se que os idosos avaliados apresentavam redução de força e equilíbrio, bem como menor nível de atividade física e elevado tempo de exposição a comportamentos sedentários.

Palavras-chave: Idoso; Mobilidade Funcional; Saúde.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L.C.; LEITE, I. C.; MACHADO, C. J. Conceituando e mensurando a incapacidade funcional da população idosa: uma revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 13, n. 4, 1199-207, 2008.
- GUIMARÃES, L. H. C. T. GALDINO D.C.A.; MARTINS, F.L.M.; VITORINO, D.F.M.; PEREIRA, K.L.; CARVALHO, E.M. Comparação da propensão de quedas entre idosos que praticam atividade física e idosos sedentários. *Revista Neurociência*, v. 12, n. 2, p. 68-72, 2004.
- KHADR, Z.; YOUNT, K. Differences in Self-Reported Physical Limitation Among Older Women and Men in Ismailia, Egypt. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, v. 67, n. 5, p. 605-617, 2012.
- MARUCCI, M. F. N. BARBOSA, A. R. Estado nutricional e capacidade física. LEBRÃO, M. L.; DUARTE, Y. A. O. SABE – Saúde, Bem-estar e Envelhecimento – O Projeto Sabe no município de São Paulo: uma abordagem inicial. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2003. Cap 4. p. 95 – 115.
- MATSUDO, S. M. M. Envelhecimento, Aptidão Física e Atividade Física. In: _____. *Envelhecimento, exercício e saúde: guia prático de prescrição e orientação (org.)*. Londrina: Midiograf, 2013. cap 1. p. 12 – 72.
- MOREY, M.C.; PIEPER, C. F.; CORNONI-HUNTLEY, J. Physical fitness and functional limitations community-dwelling older adults. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, v. 30, n. 5, p. 715-723, 1998.
- NAKANO, M. M. Versão Brasileira da Short Physical Performance Battery – SPPB: Adaptação Cultural e Estudo da Confiabilidade. 2007. 181 f. Dissertação

(Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Direção Geral da Saúde. Lisboa, 2004.

PARAHYBA, M. I. VERAS, R. Diferenciais sociodemográficos no declínio funcional em mobilidade física entre os idosos no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, n. 4, p. 1257-1264, 2008.

ROSA, K. B.; LIPOSCKI, D.; WALTRICK, T.; SLONGO, A. Qualidade de vida e avaliação funcional em idosos praticantes de pilates e idosos sedentários. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, v. 2, n. 1, p. 18-28, 2013.

SPOSITO, G.; DIOGO, M. J. D.; CINTRA, F. A.; NERI, A. L.; GUARIENTO, M. E.; SOUSA, M. L. R. Relações entre bem-estar subjetivo e mobilidade e independência funcional por função de grupo de faixas etárias e de gêneros em idosos; *Acta fisiátrica*, v. 17, n. 3, 2010.

VIRTUOSO JÚNIOR, J.S.; GUERRA, R.O. Incapacidade funcional em mulheres idosas de baixa renda. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.16, n.5, p.2541-2548, 2011.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

HATHA YÓGA MELHORA OS SINTOMAS DE ESTRESSE E HUMOR NOS ADOLESCENTES

Welmo Alcântara Barbosa⁹

Roberta Luksevicius Rica

Cleidison Machado

Danilo Sales Bocalini

O yóga é uma prática milenar de origem indiana que tem se tornando reconhecido mundialmente por seus diversos benefícios. Considera-se que as modalidades oriundas da linha do Hatha Yóga possuem envolvimento contínuo e adequado com a atividade física, e que através de sua prática psicofísica promove melhoras dos parâmetros biopsicossociais acarretando melhora nas percepções da qualidade de vida. O objetivo do estudo foi avaliar os efeitos de uma sessão de prática de Hatha Yóga nos sintomas de stress no estado de humor de adolescentes saudáveis. A amostra foi composta de 20 adolescentes de ambos os sexos (12 meninos e 8 meninas) com 15 +/- 3 anos de idade. Para a coleta de dados, foi utilizado o questionário de humor POMS e o inventário de sintomas de stress (LIPP). O estado de humor foi mensurado pelo POMS que avalia seis estados subjetivos de humor: tensão (T), depressão (D), raiva (R), vigor (V), fadiga (F) e confusão mental (C). Os fatores T, D, R, F e C são considerados os fatores negativos do humor, sendo o vigor considerado o fator positivo. O distúrbio total de humor (DTH) foi calculado pela soma dos fatores negativos, menos o fator positivo ($DTH = (T+D+R+F+C) - V$), sendo uma medida global do distúrbio de humor. A diferença entre os parâmetros foram analisados pelo teste t de student e a significância estatística estabelecida foi a de $p < 0,05$. Antes e após a prática de yóga, não foram encontrados sintomas de stress. Em relação ao estado de humor, foi encontrado redução significativa

⁹ Contatos dos autores: welmoalcantara@hotmail.com; robertarica@hotmail.com; keupersonal@hotmail.com; bocaliniht@hotmail.com.

($p < 0,05$) nos parâmetros seguintes parâmetros: T (12 ± 2 vs 5 ± 2), D (10 ± 2 vs 2 ± 2), R (13 ± 2 vs 3 ± 2), F (15 ± 2 vs 7 ± 2), C (12 ± 2 vs 5 ± 2) e V (12 ± 3 vs 20 ± 3). Nossos dados indicam que a prática de Hatha Yóga melhora o estado de humor após a prática de Yóga em adolescentes, podendo ser uma alternativa de atividade física para esta população. Como todas as atividades físicas trazem a sensação de bem-estar corporal o hatha-Yoga chega para agregar ainda mais esta sensação. A concentração, mudança na frequência respiratória para o estado de calma, tranquilidade e a busca pelo equilíbrio corporal e emocional fazem desta atividade uma alternativa para serem aplicadas ao público adolescentes. É possível aplicar e oferecer novos estímulos utilizando das estratégias da Yóga como atividade corporal que ainda é pouco ofertada em instituições escolares ou locais que detêm de uma demanda de adolescentes praticantes de atividades corporais esportivas individuais ou coletivas firmando assim uma alternativa para adesão da cultura do hatha-yoga para melhorar os parâmetros de estresse e humor na fase de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BOSSLE, N. B. **Yoga**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

COLDEBELLA, A. O. C. **Práticas corporais alternativas: um caminho para a formação em Educação Física: PCAs e formação em educação**. 2002. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002

FERNANDES, N. **Yoga: uma prática de alongamento**. São Paulo: Ground, 2003

GHAROTE, M. L. **Técnicas de Yoga**. Tradução de Danilo Forguieri, São Paulo: Phorte Editora, 2000.

HERMÓGENES. **Autoperfeição com Hatha-Yoga**. 43 ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

MUSCULAÇÃO PARA IDOSOS COM OSTEOARTITE

Guylds de Paula Ribeiro¹⁰

Luanna do Espírito Santo

Julia Miranda Falcão

Atualmente, junto com o envelhecimento populacional, aumenta-se a inquietação quanto aos déficits associados ao bem-estar e a maior ocorrência de doenças, que é crescente na fase do envelhecimento (OLIVEIRA, 2014). Cotran, Kumar e Collins (2000), abordam que ao alcançarem a idade de 65 anos, 80% a 90% das pessoas, sejam homens ou mulheres, apresentam indícios de osteoartrite (OA). Diante deste cenário, essa pesquisa pretende compreender os efeitos do treinamento resistido (TR), expostos pela literatura científica, que podem demonstrar se a musculação auxilia na saúde e no tratamento da OA. Especificamente objetiva: (1) compreender o processo de envelhecimento e sua relação com o TR; (2) descrever as características dos treinos mais apropriados para aplicar na sessão de exercícios dos indivíduos com OA; e, (3) refletir sobre os possíveis benefícios advindos do treinamento resistido e suas implicações para melhora da qualidade de vida do público idoso. A metodologia utilizada será de caráter qualitativo, sendo do tipo pesquisa bibliográfica, que de acordo com Marconi e Lakatos (2003), tem como objetivo conectar o pesquisador a tudo que for importante acerca do assunto pesquisado, e a coleta de dados usará os métodos de identificação, localização, e compilação dos textos relacionados ao tema de pesquisa; textos estes que vão advir de Revistas Científicas do campo da Educação Física e do Envelhecimento. O instrumento que será empregue para coleta de dados será o fichamento, pois o mesmo possibilita a organização e o ordenamento das informações, de forma a permitir uma escolha contínua do que é relevante para esse trabalho. Freitas

¹⁰ Contatos dos autores: guyldsribeiro@gmail.com; luannae.santo@gmail.com; juliamfalcao@gmail.com.

et. al (2006), Borges e Jorge (2011) e Oliveira (2014), revelam que a velhice deixa o indivíduo mais exposto a doenças, e que 80% dos pacientes com OA possuem limitações de movimento, onde essas condições são acrescidas de diminuição da capacidade de oxigênio, influenciando no condicionamento do indivíduo, perda de massa muscular e óssea, dessa forma resultando no crescimento da inatividade física e predomínio de patologias psiquiátricas, osteoarticulares e neurológicas. Segundo Borges e Jorge (2011), o joelho é a segunda articulação mais afetada pela OA, chegando a 37% das ocorrências, indo de encontro às estimativas que demonstram que 4% da sociedade brasileira possui essa patologia. Segundo Oliveira (2014), ao pesquisar os resultados de treinos de TR que continham exercícios que estimulavam atividades diárias realizadas por mulheres idosas com idade entre 60 e 76 anos, nota-se melhoras positivas na habilidade de execução das mesmas, o que sugere que a intervenção utilizada contribui para a autonomia e independência dos idosos, deixando-os mais protegidos, saudáveis e ativos, diminuindo conseqüentemente os índices de morte desse público. O TR, para este fim, é caracterizado pelo uso de máquinas específicas, de elásticos, do próprio peso corporal ou de pesos livres como anilhas, barras e halteres para colocar sobrepesos e, conseqüentemente, aumentar a utilidade dos músculos através do fortalecimento (OLIVEIRA, 2014). Freitas et al., (2006), recomenda que para o público idoso, o início da prática de atividade física, ocorra de forma gradativa, para que possibilite uma adaptação contínua ao estímulo muscular, de forma a não sobrecarregar estruturas como tendões, ligamentos e articulações. Desta forma, o estudo pretende colaborar nos entendimentos de que o TR pode ser destacado como forma de se retardar os efeitos das quedas das diferentes funções orgânicas do corpo – período que pode ser classificado como senescência – a partir da prática rotineira de atividade física, auxiliando na autonomia, saúde e bem-estar do idoso.

Palavras-chave: Educação Física; Treinamento Resistido; Idosos; Osteoartrite

REFERÊNCIAS

BORGES E JORGE, Renata Trajano. **Exercício resistido progressivo em mulheres com osteoartrite de joelhos: ensaio clínico e randomizado**. 2011. 68f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde aplicada à Reumatologia) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/9610/Publico-12722.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 12 de Mai.de 2018.

COTRAN, Ramzi S.; KUMAR, Vinay; COLLINS, Tucker. Robbins: **Patologia Estrutural e Funcional**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2000.

FREITAS, Elizabete Viana et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas S.A., 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view Acesso em: 14 de Mai. de 2018.

OLIVEIRA, Pedro Ferreira A. **Efeitos crônicos do Treinamento Resistido sobre marcadores de risco cardiometabólico em mulheres idosas**. 2014. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17175/1/2014_PedroFerreiraAlvesdeOliveira.pdf > Acesso em: 12 de Mai. de 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Comunicação Oral

**NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA HABITUAL E O USO DE MEDICAMENTOS
POR MULHERES IDOSAS PARTICIPANTES DE UM PROGRAMA
COMUNITÁRIO DE ATIVIDADE FÍSICA**

Rafaela Gomes dos Santos¹¹

Douglas de Assis Teles Santos

Claudio Andre Barbosa de Lira

Marília Santos Andrade

Rodrigo Luiz Vancini

O envelhecimento é um processo fisiológico gradual que leva ao declínio funcional progressivo no qual ocorrem mudanças fisiológicas, morfológicas e psicológicas que podem causar impactos na capacidade funcional e aumento da prevalência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) (MALTA et al., 2017). É frequente que pessoas idosas tenham DCNTs, sejam tratadas por médicos de diferentes especialidades e utilizem múltiplas medicações concomitantemente, o que é denominado de polifarmácia (MORTAZAVI et al., 2016). Este quadro faz dos idosos susceptíveis aos efeitos adversos das drogas e interações medicamentosas. Neste sentido, é desejável que a população idosa alie terapias não farmacológicas para o aprimoramento da sua qualidade de vida como, por exemplo, a prática de atividade física regular o que pode diminuir o consumo de medicamentos. O objetivo do presente trabalho foi descrever o perfil de prática da atividade física e a utilização de medicamentos entre mulheres idosas frequentadoras do Programa de Orientação ao Exercício Físico (PROEF) da unidade de Jacaraípe, Serra-ES (Brasil). Nossa amostra foi composta por 54 mulheres com idade média de $68,3 \pm 6,1$ anos as quais responderam a um questionário composto por perguntas fechadas (*informações pessoais e sobre o consumo de medicamentos e a*

¹¹ Contatos dos autores: rafagomes.edf@gmail.com; datsantos@uneb.br; andre.claudio@gmail.com; marilia1707@gmail.com; rodrigoluizvancini@gmail.com.

atividade física habitual ocupacional, esportiva e de lazer). Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFES (protocolo - 2.182.182). Nossos resultados demonstraram que a maioria das idosas praticavam apenas uma modalidade de atividade física sendo a ginástica a modalidade mais praticada (79,1%, n=43). Aproximadamente, 20% das idosas 20,3% (n=11) relatou ter pelo menos duas doenças. Quanto ao Índice de Massa Corporal a média da amostra foi de $26,2 \pm 3,1$ kg/m² (mínimo - 20,3 e máximo - 33,3). Apesar de fisicamente ativas, 53,7% das idosas (n=29) estava com sobrepeso/obesidade e fazia uso de medicamentos de forma contínua (79,6%, n=43), sendo que quanto maior idade, maior o consumo, a quantidade e a frequência de uso medicamentos. Os medicamentos mais prevalentes foram para a hipertensão arterial sistêmica - *hidroclorotiazida* (8,6%, n=10), *atenolol* (8,6%, n=10) e *losartana* (5,2%, n=6); e *hipercolesterolemia* (7,8%, n=9, *sinvastatina*). A prevalência de automedicação foi baixa (20%, n=10) e a maioria dos medicamentos era prescrita por médicos 78,2% (n=43). Dentre os médicos que mais prescreviam os medicamentos foram citados os cardiologistas 17% (n=9) e clínico geral 9,4% (n=5). O processo de envelhecimento aumenta a morbidade das pessoas. Nesse contexto, as DCNTs são doenças multifatoriais geralmente associadas à alimentação inadequada, a inatividade física e também a fatores de risco como a obesidade, a hipertensão arterial sistêmica, os altos níveis de glicemia, as dislipidemias, o consumo de álcool e o tabagismo. Evidências mostram que a prática de atividade física regular é uma ferramenta não farmacológica importante para a prevenção e tratamento de DCNTs. Já foi demonstrado que a prática de atividade física regular diminui o risco de mortalidade por doenças cardiovasculares, melhora as funções físicas e pode auxiliar na redução do uso de medicamentos. Assim, ressaltamos a importância de políticas públicas de promoção da saúde para a pessoa idosa que considerem a prática de atividade física. Nesse sentido, nossos resultados preliminares podem servir como ponto de partida para orientar a criação de programas de promoção e educação em saúde que tenham como objetivo o aumento dos níveis de atividade física e conseqüentemente a redução do uso de medicamentos durante o processo de envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento; Atividade Física; Medicamentos; Polifarmácia.

REFERÊNCIAS

MALTA, D. C. et al. Noncommunicable diseases and the use of health services: analysis of the National Health Survey in Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, n. suppl 1, p. 1–10, 2017.

MORTAZAVI, S. S. et al. Defining polypharmacy in the elderly: A systematic review protocol. **BMJ Open**, v. 6, n. 3, p. 1–4, 2016.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Relato de Experiência

OFICINA SAÚDE DO IDOSO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE EXERCÍCIOS DE FORÇA PARA A TERCEIRA IDADE

Eduarda Pereira Damião¹²

Fernanda Nascimento de Oliveira

João Victor Rosa de Freitas

Daniela de Jesus Costa

Douglas de Assis Teles Santos

Rafaela Gomes dos Santos

O envelhecimento é um processo que ocorre de forma progressiva, em função de alterações senescentes do organismo (SILVA, 2015). Benedetti et al., (2007) concebe a atividade física, como uma forma de causar mudanças nos hábitos de vida dos idosos, tornando-os mais aptos a realizar as tarefas da vida diária. Estudos têm demonstrado a eficiência da prática de atividade física na prevenção de doenças e risco de morte, desde que praticados 150 min/sem. (OMS, 2011; SANTOS et al., 2015). Neste sentido, o treinamento de força muscular tem sido muito indicado para idosos, como uma maneira eficaz de proporcionar benefícios tanto físicos, como sociais e psicológicos (SILVA, 2014). Sendo assim, é de suma importância trabalhar tais exercícios com o grupo da terceira idade, pois, nos seus diversos aspectos, pode evitar inúmeros danos e contribuir na promoção da saúde e autonomia dos indivíduos. Portanto, o objetivo do trabalho é relatar a execução de aulas teórico-práticas com o tema “treinamento de força” aplicadas à um público de 25 idosos integrantes da “Oficina Saúde do Idoso” da Universidade aberta à Terceira Idade – UATI realizado pela Universidade Estadual da Bahia de Teixeira de Freitas-BA. A princípio, foi estruturado um planejamento de aula

¹² Contatos dos autores: edu17081998@gmail.com; fernandaoliveiraedfis@gmail.com;
jvrdfreitas@hotmail.com; danielacosta.2803@hotmail.com; datsantos@uneb.br;
rafagomes.edf@gmail.com.

com prazo de 5 semanas contendo exercícios para resistência muscular que trabalhassem a musculatura dos membros superiores e inferiores durante todas as aulas. Para tanto, foi solicitado inicialmente que os idosos apresentassem o atestado médico a fim de analisar a possibilidade de participar ou não das atividades. Os treinamentos foram organizados de forma gradativa, na qual, as três primeiras semanas eram realizados com carga média (1 a 2 Kg) e repetição média (3 séries e 10 repetições), por conseguinte, as duas últimas semanas foi concluída com carga média (1 a 2 Kg) e maiores repetições (3 séries e 15 repetições). Dentre os exercícios trabalhados, destacam-se: supino reto, desenvolvimento frontal, remada em pé, abdominal, agachamento, stiff e elevação das panturrilhas. Para a realização das atividades supracitadas, as aulas aconteceram semanalmente, em um período de duas horas, cujo os 40 minutos iniciais eram destinados a teorização da temática, na qual era abordado a necessidade e benefícios dos exercícios, bem como a importância de leva-los para o seu cotidiano, através de instruções de como adaptar o seu próprio material. Quanto aos demais minutos (80) foram utilizados para a execução da aula. Durante o tempo de aplicação das aulas, muitos objetivos foram alcançados, como a oportunidade de os idosos compreenderem a relevância da força muscular na promoção da saúde; foi perceptível o envolvimento e satisfação dos indivíduos ao realizarem os exercícios, mesmo diante das limitações encontrada, como a falta de coordenação motora ou equilíbrio. Além disso, muitos idosos não conseguiam manter a frequência nas aulas por conta das circunstâncias que surgiam. Guimarães et al., (2008) relata que, mesmo diante dos benefícios da atividade física, uma grande parcela da população idosa ainda se exercita em níveis inferiores que o necessário para atingir resultados satisfatórios para a saúde. Dessa maneira, nota-se, que apesar de muitos idosos iniciarem alguma atividade, nem sempre permanecem, e por isso não atingem resultados esperados. O planejamento proporcionou significativos benefícios para os idosos, pois possibilitou melhoria não somente aos aspectos fisiológicos, mas também se estendeu aos psicológicos, através de novas experiências obtidas e a socialização entre os participantes. Para os monitores, a experiência foi de grande relevância uma vez que tiveram a chance de ministrar uma aula teórico-prática, e presenciar as principais dificuldades ao lecionar. Soma-se a isso,

o intercâmbio de conhecimentos com pessoas de diferentes faixas etárias e bagagens culturais, o que contribui diretamente com a formação acadêmica dos mesmos.

Palavras-chave: Envelhecimento; Força Muscular; Saúde.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, T. R. B. GONÇALVES, L. H. T.; MOTA J. A. P. S. Uma proposta de política pública de atividade física para idosos. **Texto & Contexto Enfermagem**. v. 16, n.3, p. 387-98, 2007.

GUIMARÃES et al. Efeitos de um programa de atividade física sobre o nível de autonomia de idosos participantes do programa saúde da família. **Fitness Performance Jornal**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, dez. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS), **Global Recommendations on Physical Activity for Health 18–64 years old**, 2011.

SANTOS, R. G.; MEDEIROS, J. C.; SCHMITT, B. D.; MENEGUCI, J.; SANTOS, D. A. T.; DAMIÃO, D.; TRIBESS, S.; VIRTUOSO JÚNIOR, J. S. Comportamento Sedentário em Idosos: Uma Revisão Sistemática. **Revista Motricidade**. v. 11, n. 3. p. 171-186, 2015.

SILVA, A. A. N. **Barreiras e benefícios encontrados pelos idosos na prática de atividades físicas em Buritis MG**. 2014, 46 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) Universidade de Brasília, 2014.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

UMA ANÁLISE DO SISTEMA MOTOR E SEUS MOVIMENTOS

Maycon de Oliveira Perovano¹³

Luiza de Oliveira Tiburcio

João Pedro Zoth Batista

Janaina Rosa de Lima Petronetto

Bianca da Vitória

Paulo Henrique Romagna da Silva

Desde os últimos meses de gestação é notável uma capacidade essencial para a existência e o desenvolvimento humano: o movimento. Ao longo dos anos com a associação da Educação Física a questões relacionadas ao corpo, torna-se essencial que futuros profissionais da área, conheçam e entendam os variados tipos de movimentos, assim como suas vias neurais, a fim de sanar dúvidas e ter ferramentas para desenvolvê-los e aprimorá-los quando possível. Como profissionais da Educação Física, nos interessa conhecer os movimentos humanos e as possibilidades de trabalho e desenvolvimento potencializando o sujeito em suas ações. Para isso buscamos a partir de um estudo exploratório caminhar metodologicamente através das abordagens bibliográfica e documental (GIL, 2002). Desse modo nosso objetivo é compreender como se estabelece o sistema motor humano, identificando quais são os três movimentos motores principais e analisando a relação desses movimentos com a prática do professor de educação Física. Pontuamos aqui que, os movimentos são caracterizados em: a) Movimento voluntário: que derivam-se dos movimentos reflexivos primitivos e posturais, e executa um comando de forma consciente e controlável a partir de uma motivação. Para isso, o movimento precisa ser organizado

¹³ Contatos dos autores: mayconperovano@hotmail.com; tiburcio@gmail.com; jp_zoth@outlook.com; janaina.r.l@hotmail.com; daviroriabianca@gmail.com; paulohenrique_romagna@hotmail.com.

inicialmente ao nível de córtex sensório-motor; b) Movimento involuntário: Não necessita de controle cortical, pois ocorre ao nível medular, sendo movimentos reflexos divididos em reflexo miotático, reflexo miotático inverso e reflexo flexor; e c) Movimento Automático: Pode ser chamado também de movimento cíclico, devido à memória desenvolvimento através de repetições, é comum ser confundido com os movimentos reflexivos em muitos casos pela velocidade de reação acelerada e consciente. À medida que o treinamento motor transcorre, forma-se um padrão de movimento. Num dado momento do desenvolvimento, cuja determinação precisa é bastante difícil, o exercício funcional continuado faz com que a via seja simplificada, e o centro de comando de controle motor migra do córtex sensório-motor para o tronco cerebral. Muito embora seja bastante difícil modificar padrões motores estabelecidos, ainda há a possibilidade de correções em graus variados. Com isto, atividades como a marcha, a escrita e a fala, entre outras, são de fato peculiares a cada indivíduo. Situações patológicas como o AVC podem fazer com que o indivíduo perca o padrão motor adquirido, em função da lesão de determinada região do córtex motor. Os tecidos periféricos nessa situação em relação à área atingida podem assumir o controle dos movimentos anteriormente organizados pela área agora necrosada, possibilitando ao indivíduo afetado o reaprendizado dos gestos inicialmente estruturados. Diante deste quadro, onde o indivíduo reaprende a execução de gestos motores, há a substituição do padrão anteriormente armazenado. De forma geral, pode-se entender que o cerebelo é a região do cérebro que capta os impulsos sensitivos das articulações, tendões, músculos, além de receptores do equilíbrio e visuais. Portanto, a partir do exposto, é possível perceber a importância desses tipos de movimentos para o corpo e suas características neurais, sensoriais, motoras, etc. Podendo ser planejado e executado de forma consciente e controlada, a partir de várias interações e estímulos sensoriais, como o movimento voluntário. Ou, semanticamente, o inverso, no caso, o involuntário que não necessita de controle cortical, abrangendo vários tipos de movimentos reflexos, que acontecem seja pela sensibilidade ao estiramento, pela tensão do músculo ou por um estímulo nociceptivo, que atinge as terminações nervosas livres subcutâneas. E por fim,

o automático, que não precisa de planejamento para ser realizados, pois já foram muito aperfeiçoados e praticados, como a fala e a escrita por exemplo.

REFERÊNCIAS

BARELA, José Angelo. **Aquisição de habilidades motoras: do inexperiente ao habilidoso**. Motriz - Volume 5, Número 1, Junho/1999.

HAYWOOD, Kathleen M; GETCHELL, Nancy. **Desenvolvimento Motor ao Longo da vida**. Editora Artmed 3ª edição, 2003.

MANOEL, Edison de Jesus. A dinâmica do estudo do comportamento motor. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.13, p.52-61, dez. 1999.

OLIVEIRA, Cláudio Márcio. A Construção do Conhecimento Científico em Aprendizagem Motora: História e Perspectivas. **Revista da Educação Física/UEM**, 9(1):67-74, 1998.

PEREIRA, Natalia Duarte. Aprendizagem motora: histórico da abordagem clássica e dos sistemas dinâmicos. **Revista Digital - Buenos Aires** - Año 14 - Nº 142 - Marzo de 2010.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

VALIDADE E CONCORDÂNCIA DO USO DE ACELERÔMETRO PARA AVALIAR O TEMPO DE VÔO E POTÊNCIA EM SALTO VERTICAL

Igor Alves Mello¹⁴

Wellington Lunz

Leonardo Carvalho Caldas

A potência muscular é uma variável do treinamento determinante para o sucesso atlético em muitas modalidades esportivas, de modo que sua avaliação é uma importante estratégia de acompanhamento e orientação do treinamento. Bastante habitual é o uso do treinamento pliométrico para desenvolvimento da potência de membros inferiores, em particular em desportos coletivos, como basquetebol (MORARES & PELLEGRINOTI, 2006) e futebol (HESPANHOL et al., 2006). O treino pliométrico visa o aprimoramento da potência muscular e é composto basicamente por saltos no mesmo lugar, saltos partindo de uma determinada altura, saltos unilaterais, arremessos de *medicine ball* e variações (MCARDLE, KATCH & KATCH, 2011). Devido à importância dos saltos como indicador de potência de membros inferiores e fadiga neuromuscular, várias técnicas foram desenvolvidas para avaliar o desempenho do salto, sendo a plataforma de força a técnica padrão ouro, a qual avalia o tempo de voo e calcula altura e potência a partir dessa informação (BALSALOBRE-FERNÁNDEZ, GLAISTER & LOCKEY, 2015). Entretanto, apesar de fornecer dados confiáveis, é um equipamento cujo o alto custo o inviabiliza na maioria dos espaços de treinamento. Nesse sentido, na busca por técnicas alternativas de menor custo foram validadas ferramentas como a câmera de alta velocidade no aparelho iPhone® e dispositivos com sistema fotoelétrico. Apesar de serem alternativas possíveis, tais equipamentos ainda requerem investimento financeiro relativamente alto (GLATTHORN et al., 2011;

¹⁴ Contatos dos autores: iam.igoralvesmello@gmail.com; welunz@gmail.com; leocaldas03@gmail.com.

BALSALOBRE-FERNÁNDEZ, GLAISTER & LOCKEY, 2015). Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi investigar a validade e concordância do acelerômetro interno de smartphones com o sistema operacional *Android* na mensuração do tempo de voo e potência do salto vertical. Ressalta-se que *smartphones* são aparelhos que a maioria das pessoas adultas possui, sendo o *Android* o mais habitual. Trata-se de uma estratégia prática e de menor custo operacional para a avaliação. Para isto, foram selecionados 20 adultos jovens (10 homens e 10 mulheres) para realizarem 10 saltos com um pé sobre uma plataforma de força Cefise® (1000 x 600 x 8 mm) e o outro sobre uma plataforma de madeira, tendo as mesmas características e dimensões da plataforma de força, de modo que ambos pés aterrissassem juntos. Dois celulares foram posicionados sobre a plataforma de madeira a fim de que o acelerômetro dos *smartphones* pudessem captar as vibrações geradas pelas fases de decolagem e aterrissagem dos saltos. A partir das vibrações induzidas pela decolagem e aterrissagem foi possível calcular o tempo de voo, e compará-lo com a plataforma de força. Todos os participantes realizaram dez saltos seguidos a partir do agachamento (*squat jumps*), iniciando com as mãos na cintura e sem contramovimento. A técnica de Bland-Altman (BLAND; ALTMAN, 1986) e correlação de Pearson foram usadas para avaliar a concordância entre os dados fornecidos pela plataforma de força e pelos celulares. Foi possível identificar alta correlação entre ambos os testes ($r = 0,98$; $P < 0,000001$). A avaliação pelo Bland Altman mostrou média de desvio de apenas 2,4% entre ambas estratégias de medidas. Entretanto, alguns saltos apresentaram diferenças superiores a 10%, o que sugere que nem todos os saltos tiveram alta concordância. A hipótese para a não concordância de alguns saltos é que a aterrissagem teria ocorrido em momentos levemente diferentes nas plataformas, de modo que a próxima etapa do estudo será estabelecer estratégias que possam impedir os erros que causaram tais discordâncias. A conclusão parcial do estudo é que a ferramenta aqui estudada tem grande potencial para medir o tempo de voo e potência de saltos verticais, com custo bastante reduzido, uma vez que a maioria das pessoas já possui *smartphone*.

Palavras-chave: Salto vertical. Acelerômetro. Android. Pliometria.

REFERÊNCIAS

BALSALOBRE-FERNÁNDEZ, C. The validity and reliability of an iPhone app for measuring vertical jump performance. **Journal of sports science**, v. 33, n. 15, 1574-1579.

BLAND, M. J. Statistical methods for assessing agreement between two methods of clinical measurement. **The Lancet**, v. 327, n. 8476, 307-310, 1986.

GLATTHORN, F. J. Validity and reliability of optojump photoelectric cells for estimating vertical jump height. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 25, n. 2, 556-560, 2011.

HESPANHOL, E. J. Mudanças no desempenho da força explosiva após oito semanas de preparação com futebolistas de categoria sub-20. **Revista Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 9, 82-94, 2006.

MORAES, A. M. Evolução da potência dos membros inferiores durante um ciclo de treinamento de pliometria no basquetebol masculino. **Revista EFDeportes**. 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd94/pliom.htm>.

MCARDLE, D. W.; KATCH, I. F.; KATCH, L. V. **Fisiologia do exercício: nutrição, energia e desempenho humano**. 7ª ed. Grupo Editorial Nacional, 2011.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos biodinâmicos do exercício e atividade física - Pôster

YOGALATES: COMO ESTRATÉGIA PARA MELHORAR OS PARÂMETROS FUNCIONAIS EM MULHERES IDOSAS: UM ESTUDO PILOTO

Welmo Alcântara Barbosa¹⁵

Roberta Luksevicius Rica

Cleidison Machado Santana

Adriano Fortes Maia

Danilo Sales Bocalini

Segundo a Organização Mundial de Saúde, Qualidade de Vida (QV) é definida como “a percepção do indivíduo sobre sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. O Yoga bem como o Pilates são consideradas atividades físicas que pertencem ao grupo das práticas corporais alternativas. Através dessas práticas é possível unir os movimentos corporais aos ritmos respiratórios lentos e ordenados; em função das semelhanças e da complementaridade das duas atividades desenvolveu-se o Yogalates que é uma técnica que mescla flexibilidade e leveza de movimento que são os fundamentos do Yoga. A partir desse raciocínio, o objetivo do presente trabalho é apresentar o Yogalates como prática corporal destinada a melhorar a saúde e condicionamento físico de seus praticantes; a partir de revisão bibliográfica. Logo, no presente estudo é proposta uma sessão de para adquirir saúde e condicionamento físico. O Yogalates é uma vertente do Yoga e do Pilates que busca desenvolver o potencial do corpo estabelecendo sua integração com a mente, e traz benefícios físicos e emocionais. É compatível com outros estilos de yoga e apoia outras modalidades físicas, tais como fisioterapia, massagem, terapia ocupacional, e instrução de fitness. A prática regular da atividade vem se mostrando eficiente nas condições físicas e comportamentais de seus

¹⁵ Contatos dos autores: welmoalcantara@hotmail.com; robertarica@hotmail.com; keupersonal@hotmail.com; adrianoft@gmail.com; bocaliniht@hotmail.com.

praticantes que buscam tanto a estética como a qualidade de vida, e ela é agregada a prática corporal por meio da atividade alternativa. Na busca por saúde, são diversas as atividades corporais ofertadas e a associação das duas modalidades e métodos que beneficiam os praticantes como o equilíbrio corporal, comportamental, a flexibilidade do yoga e a força aplicada no pilates resultam em dados positivos ao público praticante. A qualidade de vida está associada a uma mudança de hábito constante e precisa ser estimulada a todo o tempo e necessita ser prazerosa e que tenha o objetivo específico. É com esse motivo que houve a necessidade da aplicação deste estudo, buscando o conhecimento aplicada a uma modalidade que cresce constantemente, atraindo adeptos e praticantes satisfeitos no equilíbrio entre corpo e mente acarretando os benefícios da atividade física de forma consciente.

Palavras-chave: Qualidade de vida; flexibilidade; Método Pilates

REFERÊNCIAS

APARICIO, Esperanza. **O autêntico método Pilates: a arte do controle**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005

CAMARÃO T. **Pilates no Brasil: corpo e movimento**. Rio de Janeiro: Elsevier; 2004.

DA CRUZ T. M. F. **Método Pilates: Uma nova Abordagem**. 1. Ed. – pp 35-39. São Paulo: Phorte, 2013.

HERMÓGENES, J. **Auto-Perfeição com Hatha Yoga**, 27 edição, Rio de Janeiro: Record, 1988.

MAEDA, F.Y.I.; PIKEL, M. Método pilates em revista: aspectos biomecânicos de movimentos específicos para reestruturação postural – Estudos de caso. **Revista brasileira de ciência & movimento**. v.13, n.4, p.65-78, 2005.



Anais do Congresso Espírito-Santense de Educação Física
XV CONESEF – 2018
CEFD – UFES – Vitória – ES – Brasil
ISSN – 2595-5837

GTT 02 - ASPECTOS SOCIOCULTURAIS, HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**A FORMAÇÃO INICIAL EM PROJETO DE EXTENSÃO E SUA
REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

Lorraine Ferreira¹⁶

Antonio Carlos Moraes

Milainy Ludmila Santos Goulart

Este texto trata de trabalho de conclusão de curso que investigou a Representação Social de um grupo de egressos da Universidade Federal do Espírito Santo, em especial do curso de Educação Física que frequentou, durante a graduação um dos espaços de formação no campo da extensão. Trata-se de um projeto de extensão que oportuniza uma complementação da formação inicial com encontros semanais de estudos no campo da cultura popular tendo como elemento central a prática da dança e seus métodos de ensino. Os participantes pesquisam manifestações da cultura brasileira, participam do processo de sistematização e criação de peças artísticas, experimentam a prática docente, dividem funções administrativas e artísticas e preparam ações de intervenções e socialização do conhecimento. Após dez anos de funcionamento do projeto realizamos uma avaliação sobre as marcas que ficaram em cada egresso que passou por essa experiência. Nesse sentido, decidimos pelo estudo das Representações Sociais dos sujeitos participantes do projeto. Para tal, levantamos algumas questões como: Como os sujeitos recordam o projeto quando estão em suas práticas pedagógicas? Como as aprendizagens e as experiências adquiridas no projeto refletem em suas práticas cotidianas? Para responder tais questões utilizamos como referencial teórico a Teoria da Representação Social (RS). Criada por Serge Moscovici essa teoria busca entender como se configura, organiza e sistematiza os grupos que dão forma a sociedade. A RS é

¹⁶ Contatos dos autores: lorraineef2014@gmail.com; moraes_2002@yahoo.com.br; milainy_ludmila@hotmail.com.

um encontro cultural que constrói o conhecimento do senso comunitário por meio das experiências do cotidiano, e é esse conhecimento que provoca impactos de todas as formas na sociedade. As RS são constituídas diferencialmente por cada indivíduo sobre si, sobre os objetos e sobre o meio em que vivem. Portanto podemos dizer que a RS é influenciada, a partir da distribuição de bens materiais e imateriais, das relações entre os sujeitos e dos processos educacionais de formação (SÁ, 1995). Após compreensão do nosso arcabouço teórico, nos empenhamos em iniciar o levantamento de dados. A técnica utilizada para coleta e análise dos dados foi a proposta pluri-metodológica de Jean Claude Abric que resulta na construção do Núcleo Central (NC) das Representações Sociais. Identificamos e caracterizamos os sujeitos participantes da pesquisa por meio de aplicação de questionário eletrônico com perguntas abertas. Ao final do processo foram recebidos 40% do total de questionários enviados. Os elementos do NC são quem configura a representatividade social do projeto. Os resultados identificaram o espaço afetivo como o elemento mais significativo do NC. O espaço afetivo foi o elemento mais citado dentre os 18 elementos que compõe a RS do projeto. Segundo Bondía (2002) essas experiências foram formadoras porque marcaram e tocaram esses sujeitos, levando a representatividade do grupo em direção a afetividade que possibilitou a esses sujeitos a criação de laços relacionais que são fortalecidos até hoje, além do vínculo de amizade geradas pelo intercâmbio cultural incentivado pelo projeto. Para Mahoney e Almeida (2005), a afetividade está em todo o processo de aprendizagem e o espaço afetivo potencializa uma formação mais qualitativa, principalmente em projetos de formação de professores. Identificando ainda os elementos do NC temos mais outros três elementos: formação docente, formação humana e cultura como eixo. Esses elementos sustentam a representatividade do NC. A formação docente aparece através das experiências profissionais, ou seja, é na ação de exercer a profissão de ser professor notamos a complementação da formação docente. A formação humana é identificada pelas experiências formadoras dos sujeitos de conhecerem outras culturas, outros países, dar sustentação a problematizações de determinadas manifestações culturais. E a cultura como eixo concretiza um dos

objetivos do projeto em ensinar a cultura popular aos professores para preservação, resgate e divulgação do patrimônio cultural imaterial brasileiro.

Palavras-chave: Formação Inicial. Projeto de Extensão. Ensino da Dança. Representação Social.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha, 2002.

MAHONEY, A. A.; L. R. ALMEIDA. Afetividade e processo de ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 20, 1º sem. de 2005, pp. 11-30.

SÁ, C. P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano.** São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 19-57.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**A HISTÓRIA DO POLO AQUÁTICO NO ESPÍRITO SANTO:
PECULIARIDADES DA DÉCADA DE 1930**

Wagner Rufino Viana¹⁷

Juliana Guimarães Saneto

Marcelo Ribeiro de Castro

Essa pesquisa busca reunir informações sobre a história do polo aquático capixaba, tendo a década de 1930 como recorte. A metodologia do estudo é de ordem documental e bibliográfica, (GIL, 2016). O polo aquático tem raízes na Inglaterra. Existem duas versões sobre seu surgimento e desenvolvimento longo do tempo, mas pode-se dizer que o polo aquático advém de inspirações do futebol, da natação e do rugby. Há indícios de que o esporte surgiu, no fim do século XVIII, com a intenção de entreter o público nos intervalos de competições de natação de longa distância (COB). Uma tese sobre a história do polo aquático defende que sua origem é oriunda do rugby, por volta dos anos 1800, primeiramente nos lagos e rios da Inglaterra, depois em piscinas cobertas. No Brasil o esporte começou a ser praticado século XX, em São Paulo e Rio de Janeiro. A primeira partida que se tem notícia aconteceu em 1908, na praia de Santa Luzia -RJ, com times formados por onze jogadores. Já o primeiro torneio ocorreu cinco anos depois, organizado por Flávio Vieira, em 1913 na praia do Botafogo-RJ. No Espírito Santo, os primeiros relatos sobre a modalidade aparecem no jornal *DIÁRIO DA MANHÃ* (Ano 1929/Edição 01085-1). Nesse período, aconteceu o primeiro campeonato interno de polo aquático no clube Saldanha da Gama. Naquele mesmo ano, a imprensa local representada pelo Diário da Manhã, em uma de suas matérias, cita um evento esportivo que promoveria o encontro entre as equipes dos Clubes do Saldanha da Gama e do Álvares Cabral para uma partida de polo aquático, que foi realizada na Praia

¹⁷ Contatos dos autores: oficial.wagnerviana@gmail.com; julianasneto@yahoo.com.br; marcelo.ribeiro@uvv.br.

Cumprida, atualmente conhecida como Praia do Canto, localizada em Vitória -ES. A partir do ano de 1930 o polo aquático começou a ter um número maior de praticantes, formando equipes tradicionais da grande Vitória, como por exemplo, representantes dos clubes Álvares Cabral, Náutico Brasil, Saldanha da Gama e outros de menor expressão, além de clubes do interior do estado. Segundo o *DIÁRIO DA MANHÃ* (Ano 1930/Edição 02382-1), ocorreu uma partida amistosa entre o combinado Saldanha da Gama e Álvares Cabral contra a equipe do Delhi, grupo da marinha britânica ancorado no porto de Vitória - ES. A partida aconteceu na piscina do Álvares Cabral e o motivo desse combinado entre as duas era a falta de treino de ambas. No dia seguinte, o jornal destaca a vitória do combinado por 7 x 1 contra a equipe britânica. Daí em diante campeonatos locais foram organizados, precisamente o número de quatro, todos tendo como vencedor o clube Saldanha da Gama. O *DIÁRIO DA MANHÃ* (Ano 1935/Edição A03055-1) traz como matéria “A jornada gloriosa do Saldanha da Gama”, tendo em vista o acúmulo de vitórias diante dos campeonatos organizados no Espírito Santo. Essa sequência de vitórias do clube Saldanha da Gama pareceu inibir outras equipes de outros clubes, já que no campeonato que seguiu foi a única equipe inscrita o que ocasionou o cancelamento do evento de polo aquático. A partir dos registros do jornal *O DIÁRIO DA MANHÃ* (Ano 1936/Edição 04006-1) o último relato que encontramos sobre o polo aquático no Espírito Santo foi a aprovação da indicação do novo diretor técnico de natação e de polo aquático do clube Saldanha da Gama. Todo o levantamento e análise dos dados coletados nesta pesquisa nos leva a concluir que a década de 1930 tenha sido essencial para a história do polo aquático capixaba, pois perfaz a chegada do polo aquático ao Espírito Santo, seu movimento tímido de ascensão e seu esquecimento no cenário capixaba no que tange os esportes aquáticos.

Palavras-chave: Polo aquático, Espírito Santo, Saldanha da Gama.

REFERÊNCIAS

O campeonato interno de water polo no saldanha. **Diário da Manhã**, Vitória, 19 mar. 1929. Diário Esportivo, p. S/N. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=572748&PagFis=34516&Pesq=polo%20aquatico>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

Water polo: a partida amistosa de hoje entre o combinado Saldanha Alvares X Delhi. **Diário da Manhã**, Vitória, 19 jul. 1930. Diário Esportivo, p. S/N. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=572748&PagFis=35232&Pesq=polo%20aquatico>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

A jornada gloriosa do Clube de Regatas Saldanha da Gama. **Diário da Manhã**, Vitória, 28 jul. 1935. Diário Esportivo, p. S/N. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=572748&PagFis=31324&Pesq=polo%20aquatico>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

Clubes e associações: a diretoria do C.R. "Saldanha da Gama" realiza sessão. **Diário da Manhã**, Vitória, 27 fev. 1937. Diário Esportivo, p. S/N. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=572748&PagFis=31324&Pesq=polo%20aquatico>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2016.

Polo aquático. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/Esportes/polo-aquatico>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO CULTURAIS NA FORMAÇÃO SUPERIOR:
UM PROCESSO PROFISSIONAL E HUMANO**

Darlene Fabri Ferreira Rocha¹⁸

Os indivíduos têm buscado uma formação profissional a fim de encontrar espaço em um sistema, globalizado, cada vez mais exigente no que diz respeito a profissionalização. Na graduação em Licenciatura em Educação Física a participação em projetos de extensão universitária relacionados a cultura e arte e a dança possibilitou contato com diferentes formas de manifestações artísticas. Com as experiências surgiram indagações sobre como os estudantes enxergam a relação entre a formação profissional e as atividades não obrigatórias. O que nos levou ao objetivo da pesquisa de analisar quais as experiências que os estudantes de uma Instituição de Ensino Superior de Vitória, têm com as manifestações artístico culturais e como eles as relacionam com a formação universitária. Os conteúdos desenvolvidos pelo professor de Educação Física são elementos da cultura humana. O trabalho com o movimento corporal é parte da compreensão de que as pessoas têm direito aos seus corpos. Corpos humanos que possuem uma realidade cultural são construídos nas relações socioculturais e reinventados nessas relações (VAGO 2009). A revisão bibliográfica foi realizada durante todo estudo. A investigação de campo foi feita para coleta de dados utilizando de questionário, com perguntas abertas e fechadas, entendendo ser o instrumento metodológico mais pertinente para levantar tais informações sendo que “a vantagem maior diz respeito à possibilidade de se abranger um grande número de pessoas” (BARROS, 1990, p. 74). O questionário utilizado foi adaptado da dissertação de Costa (2011). Mapeamos de uma forma geral quais as experiências artístico-culturais que os acadêmicos usufruem, gostam ou frequentam e analisamos se esta experiência tem

¹⁸ Contato da autora: dffrocha@hotmail.com .

relação e relevância com a formação profissional e humana. Os estudos para pesquisa trazem os conceitos de formação cultural e formação humana que nos fazem compreender a importância das construções humanas, apresentadas como manifestações artísticas culturais, para uma formação profissional para além da técnica reprodutora, mas que contemple a subjetividade dos sujeitos-profissionais. Chauí (2008) traz o conceito de humano a partir da cultura e da ideia do simbólico, ou seja, nas relações por meio da linguagem e do trabalho diferenciando-nos dos demais animais. Extrapolando a ação vital, criando e recriando novas dimensões nas relações com a natureza e com os sujeitos. Falar de formação humana é reconhecer a subjetividade humana como um processo de construção histórica. Apropriação do que existe e então a transformação disso com autonomia e liberdade. Torna-se então um agente histórico produtor em seu contexto e tempo através do seu pensamento. Sobre formação cultural Aquino (2010) em seus estudos sobre Adorno traz a formação como um processo em que o sujeito continuamente interage com o meio em que está inserido. Isso permite ao sujeito refletir e amadurecer seus conceitos internos, sua consciência sobre as dimensões culturais existentes na sociedade, bem como compreender o modo como a sociedade se apresenta. A sociedade vive numa reprodução material e essa ideologia de consumo que determina os gostos é o que Adorno e Horkheimer (1985) chamaram de indústria cultural. Nela os bens culturais são comercializados para atender ao gosto, unificado, das pessoas. Torna a cultura mercadoria e cria estratégias para que o homem dominado por essa concepção seja reprodutor e se sinta inserido no meio social. O pensamento está limitado ao fato isolado e ao saber como simples qualificação para o mercado de trabalho. Acreditamos que a educação, através do conhecimento, seja um importante meio de fomentação da autonomia do sujeito. Os dados nos evidenciam uma compreensão limitada de cultura, pois se direciona a um segmento. Percebemos a valorização a formação profissional sobre a formação integral.

Palavras-chave: Ensino Superior. Formação profissional. Experiências artístico culturais. Formação humana.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. (Tradução de Guido Antônio de Almeida). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AQUINO, F. L. **A dialética da formação cultural em Theodor W. Adorno**: considerações sobre a educação e o ensino de filosofia hoje. Saberes, Natal – RN, v. 2, n. 5, ago. 2010. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/410/482>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

BARROS, A. J. P. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

CHAUI, M. Cultura e democracia. En: **Crítica e emancipación**: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Año 1, nº 1, jun. 2008. 53-76. Disponível em:
<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

COSTA, J. M. **A formação nas garras da indústria cultural**: o constituir-se professor de educação física. 2011. 171 fl. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 2011. Disponível em:< <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4014247.pdf> >. Acesso em: 04 abr. 2016.

VAGO, T. M. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Caderno de Formação RBCE**, Florianópolis, SC, v. 1, n. 1, p. 25-42, set. 2009. Disponível em:
<<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930/540>>. Acesso em: 18 maio 2016.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**ANÁLISE ICONOGRÁFICA E INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA DA
EDUCAÇÃO FÍSICA: A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE MEMES
VINCULADOS NO CIBERESPAÇO**

Tays Toé Mathias¹⁹

Murilo Nazário Nazário

É sabido que a tecnologia teve sua origem na revolução industrial, com o intuito de reduzir a mão de obra e conseqüentemente os gastos, aumentando a velocidade e quantidade dos produtos produzidos. A partir de então surgiram novas tecnologias com diferentes finalidades, uma delas é a internet, criada na Guerra fria pelos norte-americanos, com propósitos militares, para poderem se comunicar com o exército, caso o oponente destruísse os meios de comunicação vigentes, uma vez que tal aparato constituía-se como rede independente dos centros de comando e controle, sendo assim, uma forma de comunicação mais segura. Houve então um boom da internet, e com ele a criação de redes sociais como MSN, ORKUT, que ao longo dos anos foram sendo substituídas por FACEBOOK, TWITTER, INSTAGRAM, WHATS APP. Essas redes trazem consigo a ideia de comunicação e interação entre pessoas e grupos, produzindo diferentes formas de linguagem, sejam elas escritas, sonoras, auditivas e imagéticas, uma dessas maneiras são os MEMES. Os MEMES foram criados antes mesmo da popularização da internet, com o intuito de compartilhamento e identificação imediata de ideias e representações repassadas de pessoa a pessoa através da repetição por identificação o signo imagético apresentado. Nos dias de hoje, são imagens criadas a partir da identificação das pessoas por algo que elas vivenciam e compartilham de forma leve e cômica, que rapidamente viralizam. Que trazem consigo ilustrações imagéticas carregadas de representações e sentidos que se referem a pessoas, grupos,

¹⁹ Contatos dos autores: tays_toemathias@hotmail.com; prof.murilonazario@gmail.com.

dilemas, estados emocionais e profissões. Dentre as áreas que tem sido ilustradas a partir de MEMES está a Educação Física. Desta forma, este estudo nasce da seguinte questão: como a educação física, e os profissionais da área têm sido representados e compreendidos nos seus espaços de atuação (escolas, academias, universidades), a partir da ilustração imagética dos MEMES? Cujo objetivo é, analisar, compreender e contextualizar os MEMES da internet enquanto reproduções imagéticas do profissional e do cotidiano da educação física. Nessa perspectiva a opção metodológica sustenta-se pela iconografia e iconologia, enquanto a primeira estuda e descreve os elementos visuais, como imagens, estátuas e pinturas, a segunda adentra no real significado desses elementos, pois é necessário situar o signo imagético no contexto e lugar de sua produção. Ou seja, a primeira apresenta o que é visível, explícito, e a segunda o que é implícito. Para tanto o corpus documental da pesquisa está composto por 29 MEMES extraídos de redes sociais *instagram* e *facebook*. Dessa forma, o caminho do estudo, está organizado em 4 fases: Primeira - observação e incursão no ciberespaço; Segunda – Construção de um inventário; Terceira - Análise iconográfica; Quarta – Análise Iconológica. Nos resultados iniciais, podemos perceber através da análise iconográfica, que a maioria dos MEMES analisados são imagens com expressões de sentimentos bem definidos, como raiva, felicidade, tristeza e sarcasmo. Além de serem imagens que despertam o interesse de serem vistas por passar algum tipo de mensagem em pouco tempo através de ícones, que pode ser uma pessoa famosa ou um desenho por traços de programas virtuais, os quais são acompanhados por uma pequena legenda. Para a análise iconológica, os MEMES foram divididos em quatro categorias temáticas: cotidiano escolar, cotidiano das academias, representação pejorativa do profissional e estudante do curso de educação física. Nessa perspectiva é possível dizer que esses ícones estudados, pertencem a um contexto histórico e social, que trazem consigo a representação dos dilemas enfrentados pela Educação Física enquanto área do conhecimento. Essa peculiaridade colabora na identificação dos sujeitos da área da Educação Física, sentindo-se representados por tais ilustrações imagéticas e os viralizando na grande rede.

Palavras-chave: educação física – memes – ciberespaço

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER M. W. & Gaskell, G. G. (Org.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. p. 64-73. Petrópolis, 2002.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. 2ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PANOFSKY, E. **Estudos de Iconologia: temas humanísticos na arte do renascimento**. 2ª Ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

VOVELLE, M. **Imagens e imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a idade média até o século XX**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Pôster

**ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DO TEATRO:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
FÍSICA DA PRÉ-HISTÓRIA ATÉ OS JOGOS OLIMPÍCOS MODERNOS**

Milena de Oliveira Almeida

Ramiro Henrique Conceição Santana dos Santos

Tatiana Silva da Conceição

*Rafaela Gomes dos Santos*²⁰

Para compreendermos a Educação Física é necessário analisarmos o passado, pois as práticas esportivas que existem atualmente são diferentes das que existiam décadas atrás (TUBINO, 2010). A educação física teve seu início na Pré-História, certificou-se na antiguidade, parou na Idade Média e fundamentou-se na Idade Moderna, tornando coerente da Idade Contemporânea (TUBINO, 2010). Mediante a isso, o objetivo do estudo é compreender o surgimento das práticas corporais do esporte na antiguidade até a sua evolução nos dias atuais. O presente trabalho tem cunho qualitativo descritivo do tipo relato de experiência da disciplina de Aspectos históricos da Educação Física I do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia UNEB – Campus X. Para isso, foi proposto uma elaboração de um teatro, em que tivemos que elaborar um roteiro, cenário e figurino, em que cada grupo ficou responsável por identificar o surgimento de uma fase da história das práticas corporais, afim de compreender o assunto através de uma forma dinâmica. Sendo assim, a turma foi dividida em quatro grupos, com o prazo de 30 dias em média para elaboração do trabalho. Ao falarmos sobre Educação Física e esporte, ressalta-se que sempre tiveram ligados a interesses políticos, o estado e instituições sociais (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2008). O esporte surgiu na antiguidade, por meio de instituições militares e até mesmo

²⁰ Contatos dos autores: m.o.almeida@outlook.com.br; ramiro.henrique7@gmail.com; tatianasilva.ts@hotmail.com; rafagomes.edf@gmail.com.

religiosas, em que desenvolviam práticas atléticas através de simulações de combate, caça e rituais religiosos (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2008). Para representar a pré-história os estudantes universitários demonstraram as habilidades motoras básicas desenvolvidas naquela época que tem relação com os esportes modernos, pois o homem primitivo, na luta pela sobrevivência, já caminhava, saltava e corriam longas distâncias na busca de conseguir o seu próprio alimento (RAMOS, 1982). A partir dos meios de sobrevivência, junto á disputa pela caça, além de se locomover de uma região a outra constantemente. Diante disso as condições físicas eram ótimas, pois estavam sempre em movimento. Os estudantes também apresentaram a Grécia Antiga, em que as guerras e disputas territoriais eram frequentes, por isso durante a época escolar os jovens eram preparados através de práticas atléticas voltadas ao militarismo para esses combates. A partir disso, foi demonstrado que os jogos gregos tinham predominância religiosa onde faziam homenagens aos Deuses do Olímpio (GODOY, 1996). Os Jogos Olímpicos tinham a importância de celebrar a paz entre os povos gregos, eram realizados em Olímpia, além dos jogos havia inúmeras cerimônias religiosas, sacrifícios, tudo para honrá-la o Deus supremo dos gregos, só podiam participar dos jogos os homens livres e de origem grega, filho legítimo não ser culpado de crime de morte, irreverência com a religião entre outros motivos, já as mulheres, exceto as solteiras eram proibidas de assistir aos jogos (RAMOS, 1982). Já em Roma, foi a Política de Pão e Circo que era o modo como os líderes romanos lidavam com a população em geral, para mantê-la fiel à ordem estabelecida e conquistar o seu apoio. (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2008). Em 1894, ocorreu na Universidade de Sorbonne um grande congresso esportivo sob a organização do Barão de Coubertin, o congresso abordou o anúncio oficial da restauração dos Jogos Olímpicos, a discussão sobre amadorismo e profissionalismo. Por ocasião do congresso foi definida para 1896, em Atenas, a realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2008). Diante dos fatos pesquisados, o estudo foi de grande relevância, pois através da disciplina os alunos puderam se familiarizar com o contexto histórico da mesma, compartilhando suas opiniões e experiências vivenciadas no decorrer do trabalho, na busca de formar profissionais preocupados com a história da educação física.

Palavras-chave: História; Educação Física; Esporte.

REFERÊNCIAS

GODOY, L. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo, Editora Nova Alexandria, 1996.

RAMOS, J.J. **Os exercícios físicos, na história e na área: do homem primitivo aos nossos dias**. I Ed. São Paulo: IBRASA, 1982.

SIGOLI, Mário A.; ROSE JUNIOR, Dante. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 111-120, 2008.

TUBINO, Manoel José Gomes T885, **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação** – Maringá, Eduem, 2010.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Pôster

**ASPECTOS RELACIONAIS DA CRIANÇA COM AUTISMO EM SITUAÇÃO
DE BRINCADEIRA**

Fabiana Zanol Araujo²¹

José Francisco Chicon

Segundo a Autism Society of América (ASA, 2000) — o autismo é um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade. Para Oliveira e Victor (2016, p. 3) “O autismo é uma síndrome cujas principais características definidas nos manuais diagnósticos têm sido os comprometimentos na interação social, na comunicação e na imaginação”. Nos reportando a literatura sobre o assunto, identificamos que autores como Jordan (2000), Orrú (2007), Chiote (2011), Chicon et al. (2016), Oliveira et al. (2016), reconhecem a dificuldade de interação das crianças com autismo com outras crianças, mesmo assim, são otimistas em afirmar melhoras positivas nesse comportamento, quando colocadas em um ambiente educacional acolhedor e que acredita no potencial humano. Nesse sentido, o estudo tem por objetivo compreender os aspectos relacionais de crianças com autismo na interação com os colegas e com os adultos durante a realização de brincadeiras em uma brinquedoteca universitária. Como objetivos específicos concebemos: identificar os aspectos relacionais da criança com autismo com os adultos em um contexto inclusivo; analisar a relação da criança com autismo com os colegas na realização de brincadeiras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, assim, Ludke e André (2013) enfatizam que os estudos de caso podem ser instrumentos valiosos, pois possibilitam descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto em que se

²¹ Contatos dos autores: fabianazanol@terra.com.br; chiconjf@yahoo.com.br.

manifestam, tendo por base os estudos na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano (VIGOTSKI, 1982, 1997). Nesse sentido, apoiados nos postulados dessa perspectiva, entendemos que avanços nas interações sociais em crianças com autismo ocorrerão na medida em que o contexto em que vivem lhes possibilitem ricas experiências de interação e de interlocução. Para proceder ao estudo de campo, será usada a base de dados organizada pelo professor Dr. José Francisco Chicon, coordenador de uma pesquisa em andamento intitulada “O brincar da criança com autismo na brinquedoteca: inclusão, mediação pedagógica e linguagem”, que teve início em março de 2016, com duração de três anos, e tem apoio da FAPES (Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo). O banco de dados organizado, contem 24 aulas realizadas durante o período de março a novembro de 2016, com registros em videogravação; registros de diário de campo, fotografias e entrevista semiestruturada realizada com os familiares das crianças com autismo integrantes da proposta. Os participantes foram 17 crianças, com idades de três a seis anos, sendo dez crianças não deficientes de um Centro de Educação Infantil (CEI), seis com autismo e uma com síndrome de Down, pertencentes ao município de Vitória/ES. Elas foram atendidas por 13 estagiários do Curso de Educação Física, em um encontro semanal, todas as quintas-feiras, das 14 às 15 horas. Durante as intervenções, os estagiários assumiam funções de conduzir a aula, acompanhar as crianças com deficiência e registrar as aulas por meio de videogravação e fotografias. Cabe salientar que, para os fins deste estudo e delimitação da investigação, imergimos no conteúdo dos vídeos e elegemos, dentre os participantes, como sujeitos foco, uma professora/brinquedista e uma das crianças com diagnóstico de autismo. Esperamos com o resultado da pesquisa encontrar pistas que revelem os modos de interação de crianças com autismo com seus pares e com os adultos na realização de brincadeira em uma brinquedoteca universitária.

Palavras-chave: Educação Física. Autismo infantil. Interação. Brincadeira.

REFERÊNCIAS

AUTISM SOCIETY OF AMERICA. **What is autism?** Advocate: The newsletter of the Autism Society of America, 33, 3. Guidelines for theories and practices. 2000.

CHICON, J. F. et al. Educação física e inclusão: a mediação pedagógica do professor na brinquedoteca. **Movimento Revista da Escola de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v.22, n. 1, p. 279-292, jan./mar. 2016.

CHIOTE, F. de A. B. **A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo na educação infantil**. 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

JORDAN, R. **Educação de crianças e jovens com autismo**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, I. M. de; VICTOR, S. L.; CHICON, J. F. Montando um quebra-cabeça: a criança com autismo, o brinquedo e o outro. **Revista COCAR**, Belém, v.10, n.20, p. 73 a 96 – ago./dez. 2016.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. São Paulo: Wak, 2007.

VIGOTSKI, L.S. **Obras escolhidas**. Volume III. Madrid, Visor, 1982.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas: fundamentos de defectología**. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
FÍSICA: UMA ANÁLISE DOS DISCENTES, DOCENTES E GESTORES**

Silvana Clares Vieira²²

André Luis Façanha da Silva

Ana Luisa Batista Santos

O tema da avaliação na formação profissional no Brasil, não é algo novo, embora, se tenha um acúmulo de concepções, técnicas e métodos de avaliação, ainda nos deparamos com diferentes direcionamentos nos cursos de Educação Física. É notória a importância da avaliação para manter a qualidade do objeto avaliado, pois ela tem como finalidade conhecer os fatores positivos, apontar os equívocos e insuficiências e com base nisso buscar seu aperfeiçoamento ou reformulação (BELLONI; MAGALHÃES; SOUSA; 2007). A autoavaliação constitui um método de avaliação que possibilita aprimorar a qualidade, e sendo aplicada a formação superior é possível investigar as dimensões didáticas pedagógicas, corpo docente e infraestrutura. O presente estudo tem como objetivo avaliar a qualidade das dimensões didático-pedagógica, corpo docente e a infraestrutura, do curso de educação física de uma universidade pública no interior do Ceará, sob a ótica dos discentes, docentes e gestores. Estudo com abordagem quantiqualitativa, exploratória e descritiva com triangulação de técnicas e métodos, onde utilizou-se de um questionário de escala ordinal para classificação de padrões de qualidades, entrevista semiestruturada e análise documental de imagens, dos currículos lattes, trabalhos de conclusões de curso (TCC) e do projeto político pedagógico do curso (PPP). Para classificação da qualidade do curso utilizamos a técnica de análise estatística simples, nas entrevistas e documentos análise temática de Minayo (2006), foram os referencias ancorados para tratamentos dos dados e informações. Aplicadas em

²² Contatos dos autores: silvana_clares@hotmail.com; andre_facanha@hotmail.com; luisa.batista@uece.br.

nove estudantes, sete docentes e quatro gestores no período de quatro meses, em um curso em Licenciatura de Educação Física no Centro-Sul do Ceará. Através desse estudo, permitiu um acesso e visibilidade aos discentes, docente e gestores, que no primeiro momento colaboram com a classificação por parâmetros estatísticos, em seguida, norteou um maior aprofundamento dos seus resultados, em destaque o que ficou regular e satisfatório nas três dimensões. As entrevistas possibilitaram diferentes olhares que colaboram para maiores esclarecimentos das subdimensões escolhidas. Na dimensão didática pedagógica observamos avanços e limites no acompanhamento pedagógico na iniciação científica (IC), bem como dificuldade no acesso ao processo seletivo dos editais de IC pelos estudantes, e ausência de critérios de avaliação dos projetos de pesquisa, segundo os docentes e gestores. Na infraestrutura foram apontados o acervo bibliográfico como insuficiente e desatualizados e a urgência para implantação do comitê de ética em pesquisa (CEP), pois os estudos com seres humanos são realizados sem o parecer do CEP. Na dimensão corpo docente a formação inicial (licenciatura ou bacharel), a experiência no magistério superior e a pós-graduação dos professores foram apontados como fatores que influenciam atuação docente, embora a rotatividade seja decorrentes de que todos(as) são temporários, comprometendo o vínculo com curso. Ainda nessa dimensão a concepção pedagógica do curso conforme o PPP tanto os docentes, os discentes e gestores colocaram a necessidade de alinhamentos teórico e metodológico para o ensino reflexivo. Nesse sentido, os participantes do estudo manifestaram reconhecimentos, limitações, insatisfações, continuidades, potencialidades, fragilidades e avanços, de certo modo, os resultados trouxeram uma panorâmica crítica sobre as três dimensões analisadas. Embora o curso se encontre satisfatório, a pesquisa propõe que as necessidades sejam incorporadas para tomadas de decisões a que venha reduzir os problemas identificados, ampliação das potencialidades presentes, e superar os novos desafios rumo ao avanço do curso.

Palavras-chave: Formação. Autoavaliação. Educação Física.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº. 10.881, de 14 de abril de 2004.

BRASIL, Resolução CNE/CES nº. 7, Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, de 31 de março de 2004.

BELLONI, I.; MAGALHÃES, H.; SOUSA, L. C. Metodologia de Avaliação em Políticas Públicas – uma experiência em educação profissional. 4. ed. São Paulo; Cortez, 2007.

COHEN E MANION (1990 p 138) A pesquisa Qualitativa na educação física alternativas metodológicas. Porto Alegre 2010.

DAMASCENO, E. A. O Trabalho Docente No Movimento De Reformas Educacionais No Estado Do Acre. 2017.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2006.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Relato de Experiência

**CORPOS LÚDICOS, RELACIONAIS E CRÍTICOS: UMA EXPERIÊNCIA
DOCENTE NO ENSINO DA DANÇA**

Milainy Ludmila Santos Goulart²³

Antonio Carlos Moraes

Este texto relata uma experiência docente no primeiro curso de Especialização em Ensino da Dança, ofertado pelo Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. No ano de 2018, ao iniciarmos o curso de especialização, nos preocupamos em provocar reflexões entre professores em formação continuada sobre o trato pedagógico no ensino da dança. Na disciplina “Métodos e Processos de Ensino da Dança”, nossas reflexões e discussões problematizaram a forma que concebemos o ensino da dança nos mais diversos espaços formativos, como escolas, projetos comunitários, academias de dança, universidades, entre outros. Nesse sentido, propusemos uma vivência teórica e prática com os professores que participavam de tal discussão. A aula foi dividida em três principais e não desconexos momentos. Iniciamos com a leitura, reflexão e discussão de um texto de Isabel Marques (2011). Naquele momento, pudemos expressar questões do nosso cotidiano pedagógico, nossas angústias, dificuldades e potencialidades sobre o ensino da dança. Posteriormente, realizamos uma vivência dançante que envolvia abraços e olhares entre os participantes, fundamentada nas músicas interpretadas por Ceumar - Alguém total e Seu olhar – e no livro de Kathleen Keating (1983; 1987). Por fim, produzimos desenhos com giz de cera sobre o que vivemos, sentimos, problematizamos e construímos naquela aula com roda de conversa de apresentação das imagens. Ao abordar os processos de ensino da dança Marques (2011) aponta que muitas vezes a atuação docente volta-se para uma prática que busca formar “corpos conchas”. Forjamos conchas para que os alunos se escondam,

²³ Contatos dos autores: milainy_ludmila@hotmail.com; moraes_2002@yahoo.com.br.

se isolem ou se esqueçam e se distanciem das suas realidades. Defendendo o ensino da dança a partir da ideia de “corpos sociais”, Marques coloca que o corpo social não é dissociado do mundo. Os corpos sociais são entrelaçados por comunidades que se corporificam e imprimem nos corpos modos de ser e estar em sociedade. Nesse sentido, é necessário que nossos projetos educacionais se voltem para educação de corpos relacionais, lúdicos e críticos. A circunstância educacional lúdica está relacionada à criação e ao estabelecimento de vínculos que acontecem eminentemente dançando. Corpos que brincam estabelecem vínculos com os outros e com o mundo em que vivem. Corpos que dançando criam vínculos desvendam-se em corpos relacionais. São corpos que estimam a comunicação, o olhar, a consideração e o diálogo com o outro e consigo mesmo, estabelecendo assim redes de relações através dança. Os corpos lúdicos e relacionais também devem ser corpos críticos. Corpos críticos são corpos capazes de se distanciar e criar uma consciência do vivido, analisando outros pontos de vista e se inquietando com compreensões superficiais ou universalizantes. A criticidade corporal incorporada à ludicidade e ao estabelecimento de redes de relações em salas de aula é o que possibilita a educação de corpos cidadãos. Os corpos cidadãos optam por dançar, escolhem o que dançar, quando dançar e como dançar. São corpos sociais que dialogam e constroem o mundo em que vivem dançando (MARQUES, 2011). Questionar e problematizar a forma com a qual pensamos o ensino da dança a partir de um embasamento teórico e prático nos permitiu concluir que deveríamos, como professores, nos apropriar da dança para fazermos diferença nos nossos corpos e no mundo em que vivemos. Pensar o ensino da dança a partir dos corpos lúdicos, relacionais e críticos é permitir que enxerguemos o outro e a nós mesmos pelos pensamentos, percepções, histórias, sensações e emoções alheios e próprios. Ensinar a dança está além de ensinar um conjunto de passos característicos. O ensino da dança deve reconhecer o outro e a nós mesmos como corpos sociais em seus modelos de gênero, etnia, religião, idade, orientação sexual, biótipo e classe social.

Palavras-chave: Especialização. Ensino da Dança. Métodos e Processos. Corpos sociais.

REFERÊNCIAS

CEUMAR. **Alguém total**. Álbum Achou!. São Caetano do Sul: MCD World Music. 2006. CD.

CEUMAR. **Seu olhar**. Álbum Silencia. São Paulo: Circus. 2014. CD.

KEATING, K. **A terapia do abraço**. Editora Pensamento, São Paulo, 1983.

KEATING, K. **A terapia do abraço 2**. Editora Pensamento, São Paulo, 1987.

MARQUES, I. Notas sobre o corpo e o ensino da dança. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 8, n. 1, p. 31-36, 2011.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELAÇÃO DA HISTÓRIA
DE VIDA DO PROFESSOR COM E A MATERIALIZAÇÃO DE PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INOVADORAS**

Flaviele Fagundes Ribeiro²⁴

Adrielle Lopes de Souza

Wanderson de Amaral Portilho

Narrar minha história de vida é pertinente para a compreensão de minha trajetória acadêmica e profissional. Por isso, é importante resgatar vivências marcantes desde a infância até a conclusão da graduação em Licenciatura em Educação Física. Mas será possível na minha infância haver acontecimentos que efetivaram a minha trajetória? Será que minha formação escolar trouxe subsídios para a minha formação acadêmica? Minha vida pessoal propõe fatos relevantes? E a família desempenha papel significativo neste processo? Ao pensar nessas questões é possível afirmar que sim, são relevantes, pois é uma via de mão dupla, onde os acontecimentos se entrelaçam, deixando suas marcas que ficam evidentes durante o processo de tornar-se professor. Neste sentido, constituem-se como objetivos deste trabalho: discutir a inovação pedagógica em educação física a partir da história de vida do professor, afim de melhor compreender e analisar como as escolhas e os contextos de formação e atuação docente podem influenciar na possível materialização de práticas inovadoras na educação física escolar; analisar a produção teórica da área a respeito da inovação pedagógica, para entender o que tem sido chamado de “inovação pedagógica” em educação física escolar e identificar na história de vida do professor, os caminhos que favorecem ou dificultam a materialização de práticas inovadoras em educação física escolar. Esta pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência, construído a partir das experiências e

²⁴ Contatos dos autores: flaviefagundes@gmail.com; adrielle.lopes@gmail.com; amaral.portilho@gmail.com.

relações estabelecidas nas atividades de Estágio Supervisionado, buscando identificar e compreender elementos da história de vida que de uma forma ou de outra contribuíram para o momento que se observava de sua prática. Nesse sentido, o momento de estágio, possui importância singular para o graduando, (Brasil, 2004). Assim, é preciso caracterizar a perspectiva de inovação pedagógica em Educação Física, mas afinal o que seria a inovação pedagógica? De acordo com Almeida (2017) a inovação pedagógica está relacionada com a promoção de “rupturas paradigmáticas” no campo da educação, de modo que não há um conceito de inovação próprio, uma vez que este abrange a forma de sentir, pensar e agir do professor, que está aberto à mudança. Nesse sentido, a ideia de inovação pedagógica se relaciona com processo, com o contexto, de forma que uma mesma ideia de inovação pode não ser exatamente aplicável em diferentes contextos. Outro ponto a se considerar é que sendo fruto de um processo de mudanças internas e externas, não se deve impor uma classificação da prática pedagógica do professor em função de um pequeno recorte no tempo, pois não parece justo com o professor. A partir disso a história de vida aparece como opção de compreender os caminhos de formação tomados pelo professor, fornecendo elementos que podem contribuir para melhor compreender o momento que se observa. É preciso compreender a relação da história de vida do professor e sua identificação com as práticas inovadoras, (Nóvoa, 1992 citado por Betti e Misukami, 1997) “a história de vida é atualmente, uma importante fonte de informação sobre a prática profissional docente”. Portanto, esta pesquisa, trouxe grande contribuição para minha formação profissional, pois a prática pedagógica em Educação Física escolar pouco tem se materializado e isso se deve porque a maioria dos professores tem optado por alinhamentos distantes da inovação pedagógica.

Palavras-chave: Educação física, Inovação pedagógica, História de vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de. **Educação física escolar e práticas pedagógicas inovadoras: uma revisão**. 2017. Disponível em:

<<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5312>.
Acesso em: 22 jun. 2018.

BETTI, Irene C. Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física**. 1997. Disponível em:
<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n2/3n2_ART07.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2018.

CNE. **Resolução nº. 7, de 31 de março de 2004**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação. Brasília/DF, 2004.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Pôster

**EDUCAÇÃO FÍSICA E OS PROCESSOS DE REAPROPRIAÇÃO DO
MOVIMENTO CORPORAL DA RELIGIOSIDADE AFRICANA**

Ana Paula Rodrigues Santos²⁵

Murilo Nazario

O sentido e significado de Cultura Corporal utilizado pela Educação Física alicerçam-se na compreensão ampla do sujeito cultural, que se desdobra para o conjunto de movimentos e hábitos corporais de um grupo específico. Assim, o corpo é uma síntese da cultura, porque traz consigo e expressa elementos específicos de sociedade para sociedade. Desse modo, dentre as confluências entre o corpo e o lugar cultural pertencido estão as práticas corporais de matriz africana expressas por danças, lutas, jogos e brincadeiras, que por vezes se aproximam do religioso, formando uma conexão entre homens, sagrado e a natureza. Do mesmo modo é importante dizer que existe uma pluralidade da própria formação do homem e da mulher afro-brasileiro e as alteridades que se somaram para formar esta identidade que por sua vez pode ser revelada em suas corporeidades. As nuances corporais estão presentes no contexto sociocultural afro-brasileiro, nos cânticos durante os afazeres do trabalho, nas danças e suas confluências com movimentos de lutas formando uma unidade, também é possível perceber durante as celebrações religiosas de adoração aos orixás, que as brincadeiras se misturam aos festejos. Uma vez que a ação corpórea possibilita e colabora no contato e na experiência com o sagrado desse tipo de religiosidade. Desta forma é possível perceber nuances de uma Cultura Corporal do Movimento Afro-brasileira que revela-se muitas vezes de modo marginal. Assim a educação física enquanto área que compartilha as diferentes práticas corporais na perspectiva cultural, deve compreender como a instância religiosa perpassa o interior dessas práticas lhes apresentando novos usos e consumos em seus

²⁵ Contatos dos autores: anarodriguez.vivo@gmail.com; murilo_nazario@hotmail.com.

diferentes espaços de atuação, sem com isso abandonar a gênese formadora que envolve o contexto dessas práticas. Uma das tensões descritas na literatura refere-se a conotação que partes do Cristianismo contemporâneo consideram e atribuem como profanas, ou seja, que devem ser repudiadas. Por consequência esses elementos incidem no contexto da Educação Física, que se responsabiliza pelo compartilhamento da cultura corporal de movimento, esportes, lutas, danças, ginásticas, jogos e brincadeiras. Com isso chega-se ao seguinte problema de pesquisa: como a dimensão religiosa perpassa as expressões corporais de matriz africanas e como estas são compreendidas por graduandos em educação física? Esta pesquisa tem como objetivo identificar o conhecimento de graduandos em Educação Física sobre a cultura corporal presente nas manifestações africanas, e compreender como este tipo de saber foi constituído por esses futuros professores e como os mesmos consideram a possibilidade de compartilhamento pedagógico em suas práticas profissionais, ao término de sua formação. A pertinência desta pesquisa reside em sua possibilidade de ampliar o conhecimento e vivências em relação às práticas corporais, a partir daquelas de matriz africana, a ser compreendido, organizado, sistematizado e compartilhado por graduandos em Educação Física. Ademais estudos desta natureza são importantes pois possibilitam compreender as limitações e possibilidades de apresentar as práticas corporais africanas como conteúdo de ensino e compartilhamento nos diferentes contextos de atuação profissional em Educação Física. Ainda, possibilitam ampliar os pressupostos analítico que envolvem a presença da dimensão religiosa no contexto dessas práticas. Para tanto será desenvolvida uma pesquisa ação existencial junto a graduandos, inclusive a pesquisadora, em Educação Física, a fim de compreender como essa relação entre Práticas Corporais e Religiosidades Africanas são compreendidas pelos mesmos durante sua trajetória de formação inicial e se os mesmos percebem como as questões corpóreo-religiosas podem vir a perpassar nos diferentes contextos de sua atuação profissional. Dessa forma, optou-se pela técnica das entrevistas narrativas com intuito de mergulhar nas marcas da subjetividade individual desses acadêmicos, para que seja possível extrair as diferentes percepções sobre a presente temática.

Palavras chaves: Religiosidades africanas - cultura, corporal - religioso - Educação Física.

REFERÊNCIAS

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papirus, 1995.

SOARES C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

GUERRA, D. Corpo: Som e Movimento, Um olhar sobre a cultura corporal de movimento afro-brasileira construída a partir da corporeidade africana. **Revista África e Africanidades**, Ano I, n. 2, Agosto. 2008. 1-6p

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**EXTENSÃO EM MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO AO CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO: NO PERÍODO
DE 2008 A 2017**

Evellyn Honorato Neves²⁶

Ubirajara de Oliveira

Este estudo buscou resgatar informações sobre a extensão universitária do Centro de Educação Física e Deporto (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tomou como orientador a sua relação com a cultura local e com a responsabilidade social e assim foi possível identificar o impacto histórico da extensão no CEFD nos dias atuais. Para isso, foi importante a associação com o tripé institucional que é composto pelo ensino, a pesquisa e a extensão, e segundo Serrano (2013) estes estão de forma indissociável para a ideia de universidade e que nesse sentido a extensão é o eixo do tripé institucional que dialoga com a sociedade através dos projetos e programas que atuam na realidade social (MONTEIRO E SACRAMENTO, 2011). Para a extensão conseguir cumprir o seu papel na universidade esta precisa “evitar que seja orientada para atividades com o intuito de arrecadar recursos extra orçamentários”. (SANTOS, 2005, p. 54). Para encontrar estas respostas este estudo se deu a partir da utilização do método de pesquisa bibliográfica com análise documental com uma abordagem qualitativa que é a fonte direta para se coletar dados, interpretar fenômenos e que assim foi possível atribuir significados através do ambiente natural (FREITAS; PRODANOV, 2013). A consulta foi realizada com base nos relatórios disponíveis na Pró Reitoria de Extensão (PROEX) da UFES que é o órgão responsável pela organização das ações de extensão dentro da Universidade. Foram consultados no total de 188 relatórios relacionados aos anos de 2008 a 2017. Este recorte temporal foi escolhido devido a maior quantidade de acervo que estava disponível para consulta no PROEX, pois nos

²⁶ Contatos dos autores: evellynneves@hotmail.com ; ubioliveira@gmail.com .

anos anteriores os arquivos estavam comprometidos. Os relatórios selecionados eram apenas relatórios finais e parciais impressos de ações de extensão do CEFD que foram enviados pelos coordenadores ao final de suas ações e estavam guardados em pastas por ordem alfabética juntos com outros documentos. Para uma melhor organização do estudo estes foram separados por anos de 2008 a 2017, o que permitiu compreender os impactos da extensão no CEFD relacionados as ações de extensão que aconteceram e os que ainda estão ativos. Ao final do estudo foram comparados e separados por ações temáticas da extensão relacionados as políticas públicas e analisou como a extensão do CEFD/UFES atua na vida da comunidade interna e externa. Sendo assim, se concluiu que a maioria dos projetos se justificaram na fala de oferecer e dar oportunidade a comunidade de vivenciar a prática, entretanto deixaram claro que durante esses 10 anos de extensão tiveram muitas perdas, pois a Extensão sofreu cortes orçamentários e tiveram bolsas perdidas nos projetos, o que dificultou a continuidade de muitos e até o fim de outros, em contrapartida foi possível visualizar que muitos professores do CEFD se dedicaram em sua maioria a pelo menos uma ação de extensão. Isso significou que baseado nos relatórios que de certa forma o CEFD se preocupou em trabalhar diretamente com as áreas temáticas da Extensão. Dito isto, este estudo alcançou os objetivos propostos e observou que há necessidade de continuar preservando a extensão no CEFD de forma gratuita, para continuar trazendo sua memória para comunidade interna e externa, além de manter a busca pela excelência de suas ações em relação a responsabilidade social e respeitando a cultura local, para assim, corresponder ao significado de extensão universitária.

Palavras-chaves: Extensão Universitária. Extensão no CEFD. Tripé Institucional da Universidade.

REFERÊNCIAS

MONTEIRO, E; SACRAMENTO, M. Para repensar a extensão universitária: contribuição do diálogo entre Paulo Freire e Boaventura de Souza Santos. Rio de Janeiro: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 2011

SANTOS, B. S. (2005). Pela mão de Alice. São Paulo: Cortez. _____. (2004) A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez.

SERRANO, R. M. S. M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. EXTELAR - Grupo de Pesquisa em Extensão Popular, 2013. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf. Acesso em: 06 nov 2017

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Pôster

**FÉ FITNESS: AS IGREJAS EVANGÉLICAS E A OFERTA DE ATIVIDADES
FÍSICAS ESPECIALIZADAS**

*Ana Carolina Capellini Rigoni
Victória Bastos Marotta Valente²⁷*

Em 2011 a equipe jornalística da BBC noticiava a expansão crescente do mercado evangélico no Brasil e no mundo e alertava para a falta de estudos sobre este mercado bilionário. Segundo a notícia²⁸, os cálculos de um professor de Ciências do Consumo apontavam para uma movimentação de 12 bilhões por ano em produtos e serviços cristãos, sendo que a maior parte deste valor era destinada principalmente aos evangélicos, que crescem em número e em importância econômica no país. Dentre os elementos e segmentos que compõem este mercado, há, hoje, a oferta de atividades físicas especificamente voltadas ao público evangélico. Refiro-me às diversas academias de ginástica que têm cada vez mais aproveitado este novo nicho de mercado e ofertado diversas atividades sob a denominação de “gospel”. Que representam o que alguns autores, como Almeida (2010), por exemplo, chamam de “modernização” desta vertente religiosa, para crentes que desejam cuidar do corpo sem “ofender” à Deus. O termo “fé fitness” utilizado para anunciar este projeto é o título de uma matéria que saiu no jornal “Gospel Prime: o cristão bem informado”²⁹. A matéria anuncia o empreendimento de mega igrejas norte-americanas, que estão construindo academias de ginástica de alto nível “para atrair novos membros do rebanho”. Como afirmam Santos e Mandarinó (2005), as igrejas parecem perceber a importância de orientar e organizar o tempo livre e as atividades dos fiéis para além de sua presença nos cultos. Nesta organização do tempo e das atividades, eles percebem que precisam introduzir a Igreja

²⁷ Contatos dos autores: anacarolinarigoni@yahoo.com.br; vivibmv1@gmail.com.

²⁸ Ver link: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/09/110825_negocios_evangelical_pai.shtml

²⁹ Acessado em 06/05/2018: <https://noticias.gospelprime.com.br/fe-fitness-igrejas-academias-aumentar-rebanho/>

ao cotidiano dos jovens fora de casa, nos encontros coletivos, espaços sociais e, mais recentemente, na gestão de seus corpos em relação a saúde e a atividade física. Dada a tensão entre a instituição religiosa e o “mercado do corpo” que disputam, conhecimentos e “verdades” entre si, para não arriscar perder fiéis para o mercado, as igrejas têm, cada vez mais, transformado as práticas antes proibidas em práticas aconselháveis, desde que “filtradas” pela própria igreja (atribuindo sentidos menos mundanos). Estes debates sobre o tema aparecem em discussões promovidas na e pela internet. Muitos são os sites, blogs e páginas na rede que servem de espaço para estas disputas. As perguntas que mais aparecem são: “o cristão pode fazer musculação? Os evangélicos podem ir para a academia? Em meio a estas questões principais, outras são levantadas para aquecer o debate. Elas envolvem temas como vaidade, idolatria corporal, o corpo como sede do Espírito Santo, Deus e os cuidados com a saúde, entre outros. Partindo deste cenário, o que interessa neste projeto, é a compreensão sobre os modos como estes debates e disputas estão sendo produzidos na internet. Nosso objetivo é analisar as concepções e posicionamentos dos evangélicos que defendem e daqueles que atacam as ofertas de atividade física para os fiéis, bem como os significados por eles produzidos em seus discursos. Em outras palavras, o que interessa é justamente o debate produzido pelos evangélicos no campo. O material empírico que será utilizado como base para as análises será coletado na internet. A técnica metodológica utilizada corresponde, ao que Flick (2009) denomina de “análise de documentos online”.

Palavras-chave: Atividade física. Evangélicos. Internet.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. Religião em Transição. In: **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia**. São Paulo, ANPOCS, p. 367-405, 2010.

FLICK, U. A pesquisa qualitativa online: a utilização da Internet. In: _____.
Introdução a pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 238-253.

SANTOS, E. S.; MANDARINO, C. M. **Juventude e Religião: cenários no âmbito do lazer**. Rever, São Paulo, n. 3, ano 5, 2005.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA GRADUAÇÃO: A ESCRITA NO
PROCESSO DA PESQUISA**

*Macloff Pereira Gomes*³⁰

A obra em andamento, é fruto do Programa Integrado de Bolsas PaEPE I-UFES ligado a monitoria da disciplina do quarto período do bacharelado do Centro de Educação Física e Desportos com o nome de Introdução à Pesquisa. Com o título “formação em educação física na graduação: a escrita no processo da pesquisa”, o texto tem por objetivo falar sobre a escrita como ferramenta de potência no processo de formação do professor de educação física, e no processo de pesquisa acadêmica fazendo uma reflexão teórica da escrita. Para fundamentação teórica foi utilizado (BRACHT; CAPARROZ, 2007) e FOUCAULT, 1983). Com intuito de produzir conhecimento no campo da Educação Física/práticas corporais com ideias fortes que os autores trazem como: “(...) A necessidade de escrever surge tanto da necessidade de alguém se compreender, como também de se fazer compreendido como autor para ser educador e vice-versa (...)”.(BRACHT, CAPARROZ, 2007, p.32). Desse modo, “a escrita que ajuda o destinatário arma aquele que escreve - e eventualmente terceiros que a leiam” (FOUCAULT, 1983, p.155). Questionamentos norteadores que motivaram a construção desse texto sobre essa ação, são “qual seria uma boa ferramenta para pensar e criticar uma aula?”, “como identificar as dificuldades de executar uma aula?”, “como a escrita de um pré-projeto de trabalho de conclusão de curso pode agir na formação do professor de Educação Física?” e “como a escrita pode auxiliar o professor em formação a refletir/organizar /ser autônomo para à preparação de uma aula?”. Questionamentos que podem ser anualizados sob o processo de uma atividade, escrevendo!. As respostas para as perguntas levantadas anteriormente não precisam ser fixas à ação de escrever, porém acreditamos que essa ação de reflexão/escrita permite operar de modo mais produtivo

³⁰ Contato do autor: macloffbest@hotmail.com.

essas indagações levantadas. Para que isso ocorresse, utilizamos da metodologia com base em Gil (2012), através de uma análise de pesquisa qualitativa com aplicação de questionários semiestruturados em alunos da disciplina Introdução à Pesquisa do CEFD-UFES nos períodos de 2017-2 e 2018-1, e análise quantitativa com comparação de gráficos que foram construídos desses questionários. Foram aplicados em duas turmas no período de 2017-2 e 2018-1, e a partir da análise das respostas dos alunos, observamos que grande parte deles acreditam que o processo de escrever é algo difícil, porem necessário para a formação do professor de Educação Física. Os alunos compreendem que o processo da escrita é necessário não só para a conclusão da graduação, mas para quem tenha interesse na vida acadêmica e identificam claramente a relação entre a pesquisa como um elemento importante articulado à formação do professor de Educação Física e ainda a relação da pesquisa com a intervenção profissional. Por fim, acreditamos que depois de concluído o conhecimento produzido pela pesquisa, o mesmo poderá ajudar os alunos de graduação em educação física no momento de produzir trabalhos científicos mais fluidamente, no processo de conhecimento de uma determinada disciplina, na escrita de um trabalho de conclusão de curso e na preparação/intervenção/criação de uma aula prática. Concluímos que o escrever não é uma expressão humana vaga, mais sim uma ferramenta de fundamental na vida acadêmica e profissional.

Palavras-chave: Formação. Educação Física. Graduação. Pesquisa. Escrita.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V; CAPARROZ, F. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte. Campinas**, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007 disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/53/61> acesso em: 10/11/2017.

FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade e Política**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 2006

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição. São Paulo. Atlas S.A. 2012.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Relato de Experiência

**INTRODUÇÃO À DOCÊNCIA: A FORMAÇÃO INICIAL E OS PRIMEIROS
CONTATOS COM O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Adrielle Lopes de Souza³¹

Franciane Drumond Soares Campos

Moisés Nunes Silva

Ao ingressar no ensino superior, o estudante de Educação Física se depara com inúmeras mudanças de compreensão acerca do curso em questão. Muitos acadêmicos possuem uma visão restrita do curso, assimilando-o como meramente procedimental. Porém, essa visão limitante é confrontada no momento em que este inicia a graduação, e entra em contato com as primeiras disciplinas, especialmente àquelas que refletem a docência. Assim, o presente esboço tem o objetivo de refletir sobre as primeiras aprendizagens dos graduandos do curso de Educação Física, especialmente ao entrar em contato com a disciplina de Introdução à Docência no início da sua formação inicial. Trata-se de um relato de experiência em que dois acadêmicos dialogam sobre as contribuições que a disciplina Introdução à Docência, a qual compõe a grade curricular do primeiro período do curso de Licenciatura em Educação Física de uma Instituição de Ensino Superior da Zona da Mata mineira, situada na cidade de Manhuaçu-MG. No decorrer do primeiro período do curso de Licenciatura em Educação Física, especialmente a partir das aprendizagens construídas ao longo da disciplina de Introdução à Docência, os acadêmicos compreenderam que este curso aborda os conteúdos da Educação Física escolar numa perspectiva que garante a coexistência das três dimensões do conteúdo (conceitual, procedimental e atitudinal), de modo a destacar os principais elementos trabalhados neste período e os conceitos que foram cruciais para melhor compreender a docência. As experiências adquiridas antes do ingresso no curso

³¹ Contatos dos autores: drika_uesb@hotmail.com; yuuka23drumond@gmail.com; moises.nunes.77377@gmail.com.

de formação superior seja ela na escola ou fora dela se configuram como experiências sócio corporais, as quais geralmente nos fazem compreender o saber como um conceito equivalente à prática, posteriormente aprendido como saber procedimental. Assim, muitas vezes os discentes confundem o realizar movimentos corretos com o conteúdo da disciplina, levando-os a acreditarem que serão bons docentes se souberem a execução corretas desses movimentos, julgando as matérias de cunho pedagógico e didático de menor importância. A compreensão do saber, de acordo com Figueiredo (2004), é construída a partir de relações cotidianas estabelecidas de forma dinâmica com o sujeito. Essas relações podem ser epistêmicas, em que o sujeito busca apoderar-se do domínio de uma atividade que o corpo se apropria, e identitária, na qual há uma dependência entre a ligação do sujeito com ele mesmo e com o mundo. Nesse contexto adquirimos uma visão muito ampla com relação aos saberes. Os conhecimentos trabalhados na matéria de Introdução à docência permitiram derrubar a ideia que a maioria dos discentes possui a respeito do ensinar, que relaciona diretamente o saber ensinar ao saber fazer. Assim, é possível ensinar sem o domínio do saber fazer, do mesmo modo que saber fazer não significa saber ensinar. O conhecimento teórico e histórico das atividades é importante e leva o docente a uma dimensão que o permite ensinar o aluno mesmo sem realizar os movimentos da atividade. Portanto, foi possível compreender o curso de Licenciatura em Educação Física para além do saber fazer, ou saber executar corretamente algum movimento. Fica conclusivo que não há docência sem uma flexibilidade, sem uma imersão no cotidiano do discente, sem uma compreensão do sujeito, de suas dificuldades, suas diferenças, suas relações afetivas e cognitivas e que também é indissociável para um saber completo um domínio da teoria e prática.

Palavras-chave: Docência, Formação Inicial, Educação Física.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Z. C. C. **Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber.** Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 1, 2004.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**MAPEAMENTO DOS APLICATIVOS SOBRE EXERCÍCIO FÍSICO:
INCURSÕES INICIAIS ACERCA DOS USOS E CONSUMOS DESSES
DISPOSITIVOS**

Leonardo Oliveira da Silva³²

Murilo Nazario

A fim de compreender os impactos das tecnologias no cotidiano do sujeito ordinário, esta pesquisa analisa, categoriza e quantifica o número de aplicativos nas plataformas, plataformas Play Store e IOS dos smartphones direcionados ao exercício físico. Uma vez que o cyberespaço tem assumido um lugar de destaque na sociedade atual, haja visto as diferentes possibilidades de interação que são produzidas entre sujeito e máquina, conexão que tem causado uma transformação na maneira como os indivíduos se comunicam, produzindo um ambiente de interação onde as pessoas estão conectadas por meio de algoritmos e códigos de programação que produzem avatares e perfis, que aparentemente substituem a necessidade de uma presença físico-corpórea no espaço. Também é possível perceber o cyberespaço como uma sintaxe espacial, ou seja, real e virtual se confundem como uma mesma estrutura, produzindo novos modos de pensar, de subjetividades, de relações que podem ser usados e consumidos por meio de diferente plataformas, hardwares e softwares, além de outros arquétipos tecnológicos. Um dos arquétipos mais utilizados, atualmente, são os smartphones que por meio de aplicativos proporcionam essa nova maneira de comunicação e interação. Dessa forma neste estudo de natureza quanti-qualitativo foram mapeados 189 aplicativos na plataforma Play Store e 174 aplicativos na plataforma IOS, no período de 06 / 11 / 2017 a 19 / 11 / 2017. A partir da análise estrutural das especificidades de suas interfaces foi possível organizá-los em 10 categorias, sendo elas “exercícios para alongamentos”, que

³² Contatos dos autores: leoolis94@gmail.com; murilo_nazario@hotmail.com.

são aplicativos específicos para prática do alongamento - “exercícios de acompanhamento diário”, aplicativos em que se utiliza a ferramenta para rever treinos, ficha de academia, monitoramento de distância percorrida de bicicleta, correndo e caminhando, na perspectiva de acompanhamento de um personal com o aluno; “exercícios para o público infantil”, destinados ao público infantil, com exercícios específicos e tutoriais de brincadeiras diversas - “exercícios de desafios”, que desafiam as pessoas a perder peso e se condicionar em apenas alguns dias, ou seja, estabelece metas a serem atingidas pelo consumidor em um determinado período - “exercício para uso doméstico”, que recomendam ao usuário uma quantidade de exercícios para se praticar em casa, utilizando o que se tem no lar para auxiliar na prática - “exercícios variados”, que oferecem uma quantidade variada de exercícios sem enfatizar em apenas uma parte a ser condicionada, também oferecem informações sobre cada exercício e dicas de condicionamento físico - “exercícios localizados”, oportunizam uma quantidade variada de exercício para locais específicos do corpo, visando a melhoria por exemplo dos glúteos, braços, abdômen, pernas, etc.- “exercícios para deficientes físicos”, destinados ao deficiente físico com exercícios a serem praticados levando em conta as limitações da pessoa - “exercícios para o público feminino”, cujo público alvo são as mulheres, com exercícios que aparentemente permeiam o imaginário feminino, como aumento de glúteos e membros inferiores - “exercícios por tempo”, que são aplicativos que o usuário deve apenas fazer uma quantidade de exercícios em um período de minutos, este deve ser aplicado diariamente. Desse modo, a análise estrutural desses aplicativos bem como as narrativas deixadas pelos usuários em suas interfaces, possibilitam compreender os usos e consumos que esse arquétipo tecnológico tem produzido no cotidiano das pessoas, no que tange a prática do exercício físico. Com isso, é necessário ampliar as pesquisas e discussões sobre a presença desses aplicativos e os consumos produzidos pelas pessoas em seus cotidianos.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

O MALHAR COMO METÁFORA DA EXERCITAÇÃO FÍSICA

*Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho*³³

O objetivo desta pesquisa, que conta com o apoio financeiro da FAPEMIG, é realizar uma atividade de análise e interpretação sobre a utilização da palavra malhar como metáfora da exercitação física, com o foco direcionado para uma melhor compreensão dessa prática e/ou do fazer corporal físico-esportivo. Trata-se de um trabalho que pretende oferecer subsídios para compreender, por exemplo, por que muitas pessoas iniciam a prática de exercícios físicos e não dão continuidade (SANTOS; KNIJNIK, 2006), ou para a reflexão vinculada ao problema da motivação para a prática regular de atividades físico-esportivas (COELHO FILHO, 2014). Nesse sentido, ele poderá contribuir para a revisão crítica de metodologias e práticas vinculadas à exercitação física, conseqüentemente, para o surgimento de novos procedimentos, como também assumir relevância nos diferentes espaços em que o discurso sobre a adoção de comportamentos fisicamente ativos é elencado. É uma investigação que se estabelece ancorada à compreensão de que a metáfora tem sua historicidade; delineia-se em um campo enunciativo onde adquire lugar e status, que lhe apresenta relações com o passado e lhe descortina um futuro eventual (GREGOLIN, 2004). Conforme Ricoeur (1975, 2011), a união inédita de dois campos semânticos incompatíveis com as regras usuais da classificação cria a faísca de sentido constitutiva da “metáfora viva”; quando esta se junta à polissemia das entidades lexicais, nos termos do autor, passa a ser “metáfora morta”. Metodologicamente, esta pesquisa se desdobra em dois momentos. O trabalho ora apresentado corresponde ao primeiro momento, tempo em que nos aproximamos dos elementos da representação social do “malhar” através do “método de associação livre” (SÁ, 1996). Contamos com a participação voluntária de 194 pessoas

³³ Contato do autor: carlos.coelho@ufjf.edu.br.

adultas de ambos os sexos. Elas foram convidadas a colaborar com a pesquisa, citando de uma a três palavras ou expressões que lhes tenham vindo imediatamente à lembrança a partir do termo indutor (malhar). Do total de 436 evocações, registramos 137 diferentes que foram por sua vez reduzidas por afinidade semântica a seis categorias: saúde; beleza; exercício; sensação/sentimento; condição; sentido etimológico. Destacamos que a palavra malhar, nos dias atuais, no Brasil, é predominantemente associada pelo senso comum à exercitação física e suas conexões, o que justifica o fato de a mesma ter se juntado à polissemia das entidades lexicais com o significado de “fazer ginástica vigorosa visando a musculação ou emagrecimento” (FERREIRA, 2004). Quando focamos no propósito de formular hipóteses acerca do acontecimento de emergência da palavra malhar como metáfora (viva) da exercitação física, as evocações nos fornecem elementos que permitem entrever certa historicidade, estabelecendo relações com o sentido etimológico da palavra em tela. Portanto, ainda que o corpo que “malha” possa remeter para a imagem de um corpo dotado de supervitalidade (TEIXEIRA; CAMINHA, 2010), ou o ato de “malhar” representar um meio de resistência às diferentes formas de decadência física (SANTOS; SALLES, 2009), importa considerar que o movimento de apropriação social da palavra malhar para caracterizar a prática do exercício físico tenha ocorrido ancorado, consciente ou inconscientemente, ao sentido etimológico de castigar o corpo, isto é, ao de violência contra uma matéria que deve ser moldada a golpes (HANSEN; VAZ, 2004; COELHO FILHO, 2007). É um movimento interpretativo que pode ser ilustrado com a seguinte sentença ficcional, inspirada nos dados coletados: “Sinto-me obrigada/o a praticar exercício físico para emagrecer, para ficar na moda, para ficar gostosa/o, musculosa/o, para exibir o meu corpo, para chamar atenção nas festas, mesmo tendo preguiça, apesar de não gostar, de gerar tédio e de ser chato; tanto mais, para praticar exercício físico é necessária disposição, energia, esforço e perseverança, ou seja, é preciso batalhar”.

Palavras-chave: Malhar. Metáfora. Exercício físico.

REFERÊNCIAS

COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. **Metamorfose de um corpo andarilho: busca e reencontro do algo melhor**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. **Narcisismo e sua relação com a prática de atividades físico-esportivas**. *Psicologia & Sociedade*, Minas Gerais, v. 26, n. 1, p. 194-203, jan./abr. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 135-152, set. 2004.

RICOEUR, Paul. **La métaphore vive**. Paris: Le Seuil, 1975.

RICOEUR, Paul. **Escritos e conferências 2: hermenêutica**. São Paulo: Loyola, 2011.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SANTOS, Susan Cotrim; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Motivos de adesão à prática de atividade física na vida adulta intermediária. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 23-34, 2006.

SANTOS, Sandra Ferreira dos; SALLES, Adilson Dias. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 87-102, 2009.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. A supervitalidade como forma de poder: um olhar a partir das academias de ginástica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 203-220, jul./set. 2010.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL DO/NO CEFD/UFES E SUA
CONSTRUÇÃO HISTÓRICA: ENTRE PRÁTICAS, LUTAS E
REPRESENTAÇÕES (1994 - 2018)**

Brunella Silva de Oliveira³⁴

Jean Carlos Freitas Gama

Joana Sanches Brito de Souza

Omar Schneide

Elaborado em 1979, pelo professor Dr. Claudio de Moura Castro, o Programa Especial de Treinamento (atualmente Programa de Educação Tutorial) - PET, nasceu como um programa de excelência, que selecionava apenas os melhores alunos de determinado curso da graduação, para desenvolverem atividades extracurriculares, que visavam a promover uma formação de melhor qualidade. As atividades compreendiam o ensino, a extensão e, principalmente, a pesquisa, pois um dos mais relevantes objetivos iniciais do programa, na época, era “criar uma elite intelectual” (DESSEM, 1995; SPAGNOLO; CASTRO; PAULO FILHO, 1996). Com o passar dos anos o PET cresceu no país e foi implantado, em agosto de 1994, no Centro de Educação Física e Desportos (Cefd), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). O presente estudo procura compreender o desenvolvimento do grupo PET Educação Física (PET EF) ao longo de 24 anos no CEFD/UFES. O programa sofreu uma série de modificações nesse período, tanto em função das políticas públicas voltadas à educação no ensino superior, quanto pela entrada e saída de tutores e alunos do grupo. Nesse sentido, buscamos analisar a trajetória do grupo, por meio de suas fontes documentais, dentro da construção histórica de sua existência. Nossa proposta se configura como uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2003) em que os principais referenciais teórico-metodológicos têm como base uma

³⁴ Contato dos autores: petcefd@gmail.com.

abordagem de estudo histórico, na perspectiva da história cultural (CHARTIER, 2002). Dessa forma, compreendemos historicamente o grupo e como ele se constituiu em seu tempo e contexto. Nossas fontes, nesse momento do estudo, foram relatórios técnicos e de avaliação da Capes sobre o PET, produções acadêmicas relacionadas com a história do programa, documentos oficiais e não oficiais do PET EF, do Cefd, da Ufes, instâncias ligadas ao programa e demais fontes localizadas nos arquivos e computadores da sala do PET EF. Em relação a nossas análises, destacamos que foram feitas adotando como referência os procedimentos metodológicos da crítica documental (BLOCH, 2001) e do paradigma indiciário (GINZBURG, 2002), utilizando os conceitos de estratégias e táticas (CERTEAU, 2002) e de memória (LE GOFF, 2012) no tratamento das fontes. Após localização das mesmas foi feito uma seleção e classificação daquelas utilizadas no texto. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Ufes (CEP) e aprovada sob o parecer nº: 2.182. 181 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº: 67574317.7.0000.5542. O grupo PET EF iniciou suas atividades no Cefd em 1994 e foi implantado sob a ótica de uma formação acadêmica diferenciada e de excelência que considerava apenas os melhores alunos com o intuito de treiná-los a suprir demandas surgidas no meio universitário e profissional. Nossas fontes documentais nos fizeram perceber que o programa sofreu uma série de modificações nesse período, seja em função das políticas públicas voltadas para a educação no ensino superior e do seu gerenciamento pelo governo, ou pela entrada e saída de tutores e alunos do grupo, além das diversas lutas de representações travadas no Cefd/Ufes. Ao longo desse percurso, foram feitos vários investimentos financeiros e intelectuais para que o programa conseguisse cumprir suas metas de formação. O PET vem se constituindo por meio de diferentes projetos formativos, identificamos dois grandes modelos que se estabeleceram no desenvolvimento do programa, o primeiro tratava-se de uma proposta que visava, sobretudo, a formação acadêmica de excelência por meio do treinamento para pesquisa, já o segundo propósito, pensado para a manutenção do programa, era aquele que buscava tratar a formação ampliada na educação tutorial, onde os preceitos de uma educação democrática e aberta que visa proporcionar oportunidades formativas diferentes são objetivados.

Palavras-chave: História; Educação Física; PET EF; Formação.

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

CERTEAU, M de. **A invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 7 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Editora Difel, 2002.

DESSEM, M. A. **O Programa Especial de Treinamento (PET): evolução e perspectivas futuras**. Didática, São Paulo, v. 30, p. 27-49, 1995.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e história**. 2 ed. São Paulo: companhia das letras, 2002.

LE GOFF, J. **História e memória**. 6. ed. Campinas/SP: Unicamp, 2012b.

SPANGNOLO, F.; CASTRO, C. de M.; PAULO FILHO, W. P. Enclaves de qualidade em Universidade de Massa? O Programa Especial de Treinamento (PET) da CAPES.

Revista ensaio, v.4, n.10. jan/mar. 1996. p.6-16.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos da Educação Física - Pôster

O QUE FAZ A COMISSÃO DE ESPORTE NA CAMARA DOS DEPUTADOS?

Karen Jecika Marcolino Ribeiro³⁵

Mariana Zuaneti Martins

Introdução: As Comissões Permanentes da Câmara dos Deputados são órgãos que discutem, alteram e votam matérias cujos méritos correspondem às suas jurisdições. Pesquisas recentes têm ratificado a importância das comissões no processo legislativo brasileiro (ALMEIDA, 2016; FREITAS, 2016). Deste modo, é pertinente para alguém que investigue o desenvolvimento de políticas públicas sobre alguma temática específica, lançar seu olhar à comissão que detenha a prerrogativa de analisar o mérito de projetos vinculados a este tema. Consequentemente, uma agenda de pesquisas sobre políticas públicas esportivas será ainda mais completa se contemplar uma investigação que se debruce sobre a Comissão do Esporte (CESPO). Inseridos nesta agenda, buscamos responder à seguinte pergunta: qual o papel da CESPO na produção de políticas públicas e legislações sobre o esporte no Brasil? Deste modo, o objetivo deste trabalho foi investigar a ação na produção e veto da legislação e políticas públicas esportivas no âmbito das comissões responsáveis pela temática na Câmara dos Deputados. **Metodologia:** Para tanto, levantamos todas as ações promovidas pela Comissão de Turismo e Deporto (2010-2014) e da Comissão de Esporte (2014 a 2017) sobre a temática do esporte, pretendendo descrever o perfil e conteúdo dessas ações, seus principais sujeitos e resultados. O recorte temporal é justificado pelo aumento da produção legislativa sobre a temática no Brasil advinda da organização dos Megaeventos esportivos, a partir de 2009, quando se aprovou o sedimento dos Jogos Olímpicos também. **Resultados e Discussão:** Com relação aos tipos de ação, tais comissões fazem audiências públicas, votam pelo encaminhamento de projetos de leis

³⁵ Contatos dos autores: karen_jecika@hotmail.com; marianazuaneti@gmail.com.

para outras comissões ou para o plenário da câmara e propõem emendas orçamentárias sobre a temática esportiva. Como esperado no período recortado, a maior parte das audiências públicas têm sido pautadas pela organização dos megaeventos, em especial suscitando discussões sobre dois temas: i) investigação sobre as obras; ii) existência e conteúdo do legado da organização desses eventos. Com relação às emendas orçamentárias, via de regra se referem à obras e à implementação de núcleos e equipamentos esportivos em municípios aos quais os integrantes da comissão têm vínculo. Com relação aos projetos de lei que foram aprovados, a maioria deles se concentra em dois grandes temas: i) incentivos fiscais para o financiamento esportivo e ii) políticas públicas de regulação e incentivo ao alto rendimento. Com relação aos reprovados, nota-se uma grande presença de projetos que pretendiam atuar na regulação específica dos eventos relacionados ao futebol profissional. **Considerações finais:** Nesta aproximação inicial, foi possível indicar algumas regularidades que ainda precisam ser melhor exploradas como: que as comissões da Câmara dos Deputados que tratam da temática esportiva têm um protagonismo na proposição de ações orçamentárias e na formação de opinião sobre a temática. Percebe-se também uma ação interessada na comissão, seja em proporcionar a existência de políticas públicas de esporte nas localidades dos deputados, seja de barrar a intervenção do Estado na regulação do espetáculo futebolístico. Do ponto de vista da organização dos Megaeventos esportivos, percebeu-se que este tema permeou a comissão de duas formas: em primeiro lugar incentivando a própria desvinculação do esporte da comissão de Turismo, em 2014; como com a existência de uma série de debates sobre as consequências da organização dos mesmos, que não necessariamente se traduziram em proposições de políticas públicas.

Palavras-chave: políticas públicas; esporte; comissões permanentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. **A política da mudança institucional: Processo legislativo no Brasil pós-1988.** Caxambu, MG, 2016.



Anais do Congresso Espírito-Santense de Educação Física
XV CONESEF – 2018
CEFD – UFES – Vitória – ES – Brasil
ISSN – 2595-5837

FREITAS, A. **O Presidencialismo da coalizão**. 1 ed. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2016.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**PEDAGOGIA ESPORTE E GÊNERO: UMA ANÁLISE SOBRE PRÁTICAS
ESPORTIVAS EM REVISTAS INTERNACIONAIS**

Bruna Saurin Silva³⁶

Mariana Zuaneti Martins

Introdução: O tema central dessa pesquisa é o estudo do esporte como um fenômeno cultural plural, que carrega consigo diversas possibilidades de apropriações (STIGGER, 2002). Porém, no âmbito dessas diversas apropriações, alguns marcadores influenciam a aproximação e envolvimento com este fenômeno. Para Goellner (2010 p. 81), “muitos elementos de ordem cultural, historicamente têm privilegiado determinados indivíduos e grupos em relação a outros, inclusive, no campo do acesso e da permanência nas atividades esportivas”. A autora se refere à influência do marcador de gênero para a apropriação do fenômeno esportivo, de modo que as vivências e as relações sociais de meninas e de meninos, dentro do cenário de ensino e prática esportiva, se dão de maneiras distintas, criando desiguais relações de gênero no campo esportivo (ALTMANN, 1999). **Objetivos:** Assim, buscando ir além do conhecimento compartilhado em revistas de âmbito nacional, realizou-se uma revisão sistemática da produção bibliográfica internacional que abarcasse o ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes a partir da perspectiva de gênero, a fim de compreender estratégias didático-metodológicas que podem, de acordo com a literatura, contribuir para a mobilização das meninas com o saber fazer esportivo. **Metodologia:** Para tanto, buscou-se artigos em periódicos internacionais de divulgação científica da área. Como critério de inclusão definiu-se que os mesmos deveriam apresentar classificação A1, na área 21, e que tivessem produções voltadas à prática esportiva. Buscamos nestes periódicos as palavras “gender” “women” “girl” AND “Sport”. A partir da leitura dos resumos desses

³⁶ Contatos dos autores: bruna.saurin@gmail.com; marianazuaneti@gmail.com.

artigos, selecionamos aqueles que se referiam especificamente a práticas pedagógicas que enfatizassem a mobilização das meninas para a prática esportiva. Definimos como recorte temporal os anos de 2005 a 2018. O resultado desta pesquisa culminou em um total de 15 artigos. **Resultados:** A partir dos textos analisados, foi possível organizar os conteúdos dos artigos em categorias divididas entre: descrição do contexto, dificuldades para mobilização das meninas com esporte e experiências positivas no ensino aprendizagem do esporte. Considerando um contexto geral, o esporte enquanto socializador de meninas e meninos continua sendo visto a partir da narrativa da superioridade masculina e uma quase invisibilidade feminina. Os artigos revelam que as meninas ainda sentem a necessidade de lutar por um espaço frente a hegemonia masculina, que muitas vezes esbarram em discursos os quais as colocam como menos habilidosas, frágeis e motivo de zombaria, discurso esse que por vezes é interiorizado também por elas. Falas como essas também transitam entre os professores. As meninas também apontam a postura dos meninos como motivo da menor participação delas nessas práticas, relatando o excesso de competitividade e agressividade por parte dos mesmos. Por outro lado, as meninas que se destacam nos esportes relatam certa dificuldade em transitar entre a feminilidade esperada para elas e a “seriedade de um esportista”. Como forma de contraponto, surgem algumas atitudes positivas. O conceito de aula mista é considerado como o principal facilitador de experiências e interação entre meninas e meninos durante o processo de ensino aprendido. A criação de novos jogos que atendam a demanda das meninas também é dada como proposta para uma maior participação de meninas. O trabalho de conscientização de meninas, sobre seus direitos dentro das práticas esportivas e a propagação e discussão desse pensamento, surge nesse contexto como importante fator de “empoderamento”, atingindo não somente as meninas, mas meninos e boa parte dos adultos responsáveis por estes espaços. **Considerações Finais:** A prática esportiva continua sendo espaço de disputa entre as concepções de gênero. Diferenças entre meninos e meninas não são vistas mais como naturais e biológicas, o que abre espaço para outras concepções sobre esporte, permitindo novas discussões. Porém ainda são escassas as pesquisas que discutam estratégias metodológicas para enfrentar essa diferença cultural.

Palavras-chave: Gênero, esporte, educação física.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação & Realidade**, v. 24, n. 2, 1999.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidade e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, p. 71-83, 2010.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida um estudo etnográfico**. SP: Editora dos Autores Associados, 2002.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Relato de Experiência

**PROJETO SOCIAL E FORMAÇÃO HUMANA: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

Flaviele Fagundes Ribeiro³⁷

Adrielle Lopes de Souza

Trata-se de um relato de experiência que reflete sobre os significados atribuídos ao projeto social - Patronato Santa Maria, no município de Manhumirim- MG. Tal projeto pertence a uma Organização Não Governamental (ONG), prestando atendimento às crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social. No projeto são realizados trabalhos desenvolvidos através de oficinas, sendo elas tanto da área de conhecimento da Educação Física, como: esportes, danças, jogos e brincadeiras, como também oficinas de artesanato, biblioteca, música, rádio, dentre outras. Assim, o presente estudo tem por objetivos: analisar o significado da existência deste projeto social e como é possível atender aos objetivos que regem a tipificação de desenvolvimento de projetos sócia, tendo como relevância o seu real significado de contribuir de forma positiva para o desenvolvimento dos usuários que recebem o nome de atendidos, para que possam compreender criticamente o mundo que vivem. As vivências ocorreram numa atuação de três anos como Educador Social, num serviço de convivência e fortalecimentos de vínculos com crianças e adolescentes. É de conhecimento a existência de inúmeros problemas sociais, tais como as drogas, a violência, mas um problema maior que estes é a falta de valores humanos, por isso é necessário destacar que é dever do município, escolas, instituições como o Patronato, para que haja a solução dos problemas sociais enfrentados. Existem leis como o Estatuto da criança e do adolescente (ECA), a tipificação nacional de Desenvolvimento dos Projetos Sociais e a própria Instituição que possuem um plano de trabalho que diz:

³⁷ Contatos dos autores: flavielefagundes@gmail.com; adrielle.lopes@gmail.com.

“dentre as oficinas, compreendem-se atividades formativas, práticas esportivas, de dança, culturais, brincadeiras, passeios e momentos de lazer necessários ao desenvolvimento das crianças e adolescentes”. Um dos pontos positivos deste projeto é atuar se embasando nas leis, para assim fornecer um melhor atendimento. Há também o planejamento semanal, onde se planeja nas segundas feiras o que será realizado, avaliando também a semana que retrocedo e se faz também a avaliação de frequência, para evitar casos de evasão. Mas um papel fundamental dentro do serviço é o apoio familiar, pois só assim é possível alcançar o sucesso, sendo que não é só dever da instituição em si, mas da família, da comunidade. Embora a realidade aconteça de forma totalmente fora do padrão, não há um interesse familiar, por exemplo, de estar presente no serviço nas reuniões de pais, ou em outras circunstâncias. Diariamente diversos desafios surgem, tornando uma luta árdua, uma vez que há falta de interesse dos assistidos para a realização das oficinas, indisciplina, bullying. Segundo Barroso e Darido (2009) é preciso pautar na formação dos alunos constantemente o exercício da cidadania, não é só realizar as habilidades, mas também aspectos que contribuem para a formação do educando, como a convivência em grupo, o questionamento, a discussão e construção de regras, entrar em contado com situações desafiadoras, ter a compreensão das próprias ações, é necessário a vivência prazerosa. Barroso e Darido (2009) apud Mesquita (2006) enfatizam que a socialização esportiva, a participação ativa e o caráter cooperativo dos participantes na organização das tarefas, com distintas funções e responsabilidades, são essenciais para o respeito às diferenças individuais, propiciando uma igualdade de possibilidades, destacando que o processo de aprendizagem não tem como referência exclusiva a competência motora, mas sim, todo um comportamento ético e social dos educandos. Diante disso se destaca a relevância de desenvolver nas oficinas os valores humanos, contribuindo de forma construtiva para a formação de cidadãos, considerando os aspectos éticos e morais. Conclui-se que os projetos sociais são essenciais nos tempos atuais para desenvolver valores humanos e contribuir para a formação de humanos melhores.

Palavras-chave: Projeto Social, Valores Humanos

REFERÊNCIAS

BARROSO, DARIDO. A pedagogia do esporte e as dimensões do conteúdo: conceitual, procedimental e atitudinal. Maringá, v. 20, n. 2, p. 285-286, 2009.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Comunicação Oral

**RELAÇÃO PROFESSORA-ALUNA EM UMA ACADEMIA PARA
MULHERES: AS INFLUÊNCIAS DA PERSONALIZAÇÃO**

Camila Rissari Correia

Ivan Marcelo Gomes³⁸

O estudo resulta de uma pesquisa de Mestrado que teve como principal objetivo compreender o corpo a partir das frequentadoras de uma academia exclusiva para mulheres do município de Vitória/ES. Neste trabalho nos concentramos em analisar a relação professora-aluna vinculada a uma dinâmica cotidiana e metodologia específica que caracterizam este espaço. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada na academia para mulheres Contours. Utilizou o estudo de caso, considerado representativo de um conjunto de casos comparáveis (SEVERINO, 2007). O instrumento para a produção dos dados foi realizado através da entrevista semi-estruturada focalizada. A escolha das entrevistadas se fundou com o critério de permanência mínima de seis meses, além da disponibilidade para a entrevista. Onze alunas foram entrevistadas. Além das entrevistas, foram realizadas observações e o registro em diário de campo, por um período de seis meses. Para a análise dos dados coletados nas entrevistas, adotamos elementos da análise de conteúdos de Bardin (2009). Identificamos que a relação entre as professoras e alunas se assemelha a uma relação de consumo de “produto personalizado” e o consumo de “conselheiros”. Sobre a primeira, constatamos que a presença de equipamentos e treinamentos específicos para mulheres, além de um atendimento personalizado oferecido pela equipe da academia, intervém na relação das alunas com as professoras. Isto é, as alunas veem as professoras como mais um produto que elas podem consumir e ter apoio para o alcance dos seus objetivos e anseios. Esses atrativos “personalizados” oferecidos pela academia buscam ampliar a satisfação de

³⁸ Contatos dos autores: camilarissari@hotmail.com; ivanmgomes@hotmail.com.

suas alunas, planejando aulas e contratando profissionais que correspondam ao gosto e preferência das mesmas. Nessa perspectiva, para que aconteça a satisfação das exigências do público em questão, há a diversificação cada vez mais vasta de bens e serviços. Nessa direção, Lipovetsky (1983) argumenta que a personalização dos espaços, prolifera a sedução dos consumidores e essa sedução opera em função das motivações individuais, de uma vida flexível cheia de opções. No que se refere ao consumo de “conselheiros”, identificamos a necessidade de uma escuta atenta por parte das professoras em relação aos dilemas e “problemas femininos”, como a Tensão Pré-Menstrual, por exemplo. Essa escuta indica um desempenho das professoras que vai além da prescrição de exercícios. É atribuído a essas profissionais o importante papel de “psicólogas”, ou seja, quando as alunas possuem algum obstáculo, algum tipo de dificuldade ligado, principalmente, ao plano emocional, as professoras as recebem de uma forma mais positiva e “sensível”. Pereira (2009) considera, atualmente, os denominados personal trainers como profissionais que também desenvolvem processos de exame pessoal e de confissão contemporâneos, na relação estabelecida com seu aluno/cliente. Os indivíduos que desejam um treino individualizado, aconselhamento técnico ou apoio emocional para os seus programas de exercícios podem contratar treinadores pessoais, da mesma forma como podem contratar advogados, entre outros. Nessa perspectiva, pode-se aproximar o papel de “conselheiros” do personal trainer com a “sensibilidade” em receber as falas (queixas, dúvidas, etc) das mulheres pelas professoras da Contours. Desta forma, uma das qualidades apontadas para as professoras é a capacidade de ser um “bom ouvinte”, não só para ouvir as necessidades das alunas face aos cuidados do corpo, mas até mesmo para ouvir confidências que revelem as suas fraquezas frente a esses mesmos cuidados.

Palavras-chave: Mulher. Consumo. Academias de Ginástica.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. Edições 70, 2009.
- LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio**. Barueri, SP: Manole, 1983.

PEREIRA, L.A. Do “cuidado de si” nas academias de ginástica. In: GOMES, R, M. O corpo e a política da vida. Centro de Estudos Biocinéticos, 2009.

SEVERINO, J.A. Metodologia do trabalho científico. 23. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Pôster

**SABERES PROFISSIONAIS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ENTRE
INGRESSANTES DA GRADUAÇÃO**

Thais Lopes Leite³⁹

Murilo Nazário

A Educação Física oferece dois itinerários de formação: licenciatura e/ou bacharelado. Ao entrar no curso, o aluno se depara imediatamente com essa escolha. A questão é: o que faz com que o aluno escolha a Educação Física e área em que deseja se profissionalizar? Esse tipo de decisão surge de uma hora para outra? Ou existem motivos para essa escolha? Quais são eles? Que sentimentos lhe faz escolher a Educação Física como profissão? Quantas histórias estão por trás dessa escolha? Assim, esse estudo organiza-se no campo das discussões sobre a formação inicial em Educação Física e assume como questão: quais os saberes que os alunos trazem consigo anteriormente ao ingresso no curso de Educação Física? Os saberes dos ingressantes compreende-se como as estruturas simbólicas que o aluno traz consigo, como representações de mercado, experiências na área e/ou afinidade profissional. À medida que esse graduando percorre os períodos da formação inicial, ele tem a possibilidade de ampliar seu conhecimento em relação à Educação Física. Isso se deve ao encontro com outros saberes, expressos por disciplinas, estágios, congressos e no convívio com outros pares. A perspectiva lançada sobre a estrutura denominada de saber está classificada por tipologia, com base no referencial teórico utilizado. Assim definidos: disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais. Dessa forma a pesquisa em questão está dividida em dois momentos, no primeiro, inspirados pelas pesquisas do tipo estado do conhecimento mapeou-se a produção científica sobre a temática na plataforma www.scielo.br a partir da utilização dos seguintes descritores: formação inicial na

³⁹ Contatos dos autores: thatalopesbjj@gmail.com; murilo.nazario@uvv.br.

Educação Física, ingressantes no curso de Educação Física e saberes na Educação Física. Sendo selecionados os textos mais relevantes no sentido de aproximação dos temas, com isso chegou-se ao seguinte corpus de pesquisa: 19 Artigos. Os resultados indicam que houve um pico de produção no ano de 2014 em comparação aos anos anteriores. Sinalizam também a consolidação do interesse de grupos ou autores em pesquisas sobre a presente temática. Essas pesquisas têm sido publicadas em diferentes periódicos, com destaque para a RBCE, ou seja, ela revista tem contribuído de modo significativo para a circulação da produção e os autores a percebem como lugar de compartilhamento de estudos referentes ao tema. A maior parte dos artigos estão organizados em formato de produção original, condição que indica uma maior preocupação dos pesquisadores da área em realizar estudos de campo. Com isso, as metodologias predominantes nas pesquisas analisadas foram os métodos qualitativos, denominados de estudo de caso, dada as particularidades que envolvem o objeto. E como instrumentos de coleta de dados é recorrente o uso da observação participante, as entrevistas e análises documental. Por fim, é possível organizar essa produção em categorias temáticas sendo elas: saberes disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais. Condição que reatualizar o entendimento da obra de Tardiff, para colaborar na compreensão da constituição do ser professor e conseqüentemente de Educação Física. Esses resultados iniciais contribuirão para a segunda fase, na qual será realizada uma entrevista com os ingressantes do curso de Educação Física da Universidade Vila Velha, a fim de compreender os saberes e os modos como compreendem a atuação e formação nessa área de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Parecer sobre o estágio supervisionado. Planalto, 25 de setembro 2008.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. Conselho Nacional de Educação, 2004.
- BRASIL, RESOLUÇÃO CNE/CP 2. Conselho Nacional de Educação, 19 de fevereiro de 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação / Conselho Nacional de Educação, 2011.

MUGNAINI, Rogério; CARVALHO, Telma de; OSTIZ, Heliane Campanatti.
Indicadores de Produção Científica: uma discussão conceitual. Capítulo 12.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª Ed. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2002.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set/dez. 2006.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, julho de 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

VALADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação Participante. Rev. **Bras. Ci. Soc.** vol. 22, n. 63, São Paulo, Feb. 2007.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Pôster

**SEJAM BEM-VINDOS: A RECEPÇÃO DE CALOUROS COMO UMA
PRÁTICA FORMATIVA DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA**

*Vinicius Oliveira Defendente*⁴⁰

Brunella Silva de Oliveira

Henrique Nardi de Carvalho

Daniel Sesana Silva

Igor Ziviani Araujo

Omar Schneider

O momento do ingresso no curso superior é um período crítico para o desenvolvimento e adaptação do aluno recém-chegado à universidade, por isso se torna necessário tratar o estudante de forma diferenciada e acolhedora (CUNHA E CARRILHO, 2005). No entanto, o que se vê na maioria das Instituições de Ensino Superior (IES), são recepções por meio de trotes, que muitas das vezes se mostram constrangedoras para os alunos participantes. Nessa perspectiva o Programa de Educação Tutorial-Educação Física (PET EF), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), propôs uma atividade de recepção para os calouros do curso de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física (EF). O objetivo do projeto é demonstrar para os calouros as diversas possibilidades de configuração da EF, fazendo com que eles possam refletir sobre essas possibilidades após vivenciarem diferentes práticas corporais presentes no campo de atuação do futuro professor, compreendendo a cultura, o lazer, a saúde e o esporte (mesmo no modelo do alto de rendimento). Nossa referência para desenvolver as atividades provém das proposições de Charlot (2000) e a sua Teoria da Relação Com o Saber. Para o autor é possível compreender o sujeito na sua singularidade utilizando como referência a sua história e atividades que ele realiza (CHARLOT, 2000). Este trabalho caracteriza-se

⁴⁰ Contatos dos autores: brunella.oliveira@hotmail.com.

como um estudo descritivo-interpretativo, de cunho investigativo e natureza qualitativa, fundamentado na teoria da Relação com o Saber (CHARLOT, 2000). Segundo Flick (2004, p. 28), ao falar da pesquisa descritiva e interpretativa, “[...] a mesma é orientada para análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”. Os sujeitos participante foram uma turma de alunos ingressantes no Curso de Bacharelado em Educação Física, do Cefd/Ufes, no primeiro semestre letivo do ano de 2017. O grupo foi composto por 33 alunos, dos quais, 22 deles eram do gênero masculino e 11 do gênero feminino, todos participaram das atividades e responderam ao questionário proposto. Como estratégia para análise, buscamos de maneira central, analisar as respostas para a seguinte pergunta: “Qual sua opinião sobre as atividades desenvolvidas”? Acreditamos que essa questão nos traria o provável retorno para uma avaliação da proposta de recepção aos calouros. Após a coleta e tabulação dos dados, foi feita uma divisão das respostas. Optamos por dividir as narrativas em 5 categorias: 1 - aptidão; 2 - gostou da atividade; 3 - integração e lazer; 4 - vida acadêmica e formação; e 5 - não gostou. Percebemos em nossas análises, que, apesar de uma resposta negativa, esse tipo de vivência se mostrou extremamente positiva aos participantes envolvidos, tanto petianos, quanto os alunos calouros participantes, que tiveram a oportunidade de experienciar futuros campos de atuação profissional após a formação universitária. A recepção de calouros proposta busca estabelecer um novo formato para essa atividade, uma vez que procura ajudar os calouros responderem à pergunta O que é educação física? Compreendemos que, além de participar dos trotes de recepção, os alunos precisam vivenciar e assimilar as possibilidades de atuação na Educação Física, pois, com isso poderão construir uma visão positiva sobre a área, agregando valores a sua formação. O grande desafio do PET EF foi trazer experiências que pudessem contribuir com o desenvolvimento dos alunos ingressante, reduzindo assim, a percepção negativa que normalmente o calouro possui em relação aos trotes que ocorrem em diversas universidades. Além disso, buscamos proporcionar vivências que auxiliassem na integração e nos aprendizados dos novos alunos, facilitando a sua adaptação ao modelo do ensino superior.

Palavras-chave: Recepção de calouros, PET EF, Educação Física

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

CUNHA, S. M., CARRILHO, D. M. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico adaptação e rendimento acadêmico. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.9, n.2, p.215-224, 2005.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Aspectos socioculturais, históricos e filosóficos
da Educação Física - Pôster

**TRAJETÓRIA DA OFICINA DE TEATRO NO CENTRO DE ATENDIMENTO
INTEGRADO (CAI): EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E CORPORAIS NA
EDUCAÇÃO E CIDADANIA DE ADOLESCENTES**

Elisa Barcellos Cunha e Silva⁴¹

Alexandre Flores dos Anjos

Nadia Juliana Rodrigues Serafim

Leila Paiva Souza Ferreira

Ieda Sousa Calente

Mara Rejane Barroso Barcelos

A oficina de teatro do Programa Adolescente Cidadão (PAC) vem desenvolvendo suas atividades no Centro de Atendimento Integrado (CAI)⁴² desde agosto de 2016 com atividades que priorizam a educação e cidadania de adolescentes. Atendemos adolescente de 9 a 16 anos no contra turno escolar com 4 turmas e uma média de 20 alunos em cada, por semestre. Nosso objetivo principal na oficina é trabalhar os temas transversais envolvendo educação, protagonismos e cidadania. O PAC desenvolve suas ações na modalidade de Rodas de Ação e a metodologia adotada privilegia as discussões e reflexões com os grupos em um ambiente de aprendizagem ativa, por meio de atividades criativas, e significativas para adolescentes, entendendo que esses, como sujeitos legítimos, possuem a sua parcela de contribuição na construção dos

⁴¹ Contatos dos autores: lisacellos@gmail.com. alexandre_flores@hotmail.com; nadiaserafim@yahoo.com; pac@serra.es.gov.br.

⁴² O Centro de Atendimento Integrado (CAI) é uma das maiores obras de atendimento sociais do Estado, um equipamento público administrado pela Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania (SEDIR), possui uma estrutura física de mais de mil metros quadrados, que é composta por laboratório de informática, salas de aula, auditório e cozinha escola. No local são ofertados serviços integrados para jovens e também moradores dos bairros Jardim Carapina e Boa Vista, que contribuem para a promoção da autonomia, das famílias e das comunidades.

conhecimentos (FREIRE, 1987). As ações do PAC são trabalhadas conforme os seguintes eixos: Eixo I - Educação e Cultura; Eixo II – Saúde; Eixo III – Esporte; Eixo IV - Inclusão em rede produtiva; Eixo V- Cidadania e protagonismo do adolescente. Dentro do Eixo I, utilizamos o teatro como ferramenta pedagógica para desenvolver as rodas de ação que estão atreladas a reflexão de um tema selecionado de acordo com as necessidades e realidades sociais dos adolescentes. Regina Zilbermar (org.) relata que o teatro deve ser estimulado em crianças e adolescentes por que “contribui como poderoso fator educativo para o desenvolvimento da personalidade social” (Zilbermar, p.40, 1990). Na oficina de teatro utilizamos jogos, brincadeiras, atividades teatrais, trabalho de expressão corporal, alongamento e ginástica. Ao final de cada semestre os adolescentes da oficina de teatro apresentam peças teatrais para as escolas do bairro e público em geral. Em dezembro de 2016 foi apresentado a peça “*Sementes Capixabas: retratos e relatos do bairro de Jardim Carapina*” onde os adolescentes encenaram a história do bairro desde o seu surgimento, demonstrando seus desafios e conquistas. Uma outra experiência, ocorreu em junho de 2017 com a peça “*Flor de Lis*” que abordou temáticas importantes sobre a mulher brasileira, englobando a violência contra mulher, gravidez na adolescência, e a mulher no mercado de trabalho. No segundo semestre de 2017 foram encenadas as “*Pantomimas Cidadãs*” no formato de esquetes com temáticas sobre cuidados no trânsito, coleta seletiva e meio ambiente. Já no ano de 2018 encerramos o primeiro semestre com a peça “*Chapeuzinho Vermelho às Avessas*” trabalhando o tema violência de forma lúdica, como forma de alertar sobre a existência de “lobos maus” na sociedade atual. Em dois anos atingimos uma média de público de 2000 espectadores e através da avaliação dos relatos e registros, concluímos que essas peças repercutiram em elementos de empoderamento social, incentivando uma nova reflexão em torno das realidades, potencializando assim, uma possível transformação social. Inferimos que esses movimentos foram importantes não só para os adolescentes que fizeram parte da apresentação, mas também para alunos das escolas e público em geral que vieram participar das apresentações dos espetáculos. Nesse sentido, salientamos a relevância do trabalho com a Oficina de Teatro em suas diversas frentes,

como forma de promover uma educação cidadã e consciente, que possibilite a emancipação social dos sujeitos envolvidos no processo.

Palavras-chave: Teatro; Educação; Cidadania.

REFERÊNCIAS

BACCIN, Adriana Nolibos. **Corpo, Teatro e Educação Física: Que Jogo é Esse?**, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/1172>. Acesso em: 30 jun. 2018.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedex**, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campina, SP: Papirus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1987.

KWASHIMA, Larissa Beraldo; SILVA, Arivan Salustiano. **O Teatro como Recurso Metodológico Interdisciplinar nas Aulas de Educação Física e Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro1/225-%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20F%C3%8DICA%20E%20L%C3%8DNGUA%20PORTUGUESA%20O%20TEATRO%20COMO%20RECURSO%20METODOL%C3%93GICO%20INTERDISCIPLINAR.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

NASCIMENTO, M.S; KRUNG, H.N. **Teatro e a Educação Escolar: Um diálogo Sensível na Formação Inicial de Professores de Educação Física**. 2015. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/2107/1118>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

RENAUD, Claude Pujade. **Linguagem do Silêncio: expressão corporal**. São Paulo: Summus, 1990.

TORRES, Adrielly Maia; SILVA, Daniella Schluchting; KNAPP, Joseana Stecca Farezim. **O Uso do Teatro como Recurso Pedagógico no Ensino da Fotossíntese**, 2013. Disponível em: <http://santoangelo.uri.br/erebiosul2013/anais/wp-content/uploads/2013/07/poster/13660_283_Aдриelly_Maia_Torres.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

ZILBERMAN, Regina (Org). **A produção cultural para a criança**. 4ªed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.



Anais do Congresso Espírito-Santense de Educação Física
XV CONESEF – 2018
CEFD – UFES – Vitória – ES – Brasil
ISSN – 2595-5837

GTT 03 – EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**A COMPREENSÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ALUNOS DO SEGUNDO
SEGMENTO DA EJA DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE TEIXEIRA DE
FREITAS**

Tatiana Silva da Conceição⁴³

Rafaela Gomes dos Santos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), é uma modalidade da Educação Básica, que busca oportunizar segundo o artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, as etapas do Ensino Fundamental e Médio, àqueles alunos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria, oportunizando o acesso à educação e a aprendizagem por todo percurso de vida. Sendo assim, analisar como os alunos que participam da Educação de Jovens e Adultos compreendem a Educação Física, é importante para refletirmos sobre a realidade atual dos estudantes e criar uma possível intervenção para melhoria do desenvolvimento físico, social e psicológico dos alunos. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar a compreensão de Educação Física em alunos do segundo segmento da EJA de uma escola pública em Teixeira de Freitas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva e analítica, utilizando como técnica para a interpretação dos dados a análise de conteúdo. Essa pesquisa teve amostra de 128 estudantes. Os resultados mostraram que na primeira categoria “Compreensão de Educação Física” a maioria dos alunos compreendem a disciplina como benefício para a saúde e importante na promoção da consciência corporal, física e mental. Segundo Santos (2018) motivar a prática de atividade física na escola auxilia na saúde e bem-estar, envolve aspectos multifatoriais, como variáveis psicológicas, sociais, ambientais e genéticas (SANTOS, 2018). Contudo, ainda nessa categoria alguns estudantes enxergaram a Educação Física somente como esportes ou brincadeiras. Na categoria

⁴³ Contatos dos autores: tatianasilva.ts@hotmail.com; rafagomes.edf@gmail.com.

“Conhecimento acerca da Educação Física”, a maioria dos alunos demonstraram já ter praticado algum tipo de esporte e 6% já a compreende como teórico e prático. Todavia, alguns alunos expressaram não ter muito conhecimento sobre EF. Segundo Freire e Oliveira (2004) a educação física tem sido vista como uma disciplina focada somente como “saber fazer”, trabalhar somente a prática não alcançará o resultado desejado para o desenvolvimento dos alunos, assim, é necessário que juntamente com o “saber fazer” se ensine o “saber sobre” e “saber ser”, sendo as dimensões procedimental, conceitual e atitudinal, respectivamente, afim de desenvolver valores como a socialização, cooperação, criatividade e trabalho em equipe (FREIRE; OLIVEIRA, 2014). Na categoria “Vivência da Educação Física com o professor da área”, a maioria dos alunos disseram já ter feito aulas da disciplina com o professor formado. Na última categoria “Obrigatoriedade da Educação Física na EJA”, foi possível perceber que metade dos alunos disseram que gostaria que fosse obrigatória, seja para ter um intervalo para praticar esportes ou melhorar a saúde. Outros disseram que “não”, devido a questões de gênero ou por nunca terem tido aulas de Educação Física. A nova atualização da Lei n° 10.793 de 1º. 12. 2003, traz novas versões sobre a Educação Física, no qual, a coloca como obrigatória na educação básica, sendo facultativa: para quem cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; maior de trinta anos de idade; quem estiver prestando serviço militar ou situação similar, amparado pelo decreto 1.044 de 21 de outubro de 1969 e que tenha prole. Desse modo, a nova lei transfere o caráter facultativo para os alunos e não mais para a escola como era realizado, todavia, a inserção não acontece devido a vários fatores, entre eles estão, a facultatividade da lei, a falta de espaços favoráveis e a hierarquia da disciplina (PEREIRA; MAZZOTI, 2008). Concluiu-se que a maioria dos alunos conhecem os benefícios das aulas de Educação Física e a maior parte gostariam de tê-la como obrigatória na EJA. Entretanto, foi possível perceber que uma parcela dos estudantes possui compreensão reduzida da área de Educação Física.

Palavras-chave: Educação; Educação Física; Jovens; Adultos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. 3. ed. 2001.
- BRASIL. Secretaria de Estado da Educação de Rondônia. Educação de jovens e adultos – EJA: ensino fundamental e ensino médio. **Referencial curricular de Rondônia**. Rondônia, 2013.
- CARDOSO, B. L. C; ALMEIDA, C. B; FONSECA, E. O. S. Estilo de vida e saúde no contexto baiano. In: SANTOS, Rafaela Gomes dos. **Atividade Física, saúde e qualidade de vida na educação física escolar: uma análise de relações estabelecidas por diferentes autores**. Goiânia: Kelps. Cap. 4. p. 65-85. 2018.
- FREIRE, Elisabete dos Santos. OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de. Educação Física no Ensino Fundamental: identificando o conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista Motriz**. Rio Claro. V. 10. 2004.
- PEREIRA, Giane Moreira dos Santos. MAZZOTI, Tarso Bonilha. Representações sociais de Educação Física por alunos trabalhadores do ensino noturno. **Revista Motriz**. Rio Claro. 2008.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**A CONTRIBUIÇÃO DA CRIANÇA AO PROCESSO DE GESTÃO
DEMOCRÁTICA NA ESCOLA**

Cleidimar Alves Sousa⁴⁴

Neste trabalho procuramos contribuir para as discussões sobre a efetivação do direito da criança a ser ouvida e ter sua opinião levada em conta nos assuntos que afetam sua vida (NAÇÕES UNIDAS, 1989; BRASIL, 1990a), principalmente no que se refere a relação com a escola. Com o objetivo de reconhecer a contribuição da criança ao processo de gestão democrática da escola, procuramos desenvolver uma metodologia de observação e análise das crianças de 5 anos da escola UMEI Maria Emelina Mascarenhas Barcellos em Vila Velha ES e na busca por respostas para as questões que guiam a construção do objeto de estudo desta investigação, nos propusemos a perseguir dois objetivos, Fazer um levantamento das metodologias de pesquisa adequada para dar vez e voz às crianças e o segundo criar um canal de escuta dos relatos das crianças, acerca das providências que gostariam de ver encaminhadas no âmbito profissional, para atender suas necessidades e interesses. Esta investigação é de cunho teórico e busca num primeiro momento ver como os autores discutem como dar vez e voz as crianças, suas metodologias e análises. Do ponto de vista prático estamos fazendo uma pesquisa de inspiração etnográfica, através de uso da observação participante por meio de vídeos e transcrevendo este registro para possível análise compreensivo crítica, levando em consideração a fala de Manuel Sarmiento 2003 em que se refere ao registro por imagem como sendo uma forma de ir além da linguagem falada, pois os movimentos e intenções das crianças falam muito mais. Comecei a fazer parte do grupo CRIA coordenado pelo professor Nelson Figueiredo da UFES, e nos estudos e nas citações de Manuel Sarmiento descobri a sociologia da infância e que dar vez e voz a criança numa perspectiva epistemológica era objeto de estudo de muitos pesquisadores. Comecei a ler alguns

⁴⁴ Contato do autor: cleidialvessousa@gmail.com.

artigos como “Estudo de caso etnográfico em educação” por Manuel Sarmento (2003) onde ele diz que o formato metodológico dos estudos organizacionais da escola é o estudo de caso, percebi um caminho possível para os relatos das crianças. Depois ao ler Fernanda Miller em “Infâncias nas vozes das crianças” (2006) que tratava de uma pesquisa realizada numa escola de educação infantil, captadas a partir de vozes das crianças que superam os relatos orais através de um estudo de inspiração etnográfica, percebi a possibilidade de poder criar um canal, nas minhas aulas de educação física e assim dar vez e voz às crianças dentro de um processo de gestão democrática. Comecei a ler o texto “Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologia participativa dos mundos sociais da criança” (2004) por Natália Fernandes Soares, Manuel Jacinto Sarmento e Catarina Tomás e nele os autores propõe uma metodologia participativa que assumam as crianças como parceiras na investigação, crianças como sujeitos do conhecimento, a sociologia da infância ao considerar as crianças como atores sociais e como sujeitos de direitos, assume a participação da criança como central na definição de um estatuto social da infância, o que me levou a crer que para de fato darmos vez e voz a criança e ter reconhecida a sua contribuição, é necessário que a escola garanta o espaço legalizado para a escuta e ações efetivas que atendam às necessidades e interesses das crianças num processo de gestão democrática. Cabe a partir dessa investigação verificar se a contribuição da criança na escola é uma participação restrita dentro do processo democrático e se a própria escola aceita esta contribuição para qualidade ao ensino.

Palavras-chave: voz, criança, gestão democrática.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1989.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **O estudo de caso etnográfico em educação**. Rio de Janeiro. 2003. <http://hdl.handle.net/1822/36757> .

MÜLL, Fernanda. **Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência**. Rio de Janeiro. 2006. <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n95/a12v2795.pdf>

SARMENTO, M.J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade.** Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. (texto digitado).

SOARES, N. F. **Infância e direitos: participação das crianças nos contextos de vida – representações, práticas e poderes.** Tese. (Doutoramento em Estudos da Criança - Sociologia da Infância). Universidade do Minho, 2005.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**A CULTURA DA CAPOEIRA DE SÃO MATEUS NOS ANOS INICIAIS
ESCOLARES**

Dhébssica Simony Souza Félix⁴⁵

Daniel Junior da Silva

Marli Quinquim

A capoeira que, no Brasil, tem suas origens datadas por volta do século XVI e XVII, é uma expressão cultural que mistura luta, dança, música, história e esporte. É caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, fazendo usos de chutes e rasteiras, além de cabeçadas, joelhadas, cotoveladas. Utiliza-se também de acrobacias em solo ou aéreas. A musicalidade é um diferencial da capoeira, em vista de outras artes marciais. Com o passar do tempo, novos sentidos e funcionalidades nas formas de manifestá-la, como em rituais, por sua musicalidade e usos na sociedade, foram apropriadas (SILVA, 2013, p. 14). Essa mistura de elementos culturais da capoeira contribui para o desenvolvimento de vários aspectos da vida humana, principalmente na educação. Sendo assim, desenvolvemos uma atividade pedagógica com a manifestação capoeira para crianças de uma turma do 3º ano do ensino fundamental. Como objetivo, apresentamos a diversidade de representações da capoeira, enquanto prática cultural, desconstruindo imagens pejorativas e estereotipadas à cultura afro-brasileira. Assim, para Loureiro e Campos (2009), a capoeira como dado cultural de São Mateus, é uma luta que representa, em parte marcante, uma manifestação da sociedade local no contexto cultural do negro. A identidade está presente no desenvolvimento sócio histórico da cidade, estabelecendo referências dentro do processo de formação do fenômeno identitário, expressando igualdades, uniformidades, semelhanças e dessemelhanças da população. Para tanto, desenvolvemos uma proposta de intervenção em uma escola de Ensino Fundamental I e II do município de São Mateus com uma

⁴⁵ Contatos dos autores: dhessicafelix@gmail.com; ddanielcapes@yahoo.com.br; mquinquim@gmail.com.

turma de 3º ano no turno vespertino. O primeiro momento foi de leitura a respeito da prática cultural Capoeira; o segundo momento, planejamento das atividades; o terceiro, a intervenção com a turma e; o quarto momento, avaliação do processo/registro das atividades. No dia selecionado, levamos a proposta de trabalho com a capoeira para ser apresentada aos alunos do 3º ano. Seguindo o planejamento, realizamos uma roda de capoeira, ensinando a ginga, as cantigas, além de movimentos como a “meia lua de frente”, o “aú” e a “esquiva de frente”. Logo após, fizemos duas brincadeiras de “pique pega”. Uma envolvia os movimentos da capoeira e a outra a história que nos remetia à ideia de capitão do mato e dos escravos fugindo da senzala. Todos os alunos participaram ativamente das brincadeiras. A primeira brincadeira foi um pique gelo ou pique cola cujo quem era colado tinha que ficar na posição de “esquiva de frente” e quem fosse descolar tinha que fazer a “meia lua de frente”. Na segunda brincadeira, selecionamos o gol da quadra como senzala e iniciamos a brincadeira com um capitão do mato, quem fosse colado deveria ir para a senzala. Assim todos os alunos se voluntariou a ser o capitão do mato e o pegador das duas brincadeiras propostas. Para deixar a brincadeira mais interessante fomos adicionando mais pegadores e colocamos a seguinte regra: o escravo que estava na senzala poderia ser salvo por um outro escravo liberto com um toque na mão. Dando a oportunidade de todos serem o capitão do mato/pegador. Utilizamos uma música de fundo de capoeira, com o intuito de trabalhar a musicalidade e deixar a brincadeira mais divertida. No processo avaliativo, os alunos fizeram desenhos representando o momento da aula que mais gostaram e do que se lembravam das atividades. Enfim, consideramos que, a aula organizada e desenvolvida com os alunos do 3º ano, possibilitaram experiências, vivências e conhecimentos sobre a capoeira no contexto da escola, pois as crianças demonstraram interesse nas brincadeiras e história da cultura afro-brasileira encontradas na capoeira. Observando os desenhos, percebemos o envolvimento deles com a cultura e sua apropriação. Para nós, ensinar capoeira tornou-se ainda mais importante nas aulas de Educação Física, pois explicar para os alunos que a capoeira pode ser vista e praticada em todas as suas formas é ampliar as possibilidades de uma aula com qualidade educativa.

Palavras-chave: Capoeira. Educação Física. Séries Iniciais.

REFERÊNCIAS

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LOUREIRO, Fábio Luiz. CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. **Capoeira em São Mateus: identidade e cultura.** Pesquisa em Debate, Edição Especial. 2009. Disponível em: <http://pesquisaemdebate.net/docs/pesquisaEmDebate_especial1/artigo_33.pdf>. Acesso em 05 maio 2018.

SILVA, Daniel Junior da. **O olhar sobre a capoeira: um estudo dos filmes nacionais e internacionais.** 2013. p. 142. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEF/detalhes-da-tese?id=6672>>. Acesso em 05 maio 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CURRÍCULO INTEGRADO: REALIDADE E POSSIBILIDADES

Rosicler Teresinha Sauer⁴⁶

Maria Cecília de Paula Silva

Essa pesquisa está inserida em um contexto de problemáticas que discutem as relações de trabalho e educação em defesa da emancipação humana. Temos como objetivo geral dessa pesquisa compreender e analisar as contradições, limites e possibilidades na implantação do Currículo Integrado e as implicações no trabalho pedagógico da Educação Física, tendo como base o Projeto Pedagógico Institucional de uma instituição federal. Para tanto foi necessário analisarmos a reforma da educação profissional e tecnológica, especificamente a integração entre o ensino médio e a educação profissional, partindo da sua legislação específica. Também contextualizamos a Educação Física como componente curricular na busca de compreender os elementos essenciais para a construção da proposta curricular. Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem crítica. O recorte temporal é o tempo presente, este se justifica pela escolha do objeto a ser estudado que está em plena construção. Encontramos suporte teórico metodológico na história do tempo presente, a qual coloca o pesquisador como contemporâneo de seu objeto, assim como abre novas possibilidades de pesquisas de outros períodos da história. Para buscar compreender as incertezas e os desafios que permeiam essa temática tratamos a caracterização da Educação Profissional no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia: Para Além da Formação Técnica? Neste capítulo apresentamos a estrutura da Rede Federal de Educação, Científica e Tecnológica e a do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia abordamos as relações entre o mundo do trabalho e as reformas da educação profissional e as implicações na formação humana, bem como apontamos os desafios para o ensino

⁴⁶ Contatos dos autores: rosicl@sauer@bol.com.br; cecilipaula@gmail.com.

profissionalizante integrado ao ensino médio. Também fora discutido o Currículo Integrado, o Trabalho como Princípio Educativo e o Projeto Político Institucional da instituição de ensino investigada, para tanto discutimos a trajetória dos currículos escolares, as tendências e desafios, no sentido de esclarecer as principais influências nos currículos das escolas. Em sua trajetória são discutidas questões políticas, culturais e sociais, entre outros aspectos que envolvem os currículos e apresentamos algumas possibilidades para uma formação emancipatória. Também buscamos a compreensão do papel da Educação Física no currículo integrado do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia e as contribuições do Projeto Político Institucional, vislumbrando as possibilidades para a construção de uma proposta curricular da área. Para tanto aprofundamos a discussão tratando do Currículo da Educação Física em uma perspectiva sócio-histórico, na busca de compreender algumas nuances que permeiam a relação da Educação Física na formação humana ao longo da história da educação brasileira e compreender essas relações no interior da organização do trabalho pedagógico da Educação Física e o currículo integrado. Abordamos a Educação Física e os desafios da (re) organização do currículo integrado: um caminho em construção, consta a apresentação e análise sobre a Educação Física que temos na instituição e a que queremos construir. A coleta de dados foi realizada por meio de depoimentos adquiridos da gravação e transcrição do I Encontro de Professores de Educação Física da instituição investigada. Dessa forma foi possível um diálogo com a síntese sobre a Educação Física que se tem em cada Campus e apontar as perspectivas. Nesse sentido foram realizadas análises do documento construído pelos professores em um grupo de trabalho que tratou da proposta curricular da Educação Física da instituição pesquisada e uma análise profícua do Projeto Pedagógico Institucional. Nessa perspectiva o I Encontro de Professores de Educação Física dessa escola pode ser considerado como um espaço ímpar na construção de novos caminhos para a Educação Física nessa Instituição.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Profissional; Projeto Pedagógico Institucional.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter. As ciências do esporte no Brasil: uma avaliação crítica. In: FERREIRA, Amarílio. **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1995.
- BRACHT, Valter. **Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 2.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2003
- BRASIL. Lei nº. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 23 dez.1996. Disponível em: <<http://legislacao.planalto.gov.br/legislacao>>. Acesso em: 13 jul. 2006.
- GOODSON, I. **Currículo: teoria e história**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KUENZER, Acácia Z. **Ensino médio e profissional: as políticas do estado neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. **Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- MOREIRA, A. F. B. A crise da teoria curricular crítica. In: VORRABER, C. M. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p.11-36.
- _____. O campo do currículo no Brasil: anos 90. In: CANDAU, Vera Maria (Org.) **Didática, currículo e saberes escolares**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SACRISTÁN J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo, método no processo pedagógico**. 4 ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.
- SILVA, Tomaz T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In MOREIRA, Antônio F; SILVA, Tomaz T. (org.) **Currículo, sociedade e cultura**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 7-38.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**ABORDAGENS RENOVADORAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
ENTRE O “REALIZADO” E O “IDEALIZADO” SOB A ÓTICA DOS
DOCENTES**

Janaina Lubiana Altoé⁴⁷

Camilla Maria Mello Toledo

Desde a década de 1980, a Educação Física vem passando por transformações associadas ao chamado “movimento renovador”, o qual defende que as aulas deste componente curricular tratem pedagogicamente os conhecimentos relacionados a Cultura Corporal de Movimento, compreendendo os significados e sentidos do movimento corporal enquanto linguagem. Apesar de acreditarmos que muitas mudanças se concretizaram, ainda não se sabe, ao certo, se os objetivos foram alcançados. Diante disso, este estudo buscou analisar de que maneira as abordagens renovadoras estão orientando a construção da prática pedagógica dos professores de Educação Física, na perspectiva de alcançar as transformações pretendidas a partir do movimento renovador. Para isso, realizamos a aplicação de um questionário abordando questões sobre as práticas do cotidiano pedagógico de seis professores de Educação Física que trabalham em instituições escolares de cinco municípios capixabas: Anchieta, Atílio Vivácqua, Castelo, Cachoeiro de Itapemirim e Guarapari. A partir da análise das respostas pudemos chegar a algumas considerações. O que mais nos chamou a atenção foi o desconhecimento total ou o conhecimento reduzido do movimento renovador por alguns professores. Acreditamos que o não reconhecimento pode ser explicado por dois motivos: as mudanças ficaram muito mais no discurso acadêmico e pouco alcançaram as práticas pedagógicas realizadas nas escolas e/ou os professores conhecem o movimento por outros termos como: "Cultura Corporal de Movimento", ou "Educação Física histórico crítica", ou ainda "não esportivista", mas não associam ao Movimento

⁴⁷ Contatos dos autores: janalub@yahoo.com.br; professoracamilla@bol.com.br.

renovador. Em relação ao reconhecimento da escola pelo trabalho exercido pelos professores, observamos sentimentos positivos de valorização profissional. Percebemos relação direta de tais sentimentos com aqueles conquistados através de diversos enfrentamentos que vivenciamos no cotidiano escolar, e que resultaram em: participação dos professores de Educação Física em conselhos de classe assim como nas reuniões escolares, protagonismo em projetos pedagógicos, além dos elogios recebidos pelos discentes e seus responsáveis. Pesar da maioria dos relatos terem sido positivos, observamos um que aponta para a visão minimizadora da área, que foi descrita como uma disciplina "quebra galho". Tal fato, evidencia uma situação paradoxal, ou seja, apesar dos avanços conquistados e citados pelos demais docentes, ainda vivemos uma situação de desvalorização em relação à Educação Física escolar numa clara marginalidade perante aos demais componentes do currículo escolar. Dentre as problemáticas enfrentadas no contexto atual do ensino da Educação Física e mencionadas pelos professores estão: a falta de espaço físico adequado para o desenvolvimento das aulas práticas; o afastamento dos alunos, marcado pelo desinteresse em participar das atividades práticas; o desprestígio da Educação Física quando comparada aos demais componentes curriculares; a inexistência de material didático ou a reduzida quantidade e variedade. Os professores entrevistados, quando questionados sobre como as abordagens renovadoras tem orientado o enfrentamento das problemáticas citadas, relataram que a abordagem dos conteúdos trabalhados ultrapassa a dimensão prática. Nas propostas renovadoras o “saber fazer” (conteúdos procedimentais) deve ser articulado com o “saber sobre o fazer” (conteúdos conceituais). Neste entendimento, o professor tem a possibilidade de utilizar espaços e materiais diversificados em suas aulas. Sobre a Base Nacional Comum Curricular, de maneira geral, observa-se que os professores entrevistados estão em processo de familiarização, principalmente por meio das formações continuadas. A partir do questionário, pudemos verificar, em síntese, que os professores entrevistados entendem a Educação Física enquanto linguagem. Entre as ações pedagógicas apresentadas pelos entrevistados, destacamos: interação com as demais disciplinas que compõem a área; uso da expressão corporal como forma de comunicação e demonstração da

subjetividade; trabalho das práticas corporais articulando-se teoria e prática; entendimento do corpo em movimento como linguagem, enfatizando os movimentos sistematizados da Educação Física. Este estudo está longe de esgotar o assunto, mas fornece pistas interessantes para a continuidade da pesquisa.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**APRENDIZADO E MUITA DIVERSÃO: REFLETINDO SOBRE A INSERÇÃO
DO ESPORTE DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Jéssica Karina Silva Ferreira⁴⁸

Israel Martins da Silva

Esse relato tem como objetivo tratar da inserção dos esportes de aventura na educação infantil, nas aulas de educação física escolar, apresentando possibilidades de intervenção com materiais alternativos e buscando fornecer subsídios para pensarmos uma abordagem da educação ambiental. Nosso foco foi estimular nos alunos o fortalecimento dos valores éticos e de preservação do meio natural de forma consciente e significativa para o aprendizado e desenvolvimento das crianças. O diálogo entre criança e educação ambiental na escola é necessário visando superar o apelo tecnológico tão forte e presente nos dias de hoje, onde as crianças cada vez mais cedo têm acesso aos celulares, tablets entre outros dispositivos. As práticas exploradas nas aulas foram: escalada, rapel, arvorismo e tirolesa. E os materiais alternativos utilizados foram: cordas; cabos de vassoura; palete; parafusos; 10 pneus de carro e 20 pneus de moto usados; roldanas e cadeirinha de balanço. Com estes foi possível construir uma parede de escalada e obstáculos diferenciados de arvorismo. Embora a estrutura não fosse a ideal, foi possível viabilizar, por meio de materiais alternativos, a construção de equipamentos que proporcionassem a vivência das práticas físicas de aventura na natureza e que primassem, principalmente, pela segurança dos alunos, tornando-se adequados. De acordo com Soler (2003) muitos profissionais alegam que sem recursos materiais adequados não há condições para a preparação e desenvolvimento de aulas significativas, entretanto concordamos com Bento (1998) quando diz que, a falta de estrutura física e material não pode justificar o trabalho pedagógico descompromissado. Mesmo em condições relativamente simples, podemos explorar possibilidades dentro

⁴⁸ Contatos dos autores: jessica.ufes@yahoo.com.br; israelmartins32@gmail.com.

das condições materiais e sociais apresentadas no contexto da escola sendo possível ensinar aos alunos novos conteúdos e estimular sua curiosidade. O resultado do esforço, pesquisa, dedicação e realização desse projeto na escola, em uma das instituições de educação infantil, foi tão positiva e surpreendente, que a Secretaria de Educação Esportes e Lazer do município resolveu abordar essa temática nos Jogos Mirins 2017 da rede municipal de ensino. Os Jogos Mirins é um evento criado pelos profissionais de educação física, especialmente, para a educação infantil, trata-se de uma ação pedagógica que tem por objetivo estimular, por meio da prática esportiva, a integração e socialização entre os alunos dos Centros Municipais de Educação Infantil - CMEI. Participaram da edição 2017, 15 escolas, respectivamente, 1200 alunos. Esse ano o trabalho continua e a previsão é que os Jogos Mirins aconteçam em setembro de 2018. O processo de inserção dessas práticas na escola foi muito satisfatório e ao mesmo tempo, extremamente desafiador. Satisfatório porque as crianças foram apropriando-se dos conteúdos e criando grandes expectativas com relação a realização das atividades propostas em aula. Essa expectativa em participar, vivenciar e se superar foi muito positiva para elas e, conseqüentemente, também repercutiu de forma significativa para o alcance dos objetivos propostos. Desafiador por três fatores principais: dificuldade financeira e carência de materiais adequados; primeiro contato profissional com esse conteúdo na escola; e o fator da segurança e prevenção de acidentes. A fim de sanar essas dificuldades e viabilizar a realização e construção dos espaços e instrumentos necessários para a tematização dessas práticas no ambiente escolar, optamos por buscar cursos na área (COIMBRA, 2006) e se apropriar de materiais alternativos, primando sempre, pela segurança dos alunos.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Esportes de Aventura. Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BENTO, J. O. **Planejamento e avaliação em Educação Física**. Lisboa: Livros horizonte, 1998.

COIMBRA, D. A. Atividades físicas de aventura na natureza e possíveis significados.
In: **Aventuras na natureza: consolidando significados** / Schwartz G. M. (org.).
Jundiaí: Fontoura, 2006.

SOLER, R. **Educação Física escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

ATIVIDADES DE AVENTURA COMO POLÍTICA PÚBLICA

Estêvão Kwame Leitão

Mateus Pereira Oliveira

Ueberson Ribeiro Almeida⁴⁹

Diante dos desafios da desigualdade social e da importância da universalização das Atividades de Aventura como conteúdo da Cultura Corporal de Movimento, este trabalho apresenta as Atividades de Aventura como prática corporal a ser problematizada e democratizada, no sentido da ampliação do acesso e combate às iniquidades no contexto do Estado do Espírito Santo. Tem por objetivos: a) mapear as instituições escolares com aporte para a prática de Atividades de Aventura; b) identificar professores de Educação Física que trabalham ou que têm interesse em trabalhar com o referido conteúdo em suas aulas e c) estimular o debate sobre as relações entre os conhecimentos produzidos nas intervenções de Atividades de Aventura e as Políticas Públicas de Educação que possam difundir e multiplicar esses saberes. A prática de Atividades de Aventura envolve fatores significativamente positivos em jovens e crianças. O desenvolvimento da autoestima e a superação de desafios por meio de atividades de cooperação gera vínculo entre as crianças e o meio ambiente, estimulando o uso sustentável dos recursos naturais. A “aventura” está em explorar ambientes desconhecidos e ressignificar os espaços à nossa volta. Os riscos envolvidos nessas aulas podem ser controlados, mas a necessidade do uso de equipamentos sofisticados de proteção individual e do domínio de técnicas de segurança contribui para a baixa oferta do conteúdo nas aulas de Educação Física. A relação entre as Atividades de Aventura e o viés estamental de política de acesso está visível na homogeneidade dos grupos que se reúnem para praticá-las. De um lado, jovens com o elevado grau de autonomia que provém da posse dos recursos econômicos e materiais suficientes para

⁴⁹ Contatos dos autores: estevaokwame@gmail.com; mateus.p.oliveira10@hotmail.com; uebersonribeiro@hotmail.com.

lhes proporcionar mobilidade de escolha de sítios particularmente desafiadores e uso de equipamentos adequados para atingir metas de desempenho com segurança. Em outras palavras, mobilidade para ir aos locais mais procurados, comprar equipamentos sofisticados, frequentar academias de treinamento e fazer cursos com profissionais experientes. Noutra vertente, jovens cuja compleição favorável à prática de Atividades de Aventura foi formada, desde a infância, no enfrentamento das agruras que a vida impõe, que fazem da necessidade de superar barreiras físicas, cognitivas e atitudinais em prol da sobrevivência cotidiana, oportunidades de exercitar ludicamente, em sítios próximos aos que habitam, habilidades corpóreas e o manejo de instrumentos artesanais e complexos, todavia, com pouco acesso aos equipamentos de proteção oficiais. O paradigma da Cultura Corporal sugere uma prática pedagógica comprometida com a transformação social (NETO, et al, 2017), nesse sentido, o estudo argumenta que o acesso a este conteúdo deve ser público, sendo necessária a implantação de projetos, programas e atividades governamentais capazes de atender a essa expectativa. As experiências de professores com as Atividades de Aventura chamam a atenção para possibilidades de vivência dessas atividades na escola, compartilhando conceitos, equipamentos, procedimentos e atitudes para que se construa um projeto que, de fato, dê possibilidades aos estudantes de escolas da rede pública de ensino acessarem este conteúdo. A sugestão de uma prática pedagógica comprometida com a transformação social se dá na construção de posturas mais abertas às diferenças e, conseqüentemente, a construção de uma sociedade mais plural (ABRAMOWICZ, et al, 2006). Para tanto, o resultado do estudo aponta para a necessidade de um espaço adequado, que propicie a formação continuada dos grupos interessados em atuar no campo das atividades de aventura, buscando mapear as escolas interessadas em propor políticas públicas educacionais, minimizando as desigualdades em torno da prática corporal, possibilitando, desde cedo, o enfrentamento ao preconceito racial e social.

Palavras-chave: Atividades de aventura. Formação de professores. Políticas Públicas. Educação Física. Cultura Corporal de Movimento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICK, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto; OLIVEIRA, Fabiana; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

NETO, Gabriel Pereira Paes; FURTADO, Renan Santos; OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro. Esporte cultura corporal e hegemonia. **Germinal Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 227-236, abr. 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13430>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

ROSA, I. M.; VENTURA, A. L.; SILVA, S. M.; COSTA, K. Acolhendo a Diversidade. **IX Congresso Nacional de Educação (EDUCERE)**, out. 2009, PUCPR, p. 9223. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2459_2134.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

**AValiação DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA:
“POR DENTRO DAS COISAS É QUE AS COISAS SÃO”**

Bruno Vasconcellos Silva⁵⁰

Zenólia Christina Campos Figueiredo

A pesquisa visa a avaliar uma experiência de formação continuada dos professores de Educação Física do ensino fundamental I (1º ao 5º anos) e II (6º ao 9º anos), desenvolvida numa determinada Rede Municipal de Ensino da Grande Vitória - ES no ano de 2015, mediada pelo pesquisador, professor da referida instituição, bem como subsidiada pelos princípios da reconstrução coletiva e colaborativa. Para o estudo, avaliar refere-se a qualquer processo por meio do qual algumas ou várias características, dessa experiência de formação continuada, receberam atenção, analisando e valorizando suas particularidades e condições em função de alguns critérios ou pontos de referência para emitir um julgamento que seja relevante para educação. Desse modo, avaliar é refletir permanentemente sobre as finalidades e objetivos do que vem sendo experimentado no cotidiano. A realização desta experiência foi motivada pelo desejo de promover uma formação continuada em que as demandas e necessidades referentes ao cotidiano docente fossem ouvidas e discutidas, e os participantes, de modo coletivo e colaborativo, contribuíssem com o processo, reconstruindo as propostas no decorrer dos encontros, valorizando o seu saber-fazer. Nessa dinâmica, o professor/mediador promovia encontros elencados pelos demais professores, destarte esses também foram corresponsáveis pelo desenvolvimento, contribuindo para repensar a formação. O debate teórico, que dá suporte à pesquisa em voga, foi aprofundado a partir da elaboração de um mapa conceitual no qual se apresenta um amálgama de conceitos que emergem e se imbricam em torno da formação continuada, a saber: perspectiva crítica em contraposição aos pensamentos racionais/tecnicistas; epistemologia da prática;

⁵⁰ Contatos dos autores: brasconcellos1983@hotmail.com; zenoliavix@gmail.com.

saberes docentes; e movimento da profissionalização. O trabalho analisa as políticas públicas no que tange à seara, seus conceitos e sua importância, bem como debate os marcos legais nacionais e do município onde ocorreu a experiência. O estudo é qualitativo, interpretativo e o procedimento de maior aproximação do campo foi a observação participante. Também foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e diário de campo. Por meio da avaliação, buscou-se o entendimento docente do que foi projetado na referida experiência. De modo geral, os educadores participantes afirmam que se viram na condução da formação continuada, ou seja, essa formação pareceu configurar autoria e protagonismo aos professores. Logo, esse processo que propôs desconstruir estilos e culturas na formação docente poderia continuar a ser fomentado, bem como identificamos que os docentes, tanto da academia quanto da escola, carecem entender melhor como as teorias – teoria da prática e a teoria científica – podem contribuir para o enriquecimento da prática (pedagógica), da qualidade da educação e, ainda do processo formativo perene do professorado. Além disso, foram identificadas dissonâncias no decorrer desse processo formativo, que apontam condicionantes difíceis de serem superadas, como a própria legislação educacional, condições de trabalho, bem como o fato de depender de um querer do professor. Parece-nos que “Ver só com os olhos”, ou seja, os estudos que se propõem a debruçar sobre essa temática em voga, pode sugerir pensar que “É fácil e vão” serem desenvolvidos nos espaços/tempos formativos, contudo esses carecem ser entendidos “por dentro das coisas”, nos processos de formação continuada organizado/estruturado/planejado pelos órgãos públicos, para que, assim, por meio dessas dissonâncias, possamos avaliar a maneira como “as coisas são”. Evidenciamos a relevância de se promover e avaliar uma cultura formativa nas formações continuadas, desenvolvidas nas Redes Públicas de Ensino, subsidiadas por meio dos princípios que emergem nos textos acadêmicos e legais que abordam a temática em voga.

Palavras-chave: Formação continuada. Políticas públicas. Educação Física.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Gonzáles. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro: Anped, n.19, jan./fev./mar./abr. 2002.

DIAS SOBRINHO, J. Avaliação ética e política em função da educação como direito público ou como mercadoria? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 703-725, out. 2004. Número especial. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v25n88/a04v2588.pdf>>. Acesso em 23 mar. 2018.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação docente em educação física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 89-112, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2827/1441>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Experiências sociais no processo de formação docente em educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 85-110, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2395/2075>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. Recuo da teoria: dilemas na pesquisa em educação. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 1, 2001, p. 7-25. Universidade do Minho, Portugal. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37414102>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. I. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 93-114.

QUEIROZ, C. **Ver só com os olhos. É fácil e vão. Por dentro das coisas. É que as coisas são**. [s.d.]. Disponível em: <<http://veredasdalingua.blogspot.com/2013/03/carlos-queiros-poemas.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2018.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA R. A. T. (Org.) **Itinerários de pesquisa: perspectiva qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p. 137-179.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS SILVA, B.; CAPARRÓZ, F. E.; ALMEIDA, U. R. A produção de imaginários sociais nas aulas de educação física e seus efeitos na formação inicial de professores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. 3, p. 51-68, set./dez. 2015.

VASCONCELLOS SILVA, Bruno. **Formação continuada dos professores de educação física: avaliando uma experiência formativa**. 2017. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

**BRINCADEIRAS HISTORIADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BRINCANDO
COM OS CONTOS INFANTIS**

José Roberto Gonçalves de Abreu⁵¹

Juliana Martins Cassani

Dionny Felipe

Flávio Pereira Pires

O brincar faz parte do universo infantil tanto quanto as historinhas e contos. Ao unir esses dois elementos da cultura infantil em uma atividade direcionada ao trabalho didático pedagógico na Educação Física Infantil propomo-nos a construir uma sequência didático-pedagógica construída sob uma perspectiva interdisciplinar. Ao articularmos as práticas desenvolvidas pela professora com formação em Pedagogia com a atuação docente do professor de Educação Física tomamos como referência os estudos de Nunes e Santos (2006), Melo e Santos (2014) e Pires (2016), que destacam a importância e a necessidade de uma atuação integrada entre os professores na educação infantil, no intuito de melhor significar para as crianças o que é desenvolvido nos espaços das creches e das pré escolas, evitando a fragmentação do ensino. Norteamos nosso fazer pedagógico pelo brincar, com o objetivo de facilitar os processos de aprendizagem das crianças, contribuindo para a construção de sua identidade e de sua autonomia. Nesse caso, pautamo-nos nas orientações das DCNEI sobre a importância de “práticas pedagógicas que [...] devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira[...]” (BRASIL, 2010, p. 25). Por meio da pesquisa-ação fizemos uso do simbolismo presente no imaginário infantil para (re)significar as histórias contadas às crianças. Fundamentamo-nos em Oliveira et al (2002, p.55), para assumir as brincadeiras simbólicas como práticas que levam as crianças a construir “[...] um mundo ilusório, de situações imaginárias onde objetos são usados como substitutos de

⁵¹ Contatos dos autores: abrefisio@gmail.com; julianacassani@gmail.com; dionnyufes@hotmail.com; profeflavio@yahoo.com.br.

outros, conforme a criança os emprega com gestos e falas adequadas”. As aulas ocorreram no Centro de Educação Infantil Municipal Sementinha, em São Mateus / ES, sendo escolhidos os contos João e Maria, João e o Pé de Feijão, e Chapeuzinho Vermelho para a realização da sequência didática com as turmas de creche-nível 2, Creche-nível 3, Pré-nível 1 e Pré-nível 2. A organização das aulas se deu da seguinte maneira: primeiro era realizado o conto infantil (cada conto ocupou o espaço de uma aula), sendo que para o primeiro conto infantil, o professor contou a historinha, para o segundo, houve a apresentação de um desenho animado e no terceiro, as próprias crianças contaram a historinha. Após ouvir, assistir ou contar a historinha infantil, foram realizadas brincadeiras tematizadas de acordo com cada conto: para João e Maria propomos um circuito, que simulava a floresta, em que no final há uma casa de doces, construída com bambolês e cheia de balas e pirulitos pendurados. Foi colocada uma boneca para representar a bruxa, devendo as crianças realizarem os movimentos com cuidado para não acordá-la. No conto João e o Pé de Feijão, realizamos uma brincadeira em que as crianças passavam por obstáculos diversos, subiam em cadeiras e mesas (simbolizando o pé de feijão) e, guardavam carochos de feijão em recipientes. Assim, além do lúdico presente no simbolismo da brincadeira, a motricidade fina foi estimulada na atividade. Por fim, para a historinha da Chapeuzinho Vermelho foi desenvolvido um pega-pega, no qual haviam o lobo mau, várias chapeuzinhos e o caçador. O lobo mau tentava pegar as chapeuzinhos e levá-las para o caldeirão. A prática pedagógica realizada permitiu desenvolver o brincar na educação infantil, compreendendo que o mesmo faz parte do universo da criança. Ao brincar, a criança interage com os outros, sejam estes adultos ou crianças, se expressam naturalmente, criam e reconstróem símbolos e significados. Nas aulas, ao inserir o simbolismo nos jogos e brincadeiras, é permitido à criança imaginar-se em outro mundo, no caso deste trabalho, o mundo dos contos infantis. Ao brincarem com os contos, as crianças (re)significaram as historinhas para si, apropriando-se de acontecimentos e de personagens, construindo sua própria forma de entendimento do conto e produzindo cultura corporal.

REFERÊNCIAS

MELLO, André da S.; SANTOS, Wagner. Educação Física na Educação Infantil: Produção de Saberes no Cotidiano Escolar. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 467-484, abril/junho 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 02/04/2015.

NUNES, Kezia R.; SANTOS, Wagner. Educação Física na Educação Infantil: Um projeto coletivo para intervenção no cotidiano escolar. In FONTOURA, Paula (Org.). **Pesquisa em Educação Física**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006, v. 4, p. 93-98. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT05022010151244.pdf>. Acesso em 03/03/2015.

OLIVEIRA, Zilma. M. et al. **Creches: Crianças, Faz de conta & cia**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PIRES, Flávio Pereira. **Proposições sobre a inclusão da educação física na educação infantil da rede pública municipal de São Mateus-ES**. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2016.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

CONHECIMENTO SOBRE TDAH E AUTISMO ENTRE GRADUANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

*Lucas Vieira Buquer*⁵²

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e o transtorno do espectro autista (TEA) são distúrbios neurocomportamentais que estão presentes em uma porcentagem considerável na população mundial. De acordo com o *American Psychiatric Association* o TDAH é um transtorno definido por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade. Desatenção e desorganização envolvem incapacidade de permanecer em uma tarefa, aparência de não ouvir e perda de materiais em níveis inconsistentes com a idade ou o nível de desenvolvimento. Hiperatividade-impulsividade implicam atividade excessiva, inquietação, incapacidade de permanecer sentado, intromissão em atividades de outros e incapacidade de aguardar – sintomas que são excessivos para a idade ou o nível de desenvolvimento. O TEA, por sua vez, caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Estima-se que 70 milhões de pessoas no mundo todo possuem algum tipo do TEA, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Com relação ao Brasil, esse número passa para 2 milhões, segundo dados do IBGE. O TDAH, por sua vez atinge 3% a 7% da população mundial. Na escola, a presença de alunos com TDAH e/ou autismo é notória, estes alunos, geralmente, tem dificuldades na interação/socialização com os colegas e professores, consequentemente

⁵² Contato do autor: lbucher@gmail.com.

possuem as aprendizagens, principalmente curriculares, comprometidas. Um dos componentes curriculares no qual esses alunos vivenciam é a Educação Física, todavia a mesma apresenta uma especificidade no que diz respeito a aprendizagem, pois ela compartilha os saberes relacionados as práticas corporais. Condição que possibilita ao aluno com esses transtornos outro tipo de experiências de aprendizagem e interação, uma vez o corpo em movimento passa a constituir-se como linguagem fundamental. Assim, percebe-se que o professor de Educação Física necessita de saberes de natureza didático-pedagógicos e científicos, mas também que o possibilitem compreender as particularidades destes transtornos para que possa desenvolver ações pedagógicas condizentes com a realidade de suas aulas, com a finalidade do desenvolvimento dos alunos com e sem esses transtornos. Sendo assim, esses conhecimentos devem ser desenvolvidos durante o processo de formação inicial, colaborando para uma inserção mais condizente e preparada nos cotidianos de atuação. Diante do exposto, é importante ressaltar que esta pesquisa além de discutir aspectos específicos destes distúrbios, assume também como objetivo investigar e analisar o conhecimento dos graduandos em Educação física em relação a alunos com esses distúrbios neurocomportamentais para atuação profissional. Para tanto, foi desenvolvido uma pesquisa que se organiza em duas fases, na primeira a partir do estado do conhecimento que, permitiu o mapeamento das produções científica com as palavras-chaves “autismo educação física / TDAH educação física”. Após a leitura e análise dos resumos dos documentos, selecionou-se 29 pesquisas que atendiam completamente os critérios de inclusão. Dessa forma, a análise do *corpus* documental se deu a partir dos indicadores bibliométricos: recorrência autorial, referencial teórico, periódicos, instrumentos de coletas de dados e categorias temáticas. Os resultados indicam que ainda há poucos estudos, principalmente na área da educação física, relacionado a temática proposta. Diante dessa baixa produção justifica-se a constituição de pesquisas que analisem, discutam e criem possibilidades relacionadas a atuação docente em Educação Física, mas com ênfase na formação inicial, sobre esses distúrbios neurocomportamentais. Para tanto será desenvolvida uma pesquisa ação-existencial, cujo instrumento de coleta de dados será a entrevista narrativa, junto a graduandos em Educação Física de uma instituição de ensino superior.

Palavras-chave: TDAH; autismo; educação física.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

COSTA, C.; MOREIRA, J.; SEABRA JÚNIOR, M. Estratégias de Ensino e Recursos Pedagógicos para o Ensino De Alunos com TDAH em Aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marthia, v. 21, n 1, p. 111-126, 2015.

LIMA, A.F. et al. A Influência de práticas pedagógicas e terapêuticas não verbais no transtorno do espectro autista: as possibilidades para o profissional de educação física. **Motricidade**. 2017, vol. 13, SI, pp. 87-96

Organização Mundial de Saúde. (2013). **Autism spectrum disorders & other developmental disorders: from raising awareness to building capacity**. Meeting report, Geneva. Retrieved from. Disponível em:
<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/103312/1/9789241506618_eng.pdf>.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas: TDH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO TRABALHO
INTERDISCIPLINAR NO COTIDIANO ESCOLAR**

Marciel Barcelos⁵³

Amanda Favaro Botelho

Cleiton Nascimento Conti

Isabela de Sousa Silva

Rayner Zanoti Pereira

Rômulo Simonassi dos Santos

Nos últimos anos temos observado a importância do trabalho interdisciplinar nos espaços escolares como forma de potencializar o processo de ensino e aprendizagem. Hass (2008) destaca que o trabalho colaborativo entre os docentes possibilita, aos alunos, compreenderem os problemas cotidianos por diferentes enfoques, uma vez que a experiências constitui-se como elemento primário para promoção do conhecimento. Essas experiências ao serem trabalhadas por diferentes disciplinas curriculares objetivam potencializar o projeto de escolarização produzindo discentes que identificam como as ações colaborativas estão presentes no cotidiano escolar e, conseqüentemente na sociedade. Diante disso, nosso objetivo é discutir as contribuições da Educação Física no projeto interdisciplinar desenvolvido na UMEF “Prof. Emília do Espírito Santo”, situada em Vale Encantado – Vila Velha/ES, a respeito do combate ao mosquito *Aedes Aegypti*, perpassando pelas ações construídas coletivamente entre os professores. Entender como o componente curricular Educação Física potencializou as ações escolares por meio de sua especificidade ressaltou como esse componente curricular pode enriquecer a formação dos alunos por meio de suas práticas (CERTEAU, 1994). As especificidades de cada componente curricular constituem-se como estratégia

⁵³ Contatos dos autores: marcielbarcelos@gmail.com; amanda_favaro_22@hotmail.com;
cleitonconti@gmail.com; isasilva18467@gmail.com; raynerzanoti@hotmail.com;
romulosimonassidossantos@gmail.com.

pedagógica para fortalecer a forma como os alunos compreendiam o tema proposto. Metodologicamente, utilizamos o estudo de caso (GIL, 2007) como método. Essa escolha nos permitiu olhar nosso objeto por diferentes fontes, evitando que um dado se sobreponha ao outro (SARMENTO, 2003). Os instrumentos metodológicos foram: diário de campo, narrativas e registros imagéticos (fotos e desenhos) das crianças que participaram do “Projeto Dengue”, nesse caso os alunos do 3º e 4º ano (132 meninos e 128 meninas com idade entre 8 e 9 anos) da UMEF “Prof. Emília do Espírito Santo”. As atividades ocorreram de fevereiro a março de 2018. Analisamos os dados por meio dos estudos do cotidiano de Michel de Certeau (1994), pois entendemos que as *práticas de apropriação* são aspectos que podem nos fornecer pistas de como as crianças compreendem o trabalho e *utilizam* seus saberes para além da escola. Durante o desenvolvimento do projeto percebemos diferentes ajustes e arranjos produzidos pelos professores envolvidos no “Projeto Dengue” com o intuito de potencializar a formação dos alunos. Nosso foco, nesse resumo é dar visibilidade as práticas da Educação Física. Assim, o referido componente curricular, contribuiu com brinquedos com materiais reciclados. As narrativas dos alunos indicavam diferentes formas de ressignificar o aprendido nas aulas de Educação Física no contexto familiar. Destacamos também, os diferentes registros imagéticos que versavam sobre as características dos brinquedos construídos com o material reciclado, evidenciando os sentidos atribuídos ao projeto pelos alunos e seus usos. Observamos a apropriação (CERTEAU, 1994) de temas que extrapolaram o projeto, como: combate ao *Zika Virus*, ocupação dos espaços esportivos pelos lixões e descompromisso da comunidade com os espaços de convívio social. Essas ações culminaram em um manual de boas práticas para a prevenção das doenças transmitidas pelo mosquito, expondo uma lista de jogos, brinquedos e brincadeiras possíveis de serem produzidas a partir de materiais que acumulam água. Concluímos que o trabalho interdisciplinar possibilitou as crianças ampliarem suas compreensões sobre as possibilidades de práticas de prevenção, bem como maneiras de fazer brinquedos a partir dos *usos* (CERTEAU, 1994) de materiais reciclados, dando visibilidade ao seu aprendizado na Educação Física.

Palavras-chave: Educação física; Interdisciplinaridade; Ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HAAS, C. M. A interdisciplinaridade na construção dos projetos pedagógicos: práticas experimentadas. In: VIII EDUCERES, Curitiba, **Anais**, 2008. p. 781-792.
- SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. TEIXEIRA. **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.137-179.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

COPA DO MUNDO: O MUNDO EM NOSSA ESCOLA

Fernanda Silva dos Santos⁵⁴

Trata de um projeto interdisciplinar realizado em uma escola de ensino fundamental do município de Serra/ES, onde a Copa do Mundo foi abordada em diversos aspectos utilizando este grandioso evento como referência. A tematização da cultura esportiva no espaço institucional pode significar uma ampliação do repertório imaginativo, assim como uma resistência concreta à perversa difusão da cultura, também esportiva, nos esquemas da indústria cultural. O objetivo deste trabalho era desenvolver competências pedagógicas na área social, intelectual, política e cultural visando o enriquecimento de nossas aulas através da história do futebol no mundo. O desenvolvimento deste projeto deu-se durante o segundo trimestre de forma transversal e interdisciplinar; transversal porque incluirá temas relevantes para estudo e pesquisa; e interdisciplinar porque expõe as inter-relações entre os temas estudados e as disciplinas curriculares, desta forma o trabalho não terá uma perspectiva disciplinar rígida. Foram realizadas pesquisas e estudos sobre: o futebol, a Copa do Mundo, os países participantes, sua história, geografia, política, economia e cultura. Foram confeccionados murais com charges, desenhos em tangram, informações sobre a história do futebol e copa, tabela interativa, além da exibição de filmes sobre o histórico do futebol, da copa do mundo e da Rússia (país sede). Abordar a Copa do Mundo de Futebol na Escola implica em não reduzir este evento a uma ação esportiva, mas em considerá-lo como fenômeno complexo que passa pela mediação pedagógica. Desta forma, tematizar esta cultura (corporal) implica em propiciar um esclarecimento crítico ao seu respeito, desvelando suas vinculações com elementos da ordem vigente e potencializando os sujeitos a interferirem nesse universo cultural. O futebol possui um aspecto democratizante, pois a mobilização social que proporciona estabelece relações amplas, reunindo pessoas de origens diversas

⁵⁴ Contato do autor: nandasantos_edfisica@yahoo.com.br.

em torno de um assunto sobre o qual todos opinam. Segundo Rocha (2005), o futebol atua na construção de uma identidade nacional que se opõe à diversidade individual e à rivalidade entre as pessoas. Ele ainda reflete a mentalidade nacional e aspectos da cultura de cada país, o que nos possibilita desenvolver abordagens diversas no âmbito escolar. Tal projeto teve como culminância a “Copa Jonas Farias”, onde apresentações culturais e um torneio de futebol unissex foram realizados, simulando a abertura e jogos da Copa do Mundo. A avaliação foi processual e dinâmica buscando subsidiar a tomada de decisão para melhorar a qualidade da aprendizagem do educando, através de atividades orais e escritas. O papel da avaliação foi o de “diagnosticar, tendo em vista encontrar soluções mais adequadas e mais satisfatórias para os impasses e dificuldades” (LUCKESI, 2005, p. 33). Valorizou-se a interação do aluno com o objeto de conhecimento, pois segundo a perspectiva construtivista de Piaget (1973) o conhecimento acontece pela ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento, ou seja, o conhecimento se constrói na interação sujeito-meio e sujeito-objeto. O Futebol é um esporte extremamente competitivo, seja nos gramados ou fora dele. No âmbito escolar não é diferente, a competição acontece diariamente seja entre turmas diferentes ou colegas de classe o que torna o ambiente propício à debates em classe, a fim de transformar o que seria simples discussão em algo que venha somar nas experiências diárias na vida de cada indivíduo em diversos aspectos, e esse objetivo foi alcançado através da abordagem transversal e interdisciplinar adotada neste projeto.

Palavras-chave: Futebol; esporte; interdisciplinaridade; copa do mundo.

REFERÊNCIAS

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática.** 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/Unesco, 1973.

ROCHA, M.N. **Futebol: paixão e guerra.** Vitória: Flor&Cultura, 2005.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**DANÇAS FOLCLÓRICAS NO CONTEXTO DA FESTA JUNINA: UMA
EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Marina Zorzanelli Borges Barcelos⁵⁵

O corpo é uma festa, segundo Havey Cox (1974), o homem em sua essência é um ser festivo. Sempre tivemos e ainda temos motivos para festejar, do contrário seríamos meros robôs. É possível identificar registros de festejos desde as mais antigas civilizações, e na escola não poderia ser diferente. Neste espaço se festeja as mais diversas datas comemorativas e uma delas é a Festa Junina. Considerando que a escola é um terreno fértil para tais manifestações serem divulgadas e propagadas para os mais jovens, o enfoque deste estudo é a problematização das danças folclóricas como um dos conhecimentos a serem trabalhados pela educação física escolar. As danças folclóricas não são a única possibilidade de enfoque da dança na escola, mas segundo Fernandes e Bratfische (2014), essa pode apresentar-se como uma forma de resistência à massificação e ao privilégio das danças da cultura midiática no contexto escolar. Neste sentido, o presente estudo apresenta as danças folclóricas como um possível caminho para resgatar o sentido das festas juninas no contexto escolar, procurando mostrar o verdadeiro sentido deste ciclo das festas populares; um período marcante em todo país tanto pelo seu caráter religioso quanto pela representação da gratidão pela colheita das plantações. Este trabalho é caracterizado como um relato de experiência desenvolvido em uma Unidade Municipal de Educação Infantil da Prefeitura de Vila Velha. Para orientar o estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o referido tema. Buscou-se por relatos ou trabalhos que contemplassem este assunto no âmbito escolar, principalmente na educação infantil. Foi essencial investigar a origem de cada manifestação e apresentar de forma lúdica para as crianças. Realizou-se uma pesquisa diagnóstica com as turmas do infantil 5 e 4 para saber quem já conhecia o congo, o coco

⁵⁵ Contato do autor: ninazorb@hotmail.com.

e o bumba-meu-boi. Praticamente nenhuma criança conhecia essas manifestações. Entendia-se essa falta de informação pela pouca idade das crianças e pela a prevalência quase que unânime da cultura midiática em seus repertórios. Antes de vivenciar a dança, foram mostradas as crianças o contexto histórico que abarca tais manifestações, o que sustenta os costumes e as tradições de cada grupo. Foram selecionadas atividades que aproximassem e despertassem o interesse para as temáticas, como brincadeiras e histórias infantis. A partir dessa vivência, as crianças puderem sentir e entender como algumas atividades (como a pesca, a plantação e a colheita, o gado) são importantes para algumas comunidades e como isso pode influenciar na maneira de viver e de se socializar com as diferentes linguagens culturais, neste caso a música e a dança. Foram mostrados alguns vídeos sobre essas manifestações e apresentados instrumentos de percussão para que as crianças pudessem se familiarizar com o som e com as danças propostas. Em seguida, iniciamos a construção coletiva da coreografia, no qual as crianças puderam participar de todo o processo. Associado a essa atividade, foi realizado a produção das indumentárias e dos instrumentos com materiais recicláveis. A maior satisfação foi observar a alegria das crianças em dançar, tocar os instrumentos e brincar com as histórias folclóricas, além de terem vivenciado uma parte da cultura popular que até então era desconhecido para elas e suas famílias. Este trabalho foi apenas o começo de um processo que deve se tornar contínuo. Afinal o papel do educador é ampliar a visão e vivência das crianças na escola. Espera-se com este relato, contribuir e inspirar outros projetos que valorizem a diversidade do nosso país.

Palavras-chave: dança na escola, danças folclóricas, educação física.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. S. A dança Criativa e o Espaço de com - vivência: reflexões sobre uma experiência educacional na Educação Infantil. In: 2º encontro nacional de pesquisadores em dança, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <www.portalanda.org.br/index.php/anais>. Acesso em: 02 de novembro de 2015.
- ARAUJO, A.M.S. Manifestação Cultural e Educação: uma experiência dançante. In: 2º encontro nacional de pesquisadores em dança, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...**

Disponível em: <www.portalanda.org.br/index.php/anais>. Acesso em: 02 de novembro de 2015.

BRASIL. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB**. Senado Federal. Brasília, 20 de dez. 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf?sequence=3>>. Acesso em: 08 de agosto de 2016.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997.130p.

BRASIL. Lei nº 13.278/20163, de 3 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, incluindo as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 de maio. 2016. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/114798847/dou-secao-1-03-05-2016-pg-1>>. Acesso em: 08 de agosto de 2016.

CRUZ, G.A. **Brincando a dança folclórica na escola**. 2012. 62 f. TCC (Graduação de Licenciatura em Dança) – Curso de Licenciatura em Dança, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GARGALLARDO, J.S.P. Prefácio. In: EHRENBERG, M. C.; FERNANDES, R. de C. e BRATIFISCHE, S. A. (Org.). **Dança e Educação Física: diálogos possíveis**. 1.ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014.

FERNANDES, R.C. e BRATIFISCHE, S.A. Possibilidades pedagógicas das danças folclóricas: o gesto ressignificado nas aulas de educação física escolar. In ____; ____ e EHRENBERG, M. C. (Org.). **Dança e Educação Física: diálogos possíveis**. 1. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014. Cap. III, p. 67-115.

MARQUES, I. A. **A dança no currículo**. 2011. Entrevista concedida ao Programa Salto para o Futuro. Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/saltoacervo/interview;jsessionid=CB5649AB3ACABB7E47EBDFFAA9AC5EC3?idInterview=8514>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2016

MARQUES, I. A. Dançando na Escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 1, p.20-28, Junho/1997.

PESSOA, J.M. Proposta Pedagógica. Aprender e ensinar nas festas populares. **Salto para o Futuro**, Abril 2007, boletim 02, ISSN 1518-3157, p. 03-14. Disponível em <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/salto-acervo/publication-series?type=1>> Acesso em: 03 de julho de 2016.

SBORQUIA, S.P. e NEIRA, M. G. As danças folclóricas e populares no currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XX, n 31, p. 79-98, Dez/2008.

SILVIA, D.B. e SANTOS, M. G. **O congo como arte – educação**. 2007. 19f. Trabalho (Disciplina Prática de Ensino da Arte no Ensino Médio) – Curso de Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**DAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO CURSO
DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Marciel Barcelos⁵⁶

Samara Ventureli Furtado

Stephany Siqueira Borsoni

Samuel Augusto de Araujo Barros Trancoso

Emmily Rosário Batista de Alcântara

Rafael de Azevedo Couto

Um dos objetivos da disciplina “Prática de Ensino e Integração I” do curso de licenciatura em Educação Física da Faculdade Multivix/Cariacica é fomentar o debate sobre a especificidade da Educação Física na Educação Básica. Diante disso, a compreensão da forma como as práticas pedagógicas desse componente curricular atravessada as experiências dos alunos e conseqüentemente suas escolhas futuras, especialmente da profissão docente. Essas práticas tornam-se experiências (BONDIA, 2002) que tencionam, por vezes, a escolha da carreira profissional. Nesse sentido, assumimos a narrativa autobiográfica (SOUZA, 2006) como possibilidade teórica e metodológica nessa pesquisa, pois permitiu aos professores em formação matriculados na disciplina de “Práticas de Ensino e Integração I” rememorar as práticas corporais experienciadas na Educação Básica, analisando vivências e problematizando seus usos e apropriações (CERTEAU, 1994) por eles e seus professores. A relevância desta pesquisa se materializa pela necessidade de produzir estudos com os discentes matriculados em instituições de ensino superior particulares, articulando a formação acadêmica com a produção do conhecimento em Educação Física, potencializando a formação dos futuros professores. Também pela possibilidade de potencializar a

⁵⁶ Contatos dos autores: marcielbarcelos@gmail.com; savenfur@outlook.com;
stephanysb99@gmail.com; nagomacrew@hotmail.com; millylivy27@gmail.com;
rafaelazevedocouto@gmail.com.

formação articulada com a pesquisa, possibilitando a apropriação da comunicação científica e assumir a pesquisa como eixo central da formação docente. Ressaltamos que este estudo está em andamento, sendo produto final da disciplina “Prática de Ensino I” e que tem a autoria dos sujeitos da pesquisa, discentes do curso de licenciatura em Educação Física da Multivix/Cariacica. Metodologicamente, assumimos a narrativa autobiográfica (SOUZA, 2006) como método, buscando no exercício de se (auto)interrogar rememorar experiências que marcaram a escolarização dos discentes, especialmente considerando as práticas da Educação Física, permitindo assim uma releitura de sua trajetória de formação. Assumir essa perspectiva de investigação potencializou os usos e apropriações (CERTEAU, 1994) realizadas durante a educação básica, constituindo um repertório de práticas (CERTEAU, 1994) que possam ser analisadas e utilizadas nos contextos de intervenção dos discentes durante sua formação, sobretudo nas disciplinas de Estágio Supervisionado, onde são desafiados a inventariar práticas pedagógicas. As fontes são compostas por 76 narrativas escritas pelos alunos da turma de 1º período do curso de Licenciatura em Educação Física da Multivix/Cariacica, no mês de fevereiro de 2018. Após a leitura das narrativas agrupamos os sentidos produzidos sobre a escolarização na educação básica por meio da Educação Física do seguinte modo: 1) Conteúdos da Educação Física na Educação Básica; 2) Identidade do professor de Educação Física na Educação Básica, 3) Perspectivas de formação no Ensino Superior. Para analisarmos as narrativas, utilizaremos a teorização produzida por Ricoeur (1994) sobre a temporalidade da narrativa, pois entendemos que um sujeito pode narrar no presente questões do passado (presente-passado), acontecimentos do hoje (presente-presente) e projeções para o futuro (presente-futuro). Entender como as narrativas dão visibilidade a escolha do curso de formação evidencia as marcas que são deixadas, especialmente no corpo, e que tencionam nossas escolhas profissionais.

Palavras-chave: Educação Física; Formação Docente; Transições Educacionais.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**, Campinas/ SP: Papyrus, 1994. t. 1.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiência: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

DESENVOLVIMENTO INFANTIL E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Maria de Fátima Ferreira Vasconcelos⁵⁷

Pedro Humberto Faria Campos

O presente estudo teve como proposta investigar a Representação Social de Desenvolvimento Infantil elaborada por professores de Educação Física escolar com a intenção de compreender como estes organizam sua prática. Buscou-se analisar a relação existente entre a Representação Social, as atividades realizadas nas aulas de Educação Física e a utilização do conhecimento da prática psicomotora como ferramenta para a promoção do desenvolvimento do aluno. Para alcançar o objetivo foi realizado o estudo da Representação Social de Desenvolvimento Infantil por professores de Educação física. Em uma das etapas deste estudo, foram aplicados questionários a professores de Educação Física, atuantes em escolas públicas e privadas e os dados inicialmente coletados foram tratados por métodos de análise segundo a abordagem estrutural: software EVOC (VERGÈS, 1994). Tal análise nos indica que os elementos presentes e prováveis constituintes da representação social objetivada são as palavras: *Psicomotricidade, ludicidade, desenvolvimento motor e movimento*. Estes elementos podem ser indicados como prováveis organizadores desta prática (ABRIC, 2001, 2008). Segundo os sujeitos pesquisados, a *Psicomotricidade*, compreende um campo de conhecimento constituído em uma prática específica que promove interferência no desenvolvimento dos aspectos formadores da criança de forma integrada: social, afetivo, cognitivo e motor (FONSECA, 2008; COOL, MARCHESI e PALÁCIUS, 2008). A *ludicidade* apresenta uma característica de promoção da ação com interferência do prazer e interação (LIMA, 2003; DAMÁSIO, 2003), portanto ativação das redes neuronais responsáveis pela organização emocional, social, motora e cognitiva

⁵⁷ Contatos dos autores: favevasconcelos@gmail.com; pedrohumbertosbp@terra.com.br.

(RELVAS, 2009). O *movimento* corporal por sua vez é estruturante da organização psíquica do indivíduo (LA TAILLE, 1992), pois como vimos o desenvolvimento infantil se inicia por meio da experimentação corporal para atingir o desenvolvimento das funções cognitivas (ALVES, 2018). Estes elementos trazem em seus conceitos argumentos estruturantes de uma prática que garante a promoção de estímulos importantes para o *desenvolvimento integral* da criança (BERGER, 2003; FONSECA, 2010). Sendo a Psicomotricidade e o *movimento* os elementos mais presentes no discurso espontâneo dos sujeitos sugere que os professores de Educação Física pensam em sua prática (CAMPOS, 2003, 1998), apresentando indícios de ampliação no que tange ao conhecimento teórico do desenvolvimento infantil, uma vez que a Psicomotricidade é um dos campos de conhecimento que oferece instrumentos necessários para promoção do desenvolvimento integral por meio do movimento (FONSECA, 2010). No entanto cabe ressaltar que a presença do elemento *desenvolvimento motor* ainda é muito forte, no discurso dos sujeitos, entendendo este *motor* como referência a este aspecto do desenvolvimento especificamente, sugerindo que os demais aspectos são estimulados como se em decorrência do estímulo *motor*. Tais observações nos levam a concluir que, os professores de educação física entendem a possibilidade de promoção do desenvolvimento integral do aluno por meio dos movimentos em consonância com os pressupostos teóricos da Psicomotricidade, no entanto este conhecimento ainda é superficial, pois o desenvolvimento motor ainda aparece como elemento característico desta prática em detrimento aos demais aspectos, deste modo em contradição à proposta de desenvolvimento integral. A representação social identificada da prática do desenvolvimento infantil encontrada apresentou uma configuração na qual o movimento, a ludicidade e a psicomotricidade aparecem como elementos centrais e a socialização e a afetividade como elementos relacionados ao sistema periférico desta representação. Os resultados obtidos sugerem que a Representação Social identificada no estudo, elaborada pelos professores indicam que estes reconhecem a importância do conhecimento da psicomotricidade como auxiliar em suas aulas objetivando o desenvolvimento integral da criança, mas estes ainda não apresentam um conhecimento constituído desta área de conhecimento.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Desenvolvimento Infantil, Representações Sociais.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Presses Universitaires de France, 2001.

_____, J. C. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, Pedro H. F.; LOUREIRO, Marcos B. da S. (Orgs.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: UFG/UCG, 2003. p. 35-56.

_____, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas leituras**, v. 1, n. 1, p. 18-43, jan./jun. 2008.

BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa humana: do nascimento à terceira idade**. Rio de Janeiro: Luc, 2003.

CAMPOS, P. H. F. As representações sociais de “meninos de rua”: proximidade do objeto e diferenças estruturais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares em representações sociais**. Goiânia: Ed. AB, 1998.

CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. da S. (Org.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

COOL, C., MARCHESI, A., PALÁCIUS, J. (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e educação**; trad. Daisy Vaz de Moraes; 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DAMÁSIO, A. Em busca de Espinoza. **Neurobiologia de la emoción y los sentimientos**. Barcelona: Crítica, 2005.

FONSECA, V. **Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FONSECA, V. **Psicomotricidade e neuropsicologia: uma abordagem evolucionista**. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

LA TAILLE, et. al. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

RELVAS, MP. **Fundamentos biológicos da educação: despertando inteligências e afetividade no processo de aprendizagem**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

THOMPSON, R. Aprendizagem e desenvolvimento neuropsicomotor. In: VALLE, L. E. L. R. do; CAPOVILLA, F. C. **Temas multidisciplinares de neuropsicologia e aprendizagem**. 3ª ed. Ribeirão Preto: Novo conceito Editora, 2011.

VERGÈS, P. Approuche Du noyau central; propriétés quantitatives et structurales. In: GUIMELLI, C. (Éd.). **Structures et transformations des représentations sociales**. Lausanne, Délachaux et Niestlé, 1994. p. 233-253.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**EDUCAÇÃO E PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: PROJETO POSSÍVEIS
CAMINHOS**

Poliana Nery de Castro Bispo⁵⁸

Liana Abrão Romera

Este estudo teve por objetivo desenvolver um programa de ações preventivas aos usos de drogas voltado ao público jovem e analisar se a proposta preventiva, justificada pelas demandas sociais, tem possibilidades de ser desenvolvida de forma positiva quando dialogada com uma parcela da juventude brasileira, considerando que a temática das drogas, mais do que uma questão social, caracteriza-se como um problema de educação e saúde pública. O estudo de abordagem sociológica de caráter qualitativo desenvolvido através de pesquisa participante, adotou como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada junto aos participantes do programa de prevenção, combinado às observações e anotações do diário de campo durante e após as intervenções propostas. Os sujeitos da pesquisa foram os atores sociais do universo escolar, em específico, alunos do 9º ano (Ensino Fundamental) e 1º ano (Ensino Médio) com média de idade entre 14 e 16 anos, moradores do município de Cariacica região da Grande Vitória (ES). O ambiente escolar foi o espaço selecionado para a implementação do programa preventivo. A partir de dinâmicas, jogos e rodas de conversa foram realizados 14 encontros em meio às aulas de Educação Física. O “Projeto Possíveis Caminhos”, foi construído com base na teoria das habilidades sociais (Del Prette; Del Prette, 1999) e teve como eixos norteadores os conceitos de vulnerabilidades (Ayres, 1998), protagonismo juvenil (Costa, s. d.; Ferretti; Zibas; Tartuce, 2004) e empoderamento (Carvalho, 2004). Os resultados foram analisados a partir da construção de códigos destacados das falas dos sujeitos entrevistados à luz das Perspectivas Tidas Pelos Sujeitos com base em Bogdan e Biklen (1994). A análise das entrevistas apontou que

⁵⁸ Contatos dos autores: profpopo@hotmail.com; liromera@uol.com.br.

propostas preventivas na escola podem contribuir para a formação de jovens sem necessariamente tratar do tema da droga, mas dando ênfase à construção e fortalecimento das habilidades sociais dos sujeitos. A técnica de rodas de conversa, dinâmicas e jogos representam caminhos pedagógicos potencializadores das relações interpessoais e do desenvolvimento das habilidades sociais dos sujeitos, contribuindo para novos olhares e conhecimentos no âmbito das aulas de Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Prevenção; Drogas; Educação Física.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Editora Porto, 1994.
- CARVALHO, S. R. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, jul.-ago. 2004.
- COSTA, A. C. G. da. **Protagonismo juvenil: o que é e como praticá-lo**. Disponível em: <http://www.dersv.com/Protagonismo_Juvenil.pdf>. Acesso em: 18 maio 2014.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- FERRETTI, C. J.; ZIBAS, D. M. L.; TARTUCE, G. L. B. P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 411-423, maio-ago. 2004.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO ESPECIAL: DA PERSPECTIVA DE
INCLUSÃO À PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Bruna Teixeira Carneiro⁵⁹

Lorena Nascimento Ferreira

Este estudo deriva de uma pesquisa em andamento de Trabalho de Conclusão de Curso, e tem como seguintes objetivos: a) identificar como a Educação Física pode favorecer ambientes de aprendizagem na prática inclusiva na escola EEEFM Mestre Álvaro do ensino fundamental; b) compreender as dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física na inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais; e c) entender a relação entre teoria e prática no que se refere às ações inclusivas. Trabalha metodologicamente com a pesquisa descritiva, caracterizando-se como um estudo de campo, tendo como público alvo professores de Educação Física que atuem em turmas que possuem pelo menos 1 aluno com algum tipo de necessidade educacional especial. A materialização da pesquisa se dará com a observação participante durante 2 meses na escola pesquisada. A partir das anotações do diário de campo faremos uma análise do material a partir da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977). Embasa-se teoricamente no conceito de Freire (2008), o qual afirma que a inclusão se trata de um movimento de cunho educacional, social e político surgido com o intuito de assegurar direitos iguais aos indivíduos, independentemente de suas diferenças físicas e mentais. Utilizamos os conceitos de inclusão adotados por Fonseca e Silva (2010), Chicon e Rodrigues (2013), Silva e Arruda (2014) e Libâneo (2005) que defendem a escola como um espaço privilegiado para a inclusão, pois nela ocorre a formação de sujeitos sociais, precisando desta forma estar preparada para lidar com as necessidades das crianças, entendendo-os como seres em fase de preparação para a vida em sociedade. Corroboramos com Tavares e colaboradores (2016) ao destacar que o professor possui

⁵⁹ Contatos dos autores: bruna.es.br@gmail.com; lorena_nferreira@hotmail.com.

um papel de extrema relevância na escola e na construção do conhecimento do aluno, já que este está envolvido diretamente com a vida escolar do mesmo, podendo facilitar o desenvolvimento da aprendizagem. Portanto, o processo de construção desse professor irá influenciar consideravelmente na sua prática docente. Entretanto, há poucos professores realmente capacitados para incluírem as crianças com necessidades educacionais especiais em suas práticas pedagógicas, dificultando o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, segundo Duek (2007) ao citar Mantoan (2003) destaca grande parte dos educadores possuem um olhar limitado sobre o aprendizado, e assim, as novidades trazem muitas vezes insegurança e medo, pois desafiam o docente. É necessário então que a escola entenda as necessidades das crianças enquanto seres em fase de preparação para a vida em sociedade e adote um posicionamento em relação às condições atuais de ensino, de modo que se tente identificar os fatores que contribuem para as situações de sucesso e fracasso escolar. Pensando no esporte e na sua influência sobre a sociedade, entende-se que mais especificamente o professor de Educação Física, através de práticas pedagógicas, tem a possibilidade de causar um impacto social relevante e, principalmente, positivo nas relações estabelecidas no espaço escolar. Assim, considerando a carência de metodologias de utilização da Educação Física nas práticas inclusivas, que se tem revelado uma barreira para os professores, já que estes não se sentem preparados para a inclusão, torna-se necessário identificar práticas pedagógicas que possibilitem o favorecimento de aprendizagem dos alunos que possuem necessidades educacionais especiais por meio das aulas de Educação Física. Para que isso ocorra, é preciso maior responsabilização da escola, mais organismos e instrumentos de educação que não separem, hierarquizem ou classifiquem pessoas, mas que impulsionem as interações, de modo que as individualidades possam se manifestar de uma forma saudável e educativa no ambiente escolar (ROSS, 2004).

Palavras-chave: Inclusão; Educação Especial; Educação Física.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHATEAU, L. F. A.; FIQUENE, G. M. C.; BAPTISTA, P. F. S.; SAETA, B. R. P. A associação da expressão necessidades especiais ao conceito de deficiência. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.12, n.1, p. 65-71, 2012 Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/viewFile/11195/6961>>. Acesso em: 09 de abril. 2018.

CHICON, J. F.; RODRIGUES, G. M. **Educação física e os desafios da inclusão**. Vitória, ES: EDUFES, 2013.

DUEK, V. P. Professores diante da inclusão: superando desafios. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2003, Londrina – PR. **Anais...** Londrina, 2007, p. 1 – 8. ISBN 978-85-99643-11-2.

FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão. **Revista da Educação**, vol. XVI, n. 1, 2008, p. 5-20. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 09 de abril de 2018.

LIBÂNEO, J. C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. In: LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínea, 2005.

ROSS, P. R. Conhecimento e aprendizado cooperativo na inclusão. **Educar**, Curitiba, n. 23, p. 203-224, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n23/n23a13.pdf>>. Acesso em: 29 de maio de 2018.

TAVARES, L. M. F. L.; SANTOS, L. M. M.; FREITAS, M. N. C. A Educação Inclusiva: um Estudo sobre a Formação Docente. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 22, n. 4, p. 527-542, Out.-Dez., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v22n4/1413-6538-rbee-22-04-0527.pdf>>. Acesso em: 06 de abril de 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**EDUCAÇÃO INFANTIL E MEIO AMBIENTE UMA TROCA SAUDÁVEL E
PROSPECTIVA**

Dionny Felipe⁶⁰

Grimaldo Patricio Ferreira

Flávio Pereira Pires

Marli Quimquim

Marcela Lopes Bronzoni

Romario Guimarães Franca

A Educação Infantil passou por diversas etapas no que se refere a sua organização e objetivos educacionais, deixando de ser paulatinamente assistencialista até chegar ao sistema educacional que encontramos hoje, com objetivos definidos. Nesse caso, também sinalizamos a possibilidade de desenvolvermos, nesse espaço, práticas relacionadas com a Educação Ambiental. Dias (2008) destaca a Educação Ambiental como uma possibilidade no campo da educação, com objetivo de harmonizar conhecimento sobre o meio ambiente e alterar a atual relação de consumo exacerbado e reestabelecer a relação de reconstrução entre ser humano e natureza. Pires (2016, p. 85) propõe que a Educação Física Infantil deva “Contribuir com a construção de uma consciência ambiental nas crianças, de modo que elas compreendam a importância do meio ambiente para a vida”. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) aponta que as propostas pedagógicas da Educação Infantil devem respeitar como princípios ético “o respeito ao bem comum, ao Meio Ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades” (BRASIL, 2010, p.16). Nota-se que na Educação Infantil devemos destacar objetivos e práticas de aprendizagens que visam os cuidados com o meio ambiente. Partindo dessa inquietação surge a ideia de desenvolver

⁶⁰ Contatos dos autores: dionnyufes@hotmail.com; grimaldopatricio@gmail.com;
profflavio@yahoo.com.br; mquimquim@gmail.com; marcelalps@hotmail.com;
romarioef12@gmail.com.

tal conteúdo na primeira etapa da Educação Básica, com o objetivo de conscientizar alunos, servidores e comunidade escolar sobre a relevância do meio ambiente e sua preservação para manter o equilíbrio natural do planeta. De posse do conceito sobre a educação ambiental foi possível desenvolver esse processo de forma integrada e sistematizada no CEIM “André Orlandi Nardotto”, localizado no Município de São Mateus, norte do Estado do Espírito Santo. Nesse processo houve participação de todos os professores (Regente de Classe, Arte, Educação Física e Filosofia), articulados pelo diretor e pedagoga. O projeto “Eu cuido do lugar onde vivo” teve início no final do ano de 2017, momento da construção do Plano Anual de Trabalho (PAT) - planejamento destinado à construção do que será desenvolvido no próximo ano -, no qual ficou decidido que seria trabalhado o tema meio ambiente no segundo trimestre escolar. Em sua proposta todos os professores dialogariam com os diversos eixos de conhecimentos, de forma integrada e sistematizada do conteúdo. A abordagem com os alunos iniciou no dia do Meio Ambiente a partir do filme da Turma da Mônica “Um plano para salvar o planeta”. Ao longo do trimestre estamos desenvolvendo as ações presentes nos objetivos do projeto: plantio e cuidado da horta e jardim; oficina de reciclagem, para reaproveitamento e construção de brinquedos; panfletagem ao redor da escola, abordando os perigos do lixo e das queimadas urbanas; aula de campo no Projeto Araçá, onde puderam observar o reflorestamento, descarte correto do lixo e participar de trilha ecológica no local; envolvimento das famílias na limpeza e cuidados diversos com a escola; corrida de obstáculos na natureza e de orientação, caça ao tesouro, cross country, floresta encantada, slackline; atividades diversificadas envolvendo plantas e animais, dentre outras importantes ações. Ao final do trimestre, projetamos uma exposição dos trabalhos realizados, para pais e comunidade escolar, com apresentações artísticas, distribuição de mudas de plantas cuidadas pelas crianças e entrega das atividades desenvolvidas. O projeto e seus frutos também serão expostos na mostra cultural da Educação Infantil Municipal. Já é possível observar os louros do processo de educação Meio Ambiente, uma vez que nossa merenda está enriquecida com temperos da horta e a escola já se tornou um ambiente mais limpo, florido e mais verde. A execução do projeto “Eu cuido do lugar onde vivo” está sendo satisfatória, uma vez que tem

estimulado a aproximação da comunidade escolar em relação aos cuidados com a escola; os professores estão envolvidos na elaboração e desenvolvimento das ações, em vista disso, o projeto tem trazido resultados positivos para organização escolar e para a construção de seres humanos preocupados com as questões ambientais.

Palavras-chave: Educação Infantil. Educação Ambiental. Meio Ambiente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CEB N.º 1, de 7/04/1999. Brasília – DF, 2010.

DIAS, R. **Marketing ambiental**. São Paulo: Atlas, 2008

PIRES, Flávio Pereira. **Proposições sobre a inclusão da educação física na educação infantil da rede pública municipal de São Mateus-ES**. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2016.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

**EDUCAÇÃO OLÍMPICA NOS JOGOS RIO 2016: ALCANCE E IMPACTOS
NAS ESCOLAS BRASILEIRAS**

Flavio Valdir Kirst⁶¹

Otávio Tavares

O esporte é largamente compreendido como um meio para a educação em valores. Neste contexto, coloca-se como uma metalinguagem axiológica (DaCosta, 2009). Dentre os vários formatos e possibilidades de educação em valores por meio do esporte situa-se a chamada Educação Olímpica, propostas de educação através do esporte tendo como referência o Movimento Olímpico, seus valores declarados, seu simbolismo, sua história, seus heróis e suas tradições (Tavares, 2008). Tomaremos aqui como referência as quatro abordagens de educação olímpica propostas por Naul (2008). Programas de educação olímpica fazem parte oficialmente do Programa dos Jogos Olímpicos desde 1994, todavia, poucos destes programas são avaliados. O objetivo deste trabalho é avaliar o programa de educação olímpica do comitê organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, denominado Transforma, a partir da análise de seus documentos e da opinião dos profissionais de educação que dele tomaram parte. Foram realizadas entrevistas com os gestores do Transforma e com professores de educação física das cidades do Rio de Janeiro e Vitória, e um questionário semi-estruturado foi aplicado a 626 professores de todo o Brasil. Tendo como objetivos permitir que crianças e jovens vivenciassem os valores olímpicos e paralímpicos, experimentassem novos esportes e entrassem em contato com os Jogos, o Programa Transforma alcançou 16.042 escolas em 3.038 cidades de todos os estados da federação, e mais de 8 milhões de estudantes em todo o país. Foram oferecidos cursos de 18 esportes a 2.003 professores de educação física em 180 cidades, 7 desafios escolares abordando temas relacionados aos Jogos do Rio (1.771 escolas em 713 cidades) e materiais pedagógicos distribuídos em formações

⁶¹ Contatos dos autores: flaviokirst@yahoo.com.br; tavaresotavio@yahoo.com.br.

presenciais e, principalmente, através de uma plataforma de ensino à distância para três públicos específicos: coordenadores pedagógicos escolares (n = 4942), professores de educação física (n = 9299) e tutores de agentes jovens (n = 7103). Foram formados 56.824 agentes jovens, crianças que atuaram como disseminadores dos valores olímpicos em suas escolas. Além disso, o programa organizou 24 festivais esportivos para a experimentação de esportes olímpicos e paralímpicos envolvendo 20.627 participantes. Finalmente, seu material digital foi baixado 63.350 vezes por 10.960 professores, que atendem a 8.812 escolas de 2.320 cidades. De acordo com os dados obtidos, o “tipo ideal” de disseminador do Transforma foi o professor de educação física, especialista (pós-graduado), que conheceu o programa no ano da realização dos Jogos, em 2016, por intermédio das agências públicas de educação, e fez uso de materiais disponibilizados através de plataformas digitais, principalmente o site do Transforma e o e-Proinfo. Os principais conhecimentos adquiridos dizem respeito aos valores olímpicos e paralímpicos, símbolos e esportes olímpicos. Nas ações desenvolvidas nas escolas, destacaram-se o ensino de valores olímpicos e paralímpicos, indicados por 80,5% dos respondentes do questionário, seguido por “ensino de novos esportes” (72,8%) e “ensino de símbolos olímpicos” (70,4%). As melhores experiências vivenciadas nas escolas foram o “ensino de valores olímpicos e paralímpicos”, o “ensino de novos esportes”, e a “realização dos jogos olímpicos na escola”, dados que confirmam o alcance dos objetivos declarados. Um ano após o encerramento, 50% dos respondentes continuavam utilizando os materiais disponibilizados. Concluímos que o Programa Transforma construiu um padrão eclético de referências pedagógicas de suporte em sua concepção teórica, sua atuação gerou um alcance limitado ao conhecimento e à experiência, atingiu os objetivos propostos e, a partir de uma grande capacidade de articulação com agências públicas e privadas, fez com que a educação olímpica atingisse um nível nunca antes alcançado no Brasil. Por fim, temos elementos para concluir que o legado educacional em valores foi mais claramente limitado ao ambiente da escola e que apresenta sinais de descontinuidade no tempo.

Palavras-chave: educação olímpica, educação em valores, educação física, impactos.

REFERÊNCIAS

DACOSTA, L. Educação Olímpica como metalinguagem axiológica: revisões pedagógicas e filosóficas de experiências internacionais e brasileiras. In: REPPOLD FILHO, A. R., ENGELMAN, S.; RODRIGUES, R.P.; PINTO, L. M. S. M. (Orgs.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 1, p. 17-28, 2009.

NAUL, R. **Olympic Education**. Maidenhead: Meyer & Meyer (UK) Ltd., 2008.

TAVARES, O. Educação Olímpica no Rio de Janeiro: Notas iniciais para o desenvolvimento de um modelo. In: DACOSTA, L. P. et al. (Ed.). **Legado de Megaeventos Esportivos**. Brasília (DF): CONFEEF, p. 343-356, 2008.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA
EXPERIÊNCIA COM O PROJETO COPA DE FUTSAL**

Silvana Ventorim⁶²

Daniele Aparecida Rodrigues Lima

Lucas Borges Soeiro

Gabrielle Lopes Teixeira

Welder Rossini dos Santos Buzato

Esta comunicação registra a construção e desenvolvimento da experiência de um projeto de ensino na disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, no período 2018/1, realizado em uma Escola de Ensino Fundamental, localizada em Vitória, ES. Evidenciamos no encontro entre escola e instituição de ensino superior na disciplina de Estágio Supervisionado da Educação Física, as experiências de formação construídas (NUNES; VENTORIM, 2017) com trato do conteúdo futebol, com enfoque no futsal, no contexto da Copa do Mundo de Futebol 2018, emergindo o "Projeto Copa de Futsal". O referido projeto envolveu os estagiários em subprojetos com suas turmas de estágio, localizando o foco de ensino-aprendizagem do futsal em composição com os diversos elementos entorno das copas do mundo. Destacam-se os subprojetos: a) Museu do Futebol, contendo importantes objetos relacionados ao futebol, consistindo em uma exposição de objetos dos alunos e seus familiares que simbolizassem alguma ligação com a Copa do Mundo, como: camisas de diferentes nacionalidades, fotos de conquistas esportivas, álbuns de figurinhas da copa e outros torneios, objetos de torcida (mão-gigante, bastões, corneta, apitos, com as cores da seleção brasileira), mascotes de pelúcia, bolas, entre outros. b) Linha do Tempo retratou as edições das copas do mundo do ano de 1930 até 2014, com aspectos históricos por meio de imagens e narrativas,

⁶² Contatos dos autores: silventorim@hotmail.com; svufes@gmail.com; luuca_borges@hotmail.com; gabizinhhalopes29@gmail.com; welder_buzato@hotmail.com.

dando ênfase, aos principais percursos e características da Seleção Brasileira nos diferentes anos de Copa; c) Mostra de vídeos dos jogos dos alunos, protagonizando-os por meio das filmagens dos momentos de ensino da modalidade do futsal nas aulas de Educação Física; d) Big Álbum, destacando grandes jogadores do futebol de campo, areia e futsal; e) Decoração, permeado pela ideia de decoração de arte de rua da copa, com tematização no espaço/tempo escolar, envolvendo a professora de Inglês da instituição. Compreendido o projeto central e os subprojetos, as interfaces entre o ensino do futsal e as produções sobre a Copa, convocavam a cada aula uma conscientização sobre co-responsabilidade da produção dos subprojetos de modo coletivo entre alunos e estagiários e professoras da escola e da universidade. Nesse sentido, organizávamos fóruns de deliberações para avaliarmos o andamento do projeto, partilhávamos dificuldades e discutíamos estratégias para viabilizarmos a materialização de nossas ações. Assim realizamos dois eventos: uma mostra cultural envolvendo todos os subprojetos e uma minicopa com jogos entre as turmas do segundo segmento do ensino fundamental, envolvendo também o ensino fundamental I. No primeiro, organizado em estandes, houve um rodízio de visitação, tendo como protagonistas das apresentações grupos de alunos representando suas turmas em seus subprojetos. O segundo evento foi uma competição escolar de perspectiva participativa e colaborativa entre as turmas com jogos da modalidade de futsal feminina e masculina. Não sendo uma competição com fim nela mesma, mas um meio para a educação (REVERDITO et al, 2008), o efeito do trabalho pedagógico entorno do ensino do futsal, envolvido na minicopa, abordou princípios pedagógicos como a escolha da modalidade, fundamentos técnicos, modo de funcionamento, regras, materiais necessários para o desenvolvimento da prática, assim como a avaliação do evento (ANDRADE, 2009). Por fim, esse trato do futsal envolvido num projeto pedagogicamente amplo em momento de Copa do Mundo de Futebol, problematizando elementos da prática do futebol e futsal, as histórias das copas, a cultura dos países participantes e tendo como princípio a articulação disciplinar por meio de uma produção coletiva com os estudantes e a integração família/escola, compuseram para os estagiários, professoras e, principalmente para os alunos, nesse percurso, um significativo e importante processo formativo e cultural.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Educação Física. Ensino Fundamental II. Futsal.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Vieira; FARIA, Elizabet Rezende de; REZENDE, Leandro; MUÑOZ PALAFOX, Gabriel Humbert. A Competição na Escola. **Olhares & Trilhas**, 2009 - ufjf.br, p. 1- 27.

NUNES, Kezia Rodrigues; VENTORIM, Silvana. NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista Contrapontos**, Itajaí, SC., v. 17, n. 3, p. 460-484, jul. 2017. ISSN 1984-7114. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/9839>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

REVERDITO, Riller Silva et al. COMPETIÇÕES ESCOLARES: REFLEXÃO E AÇÃO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE PARA FAZER A DIFERENÇA NA ESCOLA. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 37-45, fev. 2008. ISSN 1980-6183. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/1207/3279>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

Gabriel Vighini Garozzi⁶³

Crislaine Gums

Juliano dos Santos Moura

A proposta de construir um relato que narrasse as nossas experiências formativas docentes de aprendizagem surgiu na disciplina “Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental II”. Além de sistematizar os momentos de formação vivenciados na escola durante o período do estágio, consideramos, ainda, o diálogo com as disciplinas de “ATIF da Docência em Esportes Individuais e Conhecimento e Metodologia do Ensino dos Esportes Individuais”. A opção de trabalhar com o Atletismo nas aulas de Educação Física com as turmas, surgiu a partir de uma inquietação do grupo de procurar romper barreiras e se desafiar a desenvolver um conteúdo diferente daqueles tradicionais que são comumente abordados no cotidiano escolar da Educação Física. Pois, como autores do nosso processo de formação docente, compartilhamos com Larrosa (2002) a ideia de que a experiência nos perpassa, mexe conosco, tira-nos do lugar de acomodação. É algo que provoca a reflexão de nossos atos e ações, que nos reanima, nos instiga e não o que se passa e acontece, como as coisas que sempre passam, mas nada nos ocorre. Desse modo traçamos os seguintes objetivos para nossos alunos: - conhecer as diferentes modalidades do atletismo, visando descobrir as suas características e possibilidades para a realização das atividades corporais com autonomia e segurança; - aprender as diferentes manifestações corporais do atletismo por meio de atividades que possibilitem ampliar o seu repertório da cultura corporal; - cooperar na prática das atividades de atletismo, respeitando as diferenças e as características de cada colega, para construir um bom relacionamento no

⁶³ Contatos dos autores: gabrielvighini@gmail.com; crislainegums@gmail.com; julianomoura133@gmail.com.

desenvolvimento das aulas. Nesse sentido, atuamos na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Vargas de Souza⁶⁴ com as turmas do 8º ano A (30 alunos) e 9º ano A (31 alunos). Permanecemos na escola pelo período do dia 02 de maio até o dia 29 de junho de 2017. Iniciamos o estágio observando 2 aulas de cada turma e, ao final, foram ministradas 6 aulas para cada uma, além da realização do festival de atletismo na Ufes para os alunos vivenciarem as modalidades ensinadas. Os conteúdos trabalhados foram: introdução ao atletismo (regras e noções sobre a pista), corridas (rasas, com barreiras/obstáculos e com revezamento); saltos (em distância e triplo); lançamento de disco e; arremesso de peso. Para nortear nossa prática pedagógica, escolhemos trabalhar com a perspectiva de aula em uma Abordagem Desenvolvimentista (GO TANI et al., 1988), que está relacionada com o desenvolvimento motor do indivíduo e tem como foco ensinar e aperfeiçoar as habilidades motoras por meio de atividades de acordo com a faixa etária em que eles se encontram, embora tenhamos dado autonomia aos alunos para construir e recriarem a forma de realizar os movimentos. A partir da definição do conteúdo, iniciou-se um processo de pesquisa para aprofundarmos os conhecimentos sobre o atletismo e as suas modalidades, pois, estávamos cursando disciplinas sobre o esporte na graduação nesse mesmo período do estágio. Apesar disso, consideramos que esse exercício de busca e construção de saberes potencializou nossas aulas e nos possibilitou aprender junto com os alunos o conteúdo, a partir da troca de conhecimentos durante as aulas. Esse processo de campo no estágio nos permitiu ter uma melhor compreensão sobre o papel do professor de Educação Física na relação com os escolares durante as aulas e entender alguns espaços-tempos que permeiam a escola. Além de apresentar-se como uma oportunidade de fortalecer nossa identidade docente, possibilitando-nos passar pelo processo da experiência, de conhecimento e construção de saberes, desde o aprendizado do conteúdo ao planejamento da aula e sua execução, até o ensino do conteúdo para os alunos.

⁶⁴ Buscando preservar a identidade da instituição escolar, utilizamos um nome fictício.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Formação docente; Estágio docente; Atletismo.

REFERÊNCIAS

LARROSA, J. B. Notas sobre, a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

TANI G.[et al.]. **Educação Física Escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: AULA INTERATIVA E ENTREVISTAS

Rubens Jose Ferreira Junior⁶⁵

Glelsiner Vitor da Silva Pinto

Através das buscas bibliográficas realizadas, constata-se que não há consenso entre os autores sobre as primeiras manifestações no Brasil relacionadas à formação continuada de professores. De acordo com Souza 1998 (apud SILVA; MEYER, 2015), em 1908 um inspetor geral de ensino, no estado de São Paulo, mencionou a necessidade de aperfeiçoamento de professores no modo como era feito em outros países. Andaló 1995 (apud ALFERES; MAINARDES, 2011), relata que as mais antigas tiveram início nos anos 60 do século passado, através de colaboração realizada entre o INEP e a direção de cursos de aperfeiçoamento do Instituto de educação do Rio de Janeiro, buscando verificar junto aos docentes o que pensavam dos cursos de aperfeiçoamento. Segundo Souza e Lima (2017) na década de 1970 houve uma ampliação do número de vagas escolares para a população em geral. Na década de 1980 houve vários problemas no contexto da educação como: reprovações, evasões, entradas tardias e também arrocho salarial dos professores. Neste contexto surgiram grandes debates e também a criação de Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAMs). Em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9394/96) no artigo n 67, entre outros aspectos, trata da valorização dos profissionais da educação através da garantia do Aperfeiçoamento profissional continuado. Relata também a garantia de momentos também para estudos, planejamento e avaliação dentro do período de trabalho. Segundo Nez, 2004, A LDB exigiu mudanças no perfil e nas incumbências do professor e o compeliu a atualização e aprendizado de conhecimentos, frente às novas demandas exigidas. Atualmente a formação continuada está presente em vários planos

⁶⁵ Contatos dos autores: rubens.ferreira.junior@gmail.com; vitorpereira.es@gmail.com.

desenvolvidos pelo Ministério da Educação e Cultura. No estado do Espírito Santo a formação continuada de professores é de responsabilidade da Secretaria de Educação do Espírito Santo em especial do Centro de Formação dos Profissionais da Educação do Espírito Santo (CEFOPE) que tem as funções de planejar, coordenar, executar, acompanhar e avaliar diferentes estratégias de formação continuada dos profissionais da educação pública estadual, visando o aperfeiçoamento e valorização destes. O CEFOPE ministra cursos de capacitação, aperfeiçoamento e especialização e produz um documento intitulado Diretrizes para a Formação Continuada dos Profissionais da Educação do Espírito Santo que norteiam a implementação da política de formação continuada dos professores da rede estadual de educação. Com o objetivo de realizar um trabalho para a disciplina de Formação Docente e Currículo em Educação Física e problematizar com os alunos do primeiro período do curso de licenciatura em Educação Física aspectos sobre a formação continuada de professores foi realizada uma aula expositiva e interativa. A interação partiu da pergunta formulada por Loureiro, 2012: “Quando penso em formação continuada penso em...”. Os alunos foram orientados a escrever em um papel uma palavra ou expressão que viesse a sua mente e guardá-la até o final da atividade. Na aula interativa foi apresentado um breve histórico da formação continuada, parte das leis de diretrizes básicas que trata do tema, os diferentes planos desenvolvidos pelo Ministério da Educação e Cultura, as ações da Secretaria de Educação do Espírito Santo em especial do Centro de Formação dos Profissionais da Educação do Espírito Santo (CEFOPE), as Diretrizes para a Formação Continuada dos Profissionais da Educação do Espírito Santo, as formações previstas, realizadas e em andamento, vídeos de educadores e o pensamento de autores de diversas áreas que tangenciam o tema. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores de ensino fundamental, médio e superior. As entrevistas foram apresentadas na forma de vídeo e transcritas. As entrevistas foram realizadas na escola pública da rede estadual de ensino. Com a análise das respostas pode se perceber que os professores têm percepções distintas. Ao longo da aula interativa foram problematizadas algumas respostas dadas pelos professores. Ao final da aula ao som da música “Deixa a vida me levar” de Zeca Pagodinho, numa alusão ao oposto de todos os objetivos da formação continuada ora

apresentados, os alunos foram convidados a colar o papel com sua primeira impressão acerca do tema sobre o quadro na busca de agrupar as informações iguais e analisar após tudo o que foi apresentado em aula. Por último foi apresentada uma proposta de “correção” da canção através de uma paródia contextualizada com o que se pode pensar da formação continuada de professores de Educação Física no estado do Espírito Santo.

Palavras-chave: formação, formação continuada, CEFOPE, aula interativa, paródia.

REFERÊNCIAS

- ALFERES, Maria Aparecida; MAINARDES, Jefferson. A formação continuada de professores no Brasil. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 2011, Maringá, **Anais eletrônicos...** Maringá: UEM, 2011. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2011/pdf/1/001.pdf>. Acesso em: 24 maio 2018.
- LOUREIRO, Walk; CAPARRÓZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. A representação social de formação continuada de professores de Educação Física da rede estadual do Espírito Santo. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2015 Out-Dez; 29(4):571-81
- NEZ, Egeslaine de. A formação continuada de professores no espaço escolar: algumas proposições. **Revista faz ciência**, Francisco Beltrão, v. 6, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7446/5514>>. Acesso em: 24 maio 2018.
- SILVA, Roseane Almeida; MEYER, Patrícia. A gênese da formação continuada de professores no Brasil: um resgate histórico. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10, 2015, Curitiba, **Anais eletrônicos...** Curitiba : PUCPr, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22122_11263.pdf>. Acesso em: 24 maio 2018.
- SOUZA, Laeiglea Bezerra; LIMA, Ângela Valéria Alves de. Formação continuada de professores: história e desafios. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS, 4., 2017, Campina Grande, **Anais eletrônicos...** Campina Grande : Realize, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/trabalhos/TRABALHO_EV066_M D1_SA1_ID635_10022017212436.pdf>. Acesso em: 24 maio 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

HABILIDADES SOCIAIS E PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Maria Paula Louzada Mion⁶⁶

Gelsimar José Machado

Liana Abrão Romera

O presente estudo consiste em uma revisão sistemática de literatura com o objetivo de identificar trabalhos de âmbito nacional e internacional sobre a prevenção ao uso de álcool e outras drogas a partir da Teoria das Habilidades Sociais. As Habilidades Sociais, também conhecidas como Habilidades de Vida, para Caballo (2003), constituem um conjunto de comportamentos emitidos por uma pessoa em seu meio social, através dos quais expressará os seus sentimentos, opiniões e direitos de maneira adaptativa e assertiva, diminuindo a probabilidade do surgimento de dificuldades futuras. Segundo Del Prette e Del Prette (2017), as principais classes destas habilidades são: comunicação, civilidade, fazer e manter amizade, empatia, assertividade, expressar solidariedade, manejar conflitos e resolver problemas interpessoais, expressar afeto e intimidade, coordenar grupo, e falar em público. O caminho metodológico desta pesquisa encontra-se dentro da abordagem qualitativa, na qual “[...] reflete, em quantidade e intensidade, as múltiplas dimensões de determinado fenômeno e busca a qualidade das ações e das interações em todo o decorrer do processo” (MINAYO, 2017, p. 9). Com buscas realizadas nas bases BVS (Bireme), ProQuest (Social Services Abstracts), Scielo e Web of Science, através das palavras-chave "*social skills*"; *alcohol*; *drugs*; *prevention*; *NOT adults*, foram gerados como resultados 57 artigos. Deste total, 16 artigos foram selecionados para leitura de texto completo e composição desta revisão conforme critérios de inclusão e exclusão. Dentre os resultados, a maior parte dos artigos analisados evidenciou a eficácia do incentivo às Habilidades Sociais, sobretudo no contexto escolar, como forma de prevenção ao uso de álcool e outras drogas. Observou-se que este tipo de intervenção está sendo adotada em diversas instituições de

⁶⁶ Contatos dos autores: mariapaula_mion@hotmail.com; geljmachado@gmail.com; liromera@uol.com.br.

ensino de diferentes países, como Estados Unidos, Estônia e Brasil. Além de ser eficaz no âmbito da prevenção ao uso de álcool e outras drogas entre crianças e adolescentes, as Habilidades Sociais também implicam modificações positivas no comportamento destes em outros aspectos fora do ambiente escolar, como na relação com familiares e amigos, na autoestima e ainda na assertividade. Estudos como de Williams *et al.* (1999) e Vorobjov *et al.* (2017) evidenciaram que um baixo nível de Habilidades Sociais pode aumentar vulnerabilidade dos adolescentes ao uso de drogas. Já Aliane *et al.* (2006), Felicissimo, Casela e Ronzani (2013) e Sá e Del Prette (2014) apresentam resultados que não são capazes de associar a dependência de álcool e outras drogas com déficits de Habilidades Sociais. Entretanto, Sá e Del Prette (2014) apontam que o maior repertório de determinadas Habilidades Sociais estaria ligado ao menor envolvimento com estas substâncias. Notou-se que muitas intervenções escolares objetivando a prevenção ao uso de drogas são voltadas para adolescentes. Vorobjov *et al.* (2017) caracteriza esse período como de transição para jovens nos âmbitos escolar, familiar e de pares. Além disso, é um período em que as taxas de iniciação e envolvimento em comportamentos delinquentes e uso de substâncias são altas. A prevenção ao uso de drogas a partir das Habilidades Sociais enfatiza atividades grupais e dinâmicas que desenvolvem a interação social. Neste sentido, além de outras disciplinas, se destaca as possíveis contribuições da área de Educação Física em âmbito escolar neste processo de prevenção, problematizando as Habilidades Sociais a partir dos jogos, brincadeiras e práticas corporais presentes nesta disciplina.

Palavras-chave: habilidades sociais; álcool e outras drogas; prevenção.

REFERÊNCIAS

ALIANE, P. P. et al. Estudo comparativo das habilidades sociais de dependentes e não dependentes de álcool. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 1, janeiro-abril, 2006, pp. 83-88.

BOTVIN, G. J. ; GRIFFIN, K. W. Life skills training: Preventing substance misuse by enhancing individual and social competence. **Theory-Based Approaches to Substance Misuse and Abuse Prevention in School**, Issue 141, 2004, p. 57-65.

BRUCKNER, T.A. et al. State-Level Education Standards for Substance Use Prevention Programs in Schools: A Systematic Content Analysis. **Journal of Adolescent Health**, 54, 2014, p. 467-473.

CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos. 2003.

DEL PRETTE, Z. A. P; DEL PRETTE, A. **Competência Social e Habilidades Sociais: Manual teórico-prático**. Petrópolis: Vozes. 2017.

DURIAK, J. A.; WELLS, A. M. Evaluation of indicated preventive intervention (secondary prevention) mental health programs for children and adolescents. **American Journal of Community Psychology**, vol. 26, ed. 5, 1998, p. 775-802.

EPSTEIN, J.A.; BOTVIN, G.J. Media resistance skills and drug skill refusal techniques: What is their relationship with alcohol use among inner-city adolescents? **Addictive Behaviors**, 33, 2008, p. 528–537.

FELICISSIMO, F. B.; CASELA, A.L.M; RONZANI, T. M. Habilidades sociais e alcoolismo: uma revisão da literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 18, n. 1, 2013, p. 137-145.

LARROSA, S. L.; ALOMO, J.L.R.A. Risk and protective factors in adolescent's drug use, and differences by age and sex. **Psicothema**, vol. 22, ed 4, 2010, p. 568-573.

MELNYK et al. Promoting Healthy Lifestyles in High School Adolescents A Randomized Controlled Trial. **American Journal of Preventive Medicine**, 2013; 45(4), p. 407–415.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, p. 1-12-12, 2017.

PEADON, E. et al. Systematic review of interventions for children with Fetal Alcohol Spectrum Disorders. **BMC Pediatr**, vol. 9, 2009, p. 1-9.

PELEG, A. et al.; Outcomes of a Brief Alcohol Abuse Prevention Program for Israeli High School Students. **Journal of Adolescent Health**, v. 28, ed. 4, 2001, p. 263-269.

SÁ, L. G.; Del Prette, Z. A. Anticipatory Coping Skills for Substance Abstinence: Construction of a New Measuring Scale. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 34, ed. 2, 2016, p. 351–363.

SÁ, L. G.; Del Prette, Z. A. Habilidades de enfrentamento antecipatório para abstinência de substâncias: construção de um novo instrumento de medida. **Avances en Psicología Latinoamericana**, 34(2), p. 351-363.

- SÁ, L. G. C.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais como preditoras do envolvimento com álcool e outras drogas: um estudo exploratório. **Interação em Psicologia** (online), 18 (2), 167-178.
- SÁ, L. G. C.; PRETTE, Z. A. P. Habilidades De Enfrentamento Antecipatório Para Abstinência De Substâncias: Construção De Um Novo Instrumento De Medida. **Avances en Psicologia Latinoamericana**, v. 34, p. 351-363, 2016.
- SCHEIER, L. M. et al. Social Skills, Competence, and Drug Refusal Efficacy as Predictors of Adolescent Alcohol Use. **Journal of Drug Education**, vol. 29, ed. 3, 1999, p. 251-278.
- SEITZ, C. M. et al. Coverage of Adolescent Substance Use Prevention in State Frameworks for Health Education: 10-Year Follow-Up. **Jornal of School Health**, v. 83, Issue1, 2013, p. 53-60.
- SOBECK, J. L.; ABBEY, A.; AGIUS, E. Lessons Learned from Implementing School-Based Substance Abuse Prevention Curriculums. **Children & Schools**, v. 28, Issue 2, 1 April 2006, p. 77–85.
- VOROBJOV, S.; HELVE, S.A.A.T.; KULL, M. Social skills and their relationship to drug use among 15–16-year-old students in Estonia: An analysis based on the ESPAD data. **Nordic Studies on Alcohol and Drugs**, vol. 31. 2014, p. 401-412.
- WILLIAMS, J. H. et al. Racial differences in risk factors for delinquency and substance use among adolescents. **Social Work Research**; Oxford, v. 23, ed. 4, Dec 1999, p. 241-256.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

JOGOS ELETRÔNICOS VERSUS EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Gunther Voellger Schwab⁶⁷

Laiane Fernanda De Souza

Ronildo Stieg

Considerando os diferentes conteúdos que compõe a Educação Física escolar, este estudo corresponde a uma pesquisa envolvendo uma experiência com jogos eletrônicos nas aulas de Educação Física. Assumimos os jogos eletrônicos como instrumento de ensino dos conteúdos da Educação Física, por serem caracterizados como uma das formas contemporâneas de lazer e também de esporte e por estar prescrito na Base Nacional Comum Curricular como um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física com alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental. Assim como sinalizam Moran, Massetto e Behrens (2012) é importante pensar como inserir as tecnologias de maneira efetiva na escola para proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, pois elas podem auxiliá-los a se relacionar, interpretar, contextualizar, significar e aprimorar seu conhecimento referente a um determinado assunto do seu cotidiano bem como para trabalhar um conteúdo de ensino de um determinado componente curricular, o que no nosso caso envolveu a Educação Física. Nesse sentido, desenvolvemos uma pesquisa em uma escola da rede municipal localizada no Município de Vitória – Espírito Santo, realizada com alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental. O objetivo foi analisar e trazer as contribuições dos jogos eletrônicos como ferramenta pedagógica para o ensino dos conteúdos da Educação Física no contexto da Educação Básica. Para tanto, apresenta como resultados algumas possibilidades de seu uso e sua potencialidade para os processos de ensino e de aprendizagem, tomando como referência as experiências com as crianças na escola. Além disso, evidenciamos como os jogos eletrônicos influenciam nos processos de aprendizagens dos alunos e ajudam a pensar

⁶⁷ Contatos dos autores: guntherschwab@hotmail.com; nandah015@hotmail.com; ronildo.stieg@yahoo.com.br.

novas possibilidades de práticas corporais, já que é uma área de interesse dos estudantes, com tendência a facilitar sua aceitação nas aulas de Educação Física. O estudo corresponde a uma pesquisa de natureza qualitativa que assume a pesquisa-ação (BARBIER, 2004) como fundamentação teórico-metodológica. As fontes foram constituídas por diário de campo, com registros fotográficos e um questionário respondido pelos alunos ao final das intervenções. A proposta da pesquisa-ação consistiu na realização de oito aulas utilizando o videogame Xbox 360 com os jogos Kinect-Sports trabalhando especificamente com o conteúdo atletismo. Após a experiência do conteúdo via jogos eletrônicos, propomos sua vivência em contextos real (quadra e pista de atletismo). O questionário foi constituído de 4 perguntas voltadas aos métodos utilizados nas aulas, onde os alunos responderam em uma escala de influência qualitativa (não, pouco, razoavelmente e muito) em cada quesito. Como o questionário foi aplicado em duas turmas do ensino fundamental obtivemos o retorno de 48 deles constituindo-se como banco de dados para a pesquisa. Com base nas respostas dos alunos, não houveram as duas piores avaliações, e a opção de máxima satisfação em todos os casos foram o dobro de sua anterior. Também identificamos que os jogos eletrônicos, quando utilizada como ferramenta de apoio pedagógico para o ensino dos conteúdos da Educação Física favorece o processo de aprendizagem no contexto escolar. Além disso, compreendemos que eles podem ser utilizados nas aulas de Educação Física para que os alunos tenham o contato com este conteúdo e saibam utilizá-lo dentro e fora do ambiente escolar como um potencializador de conhecimento e opção de lazer. Ressaltamos que os professores ao se apropriarem dos jogos eletrônicos e utiliza-los ao seu favor, devem fazê-lo sem perder de vista a especificidade da Educação Física como componente curricular da Educação Básica.

Palavras-chave: Educação Física; Jogos eletrônicos; Pesquisa-ação.

REFERÊNCIAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.



MORAN, J. M.; MASSETTO, M. T., BEHRENS M. A. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. Campinas: Papirus, 2012.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

**LIMITES E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
INFANTIL DA SERRA-ES**

Lorena Nascimento Ferreira⁶⁸

Raila Oliveira Leppaus

Morgana Campos Braga

Esta pesquisa é originária de um Trabalho de Conclusão de curso que tematizou a relação entre a Educação Inclusiva e a Educação Física, tendo como objetivo analisar os desafios do professor de Educação Física no processo de escolarização de 2 crianças autistas, assinalando práticas pedagógicas de forma inclusiva no ensino infantil. Além disso, buscamos compreender os desafios enfrentados pelo professor de Educação Física, através de experiências vivenciadas com alunos diagnosticados com autismo no Centro Municipal de Educação Infantil, localizado no bairro Feu Rosa, Serra-ES. A pesquisa é caracterizada por um estudo observacional de caráter descritivo e analítico de natureza qualitativa (MINAYO, 2010) e se consolidou por meio da observação participante, diário de campo e planejamento de práticas pedagógicas inclusivas para uma turma de grupo III e outra de grupo IV que possuíam alunos diagnosticados com o autismo. A pesquisa envolveu diretamente a professora de Educação Física, a regente de sala e a de Educação Especial. A partir da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), organizamos os dados em três blocos, identificando o que foi recorrente durante as observações e interações, sendo eles: Um primeiro bloco constituído pelos limites e possibilidades de interação do aluno com autismo nas aulas de Educação Física. Já no segundo discutimos sobre as limitações motoras apresentadas pelos alunos, e no terceiro debatemos sobre as dificuldades e possibilidades de inclusão dessas crianças nas aulas de Educação Física. Assim, além de dialogar brevemente sobre as questões históricas

⁶⁸ Contatos dos autores: lorena_nferreira@hotmail.com; railaleppaus@hotmail.com; morgannacampos19@gmail.com.

sobre o autismo, o caminho para a escola inclusiva e os desafios enfrentados pelos professores no processo de inclusão, compreendemos, por meio das experiências vivenciadas no espaço escolar, que a inclusão não é apenas o aluno dentro da aula, mas é necessário que o professor busque estratégias através de uma prática pedagógica inclusiva. Nesse sentido, sabemos que pensar em práticas pedagógicas voltadas para a perspectiva da inclusão é um desafio que demanda um esforço coletivo e envolve os diferentes sujeitos do espaço escolar, reconhecendo e estabelecendo às diversas dificuldades dos alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações nas organizações, estratégias de ensino, recursos e parcerias com as comunidades. A inclusão exige da escola novos posicionamentos que implicam num esforço de atualização e reestruturação das condições atuais, para que o ensino se modernize e para que os professores se aperfeiçoem, adequando as ações pedagógicas à diversidade das crianças (VELTRONE; MENDES, 2007). Concluímos que não é uma tarefa fácil incluir crianças com autismo nas aulas de Educação Física, pois diferente dos outros, existe uma dificuldade na comunicação, interação social e na assimilação das atividades propostas. Assim, a partir desse estudo reforçamos a importância do professor de Educação Física como um grande mediador no desenvolvimento de habilidades motoras, na interação das crianças com o outro e na experimentação de diferentes modos de brincar. Desta maneira, as ações colaborativas entre os discentes e os profissionais da escola são a chave para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e para garantir o direito à aprendizagem a todos os alunos. De forma que os processos de formação podem possibilitar aos profissionais a mobilização de conhecimentos necessários para a prática pedagógica, e, “[...] a partir dela, constituírem e transformarem seus saberes-fazer docentes, num processo contínuo de construção de sua identidade como professores” (PIMENTA, 1997, p. 48).

Palavras-chave: Inclusão; Autismo; Educação Física.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

MINAYO, M. C. de S. Contradições e consensos na combinação de métodos qualitativos e quantitativos. In: _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12ª Ed. – São Paulo: Hucitec, 2010, p. 54-76.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista de Educação AEC**, ano 26, n. 104, p. 45-61, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33579>>. Acesso em: 15 Julho de 2017.

VELTRONE, Aline Aparecida; MENDES, Enicéia Gonçalves. Diretrizes e desafios na formação inicial e continuada de professores para a inclusão escolar. In: IX Congresso Estadual Paulista sobre formação de educadores – 2007. UNESP - Universidade Estadual Paulista - Pro-Reitoria de Graduação. **Anais...** p. 2 – 8. Disponível em: <www.unesp.br/prograd/ixcepfe/Arquivos%202007/5eixo.pdf>. Acesso em: 01 de junho de 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**“LINDA, LINDA NOVA ALMEIDA, AQUI MORA O MEU CORAÇÃO”:
O CONGO COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL E SEU LUGAR NA ESCOLA**

Lucas Borges Soeiro⁶⁹

Rosianny Campos Berto

Welder Rossini dos Santos Buzato

Neste relato de experiência pedagógica evidenciamos os processos de construção e materialização de uma oficina de congo capixaba, na disciplina de Educação Física no Ensino Fundamental do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no período 2017/1. Para realização do trabalho foram mapeadas manifestações corporais presentes nas cidades e municípios do estado do Espírito Santo (ES), sobretudo, nos bairros ou comunidades próximas às moradias dos discentes da disciplina. O congo, entendido como conteúdo possível de ser abordado nas aulas de Educação Física foi escolhido para a nossa intervenção, por ser uma manifestação da cultura capixaba que ocorre, periodicamente, em diversos municípios e, no caso dos estudantes envolvidos com o trabalho, especificamente, nas festas de congo celebradas em Serra e em Vila Velha/ES, com destaque para o modo como esse elemento da cultura se manifesta em Nova Almeida, uma vila de pescadores situada no município da Serra/ES, que celebra a festa do congo no dia 20 de janeiro de cada ano. Da tradição oral, ganha sentido para as interpretações sobre as origens do Congo no Espírito Santo, a narrativa que localiza no ano de 1856, a ocorrência do naufrágio do Navio Palermo, na costa de Nova Almeida (BORGES, 2003), do qual 25 escravos, agarrados aos mastros da embarcação, se salvaram depois de pedido feito a Deus pela intercessão de São Benedito e São Sebastião, para chegarem com vida à terra firme. Em agradecimento, passaram a festejar os santos pretos todos os anos, após acordo firmado com seus senhores (NASCIMENTO, 2014). Consta, ainda, que, em sua passagem pelo

⁶⁹ Contatos dos autores: luuca_borges@hotmail.com; rosiannyb@gmail.com; welder_buzato@hotmail.com.

Espírito Santo em 1960, Dom Pedro II, assistiu a uma das festas do congo da região, ficando admirado com a casaca – instrumento utilizado nas festas de Congo – sobre a qual escreveu em seu diário de viagem (ROCHA, 2008). A casaca é uma (re)invenção do reco-reco (instrumento indígena), ao qual se acrescenta uma cabeça (representação de seus senhores) e um pescoço (para segurar o instrumento). Nessa compreensão dos significados em torno do congo e de seus artefatos, elaboramos a construção da oficina elencando um acervo de produções artísticas por nós conhecidas, e que deram às nossas produções outros sentidos, pois a “[...] conexão entre cultura, significação, identidade e poder” (SILVA, 1999, p. 134) conduziu-nos a tomar como referência os estudos culturais, que orientam, também, estudos sobre o currículo da Educação Física (NEIRA e NUNES, 2011). Assim, numa Escola de Ensino Fundamental, localizada no município da Serra/ES, ao ministrarmos a oficina, estabelecemos a seguinte ordem metodológica: 1) explicação do contexto histórico, com as músicas Barquinho, da banda Casaca, *Linda Nova Almeida* e *Festa de Congo*, de Juninho Santana e com as imagens da *Igreja e Residência dos Reis Magos*, do quadro *Adoração dos Reis Magos*, e da carta/desenho de Dom Pedro II sobre a casaca; 2) ensino do ritmo e dos passos de congo, com a música *Madalena do Jucu*, de Martinho da Vila; e 3) avaliação sobre as impressões dos alunos. Concluímos que as relações estabelecidas entre identidade, cultura e poder apareceram a todo tempo em nosso movimento de pesquisa e intervenção nos levando a pensar questões/seleções metodológicas importantes para o ensino do congo, tais como: as escolhas dos recursos didáticos e a necessidade de explicações das representações e signos dessa manifestação (como a casaca, pré-concebida inicialmente pelos alunos como um artefato de “macumba” e as músicas utilizadas) com vistas a (des)construção de pré-conceitos. Por fim, entendemos que os cuidados pedagógicos são fundamentais para pensarmos a cultura (BHABHA, 1998) e o currículo como elementos híbridos (MACEDO, 2004) que contribuem para considerar a diversidade cultural na escola de maneira democrática.

Palavras-chave: Nova Almeida. Manifestações culturais. Congo Capixaba. Estudos Culturais.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BORGES, C. J. **História da Serra**. Vila Velha: Editora Canela Verde, 2003.
- MACEDO, Elisabeth. Currículo e hibridismo: para politizar o currículo como cultura. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p.13-30, 2004.
- NASCIMENTO, U. C. **Impactos das Políticas Públicas Municipais de Cultura sobre o ciclo Folclórico Religioso da comunidade de Nova Almeida, Serra/ES, a partir da década de 1990**. 2014. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local). — Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, Vitória, 2014.
- NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 671-685, Sept. 2011.
- ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. 3ª Edição. Volume 7. Vitória, 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

LUTAS: DESAFIOS POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Dionny Felipe⁷⁰

Marli Quimquim

Roberto Santos Da Silva

Eduardo Leiria Mattos

Romario Guimarães Franca

As lutas, como prática corporal, estão presentes nos principais acontecimentos históricos da vida do homem e eram utilizadas como ferramenta de defesa e ataque na luta pela sobrevivência. O desenvolvimento do conteúdo Lutas nas aulas de Educação Física é algo quase escasso na prática pedagógica dos professores, mesmo sendo um componente curricular obrigatório. Desta forma, a pesquisa visa discutir os possíveis desafios encontrados para o desenvolvimento do conteúdo de lutas nas aulas de Educação Física escolar nos anos finais do Ensino Fundamental. É preciso possibilitar que os alunos tenham vivências das Lutas para que possam refletir criticamente sobre essas práticas. Para podermos apreender a pertinência de entender e desenvolver o conteúdo de Lutas nas aulas de Educação Física, devemos reforçar a concepção de Mauri (2001) de que toda atividade humana é medida pela incorporação de símbolos e signos com significados culturais. Desta forma, segundo o autor, as lutas são parte integrante e constituinte da cultura corporal dos seres humanos e, por isso, deve ser ensinada na escola, principalmente nas aulas de Educação Física. Porém, são muitos os obstáculos encontrados para trabalhar tal conteúdo, dentre eles, a falta de conhecimento, pois como afirma Rosário e Darido (2005), muitos conteúdos não são ministrados nas aulas de Educação Física porque os professores não se sentem seguros em desenvolvê-los, por não os dominarem ou se julgam despreparados para ensiná-los, além disso, há resistência por parte dos alunos às atividades que fogem dos tradicionais esportes

⁷⁰ Contatos dos autores: dionnyufes@hotmail.com; mquimquim@gmail.com; robertosilva.san@gmail.com; eduardogrover@hotmail.com; romarioef12@gmail.com.

coletivos. O professor deverá ter clareza e buscar meios para desenvolver tal conteúdo, além de conhecer suas potencialidades educativas para incorporar a perspectiva de que as lutas são uma manifestação da cultura corporal para que, seus os alunos, possam vivenciá-las de modo que adquiram sentido e significado no seu processo de formação. Além disso, deve buscar formas de ressignificação de alguns preconceitos com relação à prática deste conteúdo. A partir do que foi apresentado é possível analisar a realidade encontrada na Educação Física escolar da rede municipal de São Mateus com relação ao conteúdo Lutas. Durante a pesquisa foi utilizado um questionário in loco, a fim de investigar como o conteúdo de Lutas está sendo desenvolvido nas aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental. Foram selecionadas 8 (oito) escolas próximas do centro da cidade de São Mateus, Norte do Espírito Santo. 13 (treze) professores responderam às 7 (sete) questões (abertas e fechadas) do questionário semiestruturado. O estudo evidenciou que as práticas pedagógicas das aulas de Educação Física encontram muitas adversidades, tais como: a falta de material, formação acadêmica carente e insegurança relacionada ao domínio do conteúdo, porém, os professores consideram o conteúdo de extrema importância para a formação integral do aluno, que revela também uma necessidade de uma formação continuada ao conteúdo. As Lutas, enquanto conteúdo da Educação Física escolar, possuem várias possibilidades pedagógicas que precisam ser exploradas pelos professores a partir de uma sistematização do conteúdo, para que o aluno possa vivenciar tal manifestação corporal de forma que contribua com o seu processo de formação, ou seja, que possibilite entender, refletir, criticar e intervir na realidade que o cerca.

Palavras-chave: Lutas. Educação Física. Anos finais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

- MAURI, T. O., O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In. COLL, C. et al. **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Átila, 2001.cap. 4
- ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 117, set./dez..2011.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

O ATLETISMO NA ESCOLA: REVELANDO CAMPEÕES

Rosicler Teresinha Sauer Santos⁷¹

Nilcéia Aparecida Conceição Santos Campos

A proposta desta experiência pedagógica foi compreender qual a percepção dos estudantes do Ensino Médio, em uma escola pública da rede federal, sobre o conteúdo atletismo e quais seriam os impactos após a intervenção com metodologias motivadoras, diversificadas e inovadoras. Para tanto, buscou-se promover o atletismo escolar por meio de pesquisas, atividades lúdicas e criativas. Os estudos de Sousa, Mesquita e Bomfim (2010) sobre as práticas docentes desenvolvidas com o tema “atletismo nas escolas”, apontam a aceitação do conteúdo por parte dos estudantes, no entanto se deparam com problemas quanto a inexistência de materiais e infraestruturas adequadas para a prática desse esporte, não se diferem de problemas relacionados a qualquer outro conteúdo para a prática da educação física. Compreendendo que a prática esportiva na escola proporciona a socialização, integração e inclusão dos estudantes, em especial o atletismo é uma modalidade que pode contribuir para que esses quesitos sejam atingidos por possuir regras simples, de aprendizagem fácil e rápida, também por considerar esse esporte como um dos mais acessíveis para a iniciação desportiva, devido as suas ações serem naturais ao ser humano. De acordo com Ramirez (2007) o atletismo é a base para o desenvolvimento de todos os esportes, devido aos exercícios de correr, saltar, arremessar e lançar também aprimora a coordenação motora. No entanto, o atletismo geralmente é trabalhado como base para outros esportes, e é quase sempre deixado em segundo plano, comprometendo assim qualquer possibilidade de seu conhecimento (MATTHIESEN, 2007). Entendemos que o atletismo como iniciação esportiva é muito importante em todas as etapas da educação básica, gerando integração e formação de cultura, para o processo de ensino-aprendizagem deve estar fundamentado em

⁷¹ Contatos dos autores: rosicl@sauer@bol.com.br; nilceia@ifba.edu.br.

princípios pedagógicos e didático-metodológicos (REVERDITO; SCAGLIA, 2009). Assim, buscamos tratar o atletismo não apenas nos seus aspectos de competição, mas como processo de ensino-aprendizagem de forma recreativa e cooperativa. Nessa experiência, tivemos a preocupação de proporcionar aos alunos o conhecimento dos movimentos próprios da modalidade, bem como incentivar a pesquisa e a confecção dos implementos das diferentes provas do atletismo. A experiência pedagógica se deu em uma unidade (bimestre) escolar, com uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, com aproximadamente 36 estudantes. De acordo com os resultados das diferentes provas (salto em distância, corrida de 100 e 200m, 1.500m, 3.000 m, lançamento de dardo e arremesso de peso), foram selecionados 08 estudantes para participarem da competição que a rede federal promove a nível estadual, a qual classifica para a etapa regional e por fim a nacional. Na primeira etapa, tivemos um resultado de 6 estudantes/atletas que foram campeões nas provas que competiram. Com essa experiência, evidencia-se que as provas de atletismo exigem habilidades que os estudantes já carregam em suas experiências motoras e que apenas precisam ser despertadas pelos profissionais da área. O conteúdo foi apresentado de maneira que abrangeu as dimensões educacionais do atletismo, porém como a instituição em que se deu o campo empírico dessa experiência pedagógica, participa de competições extraescolares, abordamos também a dimensão do esporte educacional. Apontamos as diferenças entre o objetivo de sua prática na escola e nos clubes. Porém, adotamos uma metodologia que desenvolveu o interesse dos estudantes em praticar as provas em busca de rendimento, notamos que os objetivos da aquisição do conhecimento e da competição se sobrepõem, visto que as competições são muito atraentes nessa fase escolar. Nesse sentido é de suma importância que o atletismo no âmbito escolar seja trabalhado de forma dinâmica e lúdica para motivar a participação dos estudantes e contribuir para a difusão dessa modalidade promovendo mudanças quanto a seleção de conteúdos a serem tratados no Ensino Médio.

Palavras-chave: atletismo; esporte educacional; ensino médio.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alessandro Domingos Barbosa de; COUTINHO, Nilton F. **Atletismo na escola: é possível?** Disponível em: <www.unaerp.br>. Acesso em 02 maio 2018.

FURBINO, A. P. A. et al. **A importância do atletismo como conteúdo da educação física escolar.** Brasília: CBCE, 2010.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Atletismo: teoria e prática.** São Paulo: Guanabara Koogan, 2007.

MIRANDA, Carlos Fabre. O corpo das crianças nas aulas de atletismo na escola. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 32, n. 87, p. 177-185, mai.-ago. 2012 177. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 24 abr. 2018.

NASCIMENTO, Marilândia. **Contribuições da inclusão do atletismo no currículo escolar do ensino fundamental.** Disponível em: <www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/download/185/248>. Acesso em 07 mar. 2018.

RAMIREZ, Fernanda. O esporte nas aulas de Educação Física. In: SCARPATO, Marta. **Educação Física: como planejar as aulas na educação básica.** São Paulo: AVERCAMP, 2007.

SEDORKO, Clóvis Marcelo; DISTEFANO, Fabiane. O atletismo no contexto escolar: possibilidades didáticas no segundo ciclo do ensino fundamental. **DEFDesportes.com Revista Digital.** Buenos Aires, v. 16, n. 165, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.efdesportes.com>>. Acesso em 5 abr. 2018.

SOUSA, G., MESQUITA, C., BOMFIM, A. O atletismo na educação física escolar: possibilidades e condutas adotadas pelos professores do município de Boa Vista-RR. **The FIEP Bulletin**, v.80, p.483-486, 2010

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**O CONGO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM EM UM CMEI DA
SERRA**

Poliana Nery de Castro Bispo⁷²

O relato apresenta a intervenção de uma professora de Educação Física em uma unidade de ensino de Educação Infantil de Serra com a temática “Folclorices de Brincar” por meio das manifestações culturais populares, em específico, as brincadeiras de criança com extensão ao patrimônio imaterial capixaba Congo (SECULT 2013; SILVA; LOUREIRO, 2015). Tal proposta de trabalho teve como objetivo resgatar e experimentar as brincadeiras populares com inserção da criança sobre sua própria cultura local, com o auxílio da música e dança (Congo). Metodologicamente o trabalho desenvolveu-se por meio de estudo bibliográfico, experimentação e vivência corporal, colaboração da equipe escolar, rodas de conversas e apresentação musical e artística. A proposta de trabalho se iniciou a partir do projeto institucional “Brincadeiras de criança como é bom!”, com a participação da disciplina Educação Física transversalmente com a temática e obra literária “Folclorices de Brincar” de Neide Duarte, Mércia M. Leitão e ilustrações de Ivan Cruz. A partir da obra, as aulas foram estruturadas para a experimentação, pesquisa e prática corporal com a inserção da música, dança e ritmo, os quais não eram contemplados no livro. Assim, com a necessidade de permitir o contato dos alunos com um maior conhecimento possível sobre nossa cultura, para além das brincadeiras encontradas na obra literária, bem como a aproximação de uma festa tradicional da instituição, foi proposto pela professora a inserção do Congo como manifestação cultural imaterial capixaba. Nesta nova fase do subprojeto o Congo foi estudado e explorado a partir da banda capixaba Casaca com a seleção de algumas músicas, apresentação de imagens dos componentes da banda com destaque ao vocalista Renato Casanova, mostra de vídeos, manipulação de instrumentos musicais como a

⁷² Contato do autor: profpopo@hotmail.com.

casaca, tambor, pandeiro, apito, triângulo e percussões. Como proposta de culminância do subprojeto foram feitas duas apresentações: uma na festa cultural no CMEI e outra na visita feita pelo cantor Renato Casanova a instituição de ensino, momento onde os alunos puderam conversar com a artista, cantar e interagir de uma forma bem festiva. Ao final do trabalho realizado foi possível perceber que as crianças antes do processo de intervenção não conheciam o Congo como manifestação cultural do Estado do Espírito Santo, bem como desconheciam grande parte dos instrumentos musicais utilizados por este ritmo. A participação e inserção das crianças foi bastante proveitosa neste processo, sendo possível perceber que o conteúdo trabalho foi bem aceito não só pelos pequenos, mas também pelos familiares.

Palavras-chave: Congo; Cultura Popular; Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Cultura- SECULT. **Plano Estadual de Cultura do Espírito Santo**, 2013 – 2023.

LEITÃO, M. M.; DUARTE, N. **Folclorices de brincar**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

SILVA, P. S.; LOUREIRO, A. M. R. Carnaval de Congo de Roda D'água: cultura e memória de um povo. In: II Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação - II EREBD SE/CO/SUL, 2015, São Carlos. **Anais**. São Carlos: UFSCR, 2015. p. 161-166. Disponível em: <<http://www.2erebd.ufscar.br/index.php/erebd/erebd/paper/view/47/26>>. Acesso em: 10 julho de 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

O *FUNK* NO ENSINO MÉDIO: ENTRE OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES

*Tainara Rola Fiorotti*⁷³

Ronildo Stieg

Considerando os diferentes conteúdos que compõe a Educação Física escolar, identificamos que cada um deles tem se tornado objeto de estudos no campo acadêmico da área. Em específico ao conteúdo dança, identificamos que há uma ampla discussão sobre do tema dentro das aulas de Educação Física, sobretudo quando ela cria possibilidades para desenvolver investigações a partir de problemas culturais e apresentar soluções para intervir com os sujeitos por meio das suas expressões com o corpo através do dançar. Por esse motivo, nos debruçamos sobre o ritmo cultural *funk* (MEDEIROS, 2006) em razão de alguns preconceitos que frequentemente são atrelados a ele. Assim, desenvolvemos essa pesquisa-ação com 18 adolescentes do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola Estadual, localizada no município de Cariacica - Espírito Santo. O objetivo foi investigar se o ensino do *funk* se fazia presente nesse contexto, o que os alunos pensam sobre essa manifestação cultural e propor uma sequência pedagógica sobre o ritmo, no sentido de desmitificar alguns temas que o transversalizam, bem como seus limites e possibilidades na disciplina de Educação Física. De natureza qualitativa do tipo exploratória, assume a pesquisa-ação (BARBIER, 2002) como procedimento metodológico. Após observações de duas aulas, elaboramos um plano de ação tematizando o ensino do *funk*, constituído de sete intervenções: 1ª dinâmicas de perguntas para diagnosticar os interesses dos alunos; 2ª voltada para a história do *funk*, apresentação de um vídeo e produção de um relatório dos alunos; 3ª ensino do passinho; 4ª e 5ª debates de dois textos sobre a realidade de jovens *mcs* na relação com o trabalho infantil; 6ª eles apresentaram músicas de *funk* do seu cotidiano seguido de análise e discussão do conteúdo textual; 7ª apresentação final

⁷³ Contatos dos autores: tainarafiorotti@yahoo.com; ronildo.stieg@yahoo.com.br.

de tudo o que foi discutido e produzido no decorrer do plano de ação. Essas intervenções aconteceram duas vezes por semana nos meses de outubro e novembro de 2017. Para analisar o impacto das aulas e os sentidos que os alunos atribuíram ao tema proposto, aplicamos um questionário. Dentre os questionamentos constava se eles já haviam vivenciado o *funk* antes daquela experiência. Nesse quesito dez alunos responderam que sim e oito disseram que não. Reconhecemos que o contato com esse ritmo em ambiente não escolar era comum pois, observamos que eles sempre estavam escutando músicas desse gênero o que refletia também nas falas e no comportamento deles. Quando questionados se já haviam tido contato com a dança no ensino médio, dez relataram ter tido alguma experiência, quatro responderam ter tido pouco vivência, dois relataram um contato razoável e outros dois afirmaram não ter tido nenhum contato. Sobre essa experiência que eles já possuem com a dança, a maioria tinha frequentado aulas de forró, ou escolas de balé clássico e nunca necessariamente o *funk* em específico. Após a experiência com o *funk*, os alunos expressaram interesse em aprender outros ritmos, como: Balé, Dança Clássica, Forró, Hip hop, Pop, Rap e Samba. Visto que pesquisas que também experienciaram elementos da dança na Educação Física escolar e indicam a necessidade de ampliação e aprofundamento das discussões que indiquem um caminho para que a dança realmente se efetive no âmbito escolar (KLEINUBING; SARAIVA, 2009), compreendemos que os resultados evidenciados nesse estudo reforçam a importância da Educação Física e do papel da pesquisa na vida do professor, uma vez que mapeado o contexto de vida desses adolescentes juntamente com os conhecimentos advindos da formação inicial, conseguimos perceber a possibilidade de trabalhar o *funk* já presente no cotidiano deles e sistematiza-lo como conteúdo de ensino da Educação Física escolar.

Palavras-chave: Educação física escolar; Ensino do funk; Pesquisa-ação.

REFERÊNCIAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. do C. Educação Física escolar e dança: percepções de professores no ensino fundamental. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 193-214, out./dez. 2009.

MEDEIROS, J. **Funk Carioca: crime ou cultura?** São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**O MUNDO MÁGICO DO CIRCO NAS AULAS DE ARTE E EDUCAÇÃO
FÍSICA EM UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE
SERRA-ES**

Rosiléia Perini⁷⁴

Este trabalho é um relato das práticas pedagógicas que tematizaram experiências circenses nas aulas de Arte e Educação Física em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), no Município de Serra- ES. O objetivo foi apresentar o mundo do circo para as crianças e possibilitar uma amplitude de vivências no âmbito corporal, artístico e cultural, através de atividades lúdicas da temática do circo, portanto, desenvolver nas crianças o desejo de conhecer e valorizar a arte circense. O projeto foi vivenciado por dez turmas, com crianças de três, quatro e cinco anos de idade (Grupos III, IV e V), nos meses de março a dezembro de 2017, totalizando em média 170 crianças. Dentre as diversas modalidades circenses existentes (DUPRAT, 2007), optamos por priorizar os elementos básicos do circo, partindo sempre do simples ao complexo, como o equilíbrio, o malabarismo, as danças e composições coreográficas, a mágica e a palhaçaria. Em conformidade com as DCNEIs (2013), as aulas foram perspectivadas tomando como princípio que “A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças [...]. Pensando nas diversas modalidades que envolve a temática do circo, o desafio foi planejar atividades mais próximas ao cotidiano e possibilidades das crianças. A estratégia foi criar uma dinâmica com pequenas apresentações circenses durante as aulas, contando com músicas, plateia e a participação dos artistas principais que eram as crianças, portanto, enfatizando o comportamento pessoal e coletivo das mesmas. Compreendemos, em diálogo com as DCNEIs (2013), que cada criança possui uma esfera individual

⁷⁴ Contato do autor: rosiperini@hotmail.com.

importante que deve ser considerada. Apresenta uma forma peculiar de se relacionar e interagir, com isso, apresenta um ritmo e uma forma própria de manifestar emoções e curiosidade. Nessas experiências, a criança constrói um modo próprio de agir e de se comunicar, buscando a compreensão do mundo e de si mesmas. Acreditamos que ampliar as experiências de movimento com as crianças de forma contextualizada, considerando as particularidades da infância, podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais condizentes as demandas dessa etapa do ensino. Da mesma forma, valorizar o protagonismo das crianças e o que elas trazem de conhecimento, é fundamental para tornar o cotidiano infantil um espaço mais prazeroso e atraente para o aprendizado das crianças. Para Vigotsky (2009), uma ação contextualizada na educação infantil é extremamente importante, pois aproxima o universo simbólico da imaginação, do faz de conta, perpassando por uma apropriação não literal da realidade. As aulas se tornam mais atrativas, pois despertam o desejo e a curiosidade e a realização desse tipo de atividade contextual, constitui fonte de prazer para elas e de desenvolvimento da capacidade de representar simbolicamente o seu universo. Com isso, a avaliação foi muito positiva e visualizada/ comprovada na motivação em que as crianças apresentaram durante todo o processo, especialmente nos momentos de culminância do projeto, com as apresentações artísticas. Foi nessa interação e na resposta positiva das crianças que a proposta ganhou significado na prática pedagógica, promovendo o desenvolvimento da capacidade infantil de conhecer o mundo e a si mesma. Da mesma forma, ampliou as possibilidades de intervenção docente nas aulas de Arte e Educação Física tanto individual como no trabalho interdisciplinar. Por fim, o desafio de transpor um conteúdo que aborda um universo artístico complexo, com propostas de ensino mais próximas às demandas da infância.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; Artes circenses.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. In: _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

DUPRAT, R. M. **Atividades Circenses: possibilidades e perspectivas para a Educação Física escolar.** 2007. Dissertação (mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2007.

SARMENTO, M. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2008, p. 1-30.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Átila, 2009.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

O PARKOUR COMO CONTEÚDO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Marciel Barcelos Lano⁷⁵

Daniel Melo Kinupes

Elaine Mara Peterli

Gabriel Dominicini Zorzal

Edgard Junio Merscher

Karoliny Vitória Moreira da Silva

Nos últimos anos temos visto diferentes conteúdos serem inseridos no cotidiano das aulas de Educação Física nas diferentes etapas da educação básica. A título de exemplo, citamos o Circo (DUPRAT, 2004), *Slackline* (PEREIRA, 2013) e a Escalada (SOUZA; SILVA, 2013). Essas pesquisas apresentam possibilidades de inserção dessas práticas corporais no cotidiano escolar, sinalizando um investimento de professores em direção ao ensino de conteúdos diferenciados. A partir desse cenário e das leituras que realizamos dos estudos de Corsaro (2011) que nos ensina sobre as produções culturais entre as crianças em suas brincadeiras, e os estudos de Santos et al., (2014) que sinalizam a necessidade de conferir protagonismo para as crianças em seu processo de formação é que realizamos uma incursão sobre aquilo que poderia ser ensinado nas aulas de Educação Física que pudessem ser *apropriado* (CERTEAU, 1994) e *usados* nos espaços de socialização das comunidades (praças, parques, igreja, rua e etc.). Desse modo, nosso objetivo foi compreender a potencialidade do *Le Parkour* como conteúdo de ensino da Educação Física no ensino fundamental I. O tema emerge de uma relação construída com as crianças, a partir de suas demandas e, também, pelo ensino de uma prática corporal que assumisse o corpo como brinquedo possibilitando sua

⁷⁵ Contatos dos autores: marcielbarcelos@gmail.com; danielkinupel@gmail.com;
elainemrapeterli2015@gmail.com; gzorvall@gmail.com; edgar.jm1@hotmail.com;
kv.moreira24@gmail.com.

ressignificação em diferentes contextos. O método utilizado foi a etnografia educacional (OLIVEIRA, 2013). Os sujeitos da pesquisa foram as crianças do 3º ano matutino do Ensino Fundamental I da UMEF “Prof. Emília do Espírito Santo Carneiro” situada no bairro Vale Encantado – Vila Velha/ES. A turma era composta por 23 crianças (13 meninos e 10 meninas) com idade entre 8 e 9 anos. As aulas ocorreram de maio a junho, contabilizando 10 intervenções. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados: o diário de campo, as narrativas das crianças e professor, registros imagéticos (fotos, filmagens) e registros iconográficos (desenhos e pinturas). Para análise dos dados utilizamos os estudos do cotidiano (CERTEAU, 1994) e a temporalidade narrativa de Ricouer (1994) para compreendermos os sentidos contidos nas narrativas e nas práticas do professor e das crianças. Após a categorização dos dados construímos duas categorias de análise, a primeira centrada no professor (desafios metodológicos para a construção da prática) e a segunda nas crianças (sentidos produzidos sobre o aprendizado do *le Parkour*). Na primeira categoria destacamos as dificuldades do professor em organizar a aula, pois o desafio era promover o aprendizado do conteúdo sem desfocar da segurança das crianças, já que o professor assumia a organização por filas como fator despontencializante do processo de ensino e aprendizagem. Na segunda categoria, destacamos a importância que as crianças atribuíram ao ensino de um conteúdo que eles não haviam aprendido no ano anterior. Desse modo, as narrativas e desenhos evidenciaram a apropriação de um conteúdo que poderia ser usado em diferentes espaços, para além de constituir-se como uma prática corporal que tem contornos e logics diferentes das vivenciadas anteriormente. Destacamos que ao trabalhar com o *Le Parkour* ampliou o capital cultural das crianças para além das práticas historicamente vivenciadas na escola. Nesse sentido, a potência está em perceber os usos que elas realizaram com aquilo que aprenderam na escola.

Palavras-chave: Educação física; ensino fundamental; parkour.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DUPRAT, R. M. A arte circense como conteúdo da educação física. **Relatório Final de Iniciação Científica**. Campinas, 2004.

OLIVEIRA, A. Etnografia e pesquisa educacional: por uma descrição densa da educação. **Educação Unisinos**, v. 3, n. 17, p. 271-280. set./dez. 2013.

PEREIRA, D. W. Slackline: vivências acadêmicas na educação física. **Motrivivência**, n. 41, p. 223-233, dez. 2013.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**, Campinas/ SP: Papyrus, 1994. t. 1.

SANTOS, W. et al. Avaliação na educação física escolar: construindo possibilidades para a atuação profissional. **Educação em Revista** (UFMG. Impresso), v. 30, p. 153-179, 2014.

SOUZA, F. A.; SILVA, P. C. D. A escalada nas aulas de educação física escolar no ensino médio. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 44-54, set. 2013.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**OS PROCESSOS FORMATIVOS EM DANÇA NO CEFD: DO CURRÍCULO
PRESCRITO AO CURRÍCULO EM AÇÃO**

Paloma Rigamonte Barbosa⁷⁶

Erineusa Maria Da Silva

Este estudo busca analisar como a dança é apresentada no currículo do curso de Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos (Cefd) na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e como ele prepara os futuros professores/as para atuarem com esse conteúdo nas escolas, considerando para tal as concepções de currículos apresentadas por Sacristán (2000) sendo eles: o prescrito, o apresentado e o em ação . O objeto de estudo é o processo formativo em dança de estudantes que estão cursando Licenciatura em Educação Física no Cefd/Ufes. Pretende-se compreender como a formação em dança desenvolvida em diferentes espaços/grupos no Cefd implica a formação acadêmico-profissional dos participantes da pesquisa. O estudo focará tanto no âmbito pessoal como profissional dos participantes da pesquisa, pois, às vezes, o primeiro contato do/a estudante com o conteúdo de dança acontece na universidade. Nesse sentido, algumas questões orientam esse estudo, como: a) A formação em dança tratada pelas/nas unidades curriculares do curso de Licenciatura em Educação Física no Cefd apresenta-se como um conteúdo voltado ao ensino da dança na escola? b) Qual é o lugar da dança no currículo do curso de Licenciatura em Educação Física no Cefd e os impactos dela na formação dos/as acadêmicos/as? A proposta pedagógica curricular do curso de licenciatura em Educação Física no Cefd, é constituída principalmente sob os pressupostos teóricos da Cultura Corporal de Movimento, entendida como “[...] a junção dos conhecimentos e representações, transformadas ao longo do tempo, [...] realizadas com fim em si mesmas, por prazer e divertimento, e de certo modo diferenciada do trabalho”. Assim, a Educação Física “[...] adota os jogos e brincadeiras,

⁷⁶ Contatos dos autores: paloma.rigamonte@gmail.com; erineusams@yahoo.com.br.

os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, algumas das produções da Cultura Corporal do Movimento, como objetos de ação e reflexão” (BRASIL, 1998). Segundo Bracht (2005), ao ser trabalhado o conceito de cultura corporal de movimento nas aulas educação física, a movimentalidade (o movimento) e a corporeidade (o corporal) estão presentes de uma maneira diferente de outras aulas como a matemática, português e educação artística, por exemplo. Para o autor “As manifestações da cultura corporal de movimento significam (no sentido de conferir significado) historicamente a corporeidade e a movimentalidade – são expressões concretas, históricas, modos de viver, de experienciar, de entender o corpo e o movimento e as nossas relações com o contexto – nós construímos, conformamos, confirmamos e reformamos sentidos e significados nas práticas corporais” (BRACHT, 2005, p. 100). Quanto aos procedimentos metodológicos, inicialmente será realizada uma pesquisa de cunho teórico, nas literaturas já existentes, compreendendo a importância da dança na formação dos/as estudantes (em contexto escolar) assim como até onde a dança ensinada, no curso de Licenciatura em EF no Cefd potencializa que os/as professores/as formados/as ministrem esse conteúdo nas aulas de EF nas escolas de educação básica. A seguir, realizaremos observações das aulas das unidades curriculares que tratam do ensino dança no currículo do Cefd Ufes, bem como entrevistas com os/as estudantes e os/as professores/as do Cefd atuantes nessa área. A abordagem teórico-metodológica será desenvolvida no transcorrer do estudo tanto pelo aprofundamento teórico como pela aproximação empírica ao tema.

Palavras-chave: Processos Formativos; Dança; Currículo.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter. Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento. **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, p. 97-106, 2005.
- DE MELO, Carolina Feitosa; DE MENEZES COSTA, Maria Regina. Os Conteúdos da Cultura Corporal do Movimento Ministrados nas Aulas de Educação Física Escolar. **Revista Cocar**, v. 3, n. 5, p. 77-86, 2011.



GIMENO SACRISTÁN, José. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. 3a edição, Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Penso Editora, 2013.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

**ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO PEDAGÓGICA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS
EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DO ESTADO DO CONHECIMENTO À
UTILIZAÇÃO DO WWW.YOUTUBE.COM COMO FERRAMENTA DE
SUPORTE E APOIO PEDAGÓGICO**

Thamires Gonçalves de Freitas⁷⁷

As discussões e pesquisas sobre a sistematização das práticas educativas e dos conteúdos em Educação Física tem sido objeto de interesse entre os pesquisadores da área. Aspectos que tem possibilitado diferentes discussões principalmente quanto às finalidades desse componente curricular no projeto de escolarização brasileiro. Neste contexto, no qual houve a implantação da Base Nacional Curricular Comum BNCC, novos elementos e estruturas passaram a ser investigados, tais como a seleção e oferta das práticas corporais em âmbito escolar para elaboração dos currículos estaduais, municipais e da rede particular. Sendo assim, torna-se relevante revisitar e indagar como o campo científico tem se dedicado na produção de conhecimento sobre a sistematização dos conteúdos em educação física? Objetiva-se com isso mapear, analisar e ampliar as discussões que envolvem a sistematização dos conteúdos em educação física em diálogo com o campo científico e a base nacional curricular comum, neste contexto de transição e impermanência no projeto de escolarização brasileira. Ademais, esta pesquisa traz consigo a pertinência de discutir essas questões que envolvem a tecnologia digital, durante a formação inicial, pois a atuação do professor, bem como os conhecimentos que ele mobiliza, não se desenvolvem apenas no fazer cotidiano, mas é desencadeado ao longo da graduação. Esta pesquisa é parte de um projeto guarda-chuva sobre a sistematização das práticas corporais na educação Física Escolar. Para este estudo são apresentados os dados referentes a fase comum relacionada a pesquisa do tipo estado do conhecimento, na qual foram selecionadas 15

⁷⁷ Contato do autor: thamiresgf42@gmail.com.

revistas ranqueadas entre B2 e A2, no *web qualis* 2013-2016, nas quais assenta-se a produção acadêmicas das subáreas pedagógica e sociocultural do movimento humano. O corpus desta pesquisa está constituído por 198 artigos. Para análise da materialidade textual os resultados foram organizados em quatro eixos temáticos, assim distribuídos: 108 artigos referentes às práticas corporais. 35 artigos sobre documentos curriculares de natureza federal, estadual, municipal e particular. 32 artigos sobre a sistematização propriamente dita. E 23 artigos que discutiam sobre práticas avaliativas. A partir desse mapeamento foi organizada a segunda etapa da pesquisa, na qual foram, a partir da pesquisa-ação existencial, entrevistados 5 (cinco) graduandos em Educação Física a fim de compreender como o *www.youtube.com* constitui-se ao longo de suas trajetórias de formação inicial, seja enquanto saber e/ou ferramenta pedagógica de elaboração e aplicação em suas aulas, seja durante o estágio supervisionados, estágios não obrigatórios, ou no desenvolvimento de microensinos no interior das disciplinas cursadas. Sendo assim, a partir da materialidade textual das narrativas dos entrevistados foi possível organizar os resultados em quatro categorias, sendo elas, suporte pedagógico, saber disciplinar, objeto de pesquisa, formação do professor, estrutura e organização do *www.youtube.com* para a educação física. Suporte pedagógico refere-se à compreensão da utilização do *www.youtube.com* como mais uma ferramenta a ser utilizada na elaboração das aulas. Saber disciplinar: relaciona-se a ausência da discussão e apresentação das possibilidades do *www.youtube.com* como conteúdo compartilhado durante as disciplinas da formação inicial. Objeto de pesquisa: trata-se da necessidade sinalizada pelos acadêmicos de produção acadêmico-científica em Educação Física sobre o do *www.youtube.com*. Ser professor: constitui-se como categoria tensional, na qual os entrevistados apresentam receios dessa plataforma vir a substituir o professor como figura fundamental da organização e estruturação do processo de ensino aprendizagem. Com isso, os entrevistados a todo momento consideram o *www.youtube.com* ferramenta importante, mas enfatizam o lugar da mesma como auxiliar. Por fim, estrutura e organização do *www.youtube.com* para a educação física: são apontamentos sugeridos pelos acadêmicos referentes a melhor organização e configuração dessa plataforma para otimizar o trabalho de buscas e uso na elaboração

de suas aulas. Dessa forma, em caráter inicial, é possível perceber que o *www.youtube.com* apresenta lugar estratégico e tensional na representação da constituição do professor de Educação Física em formação inicial.

Palavras-chave: sistematização; youtube; educação física.

REFERÊNCIAS

AMANTE, L. (2007a). As TIC na educação em Portugal: **Concepções e Práticas Infância, escola e novas tecnologias**. P. Editora, Ed. Porto.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2017.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.** [online]. 2002, vol. 23, n. 79, pp. 257-272. ISSN 0101-7330.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

RESENDE, H. G. de; SOARES, A. J. G. Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino aprendizagem da Educação Física na escola: um estudo de caso. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, n. 1, p. 29-40, 1997.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A Sistematização dos Conteúdos da Educação Física na Escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**. Rio Claro, v. 11, n. 03, p. 167-178, set/dez, 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/78/58>.

SCHNEIDER; C. K.; CAETANO; L.; RIBEIRO; L; O; M. Análise de vídeos educacionais no youtube: caracteres e legibilidade. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**. v. 10, n. 1 (2012). p. 2-11.

UMBELINA; V. Redes sociais: aliadas ou vilãs da educação? **Hipertextus Revista Digital**. n. 9, dez. 2012. p. 2-13

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Comunicação Oral

**PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL:
CONHECIMENTO DECLARATIVO A RESPEITO DO VOLEIBOL**

Guilherme Locks Guimarães⁷⁸

Paula Cavalcanti de Miranda

Luiz Alberto Batista

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017 a, b) indica o voleibol como uma das atividades esportivas que devem ser ensinadas no ensino fundamental. Menga (2001) cita Eça de Queirós e pontua que para ensinar há uma formalidade a cumprir, saber. Nesse sentido para modelar o movimento humano como ação do voleibol é necessário saber acerca dele, conhecer as suas regras, habilidades e técnicas motoras (GARGANTA, 1995). Para Antunes e Dantas (2010) e Neufeldt, Brust e Stein (2011), o conhecimento é dividido em declarativo e processual. O primeiro refere-se à informação que pode ser descrita, como as restrições impostas ao bloqueio na regra de voleibol; já o segundo está implícito na habilidade da ação, que é mais fácil de ser demonstrado do que explicado verbalmente, como a ação motriz necessária para executar um saque em um jogo de voleibol. O que nos motivou a estudar o conhecimento declarativo foi Best (1999), ao afirmar que, em adultos, um conhecimento inicialmente codificado como declarativo, pode se transformar em processual na medida em que a informação se torna mais familiar. Esta transformação leva o voleibol a se constituir em conteúdo pedagógico da aula de Educação Física. Assim, o objetivo deste estudo foi identificar se os professores de Educação Física que atuam nos últimos quatro anos do ensino fundamental têm conhecimento declarativo a respeito do voleibol. Para tanto, realizamos uma pesquisa exploratória. A amostra de trinta professores foi estruturada por conveniência, sendo 63% (n=19) do sexo masculino e 37% (n=11) do feminino, A graduação em Educação Física foi obtida por 43% (n=13) de nossos sujeitos em

⁷⁸ Contatos dos autores: guilocks@yahoo.com.br; paulacm.personal@gmail.com; bmc_ef@yahoo.com.br.

instituições públicas e 57% (n=17) privadas. Estas ocorreram entre os anos de 1979 e 2011. Trabalham em escolas públicas, 50% (n=15) e 43% (n=13) em privadas, em ambas 7% (n=2). Um foi atleta federado em voleibol e, 97% (n=29), não. Participaram em "Jogos Estudantis" nesta modalidade esportiva 20% (n=6) e 80% (n=24) não participaram. Para proceder a coleta de dados foi utilizado como instrumento um questionário dividido em duas partes. A primeira, constituída por sete perguntas, levantou dados sobre a graduação, local de trabalho e vivência no voleibol de nossos sujeitos. A segunda, composta por dez questões fechadas e duas abertas, identificou o conhecimento declarativo dos sujeitos que concorreram à pesquisa. As questões são baseadas nas Regras Oficiais do Voleibol 2017-2020 (CBV, 2017), foram elaboradas em reunião presencial da qual participou um grupo de trabalho constituído por quatro professores de Educação Física com vivência no voleibol. O questionário visou medir conhecimentos relativos ao voleibol, desde o número de jogadores que compõem uma equipe em quadra até as restrições à atuação do libero. Foram descritas as frequências absolutas e relativas das respostas do questionário. Os resultados demonstram que 60% (n=18) dos sujeitos da amostra atingiram nota superior a 7 e, 10% (n=3) abaixo de 5. Visto que, segundo Best (1999), o conhecimento declarativo pode se transformar em processual. Concluímos, arriscando-nos a declarar que apesar das lacunas apresentadas, os nossos sujeitos têm conhecimento declarativo a respeito do voleibol. Assumindo-se que estes dados sejam uma tendência da população de professores de Educação Física do ensino fundamental da cidade do Rio de Janeiro, sugerimos que seja oferecida a estes a possibilidade de frequentar curso de atualização em práticas metodológicas do voleibol de modo a ampliar a familiaridade deles a respeito dessa atividade esportiva. Anunciamos como limitação desta pesquisa o número de sujeitos da amostra. Sugerimos realizar outras pesquisas com amostragem maior e, abrangendo, também, docentes do ensino médio.

Palavras-chave: conhecimento declarativo, voleibol, professores, ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, F. H.C.; DANTAS, L. Sistematização do conhecimento declarativo em Educação Física escolar de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v. 24 n. 2, 2010. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092010000200005>>

BEST, J.B. **Cognitive Psychology**. 5 ed. Brooks/Cole Wadsworth, 1999

BRASIL a. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **PARECER CNE/CP Nº: 15/2017**, 2017. Publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, Pág. 146. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=78631-pcp015-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>

BRASIL b. Conselho Nacional de Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Ensino Fundamental. Linguagens**. Educação Física, 2017. Disponível em:<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>>

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL (CBV). **Regras Oficiais de Voleibol 2017-2020**. Disponível em:
<<http://2017.cbv.com.br/pdf/regulamento/quadra/REGRAS-DE-QUADRA-2017-2020.pdf>>

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Orgs.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

MENGA, L. O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação & Sociedade**, a. XXII, n. 74, 2001. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a06v2274.pdf>>

NEUFELD, C. B.; BRUST, P. G.; STEIN, L. M. Bases epistemológicas da psicologia cognitiva experimental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27. n. 1, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-3772201100013>>.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA –
PIBID: NÚCLEO EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL –
EXPECTATIVAS DOS BOLSISTAS**

Nelson Figueiredo de Andrade Filho⁷⁹

Victor José Machado de Oliveira

Susana da Rocha Louzada

Serge Matos da Silva

Os jovens e adultos que chegam aos cursos de Educação Física (EF) trazem consigo experiências sociocorporais arregimentadas em vários tempos e espaços, inclusive, no Ensino Fundamental e Médio (FIGUEIREDO, 2008). Tais experiências se constituem balizadores para a conformação de identidades docentes daqueles que estão na condição de professores em formação (PF). Entretanto, Figueiredo (2008) observou em seu estudo que tais sujeitos não apresentaram memórias com relação à Educação Infantil (EI). Tal fato nos faz refletir que a constituição de uma identidade docente nesse nível de ensino se torna mais desafiadora, pois os PF carecem de experiências sociocorporais capazes de lhes assegurar, minimamente, algum saber inicial que corrobore sua identidade docente enquanto professor de crianças pequenas. É nesse bojo que o PIBID se mostra um dispositivo ímpar para a formação docente desses sujeitos – não apenas por assegurar o desenvolvimento de competências e habilidades, mas, também, o gosto pela docência. O PIBID ainda valoriza a parceria entre Universidade e Educação Básica, assim, formando uma ponte entre elas. Destarte, parte-se da premissa de que fortalecer a formação inicial de professores significa fortalecer a própria Educação Básica. Tais processos são atravessadas pelas expectativas dos próprios PF. Sendo assim, objetiva-se nesse texto alçar algumas inferências sobre tais expectativas e suas aproximações dos objetivos institucionais do PIBID. A metodologia utilizada foi a análise do cruzamento

⁷⁹ Contatos dos autores: nelsonfaf@hotmail.com; oliveiravjm@gmail.com; susanalouzada@hotmail.com; sergebaeh@gmail.com.

das cartas de intenção à bolsa apresentadas por 25 PF no processo de seleção e os objetivos contidos no documento do subprojeto do Núcleo Educação Física na Educação Infantil (Edital CAPES nº 7/2018). Tais bolsistas estão alocados em três CMEIs: “Darcy Castello de Mendonça”, “Ana Maria Chaves Colares”, município de Vitória/ES, e “José Luiz de Deus Amado”, município de Serra/ES, sob a supervisão dos professores de EF que atuam nessas instituições. Apesar das cartas resguardarem expectativas muito singulares, pois cada sujeito possui uma trajetória que é única e está vinculada a sua história de vida, observa-se que existem expectativas recorrentes. Citamos: o interesse em aprender mais sobre a docência desde o início do curso; a aproximação com o cotidiano escolar e a relação teoria-prática; o aprendizado de conhecimentos didático-pedagógico-relacionais referentes à educação de crianças; a necessidade de extrapolar os saberes ensinados na Universidade; a possibilidade de obter remuneração e ter dedicação integral ao curso e/ou manter o vínculo com a Universidade; a possibilidade de aprender com professores experientes; expandir a visão da área da EF para além do treinamento. Tais expectativas se mostram convergentes aos objetivos propostos no subprojeto que, em resumo, são: dominar instrumentais teórico-metodológicos necessários ao processo de ações de planejamento e avaliação de programas de ensino; compreender a organização pedagógica e a especificidade da EF na EI; incorporar a pesquisa como eixo de formação; e afirmação da parceria entre Educação Básica e Universidade nas ações cotidianas. Em vista do que foi observado por Figueiredo (2008), compreendemos que o PIBID tem se mostrado uma ferramenta para a concretização de condições de possibilidade para a formação docente dos bolsistas. Nota-se que expectativas e objetivos apresentam uma agenda que constitui tempos-espacos de formação de professores capacitando-os para atuar na Educação Básica, no componente EF na EI, sendo capazes de compreender criticamente as experiências de movimento corporal das crianças (ANDRADE FILHO, 2011). O programa é uma política que permite a permanência desses sujeitos na Universidade com dedicação integral aos estudos. Tais elementos, nos mostra como um caminho se conforma à nossa frente com desafios e possibilidades de agregar à formação dos

bolsistas conhecimentos e saberes de ordem da docência da EF na EI com vistas a qualificar tanto a sua formação quanto a própria Educação Básica.

Palavras-chave: Formação Docente. Educação Física. PIBID.

REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo. **Experiências de movimento corporal de crianças no cotidiano da educação infantil**. 2011. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Experiências sociocorporais e formação docente em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 85-110, jan/abr 2008.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA –
PIBID: NÚCLEO EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL –
PERSPECTIVAS DOS SUPERVISORES**

Nelson Figueiredo de Andrade Filho⁸⁰

Susana da Rocha Louzada

Serge Matos da Silva

Victor José Machado de Oliveira

Criado em 2007, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) trás consigo diversos objetivos importantes para a qualidade da educação pública brasileira; e um dos principais, é o incentivo à docência na educação básica (EB). Mas não podemos ignorar que o programa tem um potencial que vai além do incentivo aos alunos de licenciatura a dedicarem futuramente suas carreiras à escola pública. O Pibid também impacta o hoje, transformando o cotidiano das escolas envolvidas no programa e promovendo uma injeção de ânimo nos professores supervisores (PS). Temos por objetivo neste texto focalizar as expectativas dos PS que, durante o processo de seleção, escreveram uma carta descrevendo suas expectativas e o motivo do interesse em participarem do programa. No edital CAPES nº 7/2018 e edital interno PROGRAD UFES nº 003/2018, o Pibid realiza uma parceria entre a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), as Secretarias Municipais de Educação de Vitória e de Serra e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A metodologia utilizada foi a análise e comparação das cartas de intenção à bolsa apresentadas por três professores da Educação Infantil da rede pública. Em suas cartas, eles consideraram o Pibid importante para a valorização do magistério, pois mobiliza os PS como cofomadores dos futuros docentes e torna as escolas protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério. A valorização do saber prático e não só

⁸⁰ Contatos dos autores: nelson.andrade@ufes.br; susanalouzada@hotmail.com; sergebaeh@gmail.com; oliveiravjm@gmail.com.

do saber acadêmico propicia um diálogo e uma aproximação maior entre universidade e escola. Ninguém nasce professor; se torna professor e aprende a ser professor com a prática docente. A cada experiência vivida seja ela na sala de aula ou fora, faz com que o professor reflita sobre a sua prática e a aperfeiçoe ao longo da carreira. Tardif (2014) acredita que professores são atores cuja prática profissional não é somente balizada por saberes provenientes da formação acadêmica; mas, tal prática é também espaço de produção de saberes. Temos, nesse contexto, também uma necessidade dos PS em pensarem juntos com a UFES possibilidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador. De maneira colaborativa todos os envolvidos podem e devem buscar a superação de problemas identificados no processo de ensino público. Segundo Freire (1996), na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje, ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática. Não é precipitado afirmar que o Pibid se tornou uma política que permite a valorização dos professores da EB e que faz da prática docente não mais uma prática solitária. Sabemos que a dinâmica escolar é bem complexa e, às vezes, até desmotivadora. Os professores se deparam muitas vezes com a falta de infraestrutura, salário baixo, turmas superlotadas, entre outras coisas que acabam interferindo na sua atividade docente. Mas o Pibid tem o potencial de mostrar aos PS a boniteza de ser professor. Desta forma finalizamos citando Gadotti (2002) que acredita que a boniteza de ser professor está no fato de ser uma atividade desafiadora, cheia de cores, tempos e espaços diferentes.

Palavras-chave: Prática profissional. Educação Física. Pibid.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.



TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**PROJETO “AMIGO DA TURMA”: UMA PROPOSTA DE CONTRIBUIÇÃO
DA EDUCAÇÃO FÍSICA À DISCUSSÃO DE BULLYING NA ESCOLA
MESTRE ÁLVARO, NO MUNICÍPIO DA SERRA, ES**

Maria Gabriella Pinheiro Silva⁸¹

O presente texto propõe-se a relatar uma experiência acerca de um projeto desenvolvido no início do ano letivo de 2018 na E.E.E.F.M. Mestre Álvaro, localizada no município da Serra do Espírito Santo. A coordenação da instituição indicou como tema norteador das atividades pedagógicas o *Bullying*, tendo em vista a demanda de discussão pela recorrência dos casos na escola no ano anterior e as recomendações da Secretaria de Educação do estado. Foi orientado que os docentes incluíssem essa temática nas aulas que planejavam para o primeiro trimestre. Dessa forma, o projeto “Amigo da turma” foi pensando para os primeiros anos do ensino fundamental, como contribuição da educação física à discussão geral que estava sendo realizada na escola, acreditando que ao conhecer o corpo -em todas as dimensões, sua relação com os outros e com o espaço- e entender as particularidades de cada ser -seus limites e possibilidades-, as crianças aprendem a respeitar as diferenças. Além da emergência de discussão com toda a escola, o tema vai ao encontro de uma demanda dessa faixa etária, agora específica da educação física, de aprendizagem e exploração ampliada das possibilidades de movimento do corpo em sua totalidade. Ampliando o repertório motor do aluno nas fases iniciais da formação, o desenvolvimento psicomotor e a aprendizagem da cultura corporal de movimento estariam facilitadas. Então, iniciar o trabalho conhecendo o próprio corpo e o que cada parte dele é capaz de fazer, foi o nosso caminho de intervenção. A elaboração do projeto esteve fundamentada na Pedagogia de Projetos incorporando alguns elementos da teoria histórico-cultural da atividade - segundo preceitos formulados por autores como Leontiev, Davydov e Vygotsky - e do Trabalho

⁸¹ Contato do autor: mgabriella.personal@gmail.com.

como princípio educativo, por acreditar que dessa união é possível pensar e experimentar uma aprendizagem partindo da prática e, dessa forma, tornando o conhecimento algo que faça sentido na vida do aluno. Isto porque apresenta uma ressignificação do espaço escolar, transformando-o em um espaço vivo de interações. Além disso, por possibilitar uma maior integração entre as áreas de conhecimento, rumo à desfragmentação, e contribuir para a aprendizagem orgânica e em totalidade. A culminância do projeto foi um boneco “amigo da turma” cuja construção foi realizada em etapas e, para cada uma delas, um bloco de conteúdos foi necessário. Os alunos aprenderam sobre cada parte do corpo: como escreve o nome desta parte e suas funções, os cuidados com a higiene de cada uma dessas partes, e realizaram atividades de estímulo e desenvolvimento psicomotor. É importante enfatizar que os conteúdos não foram selecionados aleatoriamente. Utilizei como critério àqueles necessários à construção de cada etapa do produto final, para que os alunos vissem aplicabilidade e utilidade prática no conhecimento e na aprendizagem. É importante ressaltar que não tive a pretensão de solucionar o problema do qual este trabalho emergiu, dados os limites deste projeto e entendendo que a escola não é o único espaço de formação para a cidadania. Entretanto, os registros de casos de *bullying* junto à coordenação da escola reduziram cerca de 78% se comparado ao mesmo período no ano anterior, indicando que o objetivo pedagógico de todo corpo docente está sendo alcançado. Além da contribuição social deste projeto, considera-se relevante compartilhar esta experiência também pelos resultados positivos no âmbito pedagógico do projeto.

Palavras-chave: Educação física escolar; bullying na escola; projeto pedagógico de educação física.

REFERÊNCIAS

LEONTIEV, A. N. **Actividad, conciencia, personalidad**. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1983.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: **Novas tecnologias, trabalho e educação**. Petrópolis /RJ: Vozes, 1994.

ZINCHENKO, V. P. A psicologia histórico-social e a teoria psicológica da atividade: retrospectos e prospectos. In: WERTSCH, J. V.; DEL RÍO, P.; ALVAREZ, A. (Orgs.). **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 41-55.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CARIACICA**

Walace Santos Santos⁸²

Este trabalho apresenta um relato de experiência das aulas de educação física na educação infantil, no município de Cariacica, em uma escola da mesma rede municipal, no primeiro semestre de 2018. Em planejamento coletivo no início do ano, foi delineado a realização de um projeto com o tema da Copa do Mundo de Futebol, no qual seria caracterizado por atividades envolvendo os jogos e as brincadeiras. Partindo deste pressuposto, foi construído um planejamento das aulas de educação física que pudesse corresponder ao planejamento inicial e que culminasse no mês de junho de 2018. Vivenciar os jogos e brincadeiras, possibilitando, por meio da ludicidade, o ganho no acervo motor infantil, o desenvolvimento da comunicação oral, da expressão corporal e da socialização. Trata-se de um estudo descritivo, tipo de relato de experiência, elaborado no contexto de uma escola de educação infantil do município de Cariacica durante as aulas de educação física. Entendendo que o público alvo em questão, crianças de 03 a 05 anos de idade, é uma categoria estrutural da sociedade (SAMENTO, 2013), que necessita ser visualizada numa perspectiva totalizante e, não, fragmentada. E que são sujeitos de direitos, em busca de autonomia e cidadania, e em paralelo a isso, “o movimento é a principal linguagem de que a criança pequena dispõe nos anos iniciais de sua vida e a Educação Física, como área do conhecimento que trata das manifestações da cultura de movimento, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento infantil (MELO et al, 2012). Pensando nisso, é que foi definido os jogos e as brincadeiras para esta faixa etária, proporcionada de uma forma lúdica e prazerosa, possibilita a criança a se expressar, expor seus sentimentos e sentir-se pertencente como seres participantes da sociedade. Os jogos e brincadeiras trabalhados, foram

⁸² Contato do autor: walacesj@yahoo.com.br.

selecionadas juntamente com os professores – em planejamento direcionado – e os alunos – durante as aulas de educação física, que tivessem por características: a ludicidade – o jogo contado no mundo da fantasia -, a socialização – que permitisse a interação e a inclusão -, a comunicação – que a expressão, nas mais variadas formas, fossem exploradas e exercitadas –, temas interdisciplinares – que possibilitasse a interação entre conteúdo e disciplinas diversificadas -, e a vivência de movimentos variados, diversificados e dentro das possibilidades de realização dos alunos da UMEI – Unidade Educacional de Educação Infantil – em questão. Os jogos e brincadeiras foram: boca do palhaço (arremessos variados), jogo da memória (raciocínio), boliche (arremessos variados), dominó (sequência numérica e quantidade), futebol em tecido (socialização, coordenação e cooperação), circuito motor (habilidades de correr, pular, desviar, subir, descer e agachar) e o futebol (tema relacionado a copa do mundo de futebol). Estas atividades foram trabalhadas separadamente durante todo o primeiro semestre de 2018, nas aulas de educação física. A culminância do projeto desencadeou no “Dia da Copa”, no qual, os alunos foram convidados a vestirem suas camisas do Brasil - ou de outro time - e a participarem de um circuito de jogos e brincadeiras, já vivenciados por todos nas aulas de educação física. Os resultados obtidos, após avaliação com o corpo docente e atividade de desenho contado com os alunos, notou-se o grande interesse e participação dos alunos nas aulas de educação física e na culminância do projeto, a construção de uma identidade sistematizada das aulas de educação física, possibilitando novos conceitos a respeito das aulas, um ganho satisfatório na interação e socialização dos alunos e, em relação ao “Dia da Copa”, diferente de eventos anteriores, não houve grande rejeição diante das atividades propostas, visto que já era do conhecimento deles.

REFERÊNCIAS

- SAMENTO, M. J. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R.T; GARANHANI, M.C. (org). **Sociologia da infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnat, 2013. P. 13-46.
- MELLO, A. da S. et al. Representações sociais sobre a educação física na educação infantil. **Revista Educação Física** / UEM, Maringá, 2012.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

**UM NOVO SENTIDO PARA O TRABALHO COM DANÇA NA ESCOLA,
APÓS VIVÊNCIA NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DA
DANÇA DA UFES**

Orci Baptista de Abreu⁸³

Diante das implementações da nova Base Nacional Comum Curricular principalmente trazendo importantes mudanças para o Ensino Médio, cabe um olhar especial para a Educação Física e sobretudo para o conteúdo da dança. Nesse contexto, tal relato apresenta um novo olhar de um professor que atua há 16 anos com Educação Física na Educação Básica. O presente relato de experiência tem em sua abordagem, uma nova visão ante ao trabalho realizado por este no que tange o Ensino da Dança no âmbito escolar, visão esta, adquirida após os primeiros contatos com o Curso de Especialização no Ensino da Dança da Ufes. Vê-se a dança, trabalhada na escola, disfarçada, voltada para sistematização, marcada por treinamentos e ensaios meramente repetitivos para eventos. O ser professor de Educação Física que trabalha com dança, não fazia parte dos planos deste ex-jogador de futebol, acostumado com a calístenia na preparação física. Assim também, pautou sua forma de ensinar dança na escola como “ensinar a repetir coreografias”, não dando espaço ao criar. Visão essa mudada já nos primeiros contatos com o Curso de Especialização em Ensino da Dança da Ufes, que traz uma abordagem voltada para o ensinar através do processo de construção e desenvolvimento das potencialidades do aluno, levando a este o conhecimento do papel da arte, cultura e dança no contexto histórico e trazendo a percepção deste para o processo de criação, enaltecendo o lugar de onde culturalmente suas percepções foram construídas. O Objetivo da observação foi perceber a partir da prática cotidiana que apesar de tratar dos temas e conteúdos da Educação Física, sempre ao pé da letra, o autor excluía tal aporte investigativo para com a dança. A participação deste no Curso de Especialização em

⁸³ Contato do autor: orcibaptista@gmail.com.

Dança da Ufes, lhe trouxe uma nova percepção acerca de tão importante e rico conteúdo. Afinal as preconizações dos antigos PCNs referiam-se ao tamanho dos conteúdos, sendo mais que moldar o corpo físico do aluno, mas criar nele o movimento impulsionado pela dança, pelo jogo, pelo esporte, pela luta em suas técnicas e preconizações (aspectos procedimentais, atitudinais e conceituais). Sendo tais diretrizes postas também na nova BNCC. Quanto a dança, cabe a escola não reproduzir, mas oferecer meios de criar e recriar o conhecimento em Dança com seus alunos, sendo assim a dança, forma de conhecimento de um elemento imprescindível para a educação do ser social (MARQUES,1997). Com surpresa, ao ler e estudar sobre o momento de criação na dança, e a necessidade da repetição do gesto motor (não da dança inteira), buscando a apropriação correta do movimento, além do estudo sobre a cultura da dança inserida em determinados contextos sociais e o que ela ali representa, o autor se vê na agradável posição de mudança quanto aos seus preceitos e conceitos, deixando de lado a mera repetição do fazer, e passando a adotar um posicionamento de oferecer ao aluno, a possibilidade não apenas de dançar, mas conhecer o que está dançando. E elencando as inter-relações que esse aluno estabelece com o meio. Laban (1989 apud VARGAS, 2009. p. 240) afirma que: [...] à medida que desenvolvemos a consciência de nós mesmos e do ambiente, descobrimos que o corpo deve transformar-se em instrumento sensível para possibilitar que se manifeste a inter-relação entre o mundo interior e exterior [...] Assim, um dos objetivos da dança na educação é propiciar ao aluno o encontro de uma relação corporal com a totalidade de existir.

Palavras-chave: Dança; Educação Física; Ensino.

REFERÊNCIAS

GARCÍA, C. M. **Formação de professores para uma mudança educativa.** Portugal: Porto, 1999.

LABAN, R. **Danza educativa moderna.** México: Ediciones Paidós, 1989.

MARQUES, I. **Linguagem da dança: arte e ensino.** São Paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, I. A. Dançando na Escola. **Motriz Revista de Educação Física**. Rio Claro: UNESP e Educação Física, 1997 vol.3, nº 1, p. 20-27.

VARGAS, L. A. A dança com alma de criança. In: CUNHA, S. R. et al (Orgs.). **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Relato de Experiência

UM OLHAR SOBRE A DOCÊNCIA

*Rayanne Nayara Gomes dos Santos Dias da Silva*⁸⁴

Otávia Mendes de Lacerda

Agnaldo Antonio da Silva

Rememorar, empolgar-se, emocionar-se e reconhecer-se no lugar, que outrora frequentou no papel de aluno, são as primeiras expressões do professor em formação ao retornar à escola que o formou. O licenciando ao revisitar os espaços vivenciais, porém, sob a ótica do futuro professor confronta-se com expectativas, ora negativas, ora positivas, enquanto busca compreender o contexto em que está se inserindo. Neste momento surgem sentimentos imediatos referentes à percepção de sua responsabilidade na práxis. Enquanto observador, há a tentativa de reconstituir o seu olhar perante os significados e apropriações da comunidade escolar, bem como, as influências que ali permeiam e não eram notórias à priori. Portanto, se apresentam aqui duas visões das autoras relacionadas às mesmas inquietações surgidas, agora como professoras em formação que retornam ao ambiente escolar. Esta experiência revelou que a escola apresenta diferentes ângulos e panoramas nos quais, pela visão do professor ex-aluno, expõe realidades e situações, antes imperceptíveis a ele, mas, capazes de integrar a sua ação docente. Ao reconhecer em suas memórias as Marcas Formadoras, “concebidas como (...) uma cicatriz que fica em nós, nos distingue dos outros, nos denomina e é denominada por nós...”. MACHADO E FILHO (2018, p. 116), essas tendem a contribuir para a identidade docente, entendendo-a como constantemente moldável. Este relato de experiência surgiu a partir do cumprimento da disciplina “Práticas de Ensino I”, no curso de Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Campus Ibituripe. Foram realizadas quatro visitas de campo em escola pública da região de Belo Horizonte, totalizando 16 horas de observação descritas em relatórios,

⁸⁴ Contatos dos autores: rayannenayarads@gmail.com; otaviamendes@hotmail.com; timottios@gmail.com.

abrangendo ao público do segmento de Ensino Fundamental I e II pertencente ao projeto “Escola Integrada”. Os artigos lidos enfatizam a importância do Memorial do professor, que segundo MACHADO E FILHO (2018, p. 115) define-se por: “um meio singular e importante de acessarmos o universo de sua formação”. E uma vez que nele estão expressas as Marcas Formadoras, entende-se o diálogo de FREIRE (1996) sobre suas inter-relações se darem pela maneira como ele vivencia o próprio ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento. Seguindo o pensamento de Freire acerca deste processo de construção das relações, que subsidiam os sentidos dados à escola pelo aluno, observa-se também que as escolhas voluntárias deste aluno dependerão das condições ofertadas a ele. Sendo assim é correto afirmar que o professor pode compreender as necessidades de seu aluno, uma vez que revisita as suas próprias lembranças e ali ele garimpa, as influências que possivelmente mediaram os seus passos. Contudo, não é somente olhando para o seu “eu aluno” que o professor obterá toda a compreensão da sua prática e o efeito dela no outro, mas, a partir deste posicionamento torna-se viável identificar, um esboço de causa-efeito em toda a sua história que apresentou alguma relevância para o seu direcionamento humano e profissional. Portanto, lançar luz sobre as suas memórias tendem a flexibilizar o seu próprio olhar e ações, diante a sua função de agente direto na formação e orientação do indivíduo. Um exercício constante, que não detém de uma forma padronizada e imediata às situações, mas, que molda sua identidade profissional permitindo a plenitude, com a qual levará o seu compromisso educador.

Palavras-chave: memorial, marcas formadoras, identidade docente, escola.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Claudia. FILHO, Wolney H. Histórias de vida e biografização: pesquisa sobre as marcas formadoras de professores da região sudeste do estado de Goiás através dos memoriais de formação. Rio Grande do Sul: **Revista Educação**, v. 43, n. 1, jan./mar. 2018. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/23002/pdf> > Acesso em: 28 de junho de 2018.

VAZ, Renata C. S. **Narrativas De “Alunas-Professoras” Sobre O Grupo De Aplicação Do C. F. P. P. De Catalão/Go (1964 – 1983)**. [Dissertação]. Catalão: Repositório Institucional da Universidade Federal de Goiás, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8199/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Renata%20Cristine%20Santos%20Vaz%20-%202018.pdf>> Acesso em: 28 de junho de 2018.

VAZ, Renata C. S. Biografia e formação: narrativas de uma aluna do ensino superior UFG –Catalão. In: **Educação e formação de professores** [livro eletrônico] / organização de Selma Martines Peres, Maria Helena de Paula, Márcia Pereira dos Santos. – São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580392258/completo.pdf>> Acesso em: 28 de junho de 2018.

MORGI, Daiani C. **Memorial De Formação Educação: Minha Vida**. Campinas: Biblioteca Digital da Unicamp, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=15525>> Acesso em: 28 de junho de 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Educação Física Escolar - Pôster

UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A DIDÁTICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ramon Matheus Dos Santos e Silva⁸⁵

Francisco Eduardo Caparróz

Wderlan Alves Santana

Alexia Piekarz do Rosário

Heitor Barbosa Cogo

Joice Gottardo de Jesus

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da disciplina “Educação Física, Formação Docente e Currículo” do curso de Educação Física em Licenciatura da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) e consiste em uma breve análise sobre a influência da didática na formação de professores. O estudo tem por objetivos entender a influência que a didática possui no processo de escolha pela graduação em licenciatura e O caminho metodológico desta pesquisa se deu em dois momentos. O primeiro deles consiste em leituras e estudos de textos sugeridos pelo docente responsável por ministrar tal disciplina curricular. Textos estes intitulados “Didática, didáticas específicas e formação de professores: construindo saberes” e “Saberes pedagógicos e atividade docente” de PIMENTA, Selma Garrido que estão disponíveis no livro “Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares”, onde a autora propõe uma análise sobre a didática, tanto dentro de um aspecto histórico dessa área do conhecimento quanto uma nova perspectiva que ela pode oferecer para superação de um senso comum que reduz sua complexidade em “técnicas de estudos”, negando sua capacidade de se moldar de acordo com o espaço em que a transmissão do ensino acontece e colaborar de maneira efetiva para o processo de aprendizagem e o amplo debate da própria educação. O segundo deles consiste em entrevistas. Tais entrevistas

⁸⁵ Contatos dos autores: rb-ramon@hotmail.com; caparroz.vix@gmail.com; derlan12_vl@hotmail.com; piekarzalexia@gmail.com; heitorbarbosacogo@outlook.com; joicegottardo10@outlook.com.

foram aplicadas a alunos dos cursos de Educação Física, Letras e Pedagogia da UFES, com um roteiro básico que continha as seguintes perguntas: “Fazer um curso de Licenciatura (ser professor) sempre foi sua 1ª opção de curso?” e “O que você espera da didática?”. Cabe ressaltar que as entrevistas eram basicamente alunos do 1º período, com exceção de duas que estavam cursando o 4º período. A partir da coleta de dados, foi perceptível que são inúmeros os motivos que levam uma pessoa a escolher se tornar docente. Isso já traz uma ideia do quão heterogêneo é o campo da educação. Assim, acreditamos que as razões pela escolha de ser professor pode levar o docente a aderir determinadas perspectivas dentro da própria formação. Dessa forma, entende-se Didática como um campo de estudo sobre o ensino em diferentes contextos, sendo a escola um desses espaços. Ou seja, a didática não se resume no ensino de disciplinas escolares, partindo do princípio de que a escola não é o único lugar na qual o sujeito está apto a aprender algo. Por isso a necessidade de superar a ideia de uma didática generalizada. Além disso, se baseando no pensamento de que a didática é algo que se modifica, é necessário o reconhecimento das diversas maneiras de ensinar de acordo com o contexto em que essa prática se aplica. Na formação de professores é preciso entender que as emergentes diversidades requerem adequação para seu reconhecimento social. Logo é no âmbito da didática que as transformações dentro dos espaços em que o ensino se dá e o processo de aprendizagem deve ser estudado. Com isso temos a possibilidades de formar professores múltiplos, ou seja, que entenda que a forma de ensinar se altera com o ambiente na qual aquela transmissão de conhecimentos acontece. Isso seria reconhecer a necessidade de investimento na formação continuada e cultural, que em si mesmas teriam conteúdo para um trabalho a parte.

Palavras-chave: didática, docência, formação.

REFERÊNCIAS

AZZI, Sandra. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, Selma G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 35-5

PIMENTA, Selma Garrido. Didática, didáticas específicas e formação de professores: construindo saberes. In: TIBALLI, Elianda F. Arantes, CHAVES, Sandramara Matias (Org.). **Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares**. D&P: Rio de Janeiro, 2003. p. 49-56

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 15-32



Anais do Congresso Espírito-Santense de Educação Física
XV CONESEF – 2018
CEFD – UFES – Vitória – ES – Brasil
ISSN – 2595-5837

GTT 04 – ESPORTE E LAZER

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Relato de Experiência

**A INICIAÇÃO AO TÊNIS PARA CRIANÇAS: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR
DA TÊNIS+**

Vinicius do Carmo Fontana⁸⁶

Mariana Zuaneti Martins

Alessandro Garbin

Introdução: O tênis é uma modalidade esportiva pouco difundida no Brasil, o que faz com que pesquisas sobre o ensino da iniciação com crianças menores de 7 anos ainda sejam escassas. Combinada à relativa ausência deste conteúdo nos cursos de formação deixa um grande vazio para se estabelecer formas de avaliar o ensino da modalidade nesta faixa etária. Objetivo: Considerando este cenário, vou relatar minha experiência com a metodologia tênis + para iniciação ao tênis, em especial no primeiro nível do programa, que abarca crianças que têm o primeiro contato com tênis e possuem até 6 anos. Após a descrição dos conteúdos e da experiência com o desenvolvimento da capacidade de jogo neste nível, também reflito sobre o progresso final, por meio da utilização de instrumentos de avaliação. Desenvolvimento: A divisão das aulas proposta pelo programa, através de “tema” e “objetivos”, faz com que os critérios técnicos e táticos e o momento de ensiná-los fique claro para o professor organizar o ensino. Nesta faixa etária o que a criança quer é brincar, correr, se divertir e é neste universo que os critérios técnico-táticos devem ser inseridos de forma lúdica. Por exemplo, há três elementos técnicos que trabalhei nas aulas iniciais que guiaram meu trabalho: posição de expectativa, “forehand” e “backhand” e sua colocação dentro da compreensão do jogo de tênis. Inicialmente ensino a criança a segurar a raquete, neste momento relato e associo a imagem ao goleiro na hora de pegar um pênalti aproveito e já oriento a segurar a raquete com uma mão no final do cabo e outra no coração da raquete. Realizo uma brincadeira tradicional como batatinha quente e ou estátua para que eles possam se

⁸⁶ Contatos dos autores: vini-tennis@hotmail.com; marianazuaneti@gmail.com; alessandro.garbin@hotmail.com.

posicionar e familiarizar esta posição. Seguindo este gancho já apresento o forehand e backhand, utilizando atividades com jogos de rebater no “joão-bobo”, fazer o gol, arremessar a bola na floresta. Na sequência do ciclo, apresento o jogo gol a gol, adaptado ao tênis, no qual as crianças arremessam e rebatem uma bola de 26 cm no nível do chão. Via de regra, acompanho por meio de perguntas as posturas que quero ensinar, como i) aguardar o colega estar na posição de expectativa para iniciar o jogo, ii) jogar a bola no espaço vazio, iii) fazer se posicionar no meio do gol para defender melhor, iv) manter a bola na direção do gol para poder marcar ponto, v) após a rebatida, recuperar a posição inicial com as duas mãos na raquete e ao meio da quadra para ser mais rápida. Todo trabalho é voltado para que as crianças consigam após cerca de seis meses estarem preparadas para o próximo nível, que exige fazer a bola voar. A avaliação é dividida em três partes: i) técnica: conseguir participar, rebater determinado número de bolas com o professor, saber se posicionar adequadamente para iniciar o ponto, segurar a raquete da forma ensinada, rebater a bola a frente do corpo; ii) tática: no o gol a gol, a capacidade de participar, esperar o parceiro estar pronto para jogar, respeitar a posição forehand e backhand, saber se posicionar em quadra, esperar com as duas mãos na raquete, saber jogar no vazio; iii) física: as dimensões de equilíbrio, arremesso, ritmo e lateralidade. Conclusão: O programa tênis+ apresenta uma forma simples e direta para que possamos ensinar a modalidade tênis de forma lúdica e baseada no jogo deste a sua iniciação, fazendo que os alunos possam ser o centro do processo e o professor aquele que irá ajuda-los em suas necessidades de aprendizagem, trazendo a compreensão do jogo desde o início e de forma muito mais fácil.

Palavras-chave: tênis; iniciação esportiva; tática.

REFERÊNCIAS

GRECO, P. J. **Iniciação Esportiva Universal volume 1: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Editora UFMG. Belo Horizonte, 2007.

GRECO, P. J. **Iniciação Esportiva Universal volume 2: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube.** Editora UFMG. Belo Horizonte, 2007.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Comunicação Oral

ABORDAGEM METODOLÓGICA DA INICIAÇÃO ESPORTIVA NO FUTEBOL

Camila Amaral Resende⁸⁷

Ubirajara de Oliveira

O futebol, um dos esportes mais conhecidos e comentados na atualidade, possui inúmeros praticantes e torcedores. Como afirma Freire (1998), os Ingleses foram os criadores desse esporte que o Brasileiro transformou em brincadeira, cultura e paixão nacional. No Brasil, segundo Scaglia (1999), o futebol chegou em 1894 em São Paulo, por Charles Miller, que após estudar na Inglaterra, trouxe as primeiras bolas, uniformes e chuteiras, tendo importância para o brasileiro sendo popularizado no século XX. O futebol, segundo Daólio (2003) é conhecido como Fenômeno Cultural, numa relação de futebol e o contexto cultural do brasileiro, indagando que, o futebol com suas técnicas, regras, estilo de jogo, integra-se com as características culturais do brasileiro. Segundo Freire (1998) rege a importância dos princípios para se ensinar o futebol resgatando o lúdico e criando espaço para utilização da cultura popular infantil. Portanto, para o desenvolver da prática do futebol a abordagem metodológica refere-se a um processo ensino-aprendizagem, numa correlação da teoria com a prática, o que contribui para fundamentar a atividade desempenhada permitindo que o aluno interaja com o que sabe, aumentando a possibilidade de aprender mais, em uma construção de conhecimentos e possibilidades no seu desenvolvimento. O presente estudo teve como objetivo analisar a proposta metodológica do ensino do futebol nas aulas ofertadas pela Estação do Conhecimento, no Espírito Santo, e uma análise no qual permite observar se as estratégias de ação confrontam-se com as teorias pedagógicas. Caracteriza-se como pesquisa qualitativa, feita revisão de literatura sobre o fenômeno futebol e suas abordagens de ensino, aplicação de questionário investigativo aos professores e

⁸⁷ Contatos dos autores: camilaamaralbh@hotmail.com; ubioliveira@gmail.com.

acompanhamento das aulas. Atuam dois professores na iniciação esportiva e com a fase de aprimoramento do futebol, alunos de faixa etária de 10 a 17 anos com atividades contemplando o teórico e o prático. Cabe ressaltar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética de acordo com o CAE 79012017.1.0000.5542. Ao confrontar-se com uma literatura, com os questionários e a observação das aulas, à análise sobre a prática adotada pelos professores no ensino do futebol nessa instituição tem a função de auxiliar o processo de formação das crianças. Fundamentado por Filgueiras (2014) notou-se que a referência mais utilizada é o método sistêmico, devido à necessidade da evolução do futebol, abrangendo as características técnico-táticas, físicas e emocionais ao mesmo tempo no processo de ensino aprendizagem que parte do princípio de trabalharem, incentivando a tomada de decisão por parte dos alunos para solucionar determinada situação/problema. Contempla uma metodologia moderna, baseado em Garganta (1995), na forma didática-metodológica de se aplicar a prática do esporte, abrangendo três formas gerais, centrada nas técnicas; centrada no jogo formal; centrada nos jogos condicionados, podendo assim o atleta aprender como fazer, quando, onde e porque fazer, possibilitando a capacidade de leitura de jogo e ação efetiva nas jogadas, desta forma o processo de ensino torna-se dinâmico e desafiador, pois os alunos se identificam e podem criar um processo de assimilação mais eficaz a partir de suas próprias experiências. A teoria sem a prática é tão vaga quanto à prática sem aplicação a realidade dos envolvidos no processo. Por isso, trata-se de um propósito que permeia o ensino e aprimoramento do tático-técnico, desenvolvimento social, ações motoras e cognitivas que motive a prática do esporte, a fim de proporcionar um exercício prazeroso, independente de quem o pratica, tendo em vista o aprendizado e a superação que o esporte pode proporcionar. Foi observado neste estudo a importância da coerência entre teoria e prática, o que caracteriza uma proposta contemporânea no ensino do futebol praticado na Estação do Conhecimento pelos professores que exercem o ensino do esporte.

Palavras-chave: Futebol, Teoria e Prática, pedagogia do esporte.

REFERÊNCIAS

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 2ªed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

FILGUEIRAS, L. F. A. S. Comparação entre a metodologia de abordagem sistêmica e a metodologia tecnicista: razões para promover o processo de ensino aprendizagem dos JECs através dos jogos. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. v. 6. n. 22. p. 317-321. 2014. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/>>

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Futebol**. 2. Ed. Campinas, SP: Autores associados, 1998.

GARGANTA, J., PINTO, J. O ensino do futebol. In: GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) **O ensino dos jogos desportivos**. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 255 f. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1999.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Relato de Experiência

**AULAS DE LUTAS NA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO GLOBAL E
AUMENTO DE REPERTÓRIO MOTOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Victor Felipe Assis⁸⁸

Mariana Zuaneti Martins

João José de Oliveira Cesário

Vitor Loichate Figueiredo

Aline Faria dos Santos

Introdução: As lutas oferecem uma série de possibilidades no desenvolvimento de capacidades físicas e funcionais de crianças e adolescentes. A visão esportivista das lutas e o alto rendimento muitas vezes acaba por passar uma imagem distorcida (geralmente associada a violência) sobre os conceitos e possibilidades que elas podem nos oferecer também no contexto educacional. Segundo Santos (2012), tem-se urgência em conceber as lutas e a sua pedagogia de forma mais abrangente a fim de amplificar o seu significado, utilizando do que pode ser denominado por ele como “Jogos de Oposição”. Seguindo a perspectiva de uma formação geral é possível que ocorra generalização de aprendizados específicos de determinada modalidade no auxílio aprendizagem de outros movimentos, devido a construção de uma bagagem motora ampla e diversificada. “Crianças não são, na sua natureza, especialistas: elas são generalistas” (KROHER; ROTH. 2006, p. 9). Assim, é possível abordar através de jogos de oposição, situações em que busca-se fazer com que o companheiro toque o solo, se desequilibre, privá-lo da liberdade de ação; fixá-lo ao solo, tocá-lo ou excluí-lo de um território previamente estabelecido sem a necessidade de utilizar-se de modalidades esportivas para tal, apesar da enorme semelhança em algumas situações (SANTOS, 2012). Essa semelhança possibilitará futura utilização de movimentos aprendidos em jogos de oposição na modalidade esportiva com que cada indivíduo

⁸⁸ Contatos dos autores: victorassis7@hotmail.com; marianazuaneti@gmail.com; joaojoseoc1997@gmail.com; loichateconsciencia@gmail.com; alinefsantos.ifmuz@gmail.com.

apresentou melhor predisposição e/ou interesse. Objetivo: Relatar a experiência de aulas de lutas ministradas sobre a perspectiva de formação geral e aumento de repertório motor. Metodologia: Foram ministradas aulas de Lutas no tatame do IFSULDEMINAS Campus Muzambinho (Cecaes), as terças e quintas feiras durante 6 meses (fevereiro/2017 a agosto/2017). As aulas tinham início previsto para às 17:30 e encerramento às 19:00. Apesar da falta de alguns materiais característicos como quimonos, luvas, manoplas etc., o público alvo recebido em nossas aulas era variado, atendendo principalmente a crianças da comunidade próxima ao Instituto com idade entre 5 e 13 anos de ambos os sexos. Fundamentação Teórica: Eram desenvolvidas atividades físicas que buscavam trabalhar as Lutas em um contexto geral, onde principalmente através de Jogos de Oposição, foram abordados aspectos provenientes de várias lutas conceituadas em todo o mundo como por exemplo, o Judô e o Jiu-Jitsu. Outro fator que merece destaque é a pouca formalidade das aulas ministradas quando comparadas a rigidez das aulas tradicionais, uma vez que o público alvo eram crianças e jovens e que nosso objetivo era direcionado a uma formação global que aumentassem o repertório motor daquele público e possibilitassem, portanto, autonomia de escolha da modalidade em que desejassem se aperfeiçoar futuramente. Considerações Finais: Durante o desenvolvimento das aulas e a evolução do projeto com as Lutas, algumas alterações foram realizadas a fim de melhorar a interação entre os alunos e a participação ativa de todos eles. Destacamos a preferência pelo desenvolvimento de atividades que visassem a conquista e manutenção de posições de imobilização pela presença e enorme importância destas posições em diversas modalidades esportivas (apresentando assim também enorme possibilidade de generalização); Pela variabilidade e dinamicidade dessas atividades e; Pela segurança e capacidade de participação e interação de todos os alunos quando comparado a outros momentos característicos das artes marciais como quedas, socos, chutes, torções e estrangulamentos. Enfim, acreditamos que durante a realização do projeto era possível vislumbrar o quanto aquelas crianças conseguiam aprender se divertindo através das suas próprias tentativas de sucesso nas situações de luta. Segundo Freire (2011, p. 47) “...ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua

construção". O projeto que teve início com 6 alunos, após 5 meses apresentava cerca de 18 alunos.

Palavras-chave: Lutas; Pedagogia; Jogos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KROGER, Christian; ROTH, Klaus. Escola da Bola: **Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos.** 2. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

SANTOS, S. L. Carlos. **Jogos de Oposição: ensino das lutas na escola.** São Paulo: Phorte, 2012.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Relato de Experiência

CANOAGEM, UM ESPORTE EM DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

João José de Oliveira Cesário⁸⁹

Kessiany Ribeiro de Andrade Almeida

Thales Teixeira Bianchi

Introdução: Canoagem Velocidade é um termo utilizado para nomear praticantes de canoas e caiaques praticada em águas calmas com embarcações individuais ou coletivas (CBCa, 2017). É um esporte Olímpico no qual está em processo de crescimento no Brasil, principalmente pelo número de adeptos na modalidade. Esse crescimento pode ser explicado pelos resultados expressivos conquistados por atletas brasileiros recentemente em competições internacionais (NAKAMURA, 2010). O projeto “Canoagem Juventude” busca disponibilizar a modalidade para crianças de 08 a 18 anos, atendendo cerca de 100 alunos da cidade de Muzambinho - MG. Objetivos: Apresentar um relato de experiência e os desafios enfrentados em atuar como treinador neste esporte pouco conhecido no Brasil. Metodologia: A canoagem é um esporte aquático que está em contato com a natureza, apresentando riscos para os praticantes. O processo de ensino-aprendizagem deve ser planejado, para que os alunos possam desenvolver capacidades necessárias para a prática. A metodologia utilizada classifica os alunos de acordo com seu nível de desenvolvimento, e cada nível ressalta determinadas capacidades físicas. No primeiro nível são realizados dois treinos semanais com aulas de adaptação a embarcação e natação que segundo Santana (2003) as técnicas de prevenção a afogamentos e sobrevivência devem estar presentes no ensino da natação. Além dessas atividades realizadas no meio líquido, outras atividades terrestres são realizadas, sempre respeitando o limite de cada aluno e buscando atividades prazerosas tendo em vista que a maioria dos alunos que estão nesta fase são crianças. Segundo Gaya (2000), “o esporte deve ser o meio para se obter aspectos

⁸⁹ Contatos dos autores: joajoseoc1997@gmail.com; kessy.ribeiroif@gmail.com; thales.bianchi@muz.ifsuldeminas.edu.br.

formativos e educacionais”. No segundo nível são realizados três treinos semanais, já começa ser implementado os equipamentos específicos da canoagem apresentando as técnicas de remada dentro da embarcação e no ergômetro, controle da embarcação, circuitos de equilíbrio, etc. Esta modalidade requer um controle de oscilações corporais apurado, sendo assim o equilíbrio é de extrema importância para quem se pratica a canoagem velocidade (LEMOS et al. 2009) nesta fase, a ênfase é voltada justamente para o desenvolvimento do equilíbrio. Na terceira fase de ensino aprendizagem são realizados cinco treinos semanais, já preparando os praticantes para o alto rendimento com treinos mais específicos da canoagem: treinos na embarcação, treinos de natação e também treinos terrestres (jogos, musculação, corrida e funcionais), nesta fase os alunos se preparam para o calendário de competições, que através destas eles podem conquistar bolsa atleta, vagas para competições internacionais e convocação para a seleção brasileira. O treinamento é uma atividade sistemática que visa proporcionar alterações morfológicas, metabólicas e funcionais que possibilitem o consequente incremento do rendimento (MOREIRA et al. 2009). Fundamentação Teórica: Quando realizamos uma pesquisa tratando sobre canoagem, fica claro a falta de estudos na área. Muitos destes estudos se referem a biomecânica, fisiologia e bioquímica do esporte e poucos tratando da área pedagógica e da importância da modalidade na sociedade. Alves et al. (2011) apresenta a modalidade como alternativa e promissora, “no que diz respeito à mesmice das academias ou grupos de corridas, a canoagem surge como uma modalidade alternativa, uma vez que sua prática proporciona estímulos para melhorar todos os componentes físicos”. Considerações Finais: A canoagem é um esporte que vem apresentando um grande destaque no âmbito nacional, seja pelos resultados obtidos pelos atletas brasileiros, seja pelo crescente número de participantes. Além disso, é um esporte que desenvolve diversas capacidades físicas em conjuntos, sendo assim é válido qualquer intervenção envolvendo esse esporte, salientando que é possível realizar a iniciação utilizando diversas atividades de variados esportes, assim quando trabalhamos com a canoagem você não se especializa em apenas uma área esportiva.

Palavras-chave: canoagem velocidade; canoagem; esporte em desenvolvimento; ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Christiano Robles Rodrigues et al. Prática e ensino de canoagem: uma modalidade alternativa e promissora. **Revista de Cultura e Extensão USP**, v. 6, p. 81-88, 2011.

CBCA. **História**. Disponível em:

<<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/12>>. Acesso em 20 de abril de 2018.

GAYA, Adroaldo. Sobre o esporte para crianças e jovens. **Movimento**, v. 7, n. 13, 2000.

LEMOS, Luiz Fernando Cuzzo et al. Equilíbrio corporal de atletas da seleção brasileira feminina de canoagem velocidade. **Revista Brasileira de Biomecânica**, v. 10, n. 18, p. 22-28, 2009.

MOREIRA, Alexandre et al. Esforço percebido, estresse e inflamação do trato respiratório superior em atletas de elite de canoagem. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 4, p. 355-363, 2009.

NAKAMURA, Fabio Yuzo; MOREIRA, Alexandre; AOKI, Marcelo Saldanha. Monitoramento da carga de treinamento: a percepção subjetiva do esforço da sessão é um método confiável. **Journal of physical education**, v. 21, n. 1, p. 1-11, 2010.

SANTANA, Vanessa Helena. **Nadar com segurança**. Editora Manole Ltda, 2003.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Comunicação Oral

**CRIANÇAS E ESPAÇOS: BRINCADEIRAS COTIDIANAS EM GOIABEIRAS,
VITÓRIA/ES**

Isabella Souza Rodrigues⁹⁰

Ileana Wenez

Utilizamos como referenciais os Estudos Culturais, Feministas e da Sociologia da Infância e buscaremos problematizar a relação das crianças com o espaço público no bairro Goiabeiras em Vitória/ES. Usando autores como Sarmiento, que afirma, ao dizer que “a infância está em processo de mudança, mas mantém-se como categoria social, com características próprias” (2004, p. 10), características como a ludicidade, que “constitui um traço fundamental nas culturas da infância” (p. 15); características também citadas por Alves (et.al), ao dizer que “brinquedos, brincadeiras e jogos são maneiras de vivenciar o lúdico” (2014, p. 198). Nessa linha Sartori complementa, “compreendemos o brincar e/ou jogar da criança como uma prática social essencial na e da infância, na qual se desenvolvem inúmeros processos educativos” (2015, p. 402). O estudo objetiva mapear os diversos espaços lúdicos, parques ou praças no bairro de Goiabeiras e descrever como acontece a participação das crianças (meninas e meninos) nos diferentes espaços e quais apropriações elas fazem, assim como, identificar quais narrativas eles/elas utilizam e quais sentidos as crianças atribuem a suas práticas. O desenvolvimento da pesquisa (em andamento) se dá através da etnografia, na qual além dos diários de campo serão realizados questionários e conversas informais com os participantes. No intuito de delimitar nossos locais de pesquisa, foi elaborado o mapeamento do bairro Goiabeiras, encontrando um total de cinco (05) espaços: Associação das Paneleiras; Praça 3 de Maio e Praça Darcy José de Sá Filho; Praça Francisco P. Nascimento; Praça da Família e Campo de Futebol soçaité. Após visitas de campo, elegemos a Praça 3 de Maio como local específico, pelo maior número de

⁹⁰ Contatos dos autores: isabella_rodrigueers@outlook.com; ilewenez@gmail.com.

brincantes. A Praça 3 de Maio e Darcy José de Sá Filho conta com parquinho infantil, composto por um campo de areia contendo sete (07) brinquedos, local arborizado, academia popular, academia da terceira idade (ATI) com atividade instruída, quadra e espaços livres. É próximo à escola municipal Jacyntha Ferreira de Souza Simões; devido tal fato, algumas crianças ao saírem da mesma, acompanhados de seus responsáveis, ou não, param na praça para brincar nesse espaço; dentre as praças do bairro, a eleita, obtém maior variedade de brinquedos; além disso, a praça também é um local de comércio alimentício à noite, o que concorda com Zorzi, ao destacar que “na atualidade as praças muitas vezes apresentam-se com apropriações diferentes daquela consagrada na história” (2015, p. 132). A respeito das praças, Silva (et. al.) acrescentam que “são um dos mais característicos exemplos de espaços livres, são unidades urbanísticas fundamentais para a vida urbana, configurando-se como locais para a prática de lazer passivo e ativo” (2012, p. 199), acrescentam, ainda, que as praças “têm presença marcante na composição das cidades, [...] representando importantes elementos, tanto históricos como culturais” (p. 199). Problematizaremos como se dividem as crianças por gênero pois foi observado em campo que, independente do sexo (masculino ou feminino), quando estão no parquinho, as crianças brincam sem separação, inclusive, reúnem-se para combinar uma mesma brincadeira sem separar meninos de meninas, o que contradiz, em partes, Menezes e Brito, quando apontam resultados de sua pesquisa, revelando que as crianças tendem a escolher parceiros de brincadeiras do mesmo sexo (2013). Wenez (et al., 2013), já explica qual o objetivo ao abordar a discussão de gênero, ressaltando que “observar ou mapear as construções sobre o gênero e a sexualidade entendidas como naturais para definir um jeito de ser menina e um jeito de ser menino permitem desnaturalizar as lógicas subjacentes sobre a construção de masculinidades e feminilidades” (p. 126). Lógicas que operam na configuração da cidade, nas praças e outros espaços públicos possibilitando ou não a ocupação deles pelas crianças e legitimando uma reapropriação dos espaços públicos diferenciados por gênero.

Palavras-chave: Crianças; Ludicidade; Espaços Públicos; Brincadeiras; Gênero.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C.; CÂMARA, A. R.; GERALDIN, C.; MARTINS I. C. Políticas públicas de lazer: jogos, brinquedos e brincadeiras de crianças em praças, na cidade de Araras. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 196-214, jul./dez. 2014. Disponível em:
<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/5249/5122>>. Acesso: 03 Fev. 2018.
- MENEZES, A. B. C.; BRITO, R. C. S. Diferenças de Gênero na Preferência de Pares e Brincadeiras de Crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. vol. 26, n. 1, 2013, pp. 193-201 UFRGS. Porto Alegre. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/html/188/18826165016>>. Acesso 27 Jun. 2018
- SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004. Disponível em:
<https://iesb.blackboard.com/bbcswebdav/institution/Ead/_disciplinas/EADG387/nova/files/acervo/UIA1/texto1.pdf>. Acesso 09 Mai. 2018.
- SARTORI, G. D., ALVES, F. D.; SOMMERHALDER, A. A cultura lúdica infantil em parques públicos: Qual o espaço e tempo para brincar? **Educação Unisinos**. 19(3):401-408, setembro/dezembro 2015. Disponível em:
<<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6903>>. Acesso: 14 Fev. 2018.
- SILVA, G. C., LOPES, W. G. R.; LOPES, J. B. Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. **Ambiente Construído**, Porto Alegre. v. 11, n.3, p. 197-212, jul./set. 2011. Disponível em
<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/13193/13501>>. Acesso 14 Fev. 2018.
- WENETZ, I., STIGGER, M. P., MEYER, D. E. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2013 Jan-Mar; 27(1):117-28 Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S18075092013000100012&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso 20 Mai. 2018.
- ZORZI, L. de M. Estudos sobre a apropriação e a percepção dos usuários da Praça Dante Alighieri em Caxias do Sul/RS. **Impulso**. Piracicaba. 25(63), 131-143, maio-ago. 2015. Disponível em:
<<https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/impulso/article/view/2325/1655>>. Acesso 28 Jun.2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Pôster

EQUILÍBRIO EM ATLETAS DE INICIAÇÃO À CANOAGEM

Danielle Aparecida Rodrigues dos Santos⁹¹

Stefanny Batista dos Santos

João José de Oliveira Cesário

Introdução: O equilíbrio é uma das capacidades mais requisitadas na prática da canoagem velocidade e deve ser treinada para que o atleta tenha um bom desempenho na prática. Segundo Böhme (2003) esta capacidade é fundamental para atividades do dia-a-dia e esportivas, sendo um dos componentes da aptidão física relacionados com a saúde e desempenho esportivo. O projeto social “Canoagem Juventude” é realizado no IFSuldeMinas - Muzambinho em uma parceria com a Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa), atendendo cerca de 120 crianças semanalmente com idade entre 08 e 17 anos. Objetivos: Calcular o nível do equilíbrio dinâmico e estático de alunos iniciantes do projeto “Canoagem Juventude”. Fundamentação Teórica: Uma das capacidades exigidas dentro do treinamento da canoagem velocidade, é o equilíbrio, podendo ser: equilíbrio estático e dinâmico, em decorrente frequência de oscilações corporais que a prática exige. Contudo, essas oscilações corporais durante a prática devem ser controladas para que os atletas consigam ter um melhor desempenho dentro das embarcações. Na elaboração destes estudos o equilíbrio corporal foi avaliado através de dados cinéticos mensurados por uma plataforma de força AMTI (Advanced Mechanical Technologies, Inc.). Lemos, Siqueira (2011), analisaram uma revisão sistemática da capacidade do equilíbrio quase estático de canoístas, e dentro os artigos revisados constataram a capacidade de equilíbrio em um adolescente de 13 anos que estava iniciando a prática na canoagem, com testes realizados com o pré e pós de sessões de treinos com 30 segundos de duração, em situações de com e sem uso da visão, antes e depois de seis meses. Concluirão que deveriam fazer mais estudo com

⁹¹ Contatos dos autores: dani_rodrigues_dos_santos@hotmail.com; stefannybatista18@hotmail.com; joaojoseoc1997@gmail.com.

número de amostras maiores pelo fato de apresentar somente um participante. Metodologia: A amostra do presente estudo foi composta por 34 crianças de 10 a 12 anos participantes do Projeto Canoagem Juventude do Núcleo IFSULDEMINAS - Muzambinho. O critério de inclusão para participar da pesquisa foi ter idades entre 10 e 12 anos. Os testes foram realizados no Laboratório Integrados de Tecnologia Aplicadas às Ciências da Saúde e do Esporte do Centro de Ciências Aplicada à Saúde e a Educação - CeCAES do IFSULDEMINAS - Campus Muzambinho. O Peso foi aferida em balança digital, estatura utilizando o estadiômetro, com o protocolo proposto por Filho (2003), o avaliado descalço, em posição ortostática, encostando calcanhares, nádegas, ombros e parte posterior da cabeça no estadiômetro, o avaliado deverá manter o olhar no horizonte e realizar apneia respiratória. Plataforma de Equilíbrio para avaliar o equilíbrio estático e dinâmico utilizando protocolo de 3 séries de 20 segundos com 10 segundos de descanso de uma série para a outra. A partir da média das 3 séries realizadas, é gerado um resultado no final do teste, onde os escores mais próximos de zero são considerados 3os melhores resultados (GARCIA, 2005). O posicionamento dos pés adotado foi o dedo a 15° e os calcanhares a F8 e F14 respectivamente para a determinação dos equilíbrios. Foi utilizado o nível 1 de estabilidade para o dinâmico. O cálculo do nível do desempenho dos atletas nas avaliações foi realizado por meio análise estatística. Considerações Finais: O equilíbrio, se faz fundamental no desenvolvimento da criança e do adolescente, no qual o aprendizado e o repertório motor amplo dessa capacidade norteará a criança a realizar uma série de movimentos, caracterizando- se por movimentos mais eficientes, agindo de forma hábil, o que implicará nas valências de equilíbrio, coordenação e consciência corporal. Dessa forma, se faz necessário, mais estudos que sejam evidenciados as oscilações corporais em atletas participantes do esporte canoagem, em que a capacidade de equilíbrio possa estar equiparada próxima da realidade do esporte em que pratica, para que assim, tenham parâmetros mais efetivos.

Palavras-chave: Canoagem, Equilíbrio estático, Equilíbrio dinâmico, atletas

REFERÊNCIAS

BÖHME, Maria Tereza Silveira. Relações entre aptidão física, esporte e treinamento esportivo. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 3, p.97-104, jul. 2003.

FILHO, J.F. *A Prática da Avaliação Física*. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2003.

GARCIA M.,C. **Avaliação quantitativa da estabilidade postural dinâmica em pacientes com lesão do ligamento cruzado anterior do joelho, utilizando o sistema stability biodex**. 2005. 50f. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Federal de São Paulo.

LEMOS, Luiz Fernando Cuozzo et al. Investigação do equilíbrio estático em praticantes de canoagem velocidade. In: **Anais eletrônicos do XII Congresso Brasileiro de Biomecânica**. Rio Claro: UNESP. 2011.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Relato de Experiência

ESPORTE E LAZER NA UNIVERSIDADE: DOMINGO DE LAZER NA UFES

Luiz Alexandre Oxley da Rocha⁹²

Walkíria Alexa dos Anjos Santos

O esporte como produto histórico-social, reconhecido no Brasil nas formas de rendimento, educacional ou participação é direito de todo/a cidadão/ã brasileiro/a, garantido pela Constituição do país no art. 217. Além disso, o acesso ao esporte e ao lazer é reconhecido como direito de cada um, a ser assegurado pelo poder público. A UFES, uma instituição pública, educativa por excelência, não pode se furtar a responsabilidade desta oferta à comunidade acadêmica. Neste sentido, se propôs a criar, em setembro de 2017, um departamento de fomento ao esporte e ao lazer vinculado a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania. O propósito desse departamento é “ofertar, fomentar, apoiar atividades esportivas e culturais como direito de cada membro da comunidade universitária, com atenção aos/as estudantes, especialmente os/as assistidos/as pela PROAECI, priorizando as práticas corporais que promovam processos de educação, estimulem a cidadania, promovam a inclusão social e respeitem a diversidade cultural tendo, principalmente, o lazer como forma de acesso em todos os campi da Universidade”. Procurará estimular o desenvolvimento das práticas corporais (na perspectiva do lazer e/ou da saúde, sejam elas competitivas, lúdicas, expressivas) que tradicionalmente compõe a cultura corporal como jogo, esporte, dança, capoeira e ginásticas. Alguns elementos devem ser considerados, particularmente em relação às políticas de esporte e lazer na UFES: “a) desenvolver a infraestrutura esportiva e de lazer nos diversos campi; b) promover e apoiar as manifestações esportivas e práticas corporais que já ocorrem na Universidade; c) realizar eventos esportivos, culturais, artísticos que promovam o lazer ativo; d) realizar programas e projetos que visem à promoção da saúde e qualidade de vida da comunidade Universitária e externa; e)

⁹² Contatos dos autores: alexandre_mamute@yahoo.com.br; walkiria.dosanjos@gmail.com.

buscar mecanismos de financiamento e captação de recursos; f) designar recursos humanos para ações relacionadas com a implantação e implementação da política.” Diversas foram as ações para a implantação do Departamento de Esporte, Lazer e Projetos Especiais na UFES. Este trabalho relata o evento de maior relevância para o público interno e externo da UFES que denominamos Domingo de Lazer na UFES. Será ofertado em um domingo a cada mês em 2018.2. A primeira versão do evento (26/06/18) foi realizada com baixíssimo custo, através do trabalho voluntário de professores, estudantes (da graduação e pós-graduação) e técnicos (principalmente do Centro de Educação Física). Apoiada pela SUPECC, Secretaria de Cultura e PROGRAD, principalmente na divulgação do Evento. Foram ofertadas 17 (dezesete) atividades utilizando praticamente todas as salas, quadras e campos do CEFD/UFES. Circularam neste dia cerca de 500 (quinhentas pessoas). O sucesso fez com que se criasse uma expectativa em torno do evento seguinte que, para ser aproveitado no calendário de recepção de calouros, foi agendado no dia 05/08/18. Além de manter o apoio interno, para a segunda versão do Domingo de Lazer da UFES, foi possível realizar captação de recursos que ajudaram a custear: os materiais utilizados nas oficinas, lanche para os voluntários, transporte para o material de oficina de tambores e coletes para apoiadores, oficineiros e para atividades competitivas. Foram ofertadas 23 atividades, estudantes e técnicos de outros Centros ofertaram novas atividades para um público menor (compreensível para uma semana de chuvas em Vitória). Acreditamos que o projeto é um instrumento para promover o bom uso dos espaços, povoando os locais que ficam ociosos e cumprindo com o nosso maior papel que é devolver a sociedade todo o investimento que é feito na formação inicial em esfera pública, isso através do lazer e do esporte atrelados a educação, cidadania e saúde, potencializando a formação acadêmica e humana dos alunos e alunas dessa universidade.

Palavras-chave: Esporte; Lazer; Cidadania; UFES.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Comunicação Oral

**FATORES DE PROTEÇÃO AO USO DE DROGAS ENTRE
UNIVERSITÁRIOS: O PAPEL DO LAZER**

Derick dos Santos Tinôco⁹³

Liana Romera Abrão

Em um cenário mundial de constante aumento do número de adeptos ao uso de drogas, investigar possíveis fatores de proteção ao consumo excessivo destas substâncias pode contribuir na qualificação de políticas de prevenção. Assim, o objetivo deste estudo foi conhecer os fatores que contribuem para a não utilização de álcool e outras drogas e suas possíveis relações com o lazer e, analisar se a participação em atividades extraescolares interfere nos padrões de consumo de jovens universitários. Uma das características mais marcantes da sociedade ocidental contemporânea é a busca incessante por prazer, o uso de substâncias psicoativas se encaixa neste contexto por ser capaz de proporcionar novas sensações, alterar percepções e aumentar a sociabilidade, tornando seu consumo uma espécie de atalho ou fórmula para um “bem-estar” momentâneo. Esses são alguns dos aspectos da contemporaneidade que fazem com que atividades de lazer, principalmente atreladas ao consumo, ganhem mais importância, em especial destaca-se o consumo de drogas pelo público jovem, que ocorrem majoritariamente durante o lazer noturno. A temática do uso de drogas tem sido discutida majoritariamente em pesquisas que abordam o tema apenas pela ótica dos fatores de risco, ou seja, focam suas observações e análises nas razões que levam um indivíduo a desenvolver um padrão de consumo excessivo de psicoativos, deixando assim de lado os possíveis motivos para o não uso. Esse trabalho objetivou justamente elencar fatores classificados como de proteção que podem contribuir para o não uso em excesso de drogas e que seriam importantes para a prevenção. Trata-se de uma pesquisa quantitativa em que a coleta de dados foi feita por meio de um survey online aplicado a

⁹³ Contatos dos autores: dericktinoco@hotmail.com; liromera@uol.com.br.

alunos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A análise dos dados foi feita relacionando-se os percentuais de consumo de álcool e outras drogas da amostra com os percentuais de participação em atividades apontadas como protetoras pela literatura. Após a coleta dos dados, 110 questionários foram validados por terem sido completamente preenchidos, 51 por mulheres e 59 por homens. A partir do questionário foram levantadas informações sobre a forma de ocupação do tempo livre da amostra, participação em atividades extraescolares e padrões de consumo de álcool e outras drogas. A hipótese levantada foi que a ocupação do tempo de lazer de adolescentes com atividades extraescolares estruturadas contribui para que não seja desenvolvido um padrão de uso compulsivo de psicoativos durante o decorrer da vida. O estudo apontou que a atividade extraescolar orientada mais realizada durante a adolescência foi o esporte, sendo relatado por 76,85% dos participantes do estudo permanecendo como principal opção de lazer até a fase adulta para 59,26%. Quanto ao consumo de psicoativos, as bebidas alcoólicas são as que representam maior porcentagem de consumo do grupo, com 61,11%. As análises indicaram que participar apenas de atividades esportivas não confere proteção ao consumo de álcool e outras drogas. Estudos realizados no campo do lazer podem oferecer contribuições ao estabelecer o diálogo com a prevenção ao uso excessivo de drogas e a necessidade de aprendizagem via atividades extracurriculares. Diante desta premissa espera-se que o trabalho possa subsidiar políticas de prevenção a partir dos resultados, visando a qualificação dos projetos e grupos de intervenção.

Palavras-chave: Fatores de Proteção, Drogas, Prevenção, Substâncias Psicoativas, Atividades Extraescolares.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Comunicação Oral

**FATORES MOTIVACIONAIS ENVOLVIDOS NA CANOAGEM
VELOCIDADE**

João José De Oliveira Cesário⁹⁴

Stefanny Batista dos Santos

Thales Teixeira Bianchi

Introdução: Quando estudamos a motivação no esporte podemos auxiliar técnicos e treinadores a diminuir a evasão no esporte e também para que usem dela para conseguirem manter ou melhorar o desempenho de seus atletas, segundo INTERDONATO et al. (2008) os jovens se envolvem nas práticas em busca do divertimento, prazer e alegria. O Brasil é um país tropical que possui uma abundância de rios, lagos e represas, sendo um ambiente ideal para a prática de canoagem. A canoagem velocidade está em constante crescimento no Brasil em virtude dos resultados expressivos obtidos recentemente por atletas brasileiros em competições internacionais. (NAKAMURA, 2003). Na Olimpíada de 2016 sediada na cidade do Rio de Janeiro, um atleta brasileiro conquistou três medalhas na canoagem velocidade, duas na canoa individual (prata nos 1000 metros e bronze nos 200 metros) e uma medalha de prata na canoa coletiva (C2 1000 metros), sendo o primeiro atleta brasileiro a conquistar três medalhas nos jogos Olímpicos, ganhando pódio em todas as provas em que disputou. Objetivos: Identificar as motivações dos atletas de canoagem relação a sua inserção e continuidade na prática. Descobrir o perfil dos membros de comissão técnica e coletar as opiniões sobre o porquê a canoagem não ser um esporte tão difundido no Brasil. Metodologia: De acordo com Richardson (1999) esta pesquisa tem o viés quantitativo, pois como cita o autor a pesquisa quantitativa é caracterizada pelo emprego da quantificação dos dados coletados. A coleta dos dados foi realizada através de um questionário aplicado em atletas e membros de comissão técnica participantes da

⁹⁴ Contatos dos autores: joaojoseoc1997@gmail.com; stefannybatista18@hotmail.com; thales.bianchi@muz.ifsuldeminas.edu.br.

“Seletiva Nacional para os Jogos Olímpicos da Juventude 2018”, evento ocorrido nos dias 19, 20 e 21 de janeiro de 2018 na cidade de Muzambinho - MG. Participaram da pesquisa 14 atletas e 10 treinadores. Fundamentação teórica: A canoagem como meio de locomoção aquática, vem sendo utilizada desde os tempos pré-históricos como instrumento de caça e fuga de predadores (LEMOS; PRANKE; TEIXEIRA, 2007). Com o desenvolvimento tecnológico a canoagem modernizou e tornou-se um esporte olímpico (KRONHARDT, 2002). De acordo com Weinberg e Gould (2001), a motivação é um conceito que deve ser utilizado para compreender o complexo processo que coordena e dirige a direção e a intensidade de esforço dos seres humanos, o que torna, fundamental que técnicos e dirigentes esportivos reconheçam os fatores intervenientes no processo motivacional de seus atletas. Considerações Finais: Contudo, pode se concluir que a motivação intrínseca é fator determinante para que o atleta ou aluno permaneça na Canoagem. Os treinadores podem usar a motivação para evitar a evasão de atletas e também para manter ou melhorar desempenho. Quando estudamos os perfis dos membros da comissão técnica das delegações da canoagem é visível que poucos têm uma formação continuada na modalidade. De acordo com ROSADO e MESQUITA (2007), a necessidade de treinadores qualificados tem crescido de forma exponencial na nossa sociedade, contrariando a crença geral de que qualquer um pode ser treinador. É de se destacar que segundo os treinadores a canoagem é pouco difundida no Brasil por pela baixa divulgação midiática e também pelo baixo nível de incentivo e investimento. SANTOS et al. (1997) fala em seu trabalho que o futebol concentra praticamente toda a atenção dos brasileiros, as outras modalidades recebem cobertura marginal da mídia. Alguns esportes amplamente praticados em outros países, são elitizados no Brasil e não vemos ações para reversão desse quadro e desenvolvimento de outras modalidades esportivas.

Palavras-chave: Canoagem; Motivação; Esporte; Atletas; Comissão Técnica.

REFERÊNCIAS

ALVES, Christiano Robles Rodrigues et al. Prática e ensino de canoagem: uma modalidade alternativa e promissora. **Revista de Cultura e Extensão USP**, v. 6, p. 81-88, 2011.

COMERLATO, Luciano. **Canoagem para deficientes Físicos**. Relatório de Estágio Profissionalizante (Graduação em Educação Física) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2003.

GOULD, Eric D.; MOAV, Omer; WEINBERG, Bruce A. Precautionary demand for education, inequality, and technological progress. **Journal of Economic Growth**, v. 6, n. 4, p. 285-315, 2001.

CBCA. **História**. Disponível em:
<<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/12>>. Acesso em 20 de abril de 2018.

KOBAL, M.C. **Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Campinas, UNICAMP, 1996.

LEMOS, Luiz Fernando Cuozzo et al. Investigação do equilíbrio estático em praticantes de canoagem velocidade. In: **Anais eletrônicos do XII Congresso Brasileiro de Biomecânica**. Rio Claro: UNESP. 2007.

LOOP, Floyd D. et al. Influence of the internal-mammary-artery graft on 10-year survival and other cardiac events. **New England Journal of Medicine**, v. 314, n. 1, p. 1-6, 1986.

LOPES, Priscila; NUNOMURA, Myrian. Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 3, p. 177-187, 2007.

MALATO, E. J. **A canoagem como manifestação esportiva de identidade cultural do Estado do Pará**. 2009. Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco.

MARCHI, K. B.; MEZZADRI, MARINHO F. **História da Canoagem e do Rafting**. 2003. Simpósio Nacional de História AMPUH. João Pessoa.

MELO, Rogério. **Esportes e jogos alternativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2011.

TRESCA, Rosemary Pezzetti; DE ROSE JR, Dante. Estudo comparativo da motivação intrínseca em escolares praticantes e não praticantes de dança. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 8, n. 1, p. 9-14, 2008.

UVA, J. E. S. Aspectos a considerar na relação com os pais dos atletas: o papel dos pais no atletismo para jovens. **Treino Desport**, v. 3, p. 34-42, 2005.



VALENSTEIN, Elliot S.; COX, Verne C.; KAKOLEWSKI, Jan W. Reexamination of the role of the hypothalamus in motivation. **Psychological review**, v. 77, n. 1, p. 16, 70.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Pôster

**FORMAÇÃO DE ATLETAS DE VOLEIBOL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
UM AMBIENTE FAVORÁVEL EM UMA ESCOLA**

Daniel de Souza da Silva⁹⁵

Introdução: O esporte na escola pode estar presente em mais de uma dimensão, ou seja, pode estar presente como conteúdo de ensino nas aulas de educação física ou enquanto uma atividade no contra turno escolar. Desse modo as atividades que acontecem no contra turno podem estar ligadas a treinamentos que possuem como objetivo a participação de competições escolares, o que pode ter como consequência a formação de atletas. Alguns estudos apontam que esse tipo de modelo pode contribuir para a conformação de uma carreira dupla, em que o atleta tanto se dedica ao esporte como aos estudos, o que seria positivo. A recente pesquisa sobre o Colégio Vasco da Gama (SOARES, 2012) situado dentro de um clube de futebol que oferece ao aluno/atleta oportunidade de estudar e ao mesmo tempo poder participar dos treinamentos e competições dentro do clube. Por atender somente atletas, toda a sua estrutura de funcionamento busca estabelecer um processo de conciliação entre o tempo do colégio e o tempo do esporte, da forma menos traumática possível. Mesmo que seja uma instituição escolar com interesses pedagógicos e educativos, procura acomodar as preocupações esportivas dos alunos. Objetivo: O objetivo desse estudo é de analisar se o treinamento desenvolvido no contraturno escolar permite a ocorrência de uma carreira dupla ou se há concorrência entre as atividades esportivas e as acadêmicas. Metodologia: Esta pesquisa é um estudo de caso, cuja a primeira etapa foi a realização de entrevistas com os alunos que estudam na escola no ensino médio e fundamental e esses alunos fazem parte do projeto e compõem a equipe. Resultados: “A escola e o clube apresentam lógicas de funcionamento que, muitas vezes, entram em conflito em função das diferentes exigências de formação. Com isso, os alunos-atletas no Brasil

⁹⁵ Contato do autor: daniel.volei1@gmail.com.

precisam operar com duas realidades formativas que, em certos casos, criam concorrência de tempo e de objetivos em suas vidas” (Correia, 2012). Os alunos afirmaram que a escola é um ambiente favorável para a formação de atletas, mas relatam que devido a carga horária de estudos e de treinamento há dificuldade em conciliar os dois. Por conseguinte, acabam focando, na maioria dos casos, no treinamento pelo fato, o que é agravado no caso dos atletas que vieram de outras cidades para estudarem nessa escola e comporem a equipe, vislumbrando que isso poderia contribuir para se tornar atleta profissional. Relatam que o treinador cobra dos alunos estudarem, tendo consequência no treinamento para aqueles que tiverem notas abaixo da média, como por exemplo, correr, dobro da parte física e ficam na escola para estudar durante os treinos. Conclusão: Observamos que, apesar de o treinamento acontecer dentro de uma escola, a carreira dupla não é a realidade ambicionada pela maioria deles, de modo que a escola apresenta-se apenas como o lócus do treinamento, e não como uma oportunidade de um desenvolvimento em diversos níveis destes atletas ou seja, “a alta proporção do tempo de treinamento frente à jornada escolar pode indicar uma concorrência entre essas agências de formação profissional (esporte e escola)” (MELO et al., 2016).

Palavras-chave: Treinamento, Esporte, Escola.

REFERÊNCIAS

BERNARDES SILVA DE MELO, Leonardo et al. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 4, 2016.

CORREIA, C. A. J., SILVA, J. C. S., SOARES, A. J. G. (2017). Colégio Vasco da Gama: notas para pensar os entrelaçamentos das culturas escolares com as práticas esportivas. **Perspectiva**, 35(1), 188-213.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Pôster

LAPIDANDO CIDADÃOS POR MEIO DO TÊNIS: A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO SOCIAL COM A METODOLOGIA DA TÊNIS+

Vinicius do Carmo Fontana

Mariana Zuaneti Martins

Alessandro Garbin⁹⁶

Introdução: O Ensino do tênis para crianças e jovens no Brasil, no que tange aos métodos e abordagens de ensino utilizados na iniciação e formação de novos jogadores, tem mudado de maneira considerável nos últimos anos. Além disso, a criação de projetos sociais ligados a este esporte, usando-o como forma de inserção social de indivíduos em situação de vulnerabilidade social, tem também crescido rapidamente em nosso país (STIGGER; THOMASSIN, 2013). E o Projeto Tênis – Lapidando Cidadãos, da cidade de Vacaria/RS, combina ambos os aspectos citados acima: utiliza uma nova e moderna maneira de ensinar o tênis – o “Programa Tênis+” – bem como se utiliza do aspecto moral, ético e relativo a inteligência emocional do esporte, para impactar positivamente na formação de crianças e jovens da comunidade local. Objetivo: Considerando este cenário, o objetivo deste trabalho é realizar um relato de experiência sobre utilização do programa tênis + para a iniciação e formação de tenistas, num contexto de projeto social que visa à educação e transformação através do esporte. Desenvolvimento: O Projeto Lapidando Cidadãos, da cidade de Vacaria/RS, iniciou suas atividades em janeiro de 2017, e atualmente já conta com cerca de 300 participantes. Este visa contribuir com a comunidade local na busca de um impacto positivo na formação de jovens cidadãos, utilizando-se para da prática esportiva como um contexto para ensinar valores, preceitos morais, éticos, psicossociais e emocionais. Estes valores são trabalhados, todavia, sem perder de vista a qualidade do ensino técnico-tático específico do esporte. A proposta é que a participação no projeto

⁹⁶ Contatos dos autores: vini-tennis@hotmail.com; marianazuaneti@gmail.com; alessandro.garbin@hotmail.com.

contribua para que os alunos possam desenvolver sua capacidade de jogo de tênis, tanto para aqueles que podem desejar investir futuramente na carreira de atletas, quanto em outras oportunidades de vida ligadas ao esporte (professores, treinadores, árbitros, estudar com bolsa em universidades americanas através do tênis). Para tanto, buscando uma maior qualidade pedagógica no ensino do tênis para essa população, a partir de julho de 2017, o projeto passou a utilizar o Programa Tênis + no planejamento e execução das aulas. Essa metodologia, caracterizada por uma abordagem de ensino que possui um enfoque mais global, conduzindo as aulas através de conteúdos tático-técnicos, motores e psicossociais mais abertos, e em conformidade com as principais teorias pedagógicas contemporâneas que se opõem ao método de ensino tradicional e ao tecnicismo, trouxe claramente uma grande motivação, um maior entendimento e envolvimento com o esporte por parte dos alunos, bem como também uma evolução técnica e tática específicas do tênis bastante qualificada. Isso porque o método citado busca organizar as aulas em turmas maiores (entre 8 e 14 alunos por horário), usando variações de atividades que contribuem com uma maior riqueza no aprendizado motor e tático dos alunos (jogos esportivos coletivos, jogos de tênis, exercícios técnicos específicos e atividades coordenativas diversas), além de utilizar uma comunicação e organização de materiais mais lúdica e motivante, tornando o ambiente mais propício ao aprendizado aliado ao divertimento. Dessa forma, usando-se também de torneios de iniciação ao tênis, eventos de confraternização e avaliações semestrais para a evolução de nível, a presença do Programa Tênis + no dia a dia das aulas do projeto tem feito com que os alunos desenvolvam sua capacidade de jogo rapidamente, mas também se tornando grandes entusiastas e amantes do esporte. Conclusão: No caso da utilização do Programa Tênis + nas aulas do Projeto Tênis – Lapidando Cidadãos, percebeu-se grande sucesso com relação à motivação, entendimento do jogo, e qualidade do desenvolvimento das técnicas e táticas específicas do esporte. Contribuindo assim, para seguir desenvolvendo de forma consistente as atividades do projeto a médio e longo prazo.

Palavras-chave: Metodologia; Esporte; Tênis; cidadania.

REFERÊNCIAS

STIGGER, Marco Paulo; THOMASSIM, Luis Eduardo. Entre o “serve” e o “significa”:
Uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais. **LICERE-
Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v.
16, n. 2, 2013.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Pôster

**OS SABERES EM GINÁSTICA RÍTMICA: DO MAPEAMENTO DA
PRODUÇÃO À FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Nicole Cerutti Guirlinzone⁹⁷

Murilo Eduardo Dos Santos Nazário

A Ginástica Rítmica (GR) é uma modalidade considerada recente, tendo conquistado espaço no cenário internacional a partir de meados do século XX quatro correntes influenciaram o desenvolvimento da Ginástica Rítmica, sendo elas: as Artes Cênicas, a Dança, a Música e a Pedagogia. Dentro destas correntes diversos estudos levaram à criação de uma nova modalidade totalmente inovadora e dinâmica que se diferenciava dos movimentos masculinos nos quais havia o predomínio da força, dando origem à GR. No contexto nacional brasileiro a modalidade foi introduzida pela professora húngara Ilona Peuker, na cidade do Rio de Janeiro em 1956, onde foi criada a primeira equipe brasileira de Ginástica Rítmica, o Grupo Unido de Ginástica (GUG) Sendo assim, foi necessário a criação e desenvolvimento de profissionais que ficassem responsabilizados por organizar, estruturar, compartilhar e pesquisar sobre as diferentes nuances que envolvem a GR, sendo uma dessas áreas a Educação Física. Por outro lado, estudos com treinadoras têm apontado que as disciplinas acadêmicas relacionadas a modalidade de GR, no curso de graduação de EF, não tem sido suficiente para a formação completa do profissional que atua com a modalidade. Com isso, eles têm buscado em cursos e especializações para complementar seus conhecimentos da área após a graduação. Desse modo, tendo em vista a evidência da GR como modalidade na atualidade e a crescente busca por profissionais qualificados e com os conhecimentos necessários para trabalhar com a mesma, o presente estudo tem como objetivo investigar como os graduandos em Educação Física percebem os saberes necessários à

⁹⁷ Contatos dos autores: nicole.cgurilin@gmail.com; murilo_nazario@hotmail.com.

atuação em Ginástica Rítmica durante sua formação inicial. Nesse sentido, o presente estudo foi dividido em duas etapas. A primeira etapa mapeou e analisou a produção científica no campo da Ginástica Rítmica em âmbito nacional e internacional. Para tanto foi desenvolvida uma pesquisa do tipo estado do conhecimento. Com isso, foram selecionados periódicos internacionais de categoria A1, segundo web-qualis 2013-2016, cuja temática se aproximasse dos esportes de modo geral, uma vez que não se tem registro de revistas específicas sobre a Ginástica Rítmica. Sendo assim, foram consultados 17 periódicos internacionais, dos quais 12 possuíam publicações sobre GR. Com isso, o corpus dessa pesquisa está composto por 28 artigos que têm a Ginástica Rítmica como objeto principal de estudo. Com base nos resultados apresentados por essa fase, iniciou-se a segunda etapa, na qual consistiu em uma pesquisa do tipo Pesquisa Ação existencial junto a graduandos em Educação Física de uma instituição de ensino superior no estado do Espírito Santo. O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma entrevista semiestruturada, com 10 perguntas, que foram aplicadas junto a 20 acadêmicos que cursam do 1º ao 8º período. Os resultados encontrados na primeira etapa da pesquisa, referentes aos 28 artigos analisados foram divididos em categorias temáticas, sendo que em maior número estavam artigos que discutem capacidades físicas, questões alimentares e de lesão e dor entre as atletas, sugerindo uma preocupação dos estudos existentes com as ginastas e uma menor busca de informações acerca dos treinadores da modalidade. O fato de não terem sido encontradas temáticas acerca da formação profissional em Educação Física justifica a segunda etapa do presente estudo. Dessa forma, a partir das entrevistas é possível considerar que os alunos de graduação em EF se dividem em 3 principais grupos, sendo o primeiro deles constituído por aqueles que conhecem a GR e suas particularidades, o segundo daqueles que conhecem as diferentes modalidades de ginástica, mas não as especificidades de cada modalidade e o terceiro daqueles que não conseguem nomear as diferentes modalidades competitivas de ginástica, conhecendo apenas um pequeno grupo delas.

Palavras-chave: Educação física; ginástica rítmica; formação profissional.

REFERÊNCIAS

- BARROS, J. M. C. Educação física na Unesp de Rio Claro: bacharelado e licenciatura. **Motriz**, Rio Claro, v.1, n. 1, p. 71-80, 1995.
- BELÃO, Mariana; MORI, Patricia Maria Martins; MACHADO, Livia Philadelpho. A formação profissional das técnicas de ginástica rítmica. **Motriz rev. educ. fís.** v. 15, n. 1, p. 61-68, 2009.
- DE ALMEIDA FERREIRA, Norma Sandra. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & sociedade**, v. 23, p. 257, 2002.
- DI CAGNO, Alessandra et al. Factors influencing performance of competitive and amateur rhythmic gymnastics - Gender differences. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 12, n. 3, p. 411-416, 2009.
- RÓBEVA, N.; RANKÉLOVA, M. **Escola de campeãs: ginástica rítmica desportiva**. Tradução Geraldo Moura. São Paulo: ícone, 1991.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Pôster

PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NA GRANDE VITÓRIA

Edson Castardeli⁹⁸

Liliam Graziely Rodrigues da Cruz

Tiago Vieira dos Santos

Introdução: o surfe é uma prática difundida mundialmente, sua história não traz uma data de criação ou descoberta, mas assumiu seu formato atual e se popularizou, a partir de 1960, nos Estados Unidos. No Brasil, mesmo com a existência de surfistas já em 1930, a prática foi difundida apenas nos chamados “anos dourados” (1950-1960), nessa época, os praticantes de surfe eram jovens de alta renda e de comportamento criticado pela sociedade. Porém, ao longo dos anos, o surfe veio ganhando espaço e pessoas de variadas idades e classes sociais passam a ingressar nesta prática. Objetivo: verificar o perfil antropométrico, social e mercadológico do praticante de surfe da Grande Vitória. Metodologia: no primeiro final de semana de cada mês – outubro, novembro e dezembro – foram feitas entrevistas semi-estruturadas com perguntas de idade, sexo, IMC, grau de escolaridade, mercado, condição social, deslocamento e atualização sobre o esporte em quatro locais frequentados de prática do surfe (período da manhã), totalizando 177 entrevistados, 93,2% do total eram do sexo masculino e 6,8% do sexo feminino, 100 dos 177 indivíduos tinham entre 21 e 40 anos. Fundamentação: dos entrevistados foi averiguado que 100% das mulheres e 62,7% dos homens estão classificados com IMC normal, 32,7% acima do peso, 3,3% Obesidade grau 1, 0,56% foi abaixo do peso e um 0,56% obesidade grau 2; 62,1% praticam o surfe por lazer, 22,0% por esporte, 12,4% por saúde e 3,3% seis indivíduos optaram por outros motivos. Sobre o tempo de prática: 5 a 10 anos (20,3%), 21 a 30 anos (15,2%), 11 a 20 anos (14,6%), 4 a 5 anos (11,3%), até 1 ano (10,1%), 2 a 3 anos (7,3%), empatados com 6,7% estão 1 a 2 anos e 31 a 40 anos, 3 a 4 anos (6,2%) e 1,15% surfam há mais de 40

⁹⁸ Contatos dos autores: castardeli@gmail.com; liligrazy@hotmail.com; tiagosv8@hotmail.com.

anos. Sobre o tempo despendido, semanalmente, com o surfe: 50,2% surfam até cinco horas, 36,1% de 6 a 10 horas, 8,4% entre 11 a 20 horas e 1,6% mais de 20 horas. A iniciação no esporte se deu por meio de escolinha (8,4%), aprenderam sozinhos (53,6%), 36,1% aprenderam com amigos e 1,6% iniciaram no surfe através de outros modos; 38 indivíduos (21,4%) utilizam apenas o surfe como atividade física e 78,5% praticam outro esporte além do Surfe. Da formação profissional: 5,6% são empresários, engenheiros (3,3%), administradores (2,8%) e professores (1,6%). Na área técnica: técnico em mecânica (4,5%). Profissões que exigem somente ensino médio foram: militares (2,2%), autônomos (2,8%) e auxiliar administrativo (1,6%). Estudantes de qualquer nível de ensino: foram 42 indivíduos (23,7%). Sobre os locais mais frequentados para a prática: praia do Ulé e Solemar e foram os dois mais citados com 64,9% e 62,1%. Sobre o mercado: 33,9% possui uma prancha, 33,9% possuem duas pranchas, 15,8% possuem três pranchas e 7,3% possuem quatro pranchas, sendo que 156 optam por usar três quilhas (88,1%); 46,3% tem um John, 33,3% nenhum; 19,2% não possuem capa para prancha e 80,8% possuem entre uma e quatro capas; 100% possuem algum acessório de marca de surfe. Sobre a atualização na área do esporte: 67,2% leem revistas, 96,6% assistem filmes e/ou vídeos de surfe, 71,7% acompanham o circuito mundial, 82,4% sabem de algum surfista profissional do estado do Espírito Santo, 94,9% sabem de algum surfista profissional nacional, 96,6% sabem de algum surfista profissional internacional. Conclusão: considerando os resultados, podemos concluir que o perfil do praticante de surfe mudou desde a década de 70, e que hoje os praticantes desta modalidade ocupam diversas classes sociais e áreas de atuação, bem como é uma prática ainda majoritariamente masculina, mas que é praticada por indivíduos de diversas faixas etárias.

Palavras-chave: Surfe; Esportes de Ação; Atividades Aquáticas.

REFERÊNCIAS

DIAS, Cleber; FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. *Estud. hist.* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 112-128, June 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862012000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Aug. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862012000100008>.

FORTES, R. Notas sobre surfe, mídia e história. **Recorde: Revista de história do esporte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, Dezembro de 2008.

REZENDE, M. **A história do surfe e o perfil dos surfistas do litoral norte paulista**. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

RIBEIRO, A. G. **Uma história social do surfe**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2003.

SOUZA, Rico de. **Boas ondas: surfando com Rico de Souza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

ZUCH, L.; LINHARES, E. **Reconhecendo o surfe**. Disponível em:
<<http://vimeo.com/55642718>>. Acesso em: 24 de out. 2013.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Relato de Experiência

**POR UMA POLÍTICA DE ESPORTE E LAZER PARA A CIDADANIA DA
UFES**

Luiz Alexandre Oxley da Rocha⁹⁹

Jefferson Muniz Tonini

O esporte, como manifestação cultural e direito de todos/as os cidadãos/ãs, é reconhecido no Brasil nas perspectivas de rendimento, educacional ou de participação. A Constituição Brasileira, em seu Art. 217, garante o direito de acesso ao esporte e, ao mesmo tempo, determina como prioridade, inclusive para a distribuição de recursos, a sua forma educacional. O que não significa que o poder público não estimulará as outras formas de manifestações esportivas - participação e rendimento. Neste sentido, em setembro de 2017 criou-se o Departamento de Esportes, Lazer e Projetos Especiais - DELPE (ainda em fase de aprovação no Conselho Universitário), ligado à Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (PROAECI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), instância responsável por construir uma diretriz na qual as práticas corporais sejam desenvolvidas, reconhecidas e estimuladas por membros da comunidade universitária. A construção da política se deu de forma democrática, a partir da realização de um seminário que teve como público-alvo as atléticas dos quatro campi (Alegre, Goiabeiras, Maruípe e São Mateus), além da realização de reuniões de apresentação para diretores de centro de ensino e pró-reitores. O objetivo do novo Departamento assim se constituiu: ofertar, fomentar, apoiar atividades esportivas e culturais como direito de cada membro da comunidade universitária, com atenção aos/as estudantes, especialmente os/as assistidos/as pela PROAECI, priorizando as práticas corporais que promovam processos de educação, estimulem a cidadania, promovam a inclusão social e respeitem a diversidade cultural tendo, principalmente, o lazer como forma de acesso em todos os Campi da Universidade. No entanto, percebemos a

⁹⁹ Contatos dos autores: alexandre_mamute@yahoo.com.br; jefferson.tonini@ufes.br.

necessidade, em função das demandas de lazer e atenção a saúde nos diversos segmentos da comunidade universitária, de ofertar, através de projetos intersetoriais, práticas corporais vinculadas ao lazer e a saúde a toda a comunidade interna e externa à Universidade. Nesse processo dialógico dedicou-se especial atenção no que tange à infraestrutura necessária para estas práticas nos quatro campi, promoção e apoio às práticas corporais já existentes na Universidade, realização de eventos esportivos, culturais, artísticos e de lazer, além da designação de recursos financeiros para a implementação dessa política. Como resultado do diálogo realizado com a atlética central, ligada ao diretório central dos estudantes, será promovida a Copa UFES nos meses de agosto e setembro de 2018, que contará com competições de diversas modalidades esportivas. Além disso, houve duas edições de um evento que tem ganhado bastante destaque, o Domingo de Lazer na UFES, pensado e executado com vistas a proporcionar à comunidade acadêmica mais uma opção de lazer e práticas corporais. Participaram centenas de pessoas nas duas edições do evento, as quais puderam desfrutar de atividades artísticas e culturais, esportivas e lúdicas, tais como cinema, dança, capoeira, esportes coletivos, dentre inúmeras outras. O Departamento de Esportes, Lazer e Projetos Especiais realizará o evento Domingo de Lazer na UFES uma vez por mês no campus de Goiabeiras. Outros projetos serão desenvolvidos, um deles (Cidadania Cultural) apoiará financeiramente estudantes que queiram oferecer ações nas áreas de esporte, lazer e cultura nos campi de Alegre e São Mateus. Em outra frente, foram lançadas cinco vagas para bolsistas do curso de Educação Física em Projetos Especiais de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (PAEPE). Os estudantes selecionados desenvolverão suas atividades supervisionados por profissionais de Educação Física na oferta de práticas corporais voltadas à comunidade acadêmica – estudantes, técnicos e docentes, os quais poderão optar por atividades aeróbicas, ginástica laboral e alongamento.

Palavras-chave: direito ao esporte; lazer; universidade; cidadania.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Pôster

**PRÁTICAS RECREATIVAS NO PET EF: A RECREAÇÃO COMO
CONTEÚDO DE ENSINO**

Gabriel Pinheiro¹⁰⁰

Valéria Favero

Leonahn Silva

Jean Gama

Gabriel Garozzi

Omar Schneider

O estudo é definido como um relato de experiência de uma das atividades de ensino do Programa de Educação Tutorial (PET) Educação Física (EF), do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A atividade denominada “Minicurso de Formação em Recreação” foi realizada no período final do semestre 2017/2 fazendo parte do projeto intitulado “Minicursos para a Formação Ampliada”. Os minicursos para a Formação Ampliada se estabeleceram, na Educação Física, como um ambiente que visa o desenvolvimento de atividades de curta duração que pretendem especialmente, ampliar o repertório de possibilidades formativas por meio da distribuição de conteúdos e temáticas inovadoras buscando oportunizar aos alunos dos cursos de graduação em Educação Física da UFES o acesso a conhecimentos não tratados na sua matriz curricular. Metodologicamente, compreendemos que nossa proposta se caracteriza como um estudo descritivo-interpretativo, de natureza qualitativa e cunho investigativo (FLICK, 2004), ancorado na teoria da Relação com o Saber (CHARLOT, 2000). O minicurso foi realizado de forma semanal, às terças-feiras do mês de novembro e dezembro de 2017, das 14 às 17 horas na UFES. Os espaços utilizados para as aulas foram: uma sala de aula do CEFD, a sala de Capoeira, a piscina

¹⁰⁰ Contatos dos autores: pinheirogabriel1996@gmail.com; valeria.favero.vaaal@gmail.com;
leonahn_lyra@hotmail.com; jeanfreitas.gama@gmail.com; gabrielvighini@gmail.com;
omarvix@gmail.com.

semiolímpica, e o ginásio poliesportivo. Foram feitos 5 encontros se dividindo em aulas teóricas e práticas, ministradas e planejadas pela professora convidada Josiele Soares Ribeiro. Os sujeitos participantes do projeto e, posteriormente da pesquisa foram 20 alunos, tanto da UFES como de instituições particulares, onde 7 eram do gênero masculino e outras 13 do gênero feminino. Foi utilizado como nosso instrumento de avaliação da atividade um questionário para coleta de dados, contendo 10 perguntas, no qual procuramos compreender: a) a percepção e a avaliação dos alunos participantes a respeito da organização e a aplicação dos conteúdos; b) suas razões e motivações para participarem do minicurso; e c) qual a relevância do mesmo no processo de formação acadêmica e profissional dos sujeitos envolvidos. No diálogo com Charlot (2000) enfocamos que um lugar ou uma pessoa produzem efeitos diferentes em indivíduos com as mesmas características, portanto, compreender essas várias formas de avaliar as atividades pelos alunos é importante, pois possibilita perceber diferentes sentidos atribuídos por eles. Tal processo se dá nas relações estabelecidas com os saberes diversos compartilhados, logo, “Nascer é ingressar em um mundo no qual estar-se á submetido à obrigação de aprender. Ninguém pode escapar dessa obrigação, pois o sujeito só pode ‘tornar-se’ apropriando-se do mundo” (CHARLOT, 2000, p. 59). Constatamos, ao analisarmos as falas dos alunos que os conhecimentos adquiridos no minicurso serão utilizados na graduação e no campo de trabalho dos professores de educação física. Eles indiciam que estão estabelecendo uma relação de posse do saber por meio do aprendizado (CHARLOT, 2000). Em diálogos produzidos nas aulas, observamos que o conteúdo da recreação ainda se trata de uma temática pouco explorada nos cursos de graduação em EF, uma vez que, a procura pelo curso foi alta e que alunos de outras instituições também participaram. Ao longo dos encontros e pelas narrativas dos participantes, percebemos que o conteúdo da recreação trata-se de uma prática muito rica, promovendo um leque de possibilidades para a docência. A avaliação revelou narrativas positivas, demonstrando que essa temática foi sentida como importante e relevante na formação acadêmica e dos professores em formação.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino; PET EF; Recreação.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: Elementos para uma teoria.** Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2000.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Relato de Experiência

**PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DE POLO AQUÁTICO: ENTRE
LIMITES E POSSIBILIDADES**

Nayara Cris Arrivabene Scheidegger¹⁰¹

Eldio Barros de Rodrigues

Juliana Guimarães Saneto

Marcelo Ribeiro de Castro

Trata-se de um relato de experiência que evidencia a pertinência da extensão como uma das bases de sustentação da universidade, juntamente com o ensino e a pesquisa, tendo o polo aquático como objeto de intervenção. Desde 2017 a Universidade Vila Velha tem viabilizado o Projeto de Extensão Universitária de Polo Aquático, empreendido em uma unidade de ensino fundamental do município de Vila Velha-ES, tendo em vista a parceria entre as instituições. Esse projeto foi idealizado por docentes do curso de Educação Física, que o desenvolvem junto a um corpo discente composto por dois alunos bolsistas e três alunas voluntárias. O Projeto encontra-se fundamentado no ensino do esporte a partir de uma perspectiva educacional, que aponta para a inclusão social e busca oportunizar o acesso à prática esportiva. Galvão (2002), conceitua o esporte educacional como ação social institucionalizada, composta por regras, que se desenvolvem com base lúdica. Nesta lógica não prioriza-se o alto rendimento e a especialização precoce de crianças no contexto. O grupo de trabalho ensina o polo aquático, de maneira adaptada a duas equipes, uma feminina pela manhã e outra masculina à tarde, ambas contemplando alunos da Rede Municipal de Educação de Vila Velha-ES, com idade de doze aos dezesseis anos. O ensino do Polo Aquático, única modalidade de esporte de invasão aquático, para cerca de 40 adolescentes, acontece respeitando limitações que os alunos trazem como, por exemplo, não saber nadar ou não possuir familiaridade com o meio aquático. O Polo Aquático compõe o programa

¹⁰¹ Contatos dos autores: nayaracrisasch@gmail.com; eldiobarros@gmail.com; julianasneto@yahoo.com.br; marcelo.ribeiro@uvv.br.

olímpico desde a segunda edição dos Jogos Olímpicos, em Paris, no ano de 1990 (CANOSSA et al, 2009), pouco disseminado no Brasil e até 2017 aparentemente fora do cenário esportivo capixaba. Por meio desse Projeto e suas ações pioneiras a modalidade esportiva passa por um processo de reavivamento que chama à atenção da sociedade a conhecer e participar da modalidade esportiva. Aos alunos a modalidade é apresentada, logo após são realizadas as inscrições e avaliação dos adolescentes interessados. As aulas são planejadas para desenvolver as habilidades partilhadas entre a natação e o polo aquático. Conhecendo a complexibilidade do processo de ensino e aprendizagem é possível perceber que, para o aluno apenas a aquisição motora não basta, necessita também um bom relacionamento social com os alunos. Autores como Freudenheim (2003) e Gama e Carrecedo (2010) sugerem que compreender o ser humano como totalidade implica num programa de ensino da natação associado ao do polo aquático e que o processo demanda estratégias que devem abranger competências de três domínios do comportamento: motor, afetivo-social e cognitivo. A proposta apresentada indica a valorização da formação multilateral, de modo a estimular o indivíduo nas mais variadas potencialidades. Ao longo do período de vigência do Projeto enfrentamos dificuldades iniciais como ausência de materiais específicos que foram solucionadas com algumas estratégias de adaptação e trato brando em relação a algumas regras do esporte que inviabilizaria o ensino do polo aquático. O projeto tem ganho consistência ao passo que a parceria entre as instituições citadas se intensificam e que ganhamos reconhecimento da Universidade, da Rede Municipal e sobretudo, pelo da sociedade. Atualmente, contamos com materiais originais do polo aquático (traves, bolas e raias), parte financiada pela Universidade e parte pela Secretaria de Educação de Vila Velha. Além dessa parceria o Projeto, por intermédio de um ex-atleta da seleção brasileira de polo aquático e pelas boas relações que mantém, conseguiu uma doação de alguns conjuntos de toucas oficiais de polo aquático, material de custo alto e conseqüentemente de difícil acesso.

Palavras-chave: Polo Aquático, Esporte Educacional, Extensão Universitária.

REFERÊNCIAS

FREUDENHEIM, A.; GAMA R.; CARREDO, V. Fundamentos para a elaboração de programas de ensino do nadar para crianças. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, 2003, 2(2):61-69.

GAMA, R., CARREDO, V. Estratégias de ensino do nadar para crianças: o desenvolvimento de aspectos motores, cognitivos e afetivos-sociais. In: LOBO DA COSTA, P. (org) **Natação e atividades aquáticas: subsídios para o ensino**. Barueri, SP: Manole, 2010. P .139

GALVÃO, Zenaide. Educação física e esporte: a prática do bom professor. In: **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, I (I), p.65-72, 2002.

BARBOSA, T. Algumas considerações sobre o jogo aquático educativo enquanto estratégia de ensino na adaptação ao meio aquático. In: **Livro de resumos do 26º Congresso Técnico-Científico da Associação Portuguesa de Técnicos de Natação**. Estoril. 2003.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Pôster

**PROJETO TERCEIRA IDADE EM AÇÃO: AÇÕES E INTERVENÇÕES DO
PET EDUCAÇÃO FÍSICA CEFD/UFES**

Raniely Meireles Costa¹⁰²

Paloma Rigamonte Barbosa

Joana Sanches Brito de Souza

Jessica Silva Santiago

Fabiana Correia e Silva

Omar Schneider

O estudo é sistematizado como relato de experiência de um projeto de ensino e extensão denominado “Terceira Idade em Ação”. Foi desenvolvido, no segundo semestre de 2017, em parceria com a Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI), juntamente com o Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI), instalados no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Objetiva materializar o resultado da intervenção realizada pelo PET EF, com as questões sobre o envelhecimento, uma vez que esse conteúdo é pouco problematizado no curso de EF da Ufes. No projeto essa temática foi mediada pelos alunos bolsistas do PET, que vivenciaram na prática o “ser professor”. Brito e Litvoc (2004), ressaltam que o envelhecimento é um acontecimento comum aos seres vivos, este fenômeno está presente em todos os seres humanos. “O envelhecimento é algo natural [...] que se expressa pela perda da capacidade de adaptação ao ambiente e pela diminuição da funcionalidade orgânica (CARVALHO e SOARES, 2004)”. Tomamos como referencial teórico, na construção do projeto e das atividades ministradas, as ideias de Charlot (2000), fundamentados na teoria da Relação Com o Saber. Para Charlot é importante compreender o ser humano a partir das apropriações feitas no mundo ao seu redor, tal mundo lhe é compartilhado por meio de

¹⁰² Contatos dos autores: ranielymeireles.costa@gmail.com; paloma.rigamonte@gmail.com; joana-sanches@hotmail.com; jessicasantiago23@gmail.com; fabiana.correia.e.silva@gmail.com; omarvix@gmail.com.

diferentes formas/figuras de aprendizagem, e apropriado na relação estabelecida com os diversos saberes que lhe são compartilhados (CHARLOT, 2000). Nossa proposta caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo-interpretativo (FLICK, 2004), desenvolvida por meio de um relato de experiência. Foram estruturados 15 encontros, subdivididos nas categorias: Aplicação de testes e roda de conversa, práticas de equilíbrio, yoga e dança. Ao final dos encontros foi realizada uma roda de conversa, para compreender se a oficina atingiu a expectativa dos alunos. Antes do início das aulas foram realizados anamnese e aplicados testes de flexibilidade, sentar e levantar, perimetria e composição corporal. Além de ter sido analisado a RCQ (relação cintura quadril) e o IMC (índice de massa corporal). O RCQ dos participantes, 14 dos inscritos mostraram risco e propensão a doenças cardiovasculares, hipertensão, diabetes e aterosclerose. Os resultados dos testes refletem as respostas das anamneses, onde com exceção de um, todos os inscritos relataram alguma patologia. As atividades escolhidas foram: Práticas de Equilíbrio, aquáticas e Yoga dando ênfase na influência para a manutenção postural. A literatura ressalta que uma das características do envelhecimento é a ocorrência de quedas causada pela instabilidade postural, representando um motivo de preocupação para os idosos, pois pode acarretar incapacidade física e perda da independência (GUIMARÃES et al., 2004). A dinâmica das aulas procurou respeitar as qualidades e limitações físicas dos alunos participantes, as atividades foram escolhidas com base no questionário de interesses. A oficina foi finalizada com uma confraternização onde tivemos um retorno com as considerações dos idosos em relação às atividades desenvolvidas, ressaltando a importância do convívio social e da participação de cada um deles na construção das aulas e do projeto. Percebemos um alto índice de evasão em algumas práticas devido a não adaptação ou a limitação de alguns participantes, porém as atividades de equilíbrio se mostraram positivas, pois promoveram maior socialização entre os idosos e o grupo. As oficinas tiveram um papel importante não somente para os idosos, mas, para a formação dos petianos, que como professores em formação, possivelmente poderão utilizar os conhecimentos sistematizados futuramente em seus campos de atuação.

Palavars-chave: PET, Envelhecimento, Intervenção.

REFERÊNCIAS

- BRITO, F. C de; LITVOC, J. Conceitos básicos. In: Brito FC, Litvoc J. **Envelhecimento: prevenção e promoção de saúde**. São Paulo: Atheneu, p. 1-16, 2004.
- CARVALHO, J.; SOARES., J. M. C. Envelhecimento e força muscular - breve revisão. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 4, no. 3, p.79-93, 2004.
- CHARLOT, Bernard. Da **relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artimed Editora, 2000.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Relato de Experiência

**RELAÇÃO ENTRE O USO DE DROGAS E LAZER: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE UMA PESQUISA DE CAMPO**

Saulo Kuster

Juliana Guimarães Saneto¹⁰³

A relação que se estabelece na contemporaneidade entre o lazer e o uso de drogas, sobretudo as lícitas, impulsionadas por propagandas midiáticas, comumente vinculam a imagem da bebida¹⁰⁴ à felicidade, união e aceitação social (OLIVEIRA; ROMERA; MARCELLINO, 2011), refletem nas formas de lazer e como as pessoas desfrutam esse momento. Diante disso esse estudo reflete sobre o uso de drogas lícitas e a bocha, considerada aqui como um jogo tradicional. Este relato é fruto de uma pesquisa etnográfica, que segundo Geertz (1989), trata-se uma descrição densa, dentro de uma proposta de análise interpretativa da cultura. Este estudo foi realizado na Cancha Quintino Eduardo Rupf, localizada na região serrana do Espírito Santo. Durante a pesquisa de campo alguns dados emergiram do contexto pesquisado, é o caso da relação estreita entre o uso de drogas lícitas e a prática da Bocha. Esse trabalho busca aprofundar os conhecimentos relacionados à relação entre o lazer e o uso de drogas lícitas nesta Cancha de Bocha, que tem como anexo um bar, ambos construídos pela prefeitura do município. Assim como destacado por Steiger (1987) na cancha existe uma linguagem e uma forma de comportamento muito particulares desse jogo, como linguagem própria abreviações de nomes de jogadas, e negociação das regras do jogo. Os frequentadores da cancha têm suas demandas de alimento e bebidas supridas pelo bar. Percebemos, no decorrer da coleta dos dados, que o consumo de drogas lícitas, álcool e o tabaco, é realizado por grande parte dos praticantes de bocha frequentadores da cancha. O álcool é a droga lícita mais consumida no Brasil, o que provavelmente decorre do seu livre comércio no país, da mesma forma que o tabaco. A utilização de

¹⁰³ Contatos dos autores: saulokust@hotmail.com; juliana.saneto@uvv.br.

¹⁰⁴ Os autores quando mencionam “propagandas midiáticas” de bebida dizem respeito à cerveja especificamente.

substâncias que alteram a condição normal das pessoas sempre esteve presente na história da humanidade. Diferentes grupos sociais, com culturas diversas, fizeram/fazem o uso de diferentes substâncias com múltiplos significados: rituais, sagrados, festivos e curativos/terapêuticos (AMORIM; LAZARINI; SIQUEIRA, 2007). Embora a palavra droga tenha diferentes conotações, por vezes o senso comum a associa a uma substância proibida, no entanto "droga" pode ser considerada toda e qualquer substância que altera o funcionamento do organismo, modificando suas funções (GALDURÓZ et al, 2001). Se por um lado as drogas são facilmente associadas a algo ruim, por outro podem ser úteis no tratamento de doenças. Nos parece que o bar prolonga o tempo dos jogadores de bocha na Cancha, seja na venda de comida, seja no consumo de bebidas alcoólicas. Nesse sentido notamos que esse estabelecimento tem um tempo/espaço circunscrito de relações simbólicas para os jogadores, sendo um elemento importante na promoção da sociabilidade dos praticantes. Visto isso, o lazer de alguns praticantes da Bocha é permeado pelo uso das drogas lícitas, que entre os jogos e o consumo de bebidas alcoólicas se constituem como um campo que intensifica as relações de sociabilidade e de pertencimento. Durante a pesquisa de campo, que originou este relato, alguns atores sociais relataram que o uso das substâncias é eventual e recreativo, este fato se reafirma no discurso do senhor Pedro¹⁰⁵: “[...]todos os amigos juntos e cerveja, era uma brincadeira [...]”. Esta fala nos ajuda a entender, mesmo que de forma inicial, os sentidos que alguns praticantes atribuem às substâncias e às eventuais associações entre o jogo e a droga.

Palavras-chave: Bocha, Drogas lícitas, Lazer.

REFERÊNCIAS

AMORIM, T. R.; LAZARINI, W. S. ; SIQUEIRA, M. M. . Atenção à dependência química na Universidade Federal do Espírito Santo: possibilidades da extensão universitária. Escola Anna Nery. **Revista de Enfermagem**, v. 11, p. 717-721, 2007.

¹⁰⁵ Para que não haja qualquer possível constrangimento por parte dos entrevistados, resolvemos usar nomes fictícios.

GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R. ; NAPPO, S. A. ; CARLINI, E. A. . Uso de drogas psicotrópicas no Brasil. Pesquisa Domiciliar envolvendo as 107 maiores cidades do País - 2001. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** (Ribeirão Preto), v. 13, p. 888-895, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

OLIVEIRA, M. ; ROMERA, L. A. ; MARCELLINO, N.C. . Lazer e juventude: análise das propagandas de cerveja veiculadas pela televisão. **Revista da Educação física/UEM** (Online), v. 22, p. 111-122, 2011.

STEIGER, R. N. **O emocionante e espetacular esporte da bocha**. Porto Alegre: Sulina, 1987.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Relato de Experiência

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO SOCIAL E ESPORTIVO – COPA
MÁRIO CASANOVA**

Wallace Santos Júnior¹⁰⁶

Este trabalho apresenta um relato de experiência de um projeto realizado em 2018, no município de Vila Velha, em uma escola da mesma rede municipal, com alunos do ensino fundamental I no período de junho. Ele parte do compromisso de se apresentar de forma organizada, prazerosa e contextualizada, em paralelo com “um currículo que não seja estático, mas, sim, uma expressão” (SACRISTAN, 1998), de caráter social e esportivo, aproximando e interagindo os atores no processo de ensino-aprendizagem e nas mútuas ações/decisões dentro da comunidade escolar, buscando correlações com as necessidades apresentadas por estes agentes em seus variados relacionamentos no cotidiano escolar. Este projeto teve como base os estudos, reflexões e orientações do livro “Currículo e avaliação na educação Física: do mergulho à intervenção” (SANTOS, 2005). Com o objetivo de realizar um evento esportivo e de cunho social, com os alunos da Unidade Municipal de Ensino Fundamental I Mário Casanova, a fim de promover a interação dos atores no processo de ensino-aprendizagem, buscando ações para as necessidades encontradas no meio escolar. Trata-se de estudo descritivo, tipo de relato de experiência, elaborado no contexto de uma escola de seis a dez anos. Nomeado de Projeto Copa Mário Casanova, teve como o tema – “Aqui, o esporte é para todos” – perpassou pela prática e execução de modalidades esportivas disponíveis para todos os alunos, independentemente de raça, cor, tamanho, habilidade e/ou especificidade, contribuindo qualitativamente, para a inclusão escolar. O lema – “Respeito, Educação e Companheirismo” – partem da necessidade social de buscar uma proposta para minimizar a violência na escola, tema que tem dificultado inúmeras atividades dentro da escola. Os jogos/esportes contidos no projeto foram: queimada, handebol, basquetebol e

¹⁰⁶ Contato do autor: walacesj@yahoo.com.br.

futsal. Cada turma foi identificada com uma camisa tematizada e com cores específicas. O cunho social do projeto partiu das necessidades apresentadas por inúmeros alunos, que visível e expressamente, apontavam para o descontentamento com as condições da quadra, com a falta de eventos esportivos e com a dificuldade de alguns alunos na aquisição de tênis e mochilas. Em detrimento as relações encontradas, foram desenhadas possíveis ações, como a realização de um projeto esportivo no ano da copa do mundo de futebol, voluntariado para a restauração da quadra (mérito estrutural), aquisição de tênis e mochilas para os alunos em necessidade (mérito social). Todas estas ações foram em parceria com a comunidade, famílias, amigos, funcionários e professores da escola - gestão democrática. A partir da avaliação por meio da expressão de desenhos, com os alunos, que grande parte se interessou, participou e mostrou-se mais feliz com o projeto. Os alunos enxergaram-se dentro do processo, “resgatando o papel do aluno como ser humano, como cidadão” (SANTOS, 2005). Que, diante da violência e agressividade no seu cotidiano, eles identificaram a necessária busca pela mudança. A presença da comunidade, familiares, amigos e empresas parceiras na restauração da quadra e na aquisição de tênis/mochilas, transmitiu uma mensagem de parceria entre escola e comunidade, inserção da comunidade/família, pertencimento por parte destes agentes nas decisões, ações e projetos da comunidade escolar. No desenvolvimento da avaliação deste presente trabalho, notou-se o grande interesse e participação dos agentes, em todos os níveis de construção e execução do projeto. Foi visível também, a satisfação da comunidade, família, amigos e empresas parceiras na contribuição e participação nas ações sociais que resultaram na restauração da quadra, aquisição de tênis, mochilas, materiais esportivos e equipamento de som. Também foi notado, tanto para os alunos, quanto para os professores de educação física, que as aulas ganharam em qualidade com a presença e execução do projeto e com a restauração da quadra. Consequentemente, tais resultados, vem abrindo portas para outros projetos para a escola, como, o início do projeto Escola Aberta.

REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SACRISTAN, J.G. O currículo como confluência de práticas. In: _____ **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. Cap. 4. p. 101-106.

SANTOS, Wagner dos. **Currículo e avaliação na educação Física: do mergulho à intervenção**. Vitória: Proteoria, 2005.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Esporte e Lazer - Comunicação Oral

**TALENTO PRAIANO: O FUTEBOL DE AREIA ATRAVÉS DE NOVAS
METODOLOGIAS**

Otaviano Costa¹⁰⁷

Ubirajara de Oliveira

O projeto Talento Praiano: Futebol de Areia para Crianças e Jovens, é realizado em parceria entre a Universidade Federal do Espírito Santo e a Secretaria de Esportes e Lazer de Vitória. As aulas acontecem todas as terças e quintas-feiras, das 15hrs às 17h00min, na praia de Camburi em Vitória. O projeto tem como objetivo, além de promover o futebol de areia como prática capixaba, fomentar o ensino-aprendizagem-treinamento da modalidade entre meninos e meninas das escolas públicas e particulares da região da Grande Vitória através de uma metodologia que foge da tradicional, de forma mais aberta e inclusiva. O projeto utiliza uma metodologia de ensino mista, mas seguindo a proposta sugerida por Greco e Benda em seu livro Iniciação Esportiva Universal (1998), que utiliza a fundamentação teórica de vários acadêmicos para uma aprendizagem dos jogos esportivos numa visão humanista. Nesta metodologia, aqueles que possuem determinadas habilidades e técnicas não se sobrepõem sobre aqueles que não a possuem, pois o foco é o desenvolvimento dos participantes não somente como atletas em campo, mas também como seres humanos. A metodologia leva em consideração a compreensão do jogo como uma situação-problema apresentada ao aluno. A compreensão do jogo será dada através de suas estruturas funcionais, que serão decompostas do jogo pronto e posteriormente modificadas quanto ao espaço, ao número de jogadores, de alvos-gols, de objetivos, etc. Essas modificações serão realizadas de acordo com o nível de complexidade sugerido pelo professor para o aluno, que deve levar em consideração o nível de compreensão do mesmo. É utilizado três princípios para o desenvolvimento do aluno: o de modificar a dificuldade/aumentar a dificuldade;

¹⁰⁷ Contatos dos autores: tavinn.c@gmail.com; ubioliveira@gmail.com.

o de modificar a complexidade/aumentar a complexidade ou os dois ao mesmo tempo. Isto nos leva a apresentar fases diferenciadas na proposta de atividades. No projeto, levamos isto em consideração e dividimos nosso plano de aula em três momentos-chave (Intervenção nível um nível dois e nível três, sendo o nível um mais fácil, indo do simples para o complexo, da percepção geral a específica, dificultando a cada nível posterior). A partir do momento em que o aluno consegue realizar a tarefa determinada, o grau de complexidade da tarefa e/ou dificuldade é aumentado. Para realizar isso, utilizamos diversas ferramentas, como a decomposição do jogo em unidades funcionais e os minijogos e estafetas. As primeiras aulas do projeto foram diagnósticas, com o objetivo de se observar o nível dos alunos sobre o beach soccer e identificar, jogando, futuros pontos de intervenção. Devido a esta metodologia focar no desenvolvimento não somente como atletas, mas também como seres humanos, os alunos não possuíam competitividade exacerbada, e as aulas do projeto serviam, para muitos alunos, como um momento de descontração e divertimento. Os alunos não estavam preocupados em acertar o gesto técnico de forma como prioridade, mas sim em se divertir jogando. Os alunos mais antigos, mesmo levando o jogo para o seu caráter lúdico, procuravam sempre incentivar, dar dicas e estimular os colegas, inclusive os colegas adversários novos no projeto. Isso pode acontecer devido à dificuldade em que os novos praticantes de futebol de areia tem no início para se adaptarem ao novo ambiente, o que pode levar ao desânimo de continuar na prática e posteriormente, pode levar a sua desistência. Os praticantes mais antigos já passaram por isso, e acabam tornando essa fase “barra pesada” mais tranquila para os novos praticantes com incentivos e dicas. Por esse motivo, a socialização e a motivação se tornam importantes aliados nas práticas esportivas coletivas.

Palavras-chave: Beach Soccer; Futebol; Esportes Coletivos.

REFERÊNCIAS

GRECO, Juan Pablo; BENDA, Rodolfo N. **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.



Anais do Congresso Espírito-Santense de Educação Física
XV CONESEF – 2018
CEFD – UFES – Vitória – ES – Brasil
ISSN – 2595-5837

GTT 05 – POLÍTICAS AFIRMATIVAS

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

**A AÇÃO MEDIADORA DO EDUCADOR NA BRINCADEIRA DA CRIANÇA
COM AUTISMO**

Rayanne Rodrigues de Freitas¹⁰⁸

José Francisco Chicon

Ivone Martins de Oliveira

A intervenção educativa orientada para as crianças que são público-alvo da educação especial tem se colocado como um desafio para profissionais da área educacional, sobretudo no que diz respeito às crianças com autismo, devido a dificuldades que se delineiam nos processos interativos, na comunicação com a criança, na compreensão de seus percursos de desenvolvimento e na organização de estratégias e recursos pedagógicos. Tomando como referência os estudos de Vigotski (1997), e outros autores vinculados à abordagem histórico-cultural, compreendemos que o desenvolvimento de todas as funções tipicamente humanas, dentre elas o brincar, se dá nas relações sociais mediadas pelos outros, pelos instrumentos e pela linguagem. Diante disso, esta pesquisa objetivou compreender a ação mediadora do educador/brinquedista na promoção e ampliação da experiência de brincar da criança com autismo na brinquedoteca. Para isso, foi realizado um estudo de caso (LUDKE; ANDRÉ, 2013) da mediação pedagógica em uma brinquedoteca com perspectiva inclusiva, onde os instrumentos de coleta de dados foram a observação participante, videogravação das sessões e registros escritos. Os sujeitos da pesquisa foram 17 crianças de ambos os sexos, com idades de três a seis anos. Dessas crianças, dez compõem uma mesma turma de um Centro de Educação Infantil (CEI) e sete são oriundas de diferentes bairros do município de Vitória/ES – entre elas, seis com autismo e uma com síndrome de Down. Apoiando-se no pensamento de Vigotski (2008), identificamos na brincadeira um potencial inestimável para a emergência de processos psicológicos de base eminentemente

¹⁰⁸ Contatos dos autores: rayanne_defreitas@yahoo.com; chiconjf@yahoo.com.br; imartinsdeoliveira3@gmail.com.

cultural, uma vez que o imaginário que perpassa o brincar potencializa aspectos como: memória, ação voluntária, pensamento abstrato e linguagem. Na concepção do autor, a ação na esfera imaginária, a criação de intenções voluntárias, a formação dos planos de vida real e motivações volitivas aparecem na brincadeira, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento infantil (VIGOTSKI, 2008). No que diz respeito à mediação pedagógica orientada à prática educativa com crianças com autismo, identificamos desafios que requerem a atenção especial do professor. Além das particularidades na interação, na comunicação e nos comportamentos repetitivos, essas crianças costumam apresentar restrições de interesse e alterações nos processos imaginários — especificidades que afetam também a brincadeira. Contudo, com base nos estudos de Vigotski (1997) acerca do papel do ambiente coletivo no desenvolvimento de crianças com deficiência, consideramos que, apesar de suas singularidades, a criança com autismo pode atingir níveis mais elaborados de atividade imaginária, desde que seja estimulada de modo intencional e sistemático pelo professor (CHIOTE, 2015; SIQUEIRA, 2016; CHICON, 2016; SANTOS, 2016). Durante a realização desse estudo, constatamos o quanto a intervenção educativa com crianças com autismo é de fato desafiadora. Foi possível notar as sutilezas presentes na ação mediadora do professor, que permitiram propiciar condições que favoreceram: a inserção das crianças com autismo e síndrome de Down na brincadeira, a ampliação de suas possibilidades de interação com os colegas e o domínio do próprio movimento. Na intervenção em turmas inclusivas, percebemos que é possível transpor os desafios da prática educativa com crianças com autismo por meio da mediação pedagógica, como ocorreu nas experiências das crianças desse estudo, que tiveram sua brincadeira promovida e ampliada pela ação mediadora do professor. É importante destacar o quanto é fundamental, no trabalho mediador do professor de Educação Física, considerar as singularidades das crianças, apostar em sua aprendizagem e investir na ampliação da zona de desenvolvimento proximal ou iminente, agindo sobre o desenvolvimento potencial, nas diversas atividades lúdicas realizadas e, assim, propiciar maiores níveis de independência e autonomia no brincar.

Palavras-chave: Autismo infantil; Mediação Pedagógica; Brincadeira; Brinquedoteca.

REFERÊNCIAS

CHICON, José Francisco et al. Educação física e inclusão: a mediação pedagógica do professor na brinquedoteca. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 279-292, jan./mar. 2016.

CHIOTE, F. de A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

SANTOS, E. C. dos. **Linguagem escrita e a criança com autismo**. Curitiba: Appris, 2016.

SIQUEIRA, M. F.; CHICON, J. F. **Educação Física, autismo e inclusão: ressignificando a prática pedagógica**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V: fundamentos da defectologia**. 5. ed. Madri: Visor, 1997.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-36, Jun. 2008. (Texto traduzido por Zóia Prestes).

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA COM CRIANÇAS AUTISTAS¹⁰⁹

Rosely da Silva Santos¹¹⁰

José Francisco Chicon

Ivone Martins de Oliveira

O desenvolvimento da brincadeira de faz de conta da criança com autismo tem se apresentado como um desafio para os profissionais da área educacional, devido não somente às dificuldades de interação social, peculiaridades nos processos comunicativos e interesses restritos, mas também em função da maneira como se apresenta a imaginação nessa criança. Corroborando pesquisas que ressaltam o valor da brincadeira de faz de conta para o desenvolvimento infantil (VIGOTSKI, 2008; LEONTIEV, 2016), este estudo volta-se para o brincar de crianças com autismo e orienta-se pelas seguintes questões: em situações lúdicas em uma brinquedoteca, crianças com autismo brincam de faz de conta? Se brincam, como se manifesta sua brincadeira? Diante dessas questões, este trabalho tem como objetivo compreender como se manifesta a brincadeira de faz de conta em crianças com autismo na brinquedoteca. Trata-se de estudo de caso do brincar de crianças com autismo numa brinquedoteca (LÜDKE; ANDRÉ, 2013) que tem uma proposta inclusiva. A investigação ocorreu em uma brinquedoteca universitária que atende crianças com e sem deficiência na faixa etária de três a seis anos, no período de março a dezembro de 2016, perfazendo um total de 24 aulas/registros. Participaram do estudo dez crianças de um Centro de Educação Infantil (CEI) com desenvolvimento típico, seis com autismo e uma com síndrome de Down, totalizando 17 participantes, oriundas da comunidade de Vitória/ES. Na análise, encontramos diferentes episódios de brincadeiras realizadas por duas das crianças com diagnóstico de autismo, reveladoras da presença do jogo imaginário, como também identificamos crianças que, por suas

¹⁰⁹ O presente trabalho contou com financiamento do Fundo de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

¹¹⁰ Contatos dos autores: rosy.rodrigs@hotmail.com; chiconjf@yahoo.com.br; imartinsdeoliveira3@gmail.com.

características e peculiaridades, ainda não conseguiram inserir-se nesse tipo de brincadeira. Destacamos para análise um episódio de brincadeira em que o jogo de faz de conta se fez presente na ação da criança com autismo, selecionado por sua riqueza e tempo de envolvimento da criança com a brincadeira, participação de crianças não deficientes e forma de intervenção do professor/brinquedista. O episódio ocorreu no *playground* do Centro de Educação Infantil, espaço de aula utilizado como extensão da brinquedoteca. Na análise, enfocamos como se manifesta a brincadeira dessa criança, os participantes envolvidos e o processo de intervenção dos adultos. Ao discorrer sobre a brincadeira na idade pré-escolar, Vigotski (2008) aborda duas questões fundamentais: o modo como ela surge na criança e o papel que essa atividade desempenha no desenvolvimento infantil. Peculiaridades no jogo imaginário de crianças com autismo também são apontadas nos estudos de Chicon et al. (2016), Chiote (2015), Bagarollo, Ribeiro e Panhoca (2013), Sá, Siquara e Chicon (2015) e Castro, Panhoca e Zanolli (2011), que relatam resultados satisfatórios de pesquisas com intervenção que envolvem atividades lúdicas na ampliação dos processos interativos, da comunicação e da brincadeira dessa criança. Nossas análises indicam que a criança com autismo também pode se envolver com brincadeiras de faz de conta, desde que lhe sejam ofertadas condições: quanto mais estimuladas em sua experiência lúdica, na exploração dos mais variados brinquedos, na manifestação das diferentes linguagens, na convivência com a diversidade, na exploração de diferentes espaços e modos de interação, mais significativas serão as possibilidades de essa criança sentir, pensar, agir no meio social onde se encontra e brincar. Portanto, no processo de ensino e aprendizagem, não basta o professor organizar os espaços disponibilizando materiais e objetos e observar as crianças; é necessário definir estratégias de abordagem corporal e de intervenções pedagógicas, para que elas possam criar e recriar as brincadeiras, estabelecer novas interações, combinar movimentos e objetos, descobrir novas formas de ação, alimentando, dessa maneira, a experiência corporal. A brincadeira torna-se uma possibilidade de desenvolvimento da criança com autismo a partir do investimento dos adultos em seu envolvimento nessa prática social específica da infância.

Palavras-chave: Educação Física Inclusiva. Autismo. Brincadeira. Criança.

REFERÊNCIAS

BAGAROLLO, Maria Fernanda; RIBEIRO, Vanessa Veis; PANHOCA, Ivone. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 1, p. 107-120, jan./mar. 2013.

CASTRO, Glenda Saccomano; PANHOCA, Ivone; ZANOLLI, Maria de Lurdes. Interação comunicativa em contexto lúdico de duas crianças com síndrome de Down, comportamentos autísticos e privação de estímulos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 4, p. 730-738, 2011.

CHICON, José Francisco et al. Educação Física e inclusão: a mediação pedagógica do professor na brinquedoteca. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 279-292, jan./mar. 2016.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. A interação entre pares no desenvolvimento do brincar da criança com autismo. In: OLIVEIRA, Ivone Martins de (Org.). **Autismo e inclusão escolar: percursos, desafios, possibilidades**. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 95-114.

SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de; SIQUARA, Zelinda Orlandi; CHICON, José Francisco. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37 n. 4, p. 355-361, out./dez. 2015. Disponível em:
<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328915000785>>. Acesso em 27 abr. 2016.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

**A BRINQUEDOTECA E O ATENDIMENTO ÀS ESPECIFICIDADES DA
CRIANÇA COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Jackson Pereira Rocha¹¹¹

A brinquedoteca tem se apresentado, em alguns estudos, como um ambiente significativo para as vivências lúdicas das crianças, além de ser um espaço fortemente potencializador de seu desenvolvimento. Magalhães e Pontes (2002) chamam a atenção para a importância da brincadeira espontânea para a criança, que contribui para a construção de uma maneira própria de olhar a realidade, a realização de descobertas e o desenvolvimento sócio-afetivo. Em contraposição a isso, destacam a progressiva redução de espaços e tempos para ela brincar – o que tem se configurado por motivos variados – e apontam a brinquedoteca como um espaço propício à brincadeira da criança. Chicon (2013), em seu estudo sobre "Jogo, mediação pedagógica e inclusão", destaca como parte de seu trabalho, a importância do espaço da brinquedoteca, compreendida em uma perspectiva inclusiva, para o aprendizado e desenvolvimento de crianças em situação de risco social e de crianças com deficiência, quando estas interagem no mesmo espaço e tempo de intervenção. Enfatiza que a mediação pedagógica do professor/brinquedista pode ser decisiva para gerar situações de aprendizagem e relacionais que não ocorreriam de forma espontânea para essas crianças. O estudo tem por objetivo analisar a organização da brinquedoteca como um ambiente inclusivo, propiciador de vivências lúdicas para as crianças com autismo e favorecedor de sua brincadeira. A pesquisa se configurou como um estudo qualitativa de caráter descritivo e exploratório (LUDKE; ANDRÉ, 2013), tendo como sujeitos: 16 crianças com e sem deficiência, de ambos os sexos, com idades entre 3 e 4 anos, dez de desenvolvimento típico de um Centro de Educação Infantil, cinco com autismo e uma com síndrome de Down, oriundas da comunidade, atendidos por 11 estagiários do Curso

¹¹¹ Contato do autor: jackson.nem@hotmail.com.

de Educação Física. As intervenções ocorreram em uma brinquedoteca universitária, uma vez por semana, com duração de uma hora, no ano de 2016. A coleta de dados realizou-se por meio observação participante, filmagem das aulas, registros em diário de campo das aulas e das discussões realizadas com os estagiários/brinquedistas e seus relatórios sobre as intervenções. Para atender às especificidades das crianças com deficiência, entendemos que, muitas vezes, há a necessidade de uma reconfiguração dos espaços educativos em que esses sujeitos estão inseridos de maneira a criar condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Caminhos alternativos e recursos especiais (VIGOTSKI, 1997) são necessários para tracionar o desenvolvimento de crianças com deficiência, inclusive em relação à brincadeira, tendo em vista seu modo de funcionamento psíquico e condições de interação com os outros e com o meio físico. Discorrendo sobre a criança com deficiência, Vygotsky (2011, p. 867) afirma que o meio social não está adaptado às especificidades dessa criança e ressalta que [...] a educação surge em auxílio, criando técnicas artificiais, culturais, um sistema especial de signos ou símbolos culturais adaptados às peculiaridades da organização psicofisiológica” dessas crianças. Diante disso, o ambiente da brinquedoteca evidenciou-se como um importante cenário em que vias alternativas podem ser pensadas para inserção de crianças com autismo nesse espaço e para a realização de atividades lúdicas que favoreçam seu desenvolvimento. Sendo assim, os resultados indicam que o trabalho na brinquedoteca, tendo a participação de professores com olhar atento para as especificidades, participação colaborativa dos membros envolvidos, planejamento, replanejamento e avaliação, contribuiu para participação conjunta dos alunos, respeitando suas características e necessidades individuais, favorecendo a aprendizagem e interação de todos.

Palavras-chave: Educação Física Inclusiva. Autismo. Brincadeira. Criança.

REFERÊNCIAS

CHICON, José Francisco. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão: um mergulho no brincar**. 2. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

LÜDKKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 9. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MAGALHÃES, C. M.; PONTES, F. A. R. Criação e Manutenção de Brinquedotecas: reflexões acerca do desenvolvimento de parcerias. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 235-242, 2002.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V: fundamentos da defectologia**. 5. ed. Madri: Visor, 1997.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Pôster

**A IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS DE
INCENTIVO A ATIVIDADE FÍSICA NA INFÂNCIA E SEUS POSSÍVEIS
REFLEXOS NA PREVALÊNCIA DE OBESIDADE EM ÁREAS DE
VULNERABILIDADE SOCIAL**

Laila da Silva Nazário

Julia Miranda Falcão¹¹²

Hoje em dia uma questão colocada em voga é de que pessoas que vivem dentro do contexto de vulnerabilidade social se preocupam menos com suas medidas antropométricas, pois suas necessidades pessoais giram em torno de outras prioridades como a falta de recursos financeiros, a necessidade de se inserir no mercado de trabalho precocemente e a dificuldade em viver com a ausência de serviços públicos essenciais a vida. Essa afirmativa se torna um agravante ainda mais preocupante quando com base em estudos mais recentes que consideram pessoas que convivem no mesmo ambiente social e familiar e tendem a manter o mesmo estilo de vida, ainda mais quando são às crianças. Pesquisas mostram que filhos de pais obesos têm cerca de 80% de chances de serem obesos, ou seja, torna-se uma espécie de ciclo vicioso (SANTOS, CARVALHO, JUNIOR, 2007; FERREIRA ET. AL, 2017). Este estudo busca abordar o aspecto preventivo da Educação Física à prevalência de obesidade em áreas de vulnerabilidade social. Tendo como objetivo geral analisar as contribuições provenientes da criação de programas sociais para este fim. Buscando assim, especificamente, contextualizar obesidade e suas possíveis causas dentro do contexto de vulnerabilidade social, mapear os índices de crescimento da obesidade entre a população de baixa renda no Brasil e abordar a Educação Física sob seu caráter preventivo. A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, que segundo Gil (1996) é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, e utiliza como

¹¹² Contatos dos autores: lailanazario@hotmail.com; juliamfalcao@gmail.com.

metodologia o caráter qualitativo para interpretação do estudo que ainda de acordo com Gil (1996) depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Durante a pesquisa serão realizados levantamentos de dados a partir das bibliografias apresentadas e serão registrados em forma de fichamento para melhor organização e execução do cronograma de atividades. Para Santos, Carvalho, Junior (2007), a monitoria e classificação do peso é essencial para que medidas de intervenção sejam tomadas para evitar o crescimento dos níveis de obesidade, que segundo sofrem grande influência dos fatores financeiros e socioculturais (LANES, 2010; KRAUSE, 2013). Santos, Carvalho e Junior (2007) afirmam que essa temática está envolta de uma questão educacional, barata e de fácil realização, pois na maior parte dos casos, é necessário que haja conscientização nutricional e maior gasto energético proveniente do exercício físico. Contudo, a série de relatos técnicos da organização mundial da saúde (OMS) aponta que as maiores partes das avaliações econômicas de prevenção e de tratamento da obesidade buscam apenas tratar a doença, ao invés de buscar alternativas de uma intervenção preventiva antes do seu real estabelecimento. As questões que envolvem a obesidade merecem atenção e cuidado pelo campo da Educação Física, conforme apontado por Abrantes (2002) que nos informa que 50% a 60% dos adultos obesos foram considerados crianças obesas. No mesmo sentido, Santos, Carvalho, Junior (2007) confirmam que as chances de crianças obesas aos cinco anos permanecerem obesas no futuro é de 80%. Portanto, este estudo se faz necessário à medida que pretende colaborar com a discussão sobre a relação entre prevenção e o incentivo às práticas de atividade física na infância e o contexto de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Educação física; Educação Física Preventiva; Obesidade.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Marcelo M; LAMOUNIER, Joel A; COLOSIMO Enrico A. Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

**A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL: UMA
EXPERIÊNCIA DE ENSINO DO HIP HOP PARA JOVENS E ADULTOS COM
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUTISMO**

Ingrid Rosa Carvalho¹¹³

A condição de juventude e/ou fase adulta das pessoas com deficiência intelectual e autismo, em geral, é uma etapa quase sempre é negada socialmente. Este cenário acaba por promover barreiras comprometedoras e, ou impeditivas aos processos de desenvolvimento humano destes indivíduos, ocasionando dificuldades para exercerem de forma plena, crítica e autônoma a sua condição de cidadão (SAWAIA, 2001). Isso ocorre, principalmente, em virtude do olhar discriminatório e infantilizado direcionado a esse público, mesmo quando já atingiram a fase juvenil e/ou adulta. Vale salientar nossa perspectiva teórico-metodológica alicerçada na abordagem Histórico-Cultural de que os indivíduos se humanizam ao longo de um processo dialético, histórico e cultural na/com/por meio das apropriações culturais internalizadas ao longo de suas vidas por meio da própria atividade humana (VYGOTSKY, 2007). Um dos grandes fatores desencadeadores desse contexto se encontra na forma peculiar com que esses indivíduos se utilizam da linguagem para interagir socialmente, posto que muitos não se expressam por meio da oralidade socialmente instituída. Essa condição se torna um elemento dificultador aos respectivos processos inclusivos, em virtude das resistências sociais para compreender e interagir com esses sujeitos. Segundo Bakhtin (1999) e Vygotsky (2007), é por meio da linguagem que os indivíduos têm acesso à cultura, elemento determinante para o desenvolvimento humano. Assim, buscamos neste estudo compreender e analisar as diversas manifestações de linguagem produzidas ao longo de uma experiência de ensino do hip hop e seus desdobramentos para o reconhecimento juvenil de jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo, participantes de um

¹¹³ Contato do autor: ingridrosa.c@outlook.com.

projeto de extensão “Prática Pedagógica de Educação Física, esporte e lazer para as pessoas com deficiência”, realizado pelo Laboratório de Educação Física Adaptada do Centro de Educação. A pesquisa em tela emergiu a partir da demanda advinda com esse público, momento em que constatamos que, para além da necessidade de reconhecimento social sobre a sua condição juvenil e/ou adulta, havia um desafio maior, no sentido da superação das dificuldades existentes na comunicação entre os envolvidos. Para tanto, organizou-se uma pesquisa fundamentada nos princípios teórico-metodológicos da pesquisa-ação existencial de René Barbier (2002), no período de março a dezembro de 2017, com 20 jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo de idades que variam entre quinze e cinquenta anos de ambos os sexos. Para a coleta de dados foram utilizados registros audiovisuais (filmagens e fotografias das aulas) e de diário de campo. Os dados foram organizados e categorizados a partir da análise de conteúdos (BARDIN, 1977). Através das análises dos dados nos foi possível constatar que a experiência com o ensino do hip hop operou como um instrumento de mediação pedagógica inclusivo, ao fomentar socialmente a compreensão sobre as diversas formas e possibilidades de linguagem produzidas no/com o grupo, sem perder de vista as dimensões críticas, criativas e autorais presentes ao longo destes processos. Isso se evidenciou tanto na ampliação sobre as formas de compreensão, quanto de manifestação das diversas formas de linguagem desses sujeitos, apontando-nos a importância de reconhecê-los como jovens e adultos que expõem suas escolhas e atitudes. Por fim, vale ressaltar que experiências deste mote fomentam o reconhecimento social destes indivíduos, contribuindo com a redução no hiato na interlocução com demais sujeitos sociais e com a sociedade em geral.

Palavras-chave: Educação Física. Linguagens. Hip hop. Juventude. Inclusão.

REFERÊNCIAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília, DF: Plano Editora, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética da exclusão/inclusão. In: _____. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. Cap. 6, p. 97-118.

VYGOTSKY L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Pôster

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE INCLUSÃO DE PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO CONTEXTO ESCOLAR NOS ANAIS
DO CONBRACE**

Danielle Scarpatti Moreira¹¹⁴

Daiane Pessoa

Maria das Graças Carvalho Silva de Sá

A presente pesquisa se constitui em um estudo quati-qualitativo que objetiva mapear a produção acadêmica veiculada nos anais do Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte (CONBRACE) dentro do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Inclusão e diferença, dos anos entre 2007 e 2017, no que se refere a temáticas afetas a inclusão da pessoa com deficiência intelectual no contexto escolar. Mais especificamente, buscou-se analisar os caminhos teórico-metodológicos adotados, por compreender que tais escolhas indicam o olhar sobre a inclusão e deficiência adotada nas respectivas produções. Desde 2003, conjuntamente ao CONBRACE, acontece o Congresso Internacional de Ciência do Esporte (CONICE), assim, o evento em questão, se constitui como um dos principais no nosso país na área da educação física e ciência do esporte. A escolha desse campo de estudo se deu pela grande quantidade de instituições acadêmicas que são representadas através da apresentação e/ou publicação dos trabalhos realizados por seus discentes e docentes, possibilitando um acervo nacional e internacional para a presente pesquisa. A delimitação histórica se justifica na proximidade com a meta da ONU de uma sociedade para todos, presente na resolução 45/91 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1990, prevendo sua efetivação em 2010. Passados quase uma década da data prevista para a efetivação desta resolução, ainda percebemos que socialmente, encontramos dificuldades para promover uma sociedade inclusiva, ou seja, uma sociedade com princípios contíguos a inclusão social, que atenda às necessidades de todo e qualquer

¹¹⁴ Contatos dos autores: dandanscarpatti@hotmail.com; daiane.mpessoa@gmail.com; mgracasilvasa@gmail.com.

sujeito. (SASSAKI, 1999). Vale destacar que, a nomenclatura “sociedade inclusiva” aparece efetivamente em 1981 “A semente do conceito sociedade inclusiva foi lançada em 1981 pela própria ONU quando realizou o Ano Internacional das Pessoas Deficientes (AIPD) [...]”. (SASSAKI, 2003, p.165). A opção pela deficiência intelectual na escola como objeto de estudo surgiu de minha proximidade com esse público, advinda do período vigente de meu estágio não obrigatório remunerado, realizado em uma escola da rede municipal de Vitória – ES. No estágio mencionado, tenho a função de acompanhar alunos com deficiência intelectual dentro de sua turma no ensino regular, auxiliando-os em suas atividades e mediando o seu processo de socialização com os demais colegas de turma. Tais vivências despertaram o interesse de analisar os estudos dedicados a explorar e ampliar o conhecimento voltado a esses alunos. Os resultados esperados visam, não somente contribuir para minha formação profissional, pois ao me tornar professora regente da disciplina de educação física, será indispensável tentar compreender e atender a todas as diferenças, possibilitando um acervo de práticas corporais e atividades físicas que se encaixem a realidade de cada aluno, com também e principalmente no que se refere à formação de professores em geral, torna-los indivíduos mais bem preparados para lidar com a diferença e comprometidos com a construção de uma sociedade justa e igualitária a todos. Outro aspecto a se ressaltar refere-se ao fato de que, no que concerne ao campo da educação física, almeja-se fomentar novas discussões sobre a deficiência intelectual na perspectiva inclusiva, evidenciando assim, os caminhos que pesquisas acadêmico-científicas têm tomado nessa direção. O estudo se encontra em fase de análise e de discussão de dados.

Palavras-chave: Inclusão. Deficiência intelectual. Educação física.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

DAINEZ, Débora; BUSTAMANTE SMOLKA, Ana Luiza. O conceito de compensação no diálogo de Vigotski com Adler: desenvolvimento humano, educação e deficiência. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 4, 2014.



SASSAKI, Romeu. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 5ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Relato de Experiência

**ANDANÇAS NA UCV: TEMATIZANDO E PROBLEMATIZANDO A
DIVERSIDADE E A DIFERENÇA POR MEIO DA DANÇA**

Danubia Aires Souza¹¹⁵

Stephany Castro Freitas

Darlene Fabri Ferreira Rocha

Igor Gonçalves Souza

Letícia Gobi Hackbart

O presente trabalho se configura como relato de experiência de ações desenvolvidas no Projeto de Extensão em Dança “Andanças”, que é ofertado em uma Instituição de Ensino Superior em Vitória/ES. O grupo incentiva a participação de moradores do entorno bem como funcionários do local, e atualmente é composto por estudantes dos cursos de graduação e egressos. O projeto tem por escopo fomentar o ensino da dança na instituição, articulando as atividades propostas ao ensino e pesquisa, com vistas à produção e difusão de conhecimentos acerca dessa linguagem artística. As atividades do grupo “Andanças” tiveram início em março de 2014 e perduram até a presente data. Ao longo desse período, as seguintes ações foram desenvolvidas: 1- aulas regulares semanais; 2- apresentações internas e externas; 3- apresentação de trabalhos fruto das reflexões e pesquisas advindas das ações propostas em diferentes congressos e seminários dentro e fora do estado; 4- criação e apresentação de três espetáculos de dança apresentados na própria instituição e outros espaços; 5- propostas de intervenção com a linguagem da dança em escolas públicas municipais e em projetos sociais. Com a metodologia proposta, buscamos tematizar e problematizar questões sociais diversas por meio da linguagem da dança, tendo como aporte teórico-metodológico os pressupostos da Arte-Educação, conforme preconiza Barbosa (1984), e o diálogo com a perspectiva Freiriana (FREIRE, 1967; 1968; VENTORIM, 2000). Nesse contexto, a intenção é

¹¹⁵ Contatos dos autores: danubiaires@gmail.com; stephany.castrof@hotmail.com; dffrocha@hotmail.com; igor.s.goncalves@hotmail.com; lethgobbi@gmail.com.

sensibilizar os sujeitos-participantes do grupo “Andanças” e apreciadores das produções desenvolvidas para uma leitura crítica de questões que atravessam o corpo, a raça, o gênero e a sexualidade, bem como, as diferentes formas de discriminação e preconceito constantemente vivenciados em nossa sociedade. O diálogo Louro (2012), incita-nos a refletir que talvez seja mais produtivo, deixar de tratar as diversidades de sujeitos e práticas como um “problema” para pensá-las enquanto constituintes do nosso tempo. Tempo este, em que não cabem mais oposições binárias, frente à complexidade atual. A intenção não seria a extinção das diferenças, mas, a percepção de que estas multiplicaram-se, de forma contingente, relacional e provisória. Com a concretização temporal do projeto, ponderamos significativa pontuação dos seguintes aspectos: a) o despertar da autonomia, bem como a valorização do sujeito criador, autor de seu movimento, logo, dos significados a ele atribuídos; b) a formação de um grupo ativo e sensível em relação às diversidades e as diferenças, que busca na produção artística coletiva contrapor-se a simples reprodução mecânica e acrítica do movimento/arte. Desse modo, os resultados alcançados, juntamente aos desafios e dilemas vivenciados ao decorrer de quase cinco anos de existência/resistência, reforçam a necessidade de ampliação das ações previstas no projeto de extensão, com vistas à superação de paradigmas e estereótipos que historicamente desqualificam e inferiorizam as minorias. Assim, buscamos retratar e denunciar, por meio do corpo em movimento na dança, nossa inquietação frente aos fatos, pois, acreditamos no poder da arte como um caminho para sensibilizar os sujeitos a uma leitura crítica da realidade social. Nossa intenção é tencionar os retratos atuais por meio da arte! Arte essa que nos possibilite acreditar que novos fatos podem propiciar novos retratos!

Palavras-chave: Extensão; Dança; Diversidade; Diferença.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação: Conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1984.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, Gênero e Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE Jane; GOELLMER, Silvana Vilodre (Org.) **Corpo, Genero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

VENTORIM, Silvana et.al. **Paulo Freire: a práxis político-pedagógica do educador**. Vitória: EDUFES, 2000.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

ASPECTOS RELACIONAIS DA CRIANÇA COM AUTISMO¹¹⁶

Gabriel Vighini Garozzi¹¹⁷

José Francisco Chicon

A ideia de estudar a criança com autismo e seus aspectos relacionais surgiu da primeira experiência com esses sujeitos durante a participação no projeto “Brinquedoteca: aprender brincando” – na extensão de Ginástica – do Laboratório de Educação Física Adaptada (Laefa). Estudos têm revelado que o autismo é compreendido como uma síndrome comportamental e caracterizado por déficit na interação social, na linguagem e alterações de comportamento (KANNER, 1997; FALKENBACH; DIESEL; OLIVEIRA, 2010; ORRÚ, 2007). Diante das características apresentadas pelo aluno com autismo, Chiote (2011) e Siqueira e Chicon (2016) apontam que os professores possuem dificuldades em desenvolver práticas pedagógicas que permitam ao aluno participar ativamente das atividades educativas com os colegas e com os adultos e se apropriar dos conhecimentos escolares. Desse modo, a pesquisa objetivou compreender os aspectos relacionais de uma criança com autismo na interação com outras crianças em situações de brincadeiras. O estudo se configurou em uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso (LUDKE; ANDRÉ, 1986) e buscou observar, registrar e analisar os episódios do brincar de crianças com e sem autismo no espaço da brinquedoteca, organizada no Laefa do Centro de Educação Física e Desportos (Cefd), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Os participantes do estudo foram 17 crianças, de ambos os sexos, com idades de 3 a 6 anos, sendo 10 crianças de um Centro de Educação Infantil (CEI) com desenvolvimento típico, 6 com autismo e 1 com síndrome de Down, oriundas da comunidade de Vitória-ES. Esses alunos eram atendidos por 13 estagiários do Curso de Educação Física, em um encontro semanal, todas as quintas-feiras, das 14 às 15 horas, no período de março a novembro de 2016, totalizando 24 aulas/registros. A

¹¹⁶ O presente trabalho contou com financiamento do Fundo de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

¹¹⁷ Contatos dos autores: gabrielvighini@gmail.com; chiconjf@yahoo.com.br.

matriz teórica para análise dos dados fundamentou-se nos estudos sobre a importância da interação social e do brincar para o desenvolvimento infantil realizados por Vigotski (1997, 2007 e 2008) e seus colaboradores dentro da abordagem histórico-cultural. O processo de análise dos dados da pesquisa foi produzido por meio da abordagem microgenética (GÓES, 2000) e os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: a observação participante, a videogravação das sessões e os registros em diário de campo. A análise do episódio escolhido nos permitiu destacar diferentes aspectos. Ressaltamos a importância da brincadeira “A galinha do vizinho” ao favorecer uma maior interação entre as crianças, proporcionar uma vibração entre aquelas que estão em roda torcendo pelos colegas e um jogo de disputa entre uma criança que corre e a outra que representa o papel de pegador. Destacamos nesse episódio o papel de outra criança no desenvolvimento da brincadeira do menino com autismo e a atitude relevante do estagiário ao mediar a relação entre as crianças e favorecer a inserção da criança com autismo na atividade lúdica (CHIOTE, 2011). Outro aspecto observado no episódio a ser destacado na brincadeira realizada é o compartilhamento da atenção com os colegas, por parte da criança com autismo. Conforme Zanon (2012, p. 12), a atenção compartilhada é uma “[...] capacidade de coordenar a atenção com um parceiro social em relação a um referencial externo — um objeto, um evento ou um símbolo — em uma relação triádica”, nesse caso, uma criança com síndrome de Down, outra com autismo e o jogo (o evento). Por fim, nossas análises permitiram apontar o papel crucial de outra criança e dos adultos no desenvolvimento do brincar do menino com autismo; a possibilidade de compartilhamento de interesses e atenção durante brincadeiras tradicionais como “a galinha do vizinho” e a ação mediadora dos adultos no desenvolvimento potencial dessa criança durante a atividade lúdica, mesmo tendo como uma de suas principais características a dificuldade na interação social.

Palavras-chave: Autismo; Interação social; Mediação pedagógica; Brincadeira.

REFERÊNCIAS

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

FALKENBACH, Atos Prinz; DIESEL, Daniela; OLIVEIRA, Lidiane Cavalheiro de. O jogo da criança autista nas sessões de psicomotricidade relacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 203-214, jan. 2010.

GÓES, Maria Cecília Rafael de; A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedex** (Impresso), Campinas, v. 20, n. 50, p. 9-25, 2000.

KANNER, Leo. Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: ROCHA, P. S. (Org.) **Autismos**. São Paulo: Escuta; Recife, PE: Centro de Pesquisas em Psicanálise e Linguagem 1997. p. 111-171.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

SIQUEIRA, Mônica Frigini; CHICON, José Francisco. **Educação Física, autismo e inclusão: ressignificando a prática pedagógica**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas V: fundamentos da defectologia**. 5. ed. Madri: Visor, 1997.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-36, Jun. 2008.

ZANON, Regina Basso. **Déficit na iniciativa de atenção compartilhada como principal preditor de comprometimento social no transtorno do espectro autista**. 2012. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

**CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM HISTÓRICO CULTURAL PARA A
INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUTISMO**

Daiane Matheus Pessoa¹¹⁸

Maria das Graças Carvalho Silva de Sá

Trata-se de uma pesquisa teórica que se configura como base da produção de uma dissertação de Mestrado em Educação Física em andamento com objetivo de analisar as contribuições da abordagem Histórico cultural na perspectiva de Vygotsky para o processo de inclusão social de pessoas com deficiência intelectual e autismo. O estudo fundamenta-se essencialmente nas abordagens de Bakhtin e Vygotsky sobre a interação social e a linguagem no processo de desenvolvimento humano. A abordagem histórico cultural nos fornece subsídios para compreender a relevância das relações entre os sujeitos e o mundo, pois privilegia as interações sociais para o desenvolvimento do indivíduo. Lev Semenovich Vygotsky foi o grande idealizador desta abordagem, partindo do pressuposto de que o conhecimento é construído nas interações que o sujeito estabelece como seu meio sociocultural e analisando os processos que permitem que o ser humano se aproprie de sua cultura ao mesmo tempo em que a produz. Nessa direção, não são apenas os aspectos biológicos responsáveis pelo desenvolvimento dos seres humanos. Essa compreensão nos permite enxergar potencial de desenvolvimento em indivíduos cuja estrutura biológica não atende aos padrões normativos da sociedade. Nessa lógica, a deficiência não se apresenta como um fator limitador do desenvolvimento, mas a privação de experiências sociais e culturais, sim. E partindo da premissa de que o desenvolvimento humano só é possível através das relações sociais com o outro e com o mundo, e que essas somente acontecem com a mediação da linguagem, também buscamos compreender de que forma a multidimensionalidade da linguagem, sob a ótica de Vygotsky e Bakhtin, poderia oferecer subsídios para o

¹¹⁸ Contatos dos autores: daiane.mpessoa@gmail.com; mgracasilvasa@gmail.com.

desenvolvimento humano e inclusão social desses sujeitos. O princípio da origem social das funções psíquicas (VYGOTSKY, 1991; LEONTIEV, 1978), pressuposto básico da corrente Histórico-Cultural, contrapõe-se às diferentes versões do biologismo. Ela defende a natureza social-cultural do homem, de forma que seu desenvolvimento depende da apropriação (Leontiev)/internalização (Vygotsky) das características e da produção cultural humana. Conseqüentemente, o ser humano é uma produção social. “Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem primeiro no nível social, entre pessoas (interpsicológica), e depois no plano individual, no interior do sujeito (intrapsicológica)” (VYGOTSKY, 1991, p. 64). Essa teoria defende a existência de um processo de (re)constituição, no nível individual, de funções advindas do nível social. Isso é o que chamamos de internalização (VIGOTSKI, 2001). Essa capacidade de internalizar nos humaniza, permite que o sujeito saia de sua condição primitiva para se apropriar de conceitos concretos e abstratos especialmente humanos. É necessário então pensar métodos de assimilação dos conceitos que valorizem as especificidades de cada aluno, incluindo as dos alunos com deficiência. Nessa direção, Bakhtin (1999) aponta que o que as pessoas são ou virão a ser depende de uma continuidade de rupturas, apropriações e transformações que ocorrem no desenvolvimento e interação com os outros que produzem discursos também fazem parte de nossa linguagem, nosso pensamento, comportamentos e ações, evidenciando a linguagem como um indicador do desenvolvimento. Somos, portanto, frutos do que internalizamos do outro, do que recebemos, refletimos, aceitamos ou rejeitamos. Assim, o desenvolvimento da pessoa com deficiência, não está somente ligado a mecanismos biológicos, ou seja, com estímulos culturais adequados e adquiridos no coletivo, é possível compensar a “falha” orgânica (VYGOTSKY, 1997). Conviver em grupo com sujeitos de diversos níveis intelectuais constitui, um processo essencial para o desenvolvimento de pessoas com deficiência intelectual, principalmente no campo da interação. Portanto, é preciso superar as doutrinas formalistas de linguagem, oferecendo a possibilidade de interpretação e expressão através de maneiras distintas de linguagem. Que considerem as produções de linguagem já desenvolvidas por esses sujeitos, e amplie suas possibilidades de expressão.

Palavras-chave: linguagem; inclusão; deficiência intelectual; autismo

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- LEONTIEV, A. N. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VYGOTSKY, L. S. Fundamentos de defectología. In: _____. **Obras Escogidas V**. Madrid: Visor, 1997.
- VYGOTSKY, L.S. **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

**CORPO E CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
POSSIBILIDADES E TENSÕES A PARTIR DA FORMAÇÃO CONTINUADA
PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS**

Bruno Henrique de Paula¹¹⁹

A presente proposta trata-se de uma pesquisa mestrado em andamento. Nela busco refletir sobre a prática pedagógica de professores de Educação Física egressos dos cursos de formação continuada em educação para as relações étnico-raciais promovidos pela Prefeitura Municipal de Serra/ES. O principal objetivo dessa investigação é analisar se tais professores e professoras têm suas práticas ressignificadas após a realização do curso e, de forma específica, propõem articulações com análises dos processos de construção social do corpo e corporeidades. As principais questões que norteiam o estudo estão centradas na identificação de possíveis tensionamentos pedagógicos e epistemológicos que emergem no campo da Educação Física escolar a partir da lei. Dessa forma, é possível apontar lacunas e avanços existentes tanto na formação inicial e continuada desses professores. Sua relevância se dá pela necessidade da constante reflexão sobre a prática docente, bem como de discutir pedagogias antirracistas e emancipatórias. Apesar da emergência de estudos que analisam as relações étnico-raciais e educação ainda há muito que se fazer, principalmente quando se trata da Educação Física escolar. O presente estudo tenta de forma bastante singela estabelecer articulações entre conceitos que tomamos como importantes pontos de partida para ampliar as reflexões acerca da noção de corpos reais (ARROYO, 2016). De que corpo e corporeidade está se falando? Trata-se de algo universal? Se sim, como ficam aqueles que fogem a norma? Como a formação docente, inicial e continuada, trata tais problematizações? A colonialidade do ser e do saber em Quijano (2005) nos aponta para uma leitura crítica das relações dispare de poder tendo o conceito de raça como

¹¹⁹ Contato do autor: brunohpufes@gmail.com.

um dos elementos centrais para a classificação e dominação dos indivíduos, processo que emerge historicamente nos processos coloniais das Américas, no qual se insere o Brasil. Os trabalhos de Nilma Lino Gomes (2003, 2010, 2012, 2017) destacam o caráter pedagógico dos saberes constituídos pelo Movimento Negro brasileiro e como esses processos foram fundamentais para a emergência dos saberes estético-corpóreos, reafirmando a estética e corporeidade negra, bem como seu caráter emancipatório. A mesma autora ainda nos ajuda nas percepções acerca dos processos de implantação e implementação da lei 10.639/03, do parecer CNE/CP 03/2004 e da Resolução CNE/CP 01/2004. Pensando na formação docente, pretendemos também trazer problematizações sobre as políticas de formação continuada aproximando-as do cotidiano escolar. Como nos alertam Heringer e Figueiredo (2009), precisamos nos afastar da tendência de responsabilização dos professores e professoras quando nos referimos, especificamente, a implantação e implementação da lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Veremos, por exemplo, que a incompatibilidade entre a organização do trabalho docente e da gestação, assim como das noções acerca da função social da escola, acarreta em tensões que dificultam a efetividade de práticas emancipatórias. Azevedo et al (2010) chamam atenção para outros fatores importantes, como estender essa formação específica aos demais profissionais da educação e, aliado a isso, reconhecer tais agentes enquanto intelectuais críticos, não como meros aplicadores/executores de saberes. Todos e todas carregam consigo saberes e experiências plurais que extrapolam a prática profissional assim como a formação inicial, pois advém das práticas sociais e culturais. Essa gama de saberes deve ser contemplada nos processos de aprimoramento docente. Por fim, ao buscar compreender como o conceito de raça é operado, tanto como elemento de estratificação social e dominação de grupos definidos como inferiores, quanto demarcador de leituras/ações críticas e politizadas das relações sociais e raciais no contexto brasileiro, estaremos ampliando as possibilidades de análise acerca de sua inserção no campo político, pedagógico e epistemológico da formação docente inicial e continuada.

Palavras-chave: formação docente; educação física; relações raciais; corporeidade; corpo.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzalez. Corpos resistentes produtores de culturas corporais. Haverá lugar na Base Nacional Comum? **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 15-31, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/46291>>. Acesso em: 04 jul. 2018.
- AZEVEDO, Andréa Maria Pires et al. Formação continuada na prática pedagógica: a educação física em questão. **Movimento**, v. 16, n. 4, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1153/115316963014.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, Jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2017.
- _____, Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Cadernos ANPAE**, v. 1, p. 1-13, 2010. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/94.pdf>>. Acesso em: 16 de ago. 2017.
- _____, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/05.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2018.
- _____. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HERINGER, Dionésio Anito; FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. Práticas de formação continuada em educação física. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 83-105, jan. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/6255>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 227-287, 2005. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

DANÇA E AS CULTURAS INDÍGENAS: SEUS SÍMBOLOS E INTERFACES NO CORPO INDÍGENA DANÇANTE

Stephany Castro Freitas

Cecília Nunes Silva¹²⁰

Pensar sobre a construção de saberes a partir da cultura das práticas corporais no Brasil implica, inevitavelmente, na compreensão da multiplicidade de elementos culturais provenientes dos desdobramentos do processo de modernização global e de fatores contemporâneos relacionados às mudanças comportamentais no âmbito das sociedades. Nesse contexto, refletir sobre cultura(s) está atrelado à noção de grupos que compartilham costumes ora mais ora menos tradicionais ligados a referenciais étnicos, estéticos, religiosos, etc. Neste estudo, iremos destacar as culturas dos povos indígenas, que guardam semelhanças e distinções numa complexa rede de usos e apropriações peculiares a cada etnia e aldeia. Dessa forma, o presente trabalho, trata-se de um projeto de pesquisa em andamento do curso de especialização em Ensino de Dança¹²¹, no qual, tem por escopo analisar e relacionar o aporte teórico que tematiza a dança, bem como, a(s) representatividade(s) e interfaces do corpo dançante em aldeias indígenas. Para o desenvolvimento do estudo, será realizado a catalogação e levantamento de material teórico por meio de uma pesquisa do tipo bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2003). Assim, será optada a seleção de estudos realizados no período de 2000 a 2018 no qual, utilizaremos como fontes o portal de teses e dissertações da CAPES e três revistas¹²² da Educação Física. No segundo momento, iremos filtrar os materiais através de seus títulos bem como, leitura dos resumos a fim de selecionar os que dialogam de forma direta com os temas para análise aprofundada. Nesse processo, o esforço será

¹²⁰ Contatos dos autores: stephany.castrof@hotmail.com; cecilia.silva@ifbaiano.edu.br.

¹²¹ Curso de especialização – Programa da Pós-Graduação - ofertado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

¹²² Pensar a Prática, Movimento e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Além do portal da CAPES e as três revistas da Educação Física, foi realizado levantamento no sitio de pesquisa COEDUC e o periódico ESPAÇO AMERÍNDIO.

para que possamos perceber o que está em cheque atualmente sobre o tema - dança e corpo indígena - e suas lacunas. No processo de levantamento de referencial teórico, pudemos perceber que a implementação da lei 11.645/08¹²³ repercutiu no crescimento das publicações sobre a temática em diversos campos de conhecimentos. Essa constatação é obtida por meio de análise do número de trabalhos depositados nas fontes indicadas a partir do ano em que as leis tornaram obrigatória a inclusão do ensino e temática da cultura indígena, afro-brasileira e africana na Educação Básica (BRASIL, 2008). Por fim, se faz necessário ressaltar que este trabalho visa corroborar para difusão e protagonismo das culturas tradicionais e diversas, incentivando a produção de estudos sobre a temática cultura indígena¹²⁴.

Palavras-chave: dança indígena; culturas indígenas; corpo indígena.

REFERÊNCIAS

BRASIL. 11.645. Alterada pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**. 10 mar. 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 10 abr. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

¹²³ Este resultado foi obtido por meio de levantamento bibliográfico realizado no processo de iniciação científica e monografia do curso de Licenciatura em Educação Física findado em 2016/1. Assim, nos apoiamos e atualizamos tais dados ampliando a pesquisa para realização deste artigo.

¹²⁴ Tema central do projeto desenvolvido no processo de iniciação científica em 2015 e a monografia em 2016/1, no qual abordou a problematização educação escolarizada, práticas corporais e Educação Física escolar numa aldeia da etnia *Guarani Nhãdewa*, da cidade de Aracruz - ES.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

**EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO NO CURRÍCULO DE LICENCIATURA NO
CEFD-UFES**

Walkíria Alexa dos Anjos Santos¹²⁵

Ileana Wenez

O estudo emerge do desejo de investigar como é problematizado/incluído ou não o gênero no currículo de 2014 da licenciatura em Educação Física do Centro de Educação Física e deportes da Universidade Federal do Espírito Santo. Desdobra-se, ainda, em como a comunidade (alunos e professores) percebem a temática na formação inicial. Partimos da premissa de Silva (1999, p. 16), que entende que o currículo é também uma questão de poder e que as teorias do currículo estão ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia. Para a construção do trabalho, nos fundamentamos na concepção pós-estruturalista de Foucault, reconhecendo gênero como categoria analítica para abordar o currículo e formação inicial de professores em Educação Física. Consideraremos as contribuições das teorias tradicionais, críticas e pós-críticas para ilustrar as preocupações e as ideias que esses modelos curriculares perspectivam, contudo, essa pesquisa dialogará com mais assiduidade com as teorias pós-críticas, visto que “as teorizações pós-estruturalistas e pós-modernas dominam as análises, desestruturando uma série de certezas e valores aceitos e difundidos pelos pesquisadores críticos” (SILVA, et al., 1994, p. 9). Além do mais, a teorização pós-crítica de currículo se preocupa com categorias/marcadores que perpassam e constituem o atual trabalho, são elas: [...] cultura, identidade, subjetividade, raça, gênero, sexualidade, discurso, linguagem (MOREIRA et al., 2011, p. 8). Além disso, gênero, assim como entendido aqui, está presente nos documentos que regem a nossa prática como, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares da Educação Física (BRASIL, 1997), onde aparece como critério para avaliação da Educação Física no primeiro ciclo,

¹²⁵ Contatos dos autores: walkiria.dosanjos@gmail.com; ilewenez@gmail.com.

objetivando que a criança deva interagir com seus colegas sem estigmatizar ou discriminar por razões físicas, sociais, culturais ou de gênero (BRASIL, 1997, p. 49). A pesquisa utilizará como metodologia em três partes complementares: 1. Análise do Currículo do Curso Educação Física (Licenciatura); 2. Aplicação de um questionário semiestruturado aos discentes e; 3. Realização de entrevistas semiestruturadas aos docentes que tenham ministrado a temática de gênero no curso ou aproximação com o tema a fim de analisar se sua prática pedagógica leva em consideração as questões de gênero que estão presentes no cotidiano das escolas. Por uma questão de método, optamos por discentes matriculados no currículo de 2014, e a turma escolhida foi escolhida por ser a turma mais antiga desde que este currículo entrou em vigor. Além disso, a turma já fez as disciplinas de ATIF Experiências de Ensino Em Temáticas Transversais e Oficina de Docência em Temáticas Transversais. A pesquisa ganha relevância, por estar sendo feita por uma aluna que foi submetida em seu processo de formação a esse currículo e que teve a sensação que de era necessário que durante as aulas se dedicasse mais tempo para o estudo de um tema emergente na contemporaneidade, sobretudo com o avanço de políticas de retrocesso e de perda de direitos. Assim, buscamos apontar as nuances no currículo, com o desejo de promover a problematizações a respeito do documento no sentido de potencializa-lo, oferecendo cada vez mais uma formação humana e crítica que nos dê condição de enfrentamento às adversidades e diminuição das desigualdades.

Palavras-chave: Educação Física; Gênero; Currículo; Formação Inicial; Licenciatura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.

SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. **Currículo, cultura e sociedade**. (Org.) 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994. v. 1. 154p.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. 1. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 1995. v. 1. 154p.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

**EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: O PROFESSOR COMO MEDIADOR NA
EXPERIÊNCIA DE BRINCAR DA CRIANÇA COM AUTISMO¹²⁶**

Flaviane Lopes Siqueira Salles¹²⁷

José Francisco Chicon

Ivone Martins de Oliveira

A discussão em torno do tema do autismo é complexa e, quando pensamos a ação docente com esses alunos, a complexidade torna-se ainda mais intensa, pois envolve múltiplos saberes, dentre eles, na experiência da educação infantil, o brincar (CHICON et al., 2016; CHIOTE, 2011; OLIVEIRA; VICTOR; CHICON, 2016). Para Vigotski (1997), as características apresentadas pelos sujeitos com deficiência são causadas para além dos aspectos biológicos, também, por uma insuficiência no desenvolvimento cultural, reafirmando o componente social como determinante no processo de desenvolvimento de indivíduos com alguma deficiência, podendo favorecer ou empobrecer esse funcionamento, de acordo com as experiências que lhes são proporcionadas. Nesse contexto, duas questões nos incomodavam em relação ao trabalho didático-pedagógico envolvendo crianças com autismo nas situações de brincadeiras: como a ação mediadora do professor pode favorecer o desenvolvimento do brincar de crianças com autismo? Como a ação mediadora do professor pode promover a interação da criança com autismo com outras crianças na brincadeira? Diante dessas questões, este trabalho tem como objetivo analisar as possibilidades e formas de mediação pedagógica, desenvolvidas pelo professor nos processos de aproximação da criança com autismo com os seus pares na brincadeira. Trata-se de um estudo de caso (LUDKE; ANDRÉ, 2013) realizado em uma brinquedoteca universitária e em outros espaços lúdicos utilizados como extensão da mesma (CUNHA, 2004). No estudo participaram 17 crianças de ambos os sexos, com idades de três a seis anos — dez com

¹²⁶ O presente trabalho contou com financiamento do Fundo de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

¹²⁷ Contatos dos autores: fsalles@hotmail.com; chiconjf@yahoo.com.br; ivone.mo@terra.com.br.

desenvolvimento típico, seis com autismo e uma com síndrome de Down, acompanhados por 13 estagiários (professores/brinquedistas). Desse grupo, elegemos como sujeitos foco, uma professora/brinquedista e uma das crianças com diagnóstico de autismo - Maicon. Na análise, encontramos diferentes episódios de brincadeiras em que a professora/brinquedista buscava incentivar a criança para realizar alguma brincadeira, porém, Maicon não permanecia por mais de um minuto na brincadeira e logo se afastava para ficar correndo em círculos. As crianças não buscavam por ele e nem ele por elas. A falta de interesse de Maicon pelos brinquedos e brincadeiras fazia com que ele fosse objeto de muito cuidado, por receio, inclusive, de ele se machucar, limitando as possibilidades de ação dele no espaço. O esforço do professor estava em ampliar as experiências da criança com autismo nos tempos e espaços da brinquedoteca e fazer com que ele vivenciasse a coletividade. Na análise, enfocamos uma situação de brincadeira no gira-gira que revelou um momento favorável para que Maicon estabelecesse as primeiras aproximações com seus parceiros, de forma similar ao observado para as crianças com desenvolvimento típico. De acordo com Souza e Batista (2008), o contato mais próximo com os colegas pode contribuir para os processos de construção e transformação de significados no desenvolvimento das crianças com autismo. Tomando como base o pressuposto de que a relação com o outro constitui o sujeito e potencializa o seu desenvolvimento (VIGOTSKI, 1997, 2009), reconhecemos a importância das interações no processo de constituição da criança com autismo e ressaltamos que isso não deve ser ignorado em nenhum momento. Além de um ambiente inclusivo, faz-se necessária a participação de dois ou mais profissionais atuando em parceria com a turma, promovendo encontros entre a criança e os demais colegas.

Palavras-chave: Educação Física Inclusiva. Mediação. Autismo. Brincadeira.

REFERÊNCIAS

CHICON, J. F. et al. Educação física e inclusão: a mediação pedagógica do professor na brinquedoteca. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 279-292, jan./mar. 2016.

CHIOTE, F. de A. B. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil.** 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

CUNHA, N. H. da S. **Brinquedoteca um mergulho no brincar.** 3. ed. São Paulo: Ed. Aquariana, 2004.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. G. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2. ed. Rio de Janeiro: E. P. U., 2013.

OLIVEIRA, I. M. de; VICTOR, S. L.; CHICON, J. F. Montando um quebra-cabeça: a criança com autismo, o brinquedo e o outro. **Revista Cocar**, Belém, v. 10, n. 20, p. 73-96, ago./dez. 2016.

SOUZA, C. M. L; BATISTA, C. G. Interação entre crianças com necessidades especiais em contexto lúdico: possibilidades de desenvolvimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722008000300006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21dez. 2017.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V: fundamentos de defectologia.** Madri: Visor, 1997.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Pôster

**EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: A POTÊNCIA DA FORMAÇÃO
PROFISSIONAL E SEUS IMPACTOS NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Lorena Nascimento Ferreira¹²⁸

Carolina Araújo dos Santos

Wesley Sales Miranda da Costa

Luis Gustavo Nogueira Resende

Bruna Teixeira Carneiro

O projeto de pesquisa em questão engloba questões referentes a Educação Física, Saúde e a sua relação com a Educação Inclusiva. A partir da perspectiva das ciências humanas e sociais, almejamos analisar e compreender quais fatores relacionados à Saúde e à Educação Física interferem no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais. As etapas da pesquisa se desenvolverão a partir do levantamento bibliográfico acerca das produções na área, possibilitando identificar as lacunas que durante a formação do professor de Educação Física interferem no processo de ensino-aprendizagem dessa temática na educação básica. A partir das observações encontradas faremos uma incursão in loco, em 5 escolas públicas do município da Serra-ES, na perspectiva de potencializar práticas que possibilitem contribuir com uma Educação Física inclusiva, discutindo como a capacitação reverbera em ações significativas no contexto da educação escolar. Portanto, docência, processo de ensino-aprendizagem e práticas corporais em prol da saúde compõem o contexto de investigação sobre o qual as pesquisas se desenvolverão. Isto posto, para garantir efetivamente a inserção dos alunos com deficiência no ensino regular é preciso investir na formação de profissionais qualificados, com entendimento em saúde e humanização (inclusive por parte dos alunos), na organização da escola (reorganização dos espaços) e

¹²⁸ Contatos dos autores: lorena_nferreira@hotmail.com; carolinalogin95@gmail.com; wesleysalesmirancac@gmail.com; luis.gustavo100@hotmail.com; bruna.es.br@gmail.com.

o apoio da família dentro e fora do contexto escolar. Além dessas questões, proporcionar momentos de experiência de alunos em formação com profissionais que possuem mais tempo nesse campo de atuação é fundamental, já que durante o período de formação, apenas as disciplinas teóricas não conseguem proporcionar essas experiências que agregam na nossa formação pessoal e profissional. Ao dialogar sobre essa questão, Costa (2010) reafirma que na formação docente há uma escassez de conteúdos e, por assim dizer, disciplinas, bem como habilitações que possam contribuir qualificação desse profissional para atuar no processo de inclusão escolar dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Ao discorrer sobre essa constatação, Fiorini; Manzini (2014) indicam que as dificuldades para incluir os alunos no contexto da educação escolar estão além das condições de trabalho, de modo que se concentram na indisponibilidade de parte dos docentes em aceitar mudanças, refletir e modificar sua conduta, assim como o desinteresse em estudar e dialogar com os pares acerca de possibilidades e novas ideias. A insegurança dos professores de Educação Física também pode ser um fator que dificulta a inclusão do aluno com deficiência. Nesta perspectiva, esta pesquisa é de extrema relevância para mostrar à área da educação o quanto é importante o planejamento coletivo/colaborativo para o ensino aprendizagem dos alunos, o crescimento profissional de ambos os envolvidos, como também a possibilidade de narrar e poder registrar como esses momentos tão pertinentes no processo de formação profissional, visto que é na interação com o outro que nós enquanto profissionais nos constituímos e aprendemos. Além disso, a possibilidade de lidar com pessoas que apresentam Necessidades Educacionais Especiais, é um aspecto diferencial durante a nossa formação, buscando a qualificação do planejamento e atendimento a este público específico, ampliação do campo do saber (educacional e em saúde), relações profissionais, além de proporcionar melhores condições de aprendizado desses alunos na rede escolar de ensino. Desta maneira, entender de que forma este profissional pode potencializar sua prática contribuindo em saúde e educação a este grupo, ainda é um desafio.

Palavras-chave: Inclusão; Educação Física; formação continuada; práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

COSTA, Vanderlei Balbino da. Inclusão escolar na educação física: reflexões acerca da formação docente. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 16 n. 4, p. 889-899, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n4/a09v16n4.pdf>>. Acesso em: 15 Julho de 2017.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Inclusão de alunos com deficiência na aula de Educação Física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do Professor. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 3, p. 387-404, Jul.-Set., 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n3/05.pdf>>. Acesso em: 15 Julho de 2017.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Pôster

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO
COMPLEMENTAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E
SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA**

Ramiro Henrique Conceição Santana dos Santos

Milena de Oliveira Almeida

Tatiana Silva da Conceição

*Rafaela Gomes dos Santos*¹²⁹

O mundo caminha para construção de uma sociedade cada vez mais inclusiva e os sinais desse processo de construção são visíveis com frequência, por exemplo, nas escolas, na mídia, nas nossas vizinhanças, nos recursos da comunidade e nos programas e serviços (SASSAKI, 2005). Sendo assim, é de grande importância a inserção do licenciando em Educação Física na rotina escolar inclusiva, pois é na escola que se consegue enxergar as qualidades e dificuldades quando se trata da inclusão, é fundamental para os discentes ter uma visão mais ampla do assunto, tirar suas dúvidas, medos e superar até mesmo as suas resistências, na qual ainda existe bastante ao trabalhar com alunos com necessidades especiais (SASSAKI, 2009; FREIRE; OLIVEIRA, 2004; BRASIL, 2000). Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas em uma escola nos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública municipal em Teixeira de Freitas-BA. O estágio no qual é referido é complementar, ou seja, não obrigatório, porém é de grande importância vivenciar esses espaços, sendo enriquecedor para o nosso conhecimento, como discentes no curso de Educação Física, podendo assim proporcionar saberes e atitudes comportamentais perante várias situações com crianças, adolescentes e até mesmo jovens adultos em sala de aula. Com essa experiência de estágio foi possível desenvolver aos discentes as diversas facetas da educação inclusiva, a saber: o acompanhamento na escola na qual está sendo feito o

¹²⁹ Contatos dos autores: ramiro.henrique7@gmail.com; m.o.almeida@outlook.com.br; tatianasilva.ts@hotmail.com; rafagomes.edf@gmail.com.

estágio, que atende não apenas um aluno, mas todos aqueles que tem o laudo ou dificuldade de aprendizagem; o acompanhando a rotina dos professores regentes, nesse aspecto foi possível perceber que cada aluno com deficiência reage de forma diferente para os seus cuidadores e os seus incentivos e por isso o professor precisa realizar aulas planejadas e estruturada de maneira flexível, pois no processo de práxis pedagógica é que se dá o ensino aprendizagem dos professores e seus educandos. Nesse contexto, foi possível perceber também que a base familiar é de muita importância para o avanço dos alunos com necessidades especiais. Desse modo, em pouco tempo de experiência foi possível notar que muitas famílias são negligentes com a educação dos mesmos, acreditando que por terem suas deficiências não podem ser inclusos em sistema educacional regular, precisando assim de atendimento em escolas especiais. De acordo com Sasaki (2005) todas as formas até então vigentes de inserção escolar partiam do pressuposto de que devem existir dois sistemas de educação: o regular e o especial, aquelas crianças na qual conseguem acompanhar os colegas podem ser matriculadas no sistema regular, nota-se que muitas escolas, por vezes acabam aceitando alguns alunos especiais, porém sem nenhum preparo para atendê-los, assim inviabilizando a deficiência do aluno e até podendo mesmo constrangê-lo em certas atividades educacionais, dependendo do seu tipo de deficiência, seja motora, cognitiva, visual e auditiva (SASSAKI, 2009). Desta forma, enquanto licenciandos em Educação Física, vimos nesse estágio que podemos promover a aprendizagem de crianças com deficiência com base em atividades motoras e pedagógicas, favorecendo o desempenho educacional e motor da criança, relacionando-se com a área psicopedagógica no processo de ensino-aprendizagem das mesmas, provocando, assim, melhorias no desenvolvimento de pessoas com deficiências. Com isso, ressalta-se a relação da Educação Física com as áreas educacionais e psicopedagógicas no processo de ensino-aprendizagem de crianças com deficiência, pois esse componente curricular possui condições de favorecer esses benefícios (CASTELLANI FILHO, 2014; BRASIL, 2000). Portanto, mesmo diante dos problemas enfrentados no âmbito escolar, é dever do educador, cuidador, incluir, seja no convívio escolar e na sociedade em geral essas

pessoas com necessidades especiais, afim de viabilizar melhores condições de vida, na perspectiva de inclusão e não integração.

Palavras-chave: Inclusão; Deficiência; Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física.** Secretaria de Educação Fundamental, v. 7. 2ª ed. Rio de Janeiro: DR&A, 2000.

CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Metodologia do ensino de Educação Física.** Cortez Editora, 2014.

FREIRE, Elisabete dos Santos. OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de. Educação Física no Ensino Fundamental: identificando o conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista. Motriz.** Rio Claro. V. 10. 2004.

SASSAKI, Romeu K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação.** Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

FORMAÇÃO, GESTÃO E INCLUSÃO: DIALOGANDO COM OS ESTUDOS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL/EDUCAÇÃO FÍSICA

*Gabriela de Vilhena Muraca*¹³⁰

A inclusão, no âmbito da educação, preconiza o princípio da diversidade como um elemento que pode contribuir no processo de escolarização de todos os alunos, pois pressupõe eliminar a exclusão e outras barreiras socialmente construídas ao longo de nossa história que impedem o acesso ao direito à educação e aos bens produzidos por ela. O respeito à diversidade chama a atenção para que percebamos que “[...] todas as diferenças humanas são normais e, portanto, a aprendizagem deve ajustar-se às necessidades de cada criança” (CHICON, 2013, p. 43). Esses princípios são importantes para que as instituições de ensino se transformem em locais de estimulação ao convívio humano que considere o respeito, os hábitos e as limitações de cada aluno. Na inclusão educacional, torna-se necessário o envolvimento dos professores, gestores e outros membros da equipe escolar no planejamento de ações e procedimentos que promovam a melhoria do atendimento aos alunos. No entanto, alguns estudos da área educacional (CHICON, 2005; JESUS, 2006; CRUZ, 2005, 2008) revelam que os professores regentes e os de Educação Física, de maneira geral, se dizem não preparados para atuar com o público-alvo da Educação Especial (pessoas com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação). Em relação aos desafios encontrados pelos gestores da Educação Especial, emerge a necessidade de investimento na formação de gestores em Educação Especial, na perspectiva da inclusão escolar (NASCIMENTO et al., 2012; CUEVAS; NOGUEIRA; BORGES, 2012). Uma forma de atender a esse alerta que perpassa por todo o sistema de ensino é o investimento na formação do professor, oportunizando o aprimoramento de sua prática em seu processo de ensino com todos os seus alunos, inclusive, aqueles público-alvo da

¹³⁰ Contato do autor: biamuraca@gmail.com.

Educação Especial. Quando colocamos em questão a formação continuada de professores gestores em Educação Especial, identificamos que esse é um assunto ainda pouco explorado, tendo em vista que são poucas as pesquisas que versam sobre a formação continuada oferecida para gestores públicos de Educação Especial (BORGES; NOGUEIRA; ANJOS, 2012). Trata-se de pesquisa bibliográfica baseada no periódico da Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE) e nos anais do Congresso Brasileiro de Educação Especial (ACBEE) e também na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (ACBCE) no período de 2010 a 2015, com o objetivo de investigar e analisar a produção e discussão do conhecimento no que se refere à formação continuada de professores gestores de Educação Especial e Educação Física, na perspectiva da inclusão. A escolha desses periódicos e dos anais indicado leva em consideração sua importância para o campo da Educação Especial e da Educação Física, em nível nacional e sua tradição como revistas e eventos científicos de referência para o meio acadêmico e profissional. Como resultados da pesquisa foram encontrados nove artigos referentes à formação continuada de gestores em Educação Especial, não foram encontrados artigos que sobre formação de gestores e Educação Física. Da leitura e análise dos textos emergiu duas categorias principais: Formação continuada de professores gestores em Educação Especial e Rede de colaboração. Evidenciaram-se aspectos que desafiam o sistema educacional e os profissionais responsáveis pela gestão em Educação Especial: a) ênfase na aprendizagem dos alunos com deficiência/transtorno global do desenvolvimento; b) necessidade de investimento na formação de gestores da Educação Especial, docentes da Educação Especial e docentes do ensino regular, na perspectiva da inclusão. Além disso, na análise dos nove textos encontrados, os gestores apontam dois fatores que dificultam e, muitas vezes, impedem a efetivação de planos de trabalho: a) a rotatividade dos gestores do setor de Educação Especial nos municípios; b) a demanda de trabalhos que o gestor de Educação Especial exerce dentro de seus contextos de atuação.

Palavras-chave: Formação Continuada; Gestão; Educação Inclusiva.

REFERÊNCIAS

BORGES, C. S.; NOGUEIRA, J. de O.; ANJOS, C. F. A produção de conhecimento a partir das expectativas e/ou motivações dos cursistas do curso de formação continuada de gestores de educação especial do Espírito Santo. In: Congresso Brasileiro de Educação Especial, 5. 2012, São Carlos-SP. **Anais eletrônicos...** São Carlos/SP: CBEE, 2012.

CHICON, José Francisco. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão: um mergulho no brincar**. 2. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

CHICON, José Francisco. **Inclusão na Educação Física escolar: construindo caminhos**. 432 f. 2005. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (FEUSP), São Paulo, 2005.

CUEVAS, M. R. C.; NOGUEIRA, J. de O.; BORGES, C. S. Formação continuada de gestores públicos de educação especial: análise dos planos de trabalho da região metropolitana da Grande Vitória/ES. In: Congresso Brasileiro de Educação Especial, 5. 2012, São Carlos-SP. **Anais eletrônicos...** São Carlos/SP: CBEE, 2012.

CRUZ, G. C. **Formação continuada de professores de educação física em ambiente escolar inclusivo**. Londrina: EDUEL, 2008.

CRUZ, Gilmar de Carvalho. **Formação continuada de professores de educação física em ambiente escolar inclusivo**. 2005. 229 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2005.

JESUS, D. M. de. Inclusão escolar, formação continuada e pesquisa-ação colaborativa. In: BAPTISTA, C. R. (Org.). **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 95-106.

NASCIMENTO, A. P. et al. Processo de gestão pública de educação especial no noroeste do espírito santo: possibilidades e tensões. In: Congresso Brasileiro de Educação Especial, 5. 2012, São Carlos-SP. **Anais eletrônicos...** São Carlos/SP: CBEE, 2012.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Pôster

MULHERES TORCEDORAS: MAPEANDO A REDE ATIVISTA NO BRASIL

Kerzia Railane Santos Silva¹³¹

Mariana Zuaneti Martins

Ainda que existam obstáculos à presença de mulheres no futebol, as mesmas praticam, lecionam aulas nas escolas de educação básica, em projetos e escolinhas de futebol, assistem a modalidade e ressignificam a cultura buscando um espaço legítimo para essas práticas no contexto futebolístico. Neste cenário, este trabalho tem por objetivo mapear a presença destas ações no contexto da cultura torcedora, fruto de um movimento que emergiu no ano de 2017, intitulado Mulheres de Arquibancada. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, com base no mapeamento, inspirado na perspectiva de etnografia digital, da rede de mulheres que compõem essa organização, por meio da ferramenta “facebook”. As publicações foram interpretadas com base nos discursos que veiculavam. Em sequência, estabelecemos contato com três mulheres organizadoras da página do movimento, realizando entrevistas com as mesmas. A rede começou a ser desenvolvida a partir de 2017, orientada pela organização do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, que ocorreu em junho daquele ano. Participaram do evento mulheres advindas de 48 organizações, dentre torcidas organizadas, pelotões femininos e coletivos feministas, de 13 estados do Brasil. A partir desse encontro, essa rede começou a nutrir a página do facebook, incorporando algumas ações que acontecem no cotidiano da cultura torcedora dos coletivos espalhados pelo Brasil, tendo em vista que o aumento do número de mulheres que frequentam o estádio tem se tornado notório e, para tanto, essa presença fomenta reflexões relacionadas aos atos e condutas por elas empreendidas a fim de conquistar os espaços para o torcer. (BONFIM; MORAES, 2017). Notificamos a publicização de ações sociais de “caridade” e de conscientização contra machismo e homofobia (dentro e fora dos estádios) por parte dessas torcedoras

¹³¹ Contatos dos autores: kerziar@gmail.com; marianazuaneti@gmail.com.

ativistas, onde segundo Pinto e Bonfim (2017) é questionado o fato de que o futebol e suas instâncias é “coisa pra macho”, o que desencadeia pensamentos misóginos e homofóbicos, que por sua vez são confrontados visando um espaço para o torcer de equivalência, sendo esse harmonioso, respeitoso e tolerante para todas as pessoas. A página também é utilizada para veiculação de imagens dessas torcedoras nos estádios, de modo a dar visibilidade a uma cultura torcedora feminina, algo pouco presente nos relatos acadêmicos. Também foram realizados encontros estaduais desse movimento, tendo em vista o crescimento da rede de organizações, assim como também acontecerá o II Encontro Nacional em 2018. Nota-se que a página objetivou sobretudo visibilizar uma outra narrativa imagética sobre as mulheres no futebol, veiculando inúmeras imagens de mulheres torcedoras e seus protestos, seja sobre o machismo no interior dos estádios ou sobre acontecimentos políticos nacionais, como foi o caso do momento da morte da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco. Além da visibilidade, a página também coloca-se como formadora de opinião no contexto do futebol, tentando promover uma cultura mais solidária entre as mulheres, configurando-se como uma amálgama de ações locais, promovendo ações unificadas como os Encontros estaduais e nacionais. Apesar de a cultura torcedora ser marcada pela rivalidade clubística, essas torcedoras ativistas buscam modificar essa realidade no contexto do futebol, assim como na sociedade, a fim de possibilitar o acesso de toda pessoa, independente das questões de gênero, raça, orientação sexual e religião, promovendo uma mudança do pensamento distintivo da cultura torcedora de uma forma geral (as rivalidades acirradas entre clubes e as hierarquizações existentes entre eles), tornando o espaço da arquibancada um ambiente para socialização, afirmando assim, um sentido comum à presença das mulheres nos estádios, que seria a luta pela igualdade.

Palavras-chave: Futebol; Torcedoras; Ativistas.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Aira; MORAES, Carolina. Mulher no futebol: no campo e nas arquibancadas. In: STEFANO, Daniela; MENDONÇA, Luiza (Orgs.). **Direitos**

Humanos no Brasil 2016: Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.
São Paulo: Editora Outras Expressões, 2016.

PINTO, Maurício Rodrigues; BONFIM, Aira. **“Pelo direito de torcer”:** A experiência de grupos e coletivos de torcedorxs de futebol contra a cultura de que futebol é coisa pra macho. Florianópolis, 2017.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Relato de Experiência

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Claudio Roberto de Jesus Pereira¹³²

Rafaela Gomes dos Santos

Os estereótipos de gêneros delimitam papéis na sociedade que cerceiam possibilidades e influenciam nas dinâmicas das competências. A sociedade cria expectativa sobre os gêneros, desde a mais tenra infância, o que pode limitar as aspirações futuras de homens e mulheres. A Educação Física é um local privilegiado de discussões acerca do tema gênero, uma vez que se utiliza das expressões corporais para viabilizar conhecimentos da cultura do movimento humano. O presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em Educação Física desenvolvido sobre a temática “Relações de gênero na prática esportiva”. O presente estudo é do tipo qualitativo, caracterizado como relato de experiência de intervenção, realizada no decurso da regência do Estágio. As Estratégias do Plano de Ensino foram: discutir questões de gênero a partir do tema mulheres nos esportes, principalmente naqueles praticados comumente por apenas um dos sexos. Foi discutido a questão das mulheres sendo estigmatizadas nos esportes como “musas”. Assim, foi feita uma apresentação através de imagens sobre a participação esportiva de homens e mulheres. Apresentou-se um vídeo sobre a marcha atlética masculina e posteriormente houve uma discussão acerca daquela modalidade sendo praticada entre os alunos. Os rapazes se mostraram um pouco avessos, pois sua prática simularia um rebolado. Discutiu-se sobre como o esporte poderia interferir nas masculinidades/feminilidades, além da ideia de cerceamento de possibilidades. Apresentou-se fotografias com a prática esportiva de homens e mulheres, enfatizando os trajes utilizados pelos mesmos, ensejando discutir acerca dos trajes esportivos e o porquê dos trajes femininos serem diminutos se

¹³² Contatos dos autores: claudio.mundial@gmail.com; rafagomes.edf@gmail.com.

comparados aos masculinos. Os gêneros se inscrevem culturalmente em determinado contexto, recebendo marcas desta cultura, compostas por relações sociais. As identidades sociais buscam a integração e o pertencimento a determinado grupo social de referência (LOURO, 2007). A naturalização da cultura é um processo histórico sob o qual se tenta legitimar discriminações, determinações de papéis na sociedade, principalmente com intuito de se exercer a dominação, neste aspecto, sobrepujança de homens às mulheres (GOELLNER, 2008). O sexismo é evidenciado no âmbito escolar, o qual contribui para a aceitação como fato natural (DELAMONT, 1985). Entretanto, espera-se que as instituições escolares combatam preconceitos, o que se apresenta como um paradoxo, visto que, no que concerne ao gênero e a sexualidade, a escola é reprodutora de heteronormalidades. O contraponto está no fato que não há um determinismo nem no nível cultural, porque as relações de alteridade envolvidas nas construções identidades são contribuintes para as significações (AVILA; TONELI; ANDALÓ, 2011). A Educação Física escolar já apareceu com ideais deterministas, trazendo em sua metodologia de ensino o aprimoramento das capacidades físicas e suscitando que meninos e meninas detinham estas capacidades diferenciadas e, portanto, deveriam ser separados nas aulas (SOARES, 1994). A Educação Física, se por um lado é privilegiada por poder conter, por outro historicamente tipificou as atividades sob as quais meninos e meninas estavam submetidos, reforçando não somente a fragilização do feminino, mas também exacerbando o estereótipo masculino de virilidade (PEREIRA et al., 2015). A escola encontra-se em posição privilegiada no processo de socialização, pois possui sistemas e métodos capazes de formar opiniões e contribuir na construção de identidades, portanto, entende-se que no Estágio Supervisionado foi fulcral tratar de um assunto relevante para a sociedade como um todo. Salienta-se a influência destas questões na criação de estereótipos que cerceiam direitos e deveres, principalmente às mulheres, para que se possibilitem o protagonismo de suas próprias vidas. É possível afirmar que o Estágio se mostrou como uma experiência ímpar, trazendo vários conhecimentos que não poderiam ser adquiridos apenas com a leitura da literatura acadêmica, sendo assim indispensável para a formação do futuro professor.

Palavras-chave: Gênero; Esporte; Educação Física.

REFERÊNCIAS

AVILA, A H.; TONELI, M J F.; ANDALÓ, C S de A. Professores/as Diante da Sexualidade-Gênero no Cotidiano Escolar. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 16. N. 2. P. 289-298, abr./jun. 2011

DELAMONT, S. **Os papéis sexuais e a escola**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

GOELLNER, S V. “As Mulheres Fortes são Aquelas que fazem uma Raça Forte”: Esporte, Eugenia e Nacionalismo no Brasil do Século XX. **Recorde: Revista de História do Esporte**, vol. 1, número 1, junho de 2008.

LOURO, G L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 8–34.

SOARES, C L. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

OS MOVIMENTOS PEDAGÓGICOS DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESPÍRITO SANTO EM RELAÇÃO ÀS POLÍTICAS DE GÊNERO PARA A EDUCAÇÃO

Erineusa Maria da Silva

Eliza Bartolozzi Ferreira¹³³

Este estudo, realizado em nível de doutoramento, tem como objetivo geral analisar os movimentos das professoras na constituição das políticas de gênero para a educação e também o seu exercício de implantação no interior das escolas de educação básica do Espírito Santo. Busca conhecer e analisar a natureza das ações que podem ser observadas no exercício da ação pedagógica das professoras e no modo de organizar o trabalho docente. Tem como objeto de pesquisa as demandas e ações das professoras de educação básica em face à produção e implementação das políticas públicas de gênero para a educação no Espírito Santo. Defende como tese que, apesar das diversas contenções (precarização do trabalho docente, fragmentação na organização do trabalho, cultura patriarcal, emergência de ações sociais conservadoras etc.), as ações pedagógicas das professoras indicam a existência de um movimento pedagógico de gênero em curso nas escolas que se relaciona com o movimento feminista e de mulheres no campo social e acadêmico. A existência desse movimento pressupõe que as professoras têm realizado ações pedagógicas que buscam desnaturalizar as dissimetrias e as hierarquizações no campo das relações de gênero e que esse movimento foi potencializado pelas políticas públicas implementadas pelo Governo Federal e estadual, no período de 2001 a 2016. A pesquisa qualitativa teve como atrizes as professoras que participaram do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) nos anos de 2011-2012 e 2013-2014. Valeu-se de dados recolhidos por meio de uma pesquisa dos documentos que fundamentam a política de gênero para a educação no Brasil e no Espírito Santo, de

¹³³ Contatos dos autores: erineusams@yahoo.com.br; eliza.bartolozzi@gmail.com.

um survey e de grupos focais nos municípios-polo que ofertaram o curso GDE. As análises dos dados recolhidos pelo *survey* foram realizadas pelo *software Statistical Package for Social Science for Windows* (SPSS) e as dos grupos focais foram feitas com base em elementos da análise de conteúdo (BARDIN, 2008). Na condução teórico-metodológica do trabalho e nas análises dos dados recolhidos, adota como base alguns estudos da Sociologia da Educação. Especificamente, o trabalho de Pierre Bourdieu (1996, 1997, 2002, 2005) ajudou a refletir sobre as permanências e contenções, tendo em vista a tendência de o agente produzir práticas objetivamente ajustadas às estruturas (*habitus*), mas também a perceber o *habitus* como uma tendência, vislumbrando a produção de vazamentos às cunhagens. Os estudos de Alan Touraine (1994, 1998, 2011) contribuíram para se perceber e compreender as ações coletivas nas escolas como uma nova forma de ação que gera o que se nomeia de movimento pedagógico de gênero. Esta tese se apoia em Scott (1995) quanto ao uso da categoria gênero e em McNay (1999) quanto ao *habitus* de gênero para perceber os possíveis vazamentos às permanências e contenções no que tange às políticas e ações de gênero. Esses conceitos foram tomados como um recorte teórico-metodológico importante para desvelar a construção de significados que perpassam as relações sociais e impactam o agir das professoras e a política de gênero para a educação. O estudo conclui que o avanço das políticas públicas no período estudado e o agir das professoras, seja de forma otimista-articulada, seja silenciosa-individual, indicam estar ocorrendo um movimento pedagógico de gênero nas escolas que, apesar de emergir de uma empatia dessas professoras em relação ao tema, foi potencializado pela política pública GDE.

Palavras-chave: Política educacional. Política de gênero. Movimento pedagógico de gênero.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2008.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. (Org). **A miséria do mundo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Pierre Bourdieu**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. Entrevista concedida a Maria Andréa de Loyola.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 6. edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

McNAY, L. Gender, habitus and the field: Pierre Bourdieu and the limits of reflexivity. **Theory, Culture & Society**. Londres: SAGE, v. 16, n. 1, p. 95-117, 1999.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Igualdade e diversidade**: o sujeito democrático. São Paulo: Edusc, 1998.

_____. **O mundo das mulheres**. 2. ed. rev. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Relato de Experiência

**OUTROS OLHARES NO PROJETO “CUIDADORES QUE DANÇAM”: A
MULHER PARA ALÉM DO CUIDADO E A DANÇA PARA ALÉM DA
TÉCNICA**

Júlio Cesar Santos Souza¹³⁴

Erineusa Maria Silva

Enraizadas culturalmente, as divisões sexuais entre masculino e feminino formam um conjunto de regras que ordenam a sociedade funcionando “como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos” (BORDIEU, 2002, p. 18). Nessas relações de gêneros, a mulher em situação de inferioridade assume excepcionalmente atividades privadas/domésticas que são menosprezadas e não vistas como trabalho. Dessa maneira, as mulheres são designadas à atividades como a do cuidado de pessoas, função que vem sendo desempenhada em diferentes espaços e profissões, como um elemento estrutural da sociedade, que se construiu majoritariamente como feminina (MARCONDES, 2013). No cuidado, a abdicação dos próprios desejos e necessidades por parte das mulheres se transfigura como algo comum na medida em que o cuidar de outro indivíduo se torna algo preponderante e se agudiza quando o cuidado é voltado para indivíduos com deficiência. Em contrapartida a essa condição feminina e a esses paradigmas sociais, o projeto “Cuidadores que Dançam” foi criado em 2011 com o objetivo de “propiciar um espaço/tempo para que as participantes tenham um momento de descoberta de si em contexto de descontração e aprendizado a partir das diversas formas de dança” (SILVA et al., 2016, p. 891). Inicialmente, o projeto apareceu para preencher um momento em que as cuidadoras esperavam os/as participantes com deficiência realizar as práticas de outros projetos oferecidos pelo

¹³⁴ Contatos dos autores: julio7santos@gmail.com; erineusams@yahoo.com.br.

Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA), situação em que acabavam ficando sentadas nos espaços do centro sem usufruir de atividades. Assim, o tempo de ócio foi transformado em um tempo de variadas experiências delas com a dança, tendo em meio às suas funções sociais, um instante de olhar e cuidar de si. Mais adiante, o projeto toma novos sentidos de atender essa população de pessoas que cuidam, as cuidadoras/es de pessoas com deficiência, mas como um espaço que contribui para problematizar esse lugar e papel feminino, e também para a redescoberta e o cuidado de si por meio de experiências com a dança. A Dança, por sua vez, também é problematizada nesse projeto visto que, não raro, é concebida como uma prática distante e de difícil acesso, com determinações que deixam a interpretar que só é possível dançar com uma técnica perfeita e específica. Pensando para além disso, o projeto mostra que diversas interpretações e experiências pode se retirar de um processo de ensino aprendizagem da dança, pois se apresentam possibilidades de um trabalho com uma relação contextualizada e direta com os sujeitos para uma compreensão crítica do mundo, libertação e ressignificação identitária, sem ignorar os relacionamentos/sentimentos/sensibilidade “humanos” (MARQUES, 2011). Perante estas considerações, o presente texto pretende apresentar como se desenvolve a metodologia de ensino utilizada no espaço/tempo oportunizado pelo projeto e suas intenções em relação às suas participantes, transpassando as limitadas definições impostas sobre a mulher e a dança. O trabalho de cunho qualitativo, utiliza como instrumentos para coleta de dados os planos de intervenções, planos de aulas, e relatórios referentes aos semestres 2017/2 e 2018/1, fundamentando-se nas análises de conteúdo.

Palavras-chave: Mulher. Cuidado. Dança. Metodologia.

REFERÊNCIAS

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 91-102.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MARCONDES, M. M. O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Ed.). **Trabalhadoras: análise das profissões e ocupações**. Brasília: Editora Abaré, 2013. p. 251-279.

SILVA, Erineusa Maria da et al. A (re)descoberta de si: implicações e aprendizagens produzidas a partir do projeto “cuidadores que dançam”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 889-900, jul./set. de 2016.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

**PERFIL SOCIOECONÔMICO E DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ATUAR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA NO
MUNICÍPIO DE CARIACICA/ES**

Hanele Ribeiro Covre¹³⁵

Gabriel de Sá Ferreira

O processo de inclusão no contexto escolar ainda se constitui desafiador aos sistemas educacionais considerando que grande parte não conseguiu consolidar um projeto pedagógico democrático e universal, reconhecedor da educação como um direito social de todo cidadão. Uma vez garantida por lei a matrícula da pessoa com deficiência na rede regular, é preciso atentar também para a qualidade do ensino, o que pressupõe “[...] mudanças significativas de conceitos e quebra de paradigmas, assim como mudanças estruturais dos espaços e a adoção de novas estratégias pedagógicas para atender as diferentes formas de aprender” (CUNHA; GOMES, 2017, p. 415). Portanto, faz-se necessário ampliar as discussões acerca da educação inclusiva e assumir que as diferenças estão presentes em todos, independentemente de terem ou não deficiência, e que o processo de ensino deve ser adaptado aos diferentes ritmos de aprendizagem (BUENO, 1999). Direcionando essas reflexões para o contexto da Educação Física escolar, vislumbramos muitos desafios na materialização de aulas com base inclusiva ao encontrarmos, nos discursos dos professores, o argumento da falta de preparação para atuar nessa perspectiva. Entendendo que os professores têm grande contribuição na implementação desse ideário nos contextos escolares, acreditamos ser importante compreender quem são e o que pensam os professores de Educação Física acerca dos processos educacionais inclusivos produzidos nos/com/pelos sistemas educacionais municipais. A compreensão sobre o perfil sociodemográfico, condições de saúde e de trabalho também deve ser considerada no momento das investigações de suas práticas

¹³⁵ Contatos dos autores: hanecovre14@gmail.com; gabrielsaferreira2.0@gmail.com.

docentes, visto que tais condições interferem na qualidade de vida e nas relações de trabalho desses indivíduos. Nesse sentido, objetivamos conhecer o perfil socioeconômico e de formação dos docentes de Educação Física atuantes na educação básica no município de Cariacica/ES. Interessou-nos especialmente compreender em que medida esses aspectos reverberam em práticas pedagógicas inclusivas. A metodologia é de caráter quali-quantitativo e as análises basearam-se nas abordagens de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e de análise crítica do discurso a partir dos objetivos da investigação. A pesquisa foi desenvolvida por meio de um questionário aplicado a nove professores da rede municipal de Cariacica/ES em março de 2017. Após análise dos dados constatamos que os docentes, em sua maioria, têm idade acima de 30 anos e possuem remuneração média de três salários mínimos, todavia dividem esta renda com pelo menos mais uma pessoa. São formados há no mínimo seis anos e atuam há pelo menos cinco anos no município. Constatamos ainda que 88,8% possuem formação continuada na área da Educação Especial e todos possuem experiência com alunos com deficiência, principalmente com deficiência mental/intelectual e autismo. Apesar disso, a maioria dos professores pesquisados ainda sente dificuldade em atuar com esse alunado. Percebemos que os processos de formação continuada em Educação Especial e as experiências pedagógicas acumuladas com esses alunos não foram suficientes para superar esse cenário. Por fim, defendemos um olhar mais amplo sobre esse processo, que abranja também as políticas públicas, pois a efetivação da inclusão escolar requer mudanças profundas nos sistemas de ensino que não podem focar apenas nas dificuldades dos alunos tampouco nas dificuldades dos professores. Sendo assim, é fundamental analisar como estão sendo constituídas as políticas de formação docente do município para que possamos compreender o quanto as ações de formação continuada estão em consonância com a realidade dos professores e em que medida estão auxiliando a pensar estratégias que promovam práticas pedagógicas inclusivas.

Palavras-chave: Educação Física. Escolarização. Inclusão.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUENO, J. G. S. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 5, n. 1, p. 7-25, 1999.

CUNHA, R. F. P.; GOMES, A. L. L. Concepções de professores de educação física sobre inclusão escolar. **Práxis Educativa**, v. 12, n. 2, 2017.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Pôster

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO NO ÂMBITO EDUCACIONAL NO
MUNICÍPIO DE VILA VELHA: AS AÇÕES DOS/AS PROFESSORES/AS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Bianca Souza Pitanga de Freitas¹³⁶

Erineusa Maria da Silva

Este estudo, em andamento, objetiva pesquisar e compreender as ações das professoras de Educação Física em relação às políticas públicas de gênero para a educação no âmbito educacional do município de Vila Velha. Especificamente busca investigar as ações em relação as políticas alinhadas com a vertente denominada Ideologia de gênero. O estudo se ancora nos estudos de Bourdieu (1996; 2002; 2005) para discutir as ações das professoras e professores a luz da noção de habitus e de campo social; nos estudos de Chauí (2001) para a compreensão do conceito de ideologia e de Scott (1995) para discutir a noção de gênero. O movimento feminista, a partir do século XX, mais fortemente nos anos 60 e 80, juntamente com outros setores de luta, ascende na busca pela desnaturalização de hierarquias e desigualdades de classe, etnia e gênero. Fixada principalmente na família e na igreja engendra-se na sociedade uma "ordem compulsória" baseada na natureza biológica - imutável, intacta, perfeita, coerente, que ignora o campo social e arraiga sexo, gênero e desejo numa heteronorma, iniciando uma forte ação conservadora de impedimento do avanço do debate de gênero. Nesse contexto, nasce a "Ideologia de Gênero", estratégia articulada entre setores conservadores, visando distorcer para deslegitimar a luta no campo do gênero disseminando a ideia de que a "ideologia de gênero" é a "ausência do sexo desde o nascimento até sua decisão sobre por qual deles "optar": masculino ou feminino". Diante do exposto, como mulher, de identidade feminista, envolvida/preocupada em discussões emanadas das categorias que sofrem opressão e licencianda, vi-me tocada em

¹³⁶ Contatos dos autores: biaufes@hotmail.com; erineusams@yahoo.com.br.

pesquisar como o Estado vêm tratando do assunto em nível educacional e como as professoras, em específico, da Educação Física, vêm sendo orientadas à tratarem sobre tema. Porém, não apenas pela motivação pessoal, mas também por compreender a "[...] necessidade de desenvolvimento de estudos científicos que revelem os caminhos/descaminhos perpassados pelas políticas de gênero a partir de uma importante instituição social que é a educação escolar e suas trabalhadoras" (SILVA, 2017, p. 19). A pesquisa, de cunho quantiquantitativo e com características de pesquisa exploratória, integra uma pesquisa mais ampla e interinstitucional (Ufes/Estácio) intitulada “Gênero, sexualidade e ideologia: as políticas públicas educacionais e as ações dos/as professores/as na microrregião da Grande Vitória/ES. Ademais, a pesquisa envolve outras pesquisadoras de outros campos da licenciatura e abarcando outros municípios além de Vila Velha (Cariacica, Viana, Vitória e Serra) e também atores sociais como Secretaria de Estado da Educação (Sedu) e Sindicato dos/as trabalhadores/as em educação pública do Espírito santo (Sindiupes). O estudo tem sido conduzido de forma processual ao longo do ano de 2018 por meio de recolhimento de dados, por meio de ferramentas online e de entrevistas à agentes das Secretarias de Educação dos municípios envolvidos buscando leis ou projetos do estado e municípios que apresentem encaminhamentos/orientações em relação ao trabalho de gênero na escola. Além disso, nessa etapa estamos realizando vasta revisão bibliográfica a respeito do objeto da pesquisa no sentido de compreender como o movimento denominado de “ideologia de gênero”, criado entorno e no enfrentamento a ascensão no debate de gênero, tem influenciado a escola e as professoras.

Palavras-chave: políticas educacionais; estudos de gênero; ideologia; educação física.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. **A Dominação Masculina**. 2ª. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. 6. edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Primeiros passos: o que é Ideologia?** 2ª. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

SILVA, Erineusa Maria da. **Os movimentos das professoras de educação básica do Espírito Santo em face às políticas públicas de gênero para a educação.** 2017. 233. Tese de doutorado - UFES, Vitória, 2017.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Pôster

**PRÁTICAS CORPORAIS AQUÁTICAS: CONTRIBUIÇÕES
POTENCIALIZADORA PARA JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL E AUTISMO**

Humberto Coelho da Silva¹³⁷

Maria das Graças Carvalho Silva Sá

Davi Zucoloto

Rafael dos Santos

O presente trabalho visa analisar e descrever as contribuições das atividades aquáticas, vivenciadas pelos jovens e adultos com Deficiência Intelectual e Autismo, no Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA). No que se refere à preparação desses jovens e adultos com deficiência para assumir seus papéis sociais, é preciso dar-lhes condições para que se tornem mais autônomos e independentes. Nesse sentido, dialogando com Pinto (2016), acreditamos nas práticas aquáticas como instrumento de empoderamento social capaz de potencializar a ação sobre si e sobre a sociedade. Segundo a autora, as atividades aquáticas proporcionam aos sujeitos o reconhecimento de si e do outro, permitindo-lhes escolher e decidir em seus corpos o que é melhor para si. Além disso, através dessas vivências é possível “[...] compreender que as adaptações ao meio aquático trazem uma riqueza de benefícios, fazendo com que o homem consiga evoluir e melhorar diversos aspectos corporais, cognitivos e de socialização” (PINTO, 2016, p. 02). Nessa direção a proposta de conhecer e vivenciar essa prática aquáticas por meio do esporte polo aquático, entendemos que contribuirá para que seus praticantes internalizem e, ao mesmo tempo, (re)signifiquem tais apropriações, reconfigurando, dessa forma, sua corporalidade. Com isso, amplia-se a percepção sobre si e sobre os outros, prerrogativa fundamental para o protagonismo social dos indivíduos (SOARES et al., 2005; PINO, 2005). O estudo se apoia nos pressupostos

¹³⁷ Contatos dos autores: humberto.coelho1971@gmail.com; mgracasilvasa@gmail.com; davizucoloto@gmail.com; rafael_one@hotmail.com.

tórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, na busca pela promoção do contato direto e analítico com o campo de investigação. A pesquisa aconteceu no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), no Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA). Os sujeitos participantes foram 25 jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo procedentes da Grade Vitória/ES. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos os registros de aulas, fotografias e videogravação dos momentos de intervenções, ao longo dos oito encontros semanais, no semestre de 2018/1. Além de reuniões que aconteciam logo após o atendimento a fim de avaliar a intervenção e planejar o encontro seguinte, bem como estudos de textos relacionados à temática em tese. Os dados foram analisados com base na Análise de Conteúdos (BARDIN,1977) pela possibilidade que essa técnica nos oferece para se investigar um objeto ou um problema de pesquisa, tendo como fonte primordial de dados os conteúdos da comunicação e suas recorrências. A experiência em tela promoveu um encontro potencializador no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades físicas básicas (força, velocidade, resistência e flexibilidade) de acordo com a idade dos alunos e nas qualidades motrizes (coordenação, equilíbrio, agilidade e habilidades básicas). Essa experiência reverberou também na forma como passaram a se perceber no mundo e em suas relações sociais, favorecendo assim, a seus processos de humanização de forma dialética e transformadora na direção de cidadãos com autonomia e independência para atuar socialmente. Diante do exposto, concebemos na ação mediadora as práticas aquáticas se constituiu em uma interessante ferramenta para que as pessoas com deficiência se sintam em condições de não somente se apropriar dos elementos culturalmente instituídos, como também, e principalmente, de aprimorarem, cada vez mais e melhor, o seu acervo cultural, tornando-se indivíduos mais ativos e socialmente incluídos.

Palavras-chave: Educação Física, Atividades Aquáticas, Polo Aquático e Inclusão

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p 225, 1977.

PINTO, N.C. **Atividades Aquáticas como Conteúdo da Educação Física em escola da cidade de Teutônia/RS.** Lajeado 2016.

PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski.** São Paulo, 2005.

SOARES, F. R.; BRATCH, V. A educação física nas práticas e nos discursos “inclusivos”: um paradoxo chamado inclusão escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14, 2005, Porto Alegre. **Anais do Congresso Brasileiro de ciências do esporte.** Porto Alegre, CBCE, 1 CD-ROM, GTT pessoas portadoras de necessidades especiais.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

PRÁTICAS CORPORAIS HOLÍSTICAS PARA IDOSOS COM CEGUEIRA E BAIXA VISÃO

Maria das Graças Carvalho Silva de Sá¹³⁸

Jeane Moraes Lourenço

Gabriel de Sá Ferreira

Géssika Alves dos Santos

As Práticas Corporais Holísticas possibilitam o sujeito se perceber individualmente e, também, coletivamente nos diferentes níveis e aspectos dentro das relações humanas (BARROSO, 1999). Estas visam a “[...] busca por equilíbrio corpóreo/psíquico/social por meio de estímulos [...] almejando a auto-harmonização pela ampliação da consciência” (VIEIRA FILHO, 2009. p. 114). Outras contribuições, referem-se ao debate relativo ao corpo idoso, saúde e o envelhecimento, e conseqüentemente, como este corpo é percebido socialmente. As descobertas do/sobre o corpo e das possibilidades que esse corpo tem de agir, sentir, refletir e resignificar dizem da existência de uma cidadania do corpo e que, recorrentemente é visto com um corpo eficiente ou deficiente. Direcionando este debate para os sujeitos com deficiência, constata-se que, o corpo com deficiência nem sempre foi e, talvez ainda hoje não seja, plenamente compreendido como um corpo cidadão. Especialmente quando este indivíduo com cegueira e baixa-visão é também uma pessoa idosa visto que, muitas ações habituais que realizava na juventude, provavelmente agora, em condição senil, não mais será possível de ser realizada. Este quadro pode influenciar diretamente a autoestima destes, criando sentimentos de incapacidade ou medo, que, muitas vezes, acarretam a depressão e a negatividade sobre a própria vida do sujeito com deficiência, ou seja, a negação ao próprio corpo ou a sua deficiência. No enfrentamento, se faz necessário que este indivíduo se aceite e valorize suas potencialidades (NERI;

¹³⁸ Contatos dos autores: mgracasilvaa@gmail.com; jeanemoraes736@gmail.com; gabrielsaferreira2.0@gmail.com; gessika.ads@gmail.com.

CACHIONI, 1999). O passo mais importante seria descobrir este/novo corpo e explorar suas possibilidades para além da deficiência e das limitações senis, enfrentando-as como uma característica a mais em sua constituição/identidade. Com isso objetivamos neste estudo analisar e descrever as contribuições de Práticas Corporais Holísticas para adultos e idosos com cegueira e baixa visão. Também nos interessou compreender como essas práticas corporais contribuíram para a qualidade de vida e autonomia do público-alvo. A metodologia se constitui em uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com base na técnica de análise de (BARDIN, 1977), que nos oportuniza uma compreensão sobre o estudo ao permitir a interpretação das particularidades, comportamentos ou atitudes dos indivíduos. As intervenções foram desenvolvidas a partir da proposta teórico-metodológica da abordagem crítico-emancipatória de Kunz (1994), acreditando em um processo no qual os alunos sejam instigados a se apropriarem e (re)significarem os conhecimentos necessários para a reflexão crítica das ações e para o desenvolvimento de sua autonomia. As aulas ocorreram uma vez na semana, no período de agosto 2017 a junho de 2018 no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e o público-alvo desta pesquisa foram aproximadamente 15 (quinze) adultos e idosos, com cegueira e baixa visão. Os instrumentos utilizados foram: diários de campo; registros fotográficos e audiovisuais; e avaliações individuais e coletivas. A fim de potencializar a prática pedagógica, durante as intervenções, buscamos despertar outros sentidos, como a audição e o tato, levando em consideração as condições de percepção visual de cada participante. Após avaliar e analisar os benefícios que tais práticas promoveram, constatamos que os participantes obtiveram um progresso em sua qualidade de vida ao relatarem uma melhoria em relação a condições de mobilidade além de que, tais práticas foram fundamentais ao promover a autonomia desses sujeitos no cotidiano. Além disso, os alunos evidenciaram o quanto essas práticas possibilitaram momentos de relaxamento e fizeram com que experimentassem sensações que transcendiam situações difíceis, dores, problemas do dia-a-dia. Podemos destacar contribuições dessas práticas ao perceber que os participantes passaram a reconhecer as próprias limitações, potencialidades e a relação com as diferenças.

Palavras-chave: Educação Física. Inclusão. Práticas Corporais Holísticas. Deficiência Visual.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p 225, 1977.

BARROSO, Maria Macedo. As iogas como cultura alternativa. **Motriz**, v. 5, n. 2, p. 189-193, 1999.

KUNZ, E. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. **Velhice e sociedade**, v. 2. Campinas: Paripus, 1999.

VIEIRA FILHO, H. **O Microcosmo Sagrado**. São Paulo: Lumina Editorial. 1998.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Pôster

**PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS: TREINO PARA INCLUSÃO,
MOVIMENTO ESPORTE E VIDA**

Mariana França Machado Caldeira¹³⁹

Jessica Fraga Dalgobbo

O presente trabalho trata-se de um recorte do projeto em andamento intitulado “TIME-V: Treino para inclusão, movimento, esporte e vida” que ocorre na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Vitória (APAE). Tendo em vista a prerrogativa institucional de inclusão das pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla e/ou autismo na sociedade, a Apae de Vitória oferece atendimentos especializados e oficinas a crianças, jovens e adultos, com o objetivo de promover autonomia, inclusão social e a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência e suas famílias (FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAE, 2003). Sabe-se que as pessoas com deficiência possuem os mesmos direitos constitucionais como qualquer outro cidadão, inclusive lhe são assegurados um ambiente sadio e adaptado à suas necessidades inclusivas (BRASIL, 2001). Referente ao público destinatário do projeto: crianças e adolescentes, de acordo com estimativas apresentadas pela Unicef em 2013, cerca de 93 milhões de crianças – ou uma em cada 20 crianças com 14 anos de idade ou menos – vivem com algum tipo de deficiência moderada ou grave (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2010). Nessa perspectiva, firma-se o projeto com a finalidade de promover o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e sócio afetivas, as quais contribuirão para a formação integral do sujeito, visando a inclusão e a melhoria da qualidade de vida dos assistidos e de seus familiares. Para tanto, o projeto TIME-V atua com até 50 crianças e adolescentes que possuem deficiência intelectual e/ou múltipla e/ou autismo, com idade entre 06 a 17 anos, usuárias do Centro de Atendimento Educacional Especializado, bem como suas famílias. Sua metodologia pro

¹³⁹ Contatos dos autores: mariana_fmachado@hotmail.com; jeh.dalgobbo@gmail.com.

põe a realização de jogos motores e atividades recreativas para promover o desenvolvimento físico, cognitivo e social em seu público alvo. Além disso, são formados grupos menores, de até 8 crianças ou adolescentes com duração de 1 (uma) hora e frequência de 2x por semana. Visando alcançar adaptações adequadas aos sujeitos participantes são utilizadas avaliações de habilidades físicas e motoras (KTK e THT) e avaliação psicossocial (questionário de rastreio). Também ocorrem mediações da psicologia, em parceria com a família, nas relações sociais (nos casos necessários), como forma de facilitar a promoção de vínculos sócio afetivos e noção de grupo e pertencimento. Acredita-se que os pais ou responsáveis pela pessoa com deficiência, por sua vez, também se tornam pessoas com necessidades especiais. Na verdade, são eles que intermediarão a integração ou inclusão de seus filhos junto à comunidade (MACIEL, 2000). O projeto iniciou em Abril deste ano, apesar do pouco tempo de execução conseguimos perceber através das atividades realizadas com os assistidos (testes de habilidades KTK e THT) e familiares (questionário psicossocial e grupo de apoio) melhoras ou adequações nas habilidades motoras e comportamentais. Com decorrer das aulas notou-se que as inadequações comportamentais sobressaíram as próprias características da deficiência, o que influenciavam diretamente em suas relações interpessoais, familiares e sociais. Desta forma foi necessária uma maior atuação da psicologia nas aulas juntamente com a educação física, afim de trabalhar aspectos como respeito ao próximo e a diversidade, ansiedade, estabilidade emocional, seguimento de regras, frustrações, resoluções de problemas, cooperação e coesão grupal. Todavia ao longo da execução das atividades visualizou-se que os programas de iniciação esportiva podem promover muitos benefícios para a formação integral da criança, tais como: propiciar o desenvolvimento global, adaptação e equilíbrio as suas limitações; facilitar sua independência e autonomia, bem como facilitar o processo de representatividade social, inclusão e aceitação em seu meio (STRAPASSON, 2007). Contudo, a implantação desse projeto expande as possibilidades de inclusão social, de ruptura do preconceito, de melhor exercício da cidadania e participação social das pessoas com deficiência intelectual (MANTOAN, 2013).

Palavras-chave: Deficiência intelectual; inclusão; iniciação esportiva; educação física adaptada; qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto nº 3.956 de 8 de outubro de 2001.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm>. Acesso em: 09 Ago. 2018.
- FENAPAES, Federação Nacional das Apaes. **Projeto Águia, Manual de Conceitos.** 2003. Disponível em: <<http://www.apaebrasil.org.br>>. Acesso em: 09 Ago. 2018.
- MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. **SciELO**, São Paulo, São Paulo Perspec, vol 14, n 2, Apr/June, 2000.
- MANTOAN, M. T. E. **Diferenciar para incluir ou para excluir? Por uma pedagogia da diferença.** Disponível: <<http://www.diversa.org.br>>. 2013. Acesso em 09 Ago. 2018
- Organização Mundial da Saúde. **Community-based Rehabilitation Guidelines.** Genebra: WHO, 2010. Disponível em: <<http://www.who.int/disabilities/cbr/guidelines/en/index.html>>. Acesso: 09 Ago. 2018.
- STRAPASSON, A. M.; CARNIEL, F. A Educação Física na Educação Especial. **EFDeportes.com Revista Digital**, Buenos Aires, n. 104, ano 11, jan. 2007. <<http://www.efdeportes.com/efd104/educacao-fisica-especial.htm>>. Acesso em: 09 Ago. 2018.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Relato de Experiência

QUESTÃO DE GÊNERO: UMA DAS PROBLEMÁTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Iris Batista da Luz Rosa

Madson Moura Batista¹⁴⁰

Atualmente, inúmeras discussões têm sido realizadas visando reflexões e ações críticas pertinentes às questões de gênero na sociedade. Levando em consideração o cotidiano escolar, fortemente influenciado pelos aspectos históricos, políticos e culturais, notamos uma falta de equidade no ambiente escolar e conseqüentemente nas aulas de Educação Física, principalmente em relação ao público feminino. A partir do seminário proposto pela disciplina “Problemáticas da Educação Física”, do “Mestrado Profissional em Rede Nacional” (ProEF), desenvolvido no primeiro semestre de 2018, os autores do respectivo trabalho consideraram relevante compartilhar os resultados obtidos a partir das iniciativas realizadas em suas escolas. Na atualidade às questões de gênero são temas constantemente discutidos no ambiente acadêmico e seus resultados têm constatado a relevância de tratar o assunto com o devido respeito. Principalmente quando nos deparamos com noticiários que ressaltam os altos índices de feminicídios apresentados no estado do Espírito Santo, onde o “mapa da violência de 2015, demonstra que de 1980 a 2013, 106.093 mulheres morreram nesse período, sendo Vitória a capital com maior taxa de feminicídio do Brasil”. (MARTINS, 2017). Para o desenvolvimento do trabalho, foram sugeridos 05 textos, sendo o primeiro de Goellner (2009), com abordagens pertinentes ao corpo, gênero e a sexualidade; o segundo texto de Jesus e Devidé (2007), que tratam da Educação Física escolar contemplando assuntos sobre co – educação e gênero; o terceiro texto de Pereira e Mourão (2005) que fala sobre a identificação de gênero; quarto texto de Uchoga e Altmann (2016) que apontam os diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula e o quinto e último

¹⁴⁰ Contatos dos autores: irisblr@hotmail.com; iskra.luta@gmail.com.

texto dos autores Wenez e Stigger (2007) que destacam a construção do gênero no Espaço Escolar. Posteriormente, os trabalhos práticos foram iniciados por meio de atividades propostas pela disciplina mencionada anteriormente, destacando que o professor “A” atua no ensino fundamental de uma escola da Prefeitura Municipal de Vitória e a professora “B” atua na Rede Estadual de Ensino também na capital, porém com alunos do ensino médio. Como os resultados obtidos nas atividades propostas foram semelhantes nos diferentes segmentos da Educação Básica objetivo geral foi ampliar os conhecimentos referentes às questões de gênero no ambiente escolar e verificar se os dados expostos estavam compatíveis com as realidades vivenciadas nas escolas em que os dois professores autores do seminário atuam. Enquanto o objetivo específico foi promover reflexões críticas sobre às questões de gênero no ambiente escolar e social, visando contribuir para a superação das desigualdades promovidas pelos reflexos dos aspectos, históricos, sociais e culturais que permeiam os ambientes educacionais. A primeira atividade proposta foi a exibição de um comercial denominado “Invisible Players”, que nos remete à reflexões pertinentes ao irrelevante espaço midiático disponibilizado às mulheres atletas, assim como também foram utilizadas tirinhas e dinâmicas que propiciaram significativas análises, além das observações das atitudes presenciadas em nossas aulas e a opinião dos alunos no final do processo, com os devidos direcionamentos voltados às reflexões críticas. As intervenções pedagógicas dos proponentes, associadas às análises textuais, comprovaram a veracidade dos referenciais utilizados, que apontam a falta de equidade no tratamento dado às questões de gênero no ambiente escolar, mas sobretudo, destacam as possibilidades de intervenções pedagógicas exitosas, capazes de contribuir para a melhoria das relações de gênero na escola e no desenvolvimento da fisicalidade e conscientização social.

Palavras-chave: Gênero. Educação Física. Escola

REFERÊNCIAS

GOELLNER, S. V. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, Amauri A. B.; PERIN, Giana L. (Org.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática**. Maringá: Eduem, 2009. p. 73-88.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, dez. 2007.

MARTINS, Helena. **Taxa de feminicídios no Brasil é a quinta maior do mundo**, 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-08/taxa-de-feminicidios-no-brasil-e-quinta-maior-do-mundo>>. Acesso em: 10 de junho.2018.

PEREIRA, S. A. M.; MOURÃO, L. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 205-210, set/dez. 2005.

UCHOGA, L., A. R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 163-170, abr/jun. 2016.

WENETZ, I.; STIGGER, M. P. A Construção do Gênero no Espaço Escolar. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 59-80, dez. 2007.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

**REPRESENTAÇÕES SOBRE CORPO E RAÇA: LENDO CORPOS, SUJEITOS
E CORES**

Danúbia Aires Souza

José Jairo Vieira¹⁴¹

Colocamo-nos constantemente sob a apreciação do outro, que nos categoriza social e moralmente em função da aparência institucionalizada com base em estereótipos e estigmas que nos qualificam como merecedores, ou não, de pertencer a determinado grupo social. A produção de estereótipos corrobora a conservação de uma ordem social e simbólica na sociedade, que continua sendo iníqua no que tange a classe, gênero e raça. Nessa perspectiva, esta dissertação teve por objetivo investigar as representações construídas por discentes acerca do corpo e da raça, especificamente os estereótipos sobre o negro, sua cultura e características corporais. Trata-se de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2002), por meio da qual, procurou-se: a) levantar e analisar a interpretação e representações acerca do negro e suas características corporais; b) analisar as representações sobre corpo e raça, ponderando os posicionamentos estéticos, éticos e políticos assumidos pelos discentes; c) estabelecer uma análise das visões sobre o corpo e da raça e os processos de (des)construção identitária afro-brasileira. O arcabouço teórico para a discussão baseou-se em Munanga (2003, 2004, 2006), Schwarcz (1993, 2015), Hasenbalg (1979), Hall (1997, 2003, 2016), D'adesky (2009), Guimarães (2001,2002), Vieira (2016) entre outros. A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de estudantes de escolas públicas que participam do Centro Salesiano do Adolescente Trabalhador (Cesan), programa desenvolvido e ofertado pela Rede Salesiana do Espírito Santo. Esse Grupo foi composto por vinte indivíduos e o trabalho de campo foi realizado ao longo de três meses do ano de 2016. Nele realizou-se observação participante, rodas de conversa, aplicação de questionário e a técnica de

¹⁴¹ Contatos dos autores: danubiaires@gmail.com; jairo.vieira@uol.com.br.

leitura de imagens relacionadas à temática investigada. Deu-se ênfase à análise das falas, ponderando os posicionamentos éticos, estéticos e políticos que assumiram, considerando a existência de ideias de preconceito e de discriminação racial, vinculadas às práticas culturais e as características corporais de matriz africana e afro-brasileira. Fez-se presente na fala dos sujeitos a descrença no “mito” historicamente fortalecido de que a nação brasileira faz-se democrática racialmente, sendo recorrente na fala dos mesmos a percepção de que as desigualdades sociais no Brasil são influenciadas pela cor da pele dos sujeitos. Ressalta-se que os posicionamentos e o nível de consciência e análise crítica acerca da temática abordada por parte dos discentes assumem significativa importância com relação à luta contra a discriminação e o preconceito racial, ou seja, a capacidade de ler o mundo e desmitificar ideologias arraigadas ao imaginário social que ainda representam um entrave nos processos de luta e conquistas arduamente galgadas pelas minorias no país. Dessa forma, os resultados apontam que:

- 1- A cor da pele faz-se elemento central na análise das relações sociais;
- 2- Pobreza, violência e raça negra aparecem de forma imbricada nos discursos discentes;
- 3- Ser negro, na visão dos discentes, implica cotidianamente um julgamento fundamentado na aparência estética, e não em uma postura ética;
- 4- O “empoderamento” se constitui cada vez mais visível, seja nas madeixas e/ou na autoafirmação identitária dos sujeitos.

As passagens vivenciadas ao longo da pesquisa possibilitam afirmar que a luta por reconhecimento, mesmo que morosa, faz-se imprescindível, tendo a família, a escola e, conforme podemos analisar os projetos, como o CESAN, voltados para a juventude assumem uma grande importância nesse caminho, visto que estes podem constituir-se enquanto espaços contra-hegemônicos, respaldados por práticas que possibilitem aos sujeitos realizar uma leitura crítica da realidade na qual estão inseridos e/ou excluídos e desmitificar ideologias arraigadas ao imaginário social que ainda representam um entrave nos processos de luta e conquistas arduamente galgadas pelas minorias em nosso país. Esta dissertação foi desenvolvida no Laboratório de Pesquisa em Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Identidade Social: Corpo, raça e Gênero (LADECORGEN/FE/UFRJ).

Palavras-chave: Raça; Corpo; Identidade; Desigualdade; Representações.

REFERÊNCIAS

- D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo:** racismo e anti-racismo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 61, p. 147-162, 2001
- GUIMARÃES, A. S. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, p. 15, jul./dez. 1997.
- HALL, S. **Da Diáspora.** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Trad. Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC / Rio: Apicuri, 2016.
- HASENBALG, C. A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-56, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005>. Acesso em: 04 dez. 2016.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças.** Cientistas, instituições e pensamento racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- VIEIRA José Jairo. As assimetrias de cor/raça e gênero da educação: O papel da universidade no tocante à exclusão. In: SANTOS, Monica Pereira dos et al. (Org.). **Universidade e Participação 3:** Tecendo diálogos. Rio de Janeiro: Autografia, 2016. p. 157-177.



Anais do Congresso Espírito-Santense de Educação Física
XV CONESEF – 2018
CEFD – UFES – Vitória – ES – Brasil
ISSN – 2595-5837

GTT 06 – SAÚDE COLETIVA E SAÚDE PÚBLICA

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Comunicação

Oral

**AS PRESENÇAS E ÊNFASES DO TEMA DA SAÚDE NA FORMAÇÃO
INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO CEFD/UFES**

Victor José Machado de Oliveira

Ivan Marcelo Gomes¹⁴²

Educação Física (EF) e saúde estabelecem uma estreita relação que remonta a própria história da área. Nesse sentido, objetiva-se investigar as presenças e ênfases dadas ao tema da saúde na formação inicial em EF no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). A partir do método da cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010) foram produzidos os dados, oriundos de pistas que o campo nos foi mostrando: projetos Pedagógicos de Curso (PPC) da licenciatura e do bacharelado, documentos de ofertas de disciplinas, entrevistas semiestruturadas realizadas com professores que participaram da construção curricular dos PPCs, currículos vitae dos professores do CEFD, documentos referentes aos concursos, diários de campo produzidos em duas disciplinas da licenciatura e duas do bacharelado e entrevista semiestruturada com os professores dessas disciplinas. A análise se deu pela mediação entre teorias do cotidiano (ALVES, 2010) e da sociologia da estruturação (GIDDENS, 2009). Partimos da premissa de que as presenças e ênfases dadas ao tema da saúde nos currículos de formação em EF são produções vinculadas à dualidade da estrutura, reconhecida como o “meio e o resultado da conduta que ele recursivamente organiza” (GIDDENS, 2009, p. 441). Dito de outro modo: as condições de possibilidades para determinadas presenças e ênfases dadas a esse tema, decorrem de relações complexas (re)produzidas na relação entre os sujeitos que produzem os currículos de formação e as políticas curriculares (influenciadas, por exemplo, pela pós-graduação). Entendemos que as presenças e ênfases não estão soltas no espaço-tempo,

¹⁴² Contatos dos autores: oliveiravjm@gmail.com; ivanmgomes@hotmail.com.

mas estão sempre vinculadas a contextos específicos mediados por uma reflexividade institucional. Denominamos presença como a objetivação (materialidade demarcada em contextos empíricos de existência) que assume o tema da saúde no currículo de formação. Foram produzidas cinco presenças a partir das pistas seguidas: 1) a presença disciplinar tem que ver com uma orientação compartimentalizada dos saberes em pequenas caixas (disciplinas); 2) a presença da prática como eixo formador vem demonstrando com os cenários de prática e o cotidiano do serviço vem ganhando visibilidade nos currículos de formação; 3) a presença mínima se refere a pouca presença do tema da saúde na licenciatura quando comparada ao bacharelado; 4) a presença “curricular” tem que ver com os PPCs e as narrativas que neles são produzidas sobre esse tema; 5) a presença “acadêmica” é observada a partir dos currículos vitae dos professores, onde as formações desses representam determinadas orientações político-epistemológicas (CUNHA, 2005) que acabam por influenciar as formas de presenças nos currículos de formação. Já por ênfase, entendemos como os efeitos gerados por afetos sempre vinculados às presenças. Logo, uma presença não se consolida sem uma ênfase (e vice-versa). Foram observadas duas ênfases: 1) a ênfase técnico-cientificista, biofisiológica e biomédica se remete à própria constituição histórica da área no seio das Ciências Naturais e Biológicas. Tal ênfase, expressa uma política de formação restrita, calcada em princípios hegemônicos e sem a possibilidade de alargamento dos entendimentos do tema da saúde. Observou-se que é essa ênfase a que mais se apresenta nos currículos de formação, inclusive, pelo alto grau de constrangimento advindo do sistema de pós-graduação (GAYA, 2017; MANOEL; CARVALHO; 2011). 2) Por outro lado, vemos a ênfase pedagógica, pública e coletiva se mostra emergente nos currículos. Essa ênfase se vincula nas Ciências Humanas e Sociais e na Saúde Pública/Coletiva, onde se produzem opções de subversão da lógica dominante da ênfase anterior. Observar as presenças e ênfases do tema da saúde na formação em EF se mostra profícua para a problematização de políticas curriculares daquilo que vem sendo, para as potencialidades que poderão vir a ser, quais sejam, aquelas que enalteçam a saúde pública, os contextos, as pessoas.

Palavras-chave: Saúde. Currículo. Ensino Superior. Educação Física.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Redes educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão et al (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 49-66.
- CUNHA, Maria Isabel. **O Professor Universitário na Transição de Paradigmas**. Araraquara: Junqueira & Marins Editores, 2005.
- GAYA, Adroaldo Cezar Araújo. O pós-graduação e a formação de professores em Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 71-75, ago 2017.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- MANOEL, Edison de Jesus; CARVALHO, Yara Maria. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 389-406, mai/ago 2011.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Comunicação

Oral

**ASSOCIAÇÃO ENTRE FAIXA ETÁRIA E NÍVEIS DE PSA EM IDOSOS
RESIDENTES NO MUNICÍPIO DE ALCOBAÇA-BA**

Daniela de Jesus Costa¹⁴³

Lucas Lima Galvão

Eduarda Pereira Damião

Fernanda Nascimento de Oliveira

Rafaela Gomes dos Santos

Douglas de Assis Teles Santos

O Antígeno Prostático Específico (PSA) é uma proteína produzida pela próstata e sua função principal é a liquefação do fluido seminal (JAERGER, 2008; JÚNIOR et al., 2015). No fluido seminal o PSA apresenta em concentração de 0,5 a 5 mg/ml e no plasma de 0 a 4 ng/ml (TONIAZZO, 2005), de acordo com as alterações feitas na glândula prostática pode ocorrer uma elevação do nível de concentração do PSA na corrente sanguínea sendo liberado trinta vezes mais na circulação do que no tecido prostático (ANGELI, 2008). As evidências na literatura são claras quanto ao aumento do nível de PSA correlacionando com avanço da idade. Segundo Pina, Lunet e Dias (2006), o diagnóstico do câncer de próstata é pouco frequente antes dos 50 anos, porém, depois desta idade aumenta a incidência exponencialmente em qualquer país de cultura ocidental. Portanto, o objetivo deste estudo é determinar a associação da faixa etária com o nível elevado de concentração de antígeno prostático específico (PSA) em idosos de Alcobaca-BA. Este recorte se caracteriza como observacional de delineamento transversal e do tipo analítico, utilizando-se de métodos exploratórios do tipo *surveys* e coleta de sangue. A amostra foi constituída por 96 homens com idade igual ou superior

¹⁴³ Contatos dos autores: danielacosta.2803@hotmail.com; lucasgalvao07@gmail.com;
edu17081998@gmail.com; fernandaoliveiraedfis@gmail.com; rafagomes.edf@gmail.com;
datsantos@uneb.br.

a 60 anos. Para a coleta de sangue os idosos foram instruídos a não praticarem relação sexual, evitar deslocamento de cavalo, moto e bicicleta por 72 horas antes da coleta, sendo adotado o ponto de corte de >4 ng/ml para alta concentração de PSA, os idosos foram divididos em 3 faixa etárias, de 60-69 anos, de 70-79 anos e de 80 anos acima. Para análise de dados foram utilizados procedimentos de estatística descritiva (média e desvio padrão) e inferencial (Teste Qui-quadrado) $p \leq 0,05$. Os idosos apresentaram médias de idade 70,95 anos ($DP \pm 8,08$), massa corporal 72,74 kg ($DP \pm 13,11$) e estatura 1,66 m ($DP \pm 0,7$). A prevalência de alta concentração do PSA foi de 21,9%. Houve associação do nível de concentração do PSA com a faixa etária ($p = 0,004$). Segundo estudos, a magnitude do câncer de próstata em uma população está relacionada principalmente a idade, assim, quanto mais velha for à população, maiores serão as taxas de incidência dessa doença. Gomes et al., (2008) citam em seu trabalho que os dois fatores que apresentam certo consenso entre as fontes no que se refere ao aumento do risco de desenvolvimento do câncer de próstata são a idade e o histórico de saúde familiar. Na maioria dos casos, a prevalência ocorre em homens com idade superior a 50 anos e naqueles com histórico familiar, principalmente pai ou irmão. Sendo assim, Cotran (2000), relata, que apenas 1% dos cânceres da próstata é diagnosticado com idade inferior a 50 anos, e a incidência aumenta 20% em homens com 60 anos e 30% com idade superior a 70 anos. O estudo demonstrou elevadas concentrações de PSA com o aumento da idade. Como o estudo demonstrou elevadas concentrações de PSA com o aumento da idade, sugere-se políticas públicas de saúde e conscientização focadas nos idosos, principalmente de mais idade, tendo em vista que este grupo apresentou maiores alterações no PSA, conseqüentemente maiores riscos de apresentar Câncer de Próstata. Certos de que o PSA é importante marcador para o câncer de próstata, outros métodos de diagnósticos devem ser agregados a este para prevenção e tratamento dessa doença nesta população.

Palavras-chave: Antígeno Prostático Específico; Idoso; Saúde.

REFERÊNCIAS

ANGELI, M. H.; **Detecção de auto-anticorpos anti-psa em pacientes com e sem neoplasia da próstata.** 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

COTRAN, R. S. Robbins: **Patologia estrutural e funcional.** 6ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2000.

GOMES, R.; RABELLO, E. F. S.; ARAUJO, C.; NASCIMENTO, E; F. A prevenção do câncer de próstata: uma revisão da literatura. **Revista Ciência e saúde coletiva.** vol. 13, n. 1 Jan./Fev. Rio de Janeiro, 2008.

JEARGER, C. D. **O Efeito do Exercício Físico em Esteira Rolante nos Níveis Séricos do Antígeno Prostático Específico.** 2008. 91 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

JUNIOR, A. J. B.; MENEZES, C. S.; BARBOSA, C. A.; FREITAS, G. B. S.; SILVA, G. G.; VAZ, J. P. S.; SOUZA, M. L.. OLIVEIRA, T. M. Câncer de próstata: métodos de diagnóstico, prevenção de tratamento. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research.** v. 10, n. 3, p. 40-46, 2015.

TONIAZZO, G. P. **Correlação entre níveis séricos de PSA e estimativa de volume tumoral em fragmentos de biópsia de próstata em pacientes portadores de adenocarcinoma da próstata.** Dissertação (Mestrado em Medicina) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Comunicação

Oral

AVALIAÇÃO DO NÚCLEO DE APOIO À SAÚDE DA FAMÍLIA DE UM MUNICÍPIO CEARENSE: ESTRUTURA, PROCESSO E RESULTADO

André Luis Façanha da Silva¹⁴⁴

Alan Gualberto de Sousa

Daniel Silva Braga

Rochelly Martins Feitosa

Ana Luisa Batista Santos

Silvana Clares Vieira

É notório o quanto a atenção básica à saúde (ABS), referendada pelo modelo técnico assistencial da estratégia saúde da família (ESF) tem absorvido políticas estruturantes, a exemplo, a implantação dos núcleos de apoio à saúde da família (NASF). O NASF enquanto política estruturante da ABS completa uma década de atuação. Esta política nasce com a finalidade clara de apoio matricial à Estratégia Saúde da Família (ESF) por meio da ampliação do território e do cuidado ao usuário e família (BRASIL, 2014). A fim de compreender o processo, a estrutura e os resultados inerentes ao NASF, foi escolhido o autor Avedis Donabedian (1992), que é uma referência em pesquisa de avaliação no campo da saúde, considerando-se que seu modelo atende totalmente aos objetivos deste trabalho, e o uso desse conceito abrange as finalidades do estudo proposto. Considera-se um momento importante a avaliação desta política e seus desdobramentos nos territórios de implantação da ESF no tocante a sua estrutura, processo e resultados (DONABEDIAN, 1992). O objetivo do estudo foi avaliar o Núcleo de Apoio à Saúde da Família na cidade de Iguatu, Ceará nas dimensões de estrutura, processo e resultados sob a ótica de seus trabalhadores. Dessa forma trata de

¹⁴⁴ Contatos dos autores: andre_facanha@hotmail.com; alangualberto10@gmail.com;
danielsbrg@gmail.com; chellufeitosa12@gmail.com; luisa.batista@uece.br;
silvana_clares@hotmail.com.

um estudo avaliativo com abordagem qualitativa, no qual foram aplicadas individualmente entrevistas semiestruturada com seis gestores e oito profissionais de diferentes categorias do NASF e entrevista coletiva com Agentes Comunitários de Saúde (ACS). A investigação se deu no ano de 2017, no município de Iguatu, na região Centro-Sul do Ceará, sendo a mesma aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa pelo parecer 1.827.863. Utilizou-se a técnica de análise temática de Minayo (2010), a partir de uma pergunta central, diferenciando as dimensões e seus entrevistados, a seguir: como você(s) avalia(m) estrutura (gestores), o processo de trabalho do NASF (profissionais do NASF) e os resultados da atuação do NASF (ACS)? Os resultados apontam que o NASF demanda uma melhor adequação de espaço físico e mostra dificuldades da relação com a equipe de saúde da família além do reforço à clínica tradicional centrada na doença, dificultando a construção de projetos terapêuticos singulares, projeto saúde do território, articulações intersetoriais entre outras ferramentas orientadas para atuação entre as equipes NASF e saúde da família. Essa conjuntura é apontada como dificultadora da concepção de clínica ampliada e do apoio matricial como exercício diário pelos profissionais. Os ACS compreendem as limitações da atuação do NASF, entretanto reconhecem o apoio às demandas voltadas para os ciclos de vida, casos de violência e abuso de drogas, e reforçam que existe o reconhecimento dos usuários, quando atendidos pelo NASF. Conclui-se a necessidade de repensar a organização da atenção básica local de modo a otimizar a estrutura, práticas e saberes da equipe do NASF frente às demandas complexas dos usuários, bem como as potencialidades e desafios do território e da gestão do serviço de saúde. Propõe-se a educação permanente e estratégias como apoiador institucional para qualificar, ampliar e fortalecer o apoio técnico-pedagógico e um melhor redimensionamento das equipes de modo a alcançar a cobertura adequada conforme preconiza a política nacional.

Palavras-chave: Sistema Único de Saúde. Atenção Primária à Saúde. Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Avaliação em Saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Núcleo de Apoio à Saúde da Família. v. 1. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. **Cadernos de Atenção Básica**, n. 39.

DONABEDIAN, Avedis. The role of outcomes in quality assessment and assurance. **QRB-Quality Review Bulletin**, v. 18, n. 11, p. 356-360, 1992.

GODOY, A.S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 3, Maio - Junho, 1995, p. 21.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Relato de
Experiência

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SAÚDE MENTAL: UM OLHAR DO
CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CENTRO DE ATENÇÃO
PSICOSSOCIAL ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS – CAPS AD LARANJEIRAS**

Hanna Alice Alves Tavares¹⁴⁵

Lorrayne Santos de Moraes

Este trabalho teve como objetivo apresentar e debater a experiência do estágio supervisionado na unidade do CAPSAD – Laranjeiras, onde foi possível observar o cotidiano do profissional de Educação Física e suas experiências, visando contribuir para a formação dos estudantes do Centro de Educação Física e Desportos – CEFD/UFES no campo da saúde mental, campo este que ainda é pouco explorado. Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) representam a principal estratégia de reestruturação da saúde mental no Brasil, sendo este um serviço de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS), um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e humanizado. E para os usuários cujo principal problema é o consumo prejudicial de álcool e outras drogas, foram instituídos os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras drogas - CAPSAD, no qual o foco do serviço visa não apenas o uso de drogas, mas o sujeito e seu sofrimento (BRASIL, 2004b). O CAPS através de sua estrutura, busca oferecer diversos recursos para o tratamento dos usuários, tendo como ferramenta a composição de suas equipes de trabalho com profissionais de diferentes áreas, além das tradicionais profissões da saúde (enfermeiros, médicos, psicólogos), sendo por exemplo: musicista, profissional de Educação Física, artista plástico, professor de dança e terapeuta ocupacional. Este

¹⁴⁵ Contatos dos autores: hannaalvestavares@hotmail.com; lorraynesmoraes@gmail.com.

estágio se justifica pela oportunidade de debater a relevância da inserção da área no campo da saúde na formação em Educação Física, considerando os limites e as possibilidades oferecidas por ela. A pesquisa foi qualitativa orientada pela Pesquisa Social (MINAYO, 2009), visto que a análise buscou compreender as necessidades do meio e as formas que o profissional de Educação Física aponta para contribuir neste espaço. Foram utilizados como recurso metodológico a composição de diários de campo e entrevistas informais. A partir das observações do campo e suas demandas, os diários de campo foram construídos focando sempre nas atividades exercidas pelo profissional de Educação Física e sua maneira de lidar com os usuários, suas práticas específicas e demais obrigações. Observou-se o desempenho de outras atividades realizadas pelo profissional de Educação Física que vão além de uma formação específica da profissão, como Atenção Diária, Matriciamento, Reuniões de Equipe e Reuniões Externar, dando assim o parecer de uma Educação Física ampliada. A superação de uma Educação Física restrita nos leva a concluir que a formação específica em nada atrapalha quanto a capacidade do profissional de exercer outras funções conforme a demanda do campo, desde que esse seja capaz de compreender as necessidades e objetivos propostos pelo modelo de atendimento, que é pautado não mais na doença do usuário, mas em sua história, sofrimento e em meios de como lidar com ele. Contudo, vale ressaltar ainda que, embora tenha sido possível reconhecer no profissional em questão o pleno entendimento e identificação sobre a área em destaque, pouco se discute sobre as possibilidades de atuação em campos de saúde mental por profissionais da Educação Física de um modo geral. A lacuna acadêmica na saúde mental no campo da Educação Física se torna cada vez mais ampla (MACHADO, GOMES, ROMERA, 2016; ABIB et al., 2010; ALVES; ARAÚJO, 2012; COLOVINI, 2010; MENEZES, 2010), à medida que a sua inserção no mercado de trabalho cresce e sua demanda se diversifica, evidenciando a necessidade de maior oportunidade de ofertas de disciplinas, congressos, oficinas e outras vivências, como esse estágio, que possam ampliar e diversificar o conhecimento sobre a área e fomentar discussões sobre o assunto.

Palavras-chave: Saúde Mental, Estágio Supervisionado, Educação Física.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Leonardo Trápaga et al. Práticas corporais em cena na saúde mental: potencialidades de uma oficina de futebol em um Centro de Atenção Psicossocial de Porto Alegre. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2010.
- ALVES, Gabriel Soares Ledur; ARAÚJO, Renata Brasil. A utilização dos jogos cooperativos no tratamento de dependentes de crack internados em uma unidade de desintoxicação. **Revista Brasileira Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 77-80, mar./abr. 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório Final da 8ª Conferência Nacional da Saúde**. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF, 1986.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília, 2004b.
- COLOVINI, Leonardo. **A Educação Física e a Promoção da Saúde Mental: revisão sistemática de artigos entre 2000 e 2010**. 2010. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física. UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- MACHADO, Gelsimar José; GOMES, Ivan Marcelo; ROMERA, Liana Abrão. A atuação do professor de Educação Física nos centros de atenção psicossocial álcool e drogas da Grande Vitória-ES. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 485-496, abr./jun. de 2016.
- MENEZES, L. E. C. **A inserção da Educação Física na equipe multiprofissional do CAPSi Casa Melodia em Porto Alegre**. 2010. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física. UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Comunicação

Oral

**MAPEAMENTO DOS DADOS SOBRE A OBESIDADE INFANTOJUVENIL NO
ESPÍRITO SANTO, NA PLATAFORMA SISVAN, PELA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Greice Santos Piumbini¹⁴⁶

Murilo Nazário

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera obeso, o indivíduo que tem o Índice de Massa Corpórea (IMC) 30, cujo cálculo é realizado a partir da fórmula $IMC = \frac{\text{Peso}}{(\text{Altura} \times \text{Altura})}$ logo, a obesidade é caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal no indivíduo que pode ocorrer durante toda sua vida, especialmente naqueles indivíduos que não tem a consciência da gravidade desta doença. Estudos realizados consideram que a vida sedentária, a má alimentação, a crescente urbanização, o acesso tecnológico, fatores genético e comportamentais estão entre os fatores associados à obesidade. A obesidade por sua vez contribui para o acometimento de outras doenças como a síndrome metabólica, a dislipidemia, problemas psicológicos, ortopédicos entre outras. Um dos grupos que tem sido afetado de modo significativo pela obesidade são as crianças e adolescentes. Acredita-se que no decorrer dos anos, o número de crianças e adolescentes sedentários cresça caso não ocorra um programa de política de saúde pública como a promoção da saúde e de prevenção de doenças. A presente pesquisa tem como objetivo mapear informações sobre a obesidade infantil e do adolescente no Estado do Espírito Santo, e como esses dados podem ser utilizados por profissionais de Educação Física, em seus diferentes espaços de atuação. Para tanto realizou-se uma pesquisa documental de natureza quanti-qualitativa, que envolve a coleta de dados, referente as informações relacionadas a obesidade entre crianças e adolescentes. Na fase quantitativa acessou-se o programa de Sistema de Vigilância Nutricional (SISVAN) da região sul, central, metropolitana e norte do estado do Espírito Santo no ano de 2016. Os

¹⁴⁶ Contatos dos autores: piumbinigs@gmail.com; murilo_nazario@hotmail.com.

resultados foram sistematizados, a partir da extração IMC X Idade. Qualitativamente esta pesquisa foi elaborada com a intenção de classificar e encontrar meios de intervenção para a prática de atividade física e/ou exercícios físicos em crianças e adolescentes que estão na faixa de classificação de risco de sobrepeso, sobrepeso, obesidade e obesidade grave, desse modo os dados apresentados referem-se a: 13.596 crianças de 2 a 5 anos das quais 7.700 com risco de sobrepeso, 3.066 com sobrepeso, 2.830 com obesidade; 7.362 crianças de 5 a 7 anos das quais 4.024 com sobrepeso, 1.861 com obesidade, 1.477 com obesidade grave; 5.999 crianças de 7 a 10 anos das quais 3.423 com sobrepeso, 1.771 com obesidade, 805 com obesidade grave; 15.086 adolescentes das quais 10.082 com sobrepeso, 4.072 com obesidade, 932 com obesidade grave. Sendo assim, o SISVAN mostra a incidência crescente da obesidade em todas as regiões do Estado do Espírito Santo. Com isso, a partir das informações levantadas recomenda-se que seja desenvolvido, a partir dos indicadores analisados, ações que estimulem a prática regular da atividade física (AF), como política de saúde pública, ou seja, ampliando os espaços e para realização da AF regular, como escolas, projetos, clubes, academias com a supervisão dos profissionais de educação física em conjunto de ações ao Programa Saúde da Família (PSF) uma vez que o programa colabora na promoção da saúde, além da prevenção, recuperação e reabilitação de doenças. Assim, projetos sociais desenvolvidos em conjunto com as prefeituras municipais e as suas secretarias de saúde são algumas possibilidades de inclusão de crianças e adolescentes a prática de (AF).

Palavra-chave: Sisvan; obesidade; obesidade infanto-juvenil; atividade física.

REFERÊNCIAS

ABESO. Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. **Obesidade e genética são temas de debate em Congresso Internacional.** 2017. Disponível em: <<http://www.abeso.org.br/noticia/obesidade-e-genetica-sao-temas-de-debate-em-congresso-internacional>>. Acesso em 6 mar. 2018.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Atividade Física**. Folha informativa nº. 385-
Fevereiro, 2014.

SISVAN. Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional. **Relatórios de Acesso Público**. 2018. Disponível em:
<<http://www.dabsistemas.saude.gov.br/sistemas/sisvan/relatoriospublicos>>. Acesso em
7 dez. 2017.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Comunicação

Oral

**O TEMA DA SAÚDE NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA
UFES: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS DE
CURSO**

Victor José Machado de Oliveira¹⁴⁷

Ivan Marcelo Gomes

Educação Física (EF) e saúde estabelecem uma estreita relação que remonta a própria história da área. Nesse sentido, buscou-se investigar o tema da saúde nos currículos de formação em EF no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). O recorte metodológico do texto expressa uma análise documental dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) da licenciatura (1991, 2002, 2006, 2011, 2012) e bacharelado (2016) e entrevistas semiestruturadas produzidas com sete professores que participaram das suas construções. Uma análise a partir da teoria da estruturação (GIDDENS, 2009), leva-nos a considerar três episódios que ocorreram no decorrer do tempo-espaço. No primeiro, observamos a ruptura com o currículo mínimo e a presença exógena do tema da saúde, via Centro Biomédico (CBM), em disciplinas de cunho biomédico/biofisiológica (por exemplo, a disciplina de bioquímica). O segundo é produzido a partir do redirecionamento para a formação de professores (rompendo assim com a formação generalista). Esse é um período de transformações micropolíticas dentro do CEFD, que resultou na saída do CBM dos currículos abrindo, assim, a possibilidade para a contratação de professores de EF para trabalhar com as disciplinas relacionadas ao tema da saúde. Se esperava que um professor formado na área se realiza uma leitura da saúde própria da EF; o que, segundo uma professora entrevistada, não ocorreu. Relacionamos esse fenômeno como uma consequência impremeditada (GIDDENS, 2009), pois grande parte dos professores de EF contratados

¹⁴⁷ Contatos dos autores: oliveiravjm@gmail.com; ivanmgomes@hotmail.com.

continuaram a reproduzir os conhecimentos biomédicos. Ainda na esteira de Giddens (2009), podemos considerar que esse fenômeno encontra abrigo na tradição institucional que sempre influenciou a EF, que é o entendimento biomédico de saúde – e que conferiu à área esse entendimento de saúde biológica (CARVALHO, 2005). Apesar de tal concepção hegemônica ainda se encontrar no currículo, conseguimos observar a emergência de disciplinas voltadas para perspectivas ampliadas de saúde, inclusive, com apoio em outras disciplinas que transversalmente problematizavam o tema do corpo. A esse respeito, Fensterseifer (2006) comenta que a ampliação do entendimento de corpo como ente subjetivo e não apenas biológico corrobora no alargamento da concepção do tema da saúde. O terceiro episódio marca o nascimento do curso de bacharelado. Vemos nesse curso uma narrativa curricular (documental) muito voltada para uma concepção de saúde ampliada. Contudo, quando observamos as grades de disciplinas obrigatórias e optativas, vemos a predominância biofisiológica nos currículos de formação. Agrega-se a isso a fala de uma professora que chama a atenção para o fato de professores com formação na área biológica se autodenominarem da área da saúde. Observamos que, se por um lado é anunciada uma perspectiva ampliada, o que ocorre é uma biologização do tema da saúde pela forte presença de disciplinas com concepções restritas, ou seja, ligadas apenas ao aspecto biológico. Esse cenário no curso de bacharelado, nos mostra um paradoxo que parece expressar as próprias disputas epistemológicas na área quando se trata do tema da saúde. Por um lado, observamos uma tradição calcada em um entendimento de saúde restrito (biológico), mas, por outro, a emergência de concepções alargadas muito em decorrência do contato com as Ciências Sociais e Humanas e a Saúde Coletiva (CARVALHO; CECCIM, 2006). Outra questão que observada foi que o tema da saúde assume uma posição menor na licenciatura frente ao curso de bacharelado. Essa é uma questão observada por outros autores (COSTA et al., 2012; BRUGNEROTTO; SIMÕES, 2009). Por fim, os dados produzidos sugerem que o tema da saúde ainda se concentra, majoritariamente, dentro de uma perspectiva biomédica/biofisiológica em detrimento de concepções alargadas, mas que essas últimas vêm emergindo como possibilidades dentro dos cursos de formação em EF.

Palavras-chave: Saúde. Currículo. Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

BRUGNEROTTO, Fábio; SIMÕES, Regina. Caracterização dos currículos de formação profissional em Educação Física: um enfoque sobre saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 149-172, jan/mar 2009.

CARVALHO, Yara Maria. Entre o biológico e o social. Tensões no debate teórico acerca da saúde na Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XVII, n. 24, p. 97-105, jun. 2005.

CARVALHO, Yara Maria; CECCIM, Ricardo Burg. Formação e Educação em Saúde: aprendizados com a Saúde Coletiva. In: CAMPOS, Gastão Wagner; MINAYO, Maria Cecília de Souza; AKERMANN, Marco; DRUMOND JÚNIOR, Marcos; CARVALHO, Yara Maria, (Orgs.). **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 149-182.

COSTA, Larissa Chaves et al. Formação profissional e produtividade em saúde coletiva do profissional de educação física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Pelotas, v. 17, n. 2, p. 107-113, abr 2012.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Corporeidade e formação do profissional na área da saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 93-102, mai 2006.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Comunicação

Oral

O TEMA DA SAÚDE NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFES: UMA ANÁLISE ENTRE AGÊNCIA E ESTRUTURA

Victor José Machado de Oliveira

Ivan Marcelo Gomes¹⁴⁸

Educação Física (EF) e o tema da saúde possuem estreitas relações desde a gênese da área. Procurou-se investigar como esse tema se encontra presente e quais ênfases recebe nos currículos de formação no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). Para tanto, lançou-se mão do método da cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010), assim, seguindo pistas sobre as produções curriculares. O recorte do texto apresenta a pista que se refere à presença do professor como elemento influenciador da produção curricular. Nesse sentido, serão considerados entrevistas realizadas com os professores, os currículos Lattes e políticas de reformulação curricular. A lente teórica de análise é a teoria da estruturação de Giddens (2009). Aqui, será arremetida o conceito de dualidade da estrutura, entendido como: “a estrutura como meio e o resultado da conduta que ela recursivamente organiza” (Idem, p. 441). Essa teoria nos corrobora no sentido de apresentar uma síntese entre agência e estrutura, ou seja, não há um a priori constrangedor, mas uma relação em que as propriedades estruturais não podem existir fora da ação dos agentes. Nesse sentido, as entrevistas produzidas com os professores foram nos indicando uma centralidade na figura do professor como agente responsável pelas (re)produções curriculares quando é ressaltado que esses apresentam ações pontuais no engendramento curricular. Contudo, reconhecemos que esses agentes não estão “soltos” no tempo-espaço. Sendo assim, a formação desses professores, tanto quanto suas produções científicas se mostraram elementos que demonstram como a

¹⁴⁸ Contatos dos autores: oliveiravjm@gmail.com; ivanmgomes@hotmail.com.

reflexividade institucional está presente na constituição de orientações político-epistemológicas (CUNHA, 2005). No CEFD/UFES, percebeu-se uma diferença entre os dois departamentos que compõe esse Centro. No Departamento de Desportos (DD) há uma formação e produção científica mais voltada para a área biomédica enquanto no Departamento de Ginástica (DG) uma formação voltada para a área da educação (e algumas vinculadas à Saúde Pública/Coletiva). É observado que o tema, nomeadamente, da saúde possui maior recorrência no DG quando comparado ao DD. Temos, então, um paradoxo, pois quando se observa os concursos para a área da saúde, nota-se que os mesmos são ofertados pelo DD e com orientação político-epistemológica vinculados às subáreas biomédicas/biofisiológicas. Nesse sentido, a análise da estrutura nos oferece algumas considerações sobre tal fenômeno. As políticas que influenciam a formação, como é o caso do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), apresenta uma influência a partir da aproximação entre a graduação e pós-graduação, como elemento para a construção curricular dessa primeira. Percebe-se que os concursos realizados no CEFD/UFES, via Resolução nº 38/2007 que trata da proposta REUNI/UFES, estiveram imbuídos no fortalecimento da área biofisiológica tanto para a graduação quanto para a pós-graduação (LEOPOLDO et al., 2014). Contudo, com Gaya (2017) compomos a crítica de que a influência da pós-graduação voltada unicamente para um modelo hegemônico de ciência (diga-se de passagem, biológica) se mostra como um obstáculo epistemológico frente às perspectivas e teorias pedagógicas, políticas e filosóficas. Ainda se concebe que a perspectiva biomédica traduz nos currículos uma orientação pedagógico-metodológica centrada na doença e na pedagogia da transmissão (CARVALHO; CECCIM, 2006). Frente aos constrangimentos da estrutura, vemos como a presença de professores com orientação (majoritária) político-epistemológica nas Ciências Naturais/Biológicas acaba por contribuir para a construção de currículos cada vez mais biologizados (inclusive, como é o caso do bacharelado). No entanto, por outro lado, vemos que a presença de professores com vínculo nas Ciências Sociais e Humanas pode se mostrar um caminho de subversão da lógica dominante nos currículos de formação. Logo, a presença dos

professores se mostra como elemento fundamental para a compreensão das políticas curriculares praticadas no cotidiano da formação em EF.

Palavras-chave: Saúde. Currículo. Ensino Superior. Teoria da Estruturação.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Yara Maria; CECCIM, Ricardo Burg. Formação e Educação em Saúde: aprendizados com a Saúde Coletiva. In: CAMPOS, Gastão Wagner; MINAYO, Maria Cecília de Souza; AKERMANN, Marco; DRUMOND JÚNIOR, Marcos; CARVALHO, Yara Maria, (Orgs.). **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 149-182.

CUNHA, Maria Isabel. **O Professor Universitário na Transição de Paradigmas**. Araraquara: Junqueira & Marins Editores, 2005.

GAYA, Adroaldo Cezar Araújo. O pós-graduação e a formação de professores em Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 71-75, ago 2017.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LEOPOLDO, Ana Paula Lima *et al.* O Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UFES: pesquisa e ensino em atividade física & saúde. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v. 19, n. 4, p. 523-524, jul 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Pôster

**O TEMA SAÚDE NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES DO CURSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DO ESPÍRITO
SANTO**

Welton Lyrio Martinelli

Michel Binda Beccalli¹⁴⁹

Ao visitar o campo de produções acadêmicas da Educação Física (EFI), percebemos que há um volume significativo de esforços que abordam a saúde como tema, onde é possível notarmos no campo uma polissemia do termo (BAGRICHEVSKY, 2006). A forma de compreensão ou perspectiva de saúde em uma visão menos direcionada entende a saúde a partir de um olhar mais ampliado, tendo como foco o meio em que o sujeito está inserido, como se dão suas relações, questões de equidade e também se preocupam com os aspectos biológicos, mas não os consideram únicos muito menos mais importantes que os outros aspectos a serem observados e Castiel & Diaz (2007) apresentam críticas às formas de perseguir e materializar a saúde, onde os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) são muitas vezes ignorados (BAGRICHEVSKY, 2006; BUSS, 2003; BUSS & PELLEGRINI FILHO, 2007; CARVALHO & CECIM, 2007). Carvalho & Bilbio (2007) mostram que a grande área da saúde carece desse olhar ampliado, e relacionam essa carência a fragilidades curriculares e uma formação generalista (LUZ, 2007; ROCHA & CENTURIÃO, 2007). Pensando na formação em EFI, Figueiredo (2004) aponta tendências à valorização do conhecimento biológico por parte dos alunos na tentativa de atender ao mercado cada vez mais generalista, criando uma estrutura curricular que fragmenta o conhecimento. Figueiredo (2004) e Oliveira (2017) apontam para os professores como “interlocutores”, como uma possibilidade de mudanças significativas nesse cenário, atuando no processo de ensino/aprendizagem dos acadêmicos. Percebeu-se então a necessidade de

¹⁴⁹ Contatos dos autores: welton_lm@hotmail.com.br; michelbeccalli@gmail.com.

compreender como o tema saúde tem sido entendido por esses docentes (BAGRICHEVSKY, 2006; FIGUEIREDO, 2004, OLIVEIRA 2017). O presente estudo visa refletir sobre os sentidos e significados que são atribuídos ao tema saúde pelos docentes do curso de Educação Física de uma Instituição Privada do Espírito Santo (IPES). Essa pesquisa possui natureza metodológica qualitativa de caráter exploratório, utilizando da pesquisa de campo como procedimento técnico, visto que o presente estudo buscou refletir sobre as percepções nas falas, trabalhamos na forma de entrevista semi-estruturada (Minayo, 2002). A análise de dados foi organizada em forma de análise temática. A pesquisa consistiu em entrevistar 9 (nove) professores de uma IPES. Onde agrupamos as falas em dois grupos. O primeiro agrupamento foi formado por professores que direcionaram suas falas a aspectos da promoção de saúde, prevenção de doenças e culpabilização dos indivíduos por não adotarem ações ou atitudes “saudáveis”. Foi possível observar nas falas, noção dos aspectos sociais envolvidos na saúde, entretanto, aparecem muito mais vezes apontamentos a uma visão direcionada para os aspectos fisiológicos, aproximando mais a saúde dos aspectos biomédicos, da formação (CASTIEL & DIAZ, 2007; ROCHA & CENTURIÃO, 2017). O segundo agrupamento formado por professores que demonstraram em suas falas terem noção da saúde a partir de um olhar ampliado, não se restringia ao falar de saúde apenas a aspectos biomédicos. Os aspectos sociais, preocupação com as condições de vida das pessoas, a equidade, ampliação do campo de ação entre outras apontam também para uma visão que se mostra integral ao fenômeno saúde (BUSS & PELLEGRINI FILHO, 2007; CASTIEL & DIAZ, 2007). Percebemos que existem mais indícios para uma perspectiva ampliada do fenômeno saúde relacionada à formação em EFI do que o contrário. E o fato de a maioria dos professores apresentarem indícios de entenderem o campo de ação da EFI, pode colaborar para essa compreensão ampliada da saúde. O fato da pesquisa ter usado as falas dos professores, constituiu em um fator limitante que não nos permite afirmar que elas se materializam da mesma forma, a partir disso seria interessante observar as aulas desses professores para sabermos como eles as materializam em suas aulas.

Palavras-chave: Saúde, Educação Física, Formação.

REFERÊNCIAS

- BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO. Saúde Coletiva e Educação Física: aproximando campos, garimpendo sentidos. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; ROS, M. **A Saúde em Debate na Educação Física**. v. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- BUSS, P. M. Uma introdução ao conceito de promoção de saúde. In: CZERESNIA, D. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 17. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>>. Acesso em: 27 de junho de 2018.
- CASTIEL, L. D. **A saúde persecutória: os limites da responsabilidade**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- CECIM, R. B.; BILBIO, L. F. Singularidades da Educação Física na saúde: desafios à educação de seus profissionais e ao matriciamento interprofissional. In: FRAGA, A. B; WACHS, F. **Educação Física e Saúde Coletiva: Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 89-111, 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2827>>. Acesso em: 28 de junho de 2018.
- LUZ, M. T. Educação Física e saúde coletiva: papel estratégico da área e possibilidades quanto ao ensino na graduação e integração na rede de serviços públicos de saúde. In: FRAGA, A. B; WACHS, F. **Educação Física e Saúde Coletiva: Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- MINAYO, M. C. de S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- OLIVEIRA, V. J. M. O tema da saúde na formação inicial em Educação Física: Análise documental na Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. In: **XII Congresso Argentino e VII Latino Americano de Educação Física e Ciências**. Buenos Aires, 2017. Disponível em: <<http://congresoeducacionfisica.fahce.unlp.edu.ar/>>. Acesso em: 27 junho 2018.



ROCHA, V. M.; CENTURIÃO, C. H. Profissionais da saúde: formação, competência e responsabilidade social. In: FRAGA, A. B; WACHS, F. **Educação Física e Saúde Coletiva: Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Comunicação

Oral

OS BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA E A CAPACIDADE FUNCIONAL NA VIDA DIÁRIA DE MULHERES IDOSAS

Marcus Vinnycius Jesus¹⁵⁰

Diante do envelhecimento populacional do povo brasileiro como apontam Freitas (2006) e Costa, Nakatani e Bachion (2006), a meta do atendimento à saúde passa a ser não apenas o prolongamento da vida do indivíduo, mas também a garantia da sua capacidade funcional. No que diz respeito à legislação relativa à proteção e promoção de qualidade de vida do idoso o Brasil tem avançado na história recente. O documento mais importante, no que tange à legislação, sem dúvidas, é a Constituição Federativa de 1988, a Carta Magna do país. A Constituição dá diretrizes gerais sobre os cuidados com os idosos. No art. 229, do cap. VII, ela afirma que “[...] os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade” (BRASIL, 1988). Esta pesquisa teve como objetivo identificar os benefícios da atividade física regular na relação capacidade funcional e sensação subjetiva de bem-estar em mulheres idosas. Durante o estudo, realizado entre os anos de 2013 a 2016, foi acompanhado um grupo de 120 mulheres na faixa etária de 60 a 84 anos que participam do projeto “Movimento e Vida”, participantes do Centro de Promoção de Atividade Física (CEPAF) - ferramenta auxiliar na qualidade de vida dessa parcela da população, é um somatório na prevenção de doenças coronárias e musculoesqueléticas, município de São Mateus norte do Espírito Santo. O fato de esta pesquisa não abordar homens deve-se à não adesão desse gênero ao programa, pois, com inconstâncias na participação das atividades propostas, caracterizaria uma pesquisa sem *quorum* e também pela quantidade da amostra que não atingiria o necessário para idealizar este trabalho. A partir dos aportes teóricos do *American College of Sports Medicine*, bem como de autores como Papaléo

¹⁵⁰ Contato do autor: professorvinnycius@gmail.com.

Netto, Victor Matsudo entre outros, buscou-se dar sustentação teórica a este trabalho. Empreendeu-se uma pesquisa de campo através do estudo de coorte retrospectivo, visando identificar os benefícios produzidos pela atividade física regular e orientada de natureza interdisciplinar, sendo Fisioterapeutas, Assistentes Sociais e Professores de Educação Física. Metodologicamente, como parte dos instrumentos de produção de dados, além de dados quantitativos de composição corporal, anamnese e exames complementares, foram aplicados testes de capacidade funcional, indicados por Victor Matsudo, a fim de aferir a capacidade funcional dos sujeitos da pesquisa. Numa abordagem mais subjetiva, foram aplicados questionários que permitissem aos sujeitos revelar as suas percepções de ganhos subjetivos de bem-estar, com perguntas direcionadas antes do aporte das atividades e após a intervenção. Numa abordagem metodológica comparativa, os resultados permitiram identificar uma significativa evolução da capacidade funcional das idosas participantes da pesquisa. Os resultados dos testes objetivos e dos questionários subjetivos convergiram mostrando evolução superior a 20% na classificação da capacidade funcional das idosas, levando-nos a concluir que, apesar de no período de três anos de atividade no CEPAF, evidentemente o processo de envelhecimento não fora interrompido, a capacidade funcional das idosas não apenas conservou-se como houve significativas melhoras na classificação, o que evidencia uma estreita relação entre atividade física e qualidade de vida sob o ponto de vista da manutenção e recuperação da capacidade funcional. Também orientar e incentivar a realização de atividade física é fundamental para a difusão dos comportamentos saudáveis da população. Mediante esta pesquisa observou a necessidade de incorporar novas práticas educativas que possam trazer benefícios à população para um futuro mais saudável no município de São Mateus-ES. O estudo demonstra ainda potenciais de uma abordagem interdisciplinar em Saúde Coletiva, servindo como orientador de políticas públicas.

Palavras-chave: Envelhecimento. Atividade Física. Capacidade funcional. Qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. **Manual de Pesquisas das Diretrizes do ACSM para os Testes de Esforço e sua Prescrição**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- BRASIL. **Constituição 1988**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília (DF): Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- COSTA, E. C.; NAKATANI, A. Y. K.; BACHION, M. M.: Capacidade de idosos da comunidade para desenvolver atividades de vida diária e atividades instrumentais de vida diária. **Acta Paul Enferm.**, v. 19, n. 1, p. 43-48, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n1/a07v19n1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2015.
- FREITAS, E. V. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- MATSUDO, S. M. M. **Avaliação do idoso: física e funcional**. 3. ed. Santo André: Gráfica Mali, 2010.
- MATSUDO, S. M. M. **Avaliação do idoso: física e funcional**. Londrina: Midiograf, 2000.
- MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; NETO, T. L. B.: Impacto do envelhecimento nas variáveis antropométricas, neuromotoras e metabólicas da aptidão física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília v. 8, n. 4, p. 21-32, 2000. Disponível em: <<http://www.lifegroup.com.br/fe10.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; NETO, T. L. B.: Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Caetano do Sul, v. 7, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v7n1/v7n1a02.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Editora Atheneu, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbmg/v13n1/a16v13n1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Comunicação

Oral

PREVENÇÃO AO USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS A PARTIR DAS HABILIDADES SOCIAIS

Gelsimar José Machado

Liana Abrão Romera¹⁵¹

Este trabalho tem como objetivo apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa que desenvolve um programa de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas a partir do Treinamento de Habilidades Sociais com adolescentes escolares. Arelado a este programa, se tem como estratégia o trabalho com estudantes multiplicadores, pois esta abordagem possibilita alcançar resultados ainda mais expressivos a partir do protagonismo dos próprios estudantes no desenvolvimento de ações com seus pares (BOTVIN; KANTOR, 2000). O consumo de álcool e outras drogas tem sido tema de constantes discussões nos cenários nacional e mundial ao longo dos anos. A fase da adolescência se constitui como um momento suscetível para que ocorra a experimentação de drogas. Entretanto, apesar da importância deste tema e de sua abordagem no meio social, percebe-se que as discussões e ações de prevenção em âmbito escolar tem sido inferior às suas necessidades. A atuação docente no processo de mediação tende a gerar informações aos alunos de modo acrítico, com escassez de fundamentos científicos e equivocados, pois, muitas vezes, estão pouco preparados para lidar com a temática drogas (DALLO, 2014). Intervenções a partir de Habilidades Sociais, também conhecidas como Habilidades de Vida, tem sido uma das estratégias em programas de prevenção ao uso de drogas, enfatizado o desenvolvimento de habilidades emocionais, no conhecimento do próprio sujeito e sua relação com familiares, amigos e desconhecidos. As Habilidades Sociais são diferentes classes de comportamentos sociais que o indivíduo possui para lidar com as situações

¹⁵¹ Contatos dos autores: geljm@hotmail.com; liromera@uol.com.br.

interpessoais, dentre as quais se destacam as habilidades de: comunicação, civilidade, fazer e manter amizade, empatia, assertividade, expressar solidariedade, manejar conflitos e resolver problemas interpessoais, expressar afeto e intimidade, coordenar grupo, e falar em público (CABALLO, 2003; DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2017). A metodologia desta pesquisa se constitui como uma Pesquisa-Ação (THIOLLENT, 2005) e será desenvolvida em uma escola no interior do Estado do Espírito Santo com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e 1ª a 3ª série do ensino médio. O consumo de drogas no município de realização da pesquisa é alto, sobretudo o álcool, compreendido como parte inerente a cultura de descendentes europeus que compõem a maioria da população. Os casos de suicídio e tentativas de suicídio no município também são comuns e podem estar associados a diversos fatores, inclusive o uso de drogas e depressão (FEHLBERG, 2011; CAPUCHO, JARDIM, 2013). Paiva e Rodrigues (2008) ressaltam que o desenvolvimento de programas com Habilidades Sociais tem sinalizado bons resultados na prevenção de álcool e outras drogas a partir de estudos pelo mundo. Sá e Del Prette (2014) defendem que algumas Habilidades Sociais podem favorecer a abstinência ao uso de drogas e menor envolvimento para os que estão em tratamento. Limberg et al. (2017) destacam que as habilidades de recusa de drogas foram as mais enfatizadas nos estudos analisados durante e após o tratamento entre usuários. Felicissimo, Casela e Ronzani (2013), demonstraram que as intervenções em Habilidades Sociais contribuíram com outros fatores para além da temática drogas, como a minimização e controle da depressão e ansiedade. Gorayeb (2002), corrobora enfatizando que estes programas devem ser baseados numa metodologia que enfatize a interação social e que promovam a participação do público adolescente de modo mais interessado, dinâmico e produtivo. Dentre as possibilidades desta abordagem no ambiente escolar, a disciplina de Educação Física é coerente com as características que envolvem as Habilidades Sociais, podendo ser agregada a partir de suas práticas corporais, jogos, brincadeiras dentre outros conteúdos. Além disso, esta disciplina contempla a área da saúde, o que fortalece ainda mais a necessidade de trabalhos neste âmbito.

Palavras-chave: habilidades sociais; prevenção; álcool e outras drogas; adolescência; escola.

REFERÊNCIAS

- BOTVIN, G. J.; KANTO, L. W. Preventing Alcohol and Tobacco Use Through Life Skills Training: Theory, Methods, and Empirical Findings Alcohol. **Research & Health**, v. 24, n. 4, 2000, p. 250-257.
- CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo – SP, Santos Livraria Editora, 2006.
- CAPUCHO, M. C.; JARDIM, A. P. Os pomeranos e a violência: a percepção de descendentes de imigrantes pomeranos sobre o alto índice de suicídio e homicídio na Comunidade de Santa Maria de Jetibá. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (1), jan-jun, 2013,36-53.
- DALLO, L. **Sensibilização de professores e alunos para a prevenção de uso abusivo de drogas e sexo desprotegido**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2014. 197f.
- DEL PRETTE, Z. A. P; DEL PRETTE, A. **Competência Social e Habilidades Sociais: Manual teórico-prático**. Petrópolis: Vozes. 2017.
- FELICISSIMO, F. B.; CASELA, A.L.M; RONZANI, T. M. Habilidades sociais e alcoolismo: uma revisão da literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 137-145, jan./mar. 2013
- FEHLBERG, J. **Trabalho, igreja e boteco: identidades em transformação entre descendentes de pomeranos do interior do Espírito Santo**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2011. 300 f.
- GORAYEB, R. **O ensino de habilidades de vida em escolas no brasil**. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2002, 3 (2), 213-217.
- LIMBERGER, J. et al. Treinamento em habilidades sociais para usuários de drogas: revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, 10(1): 99-109, jan.-jun. 2017.
- SÁ, L. G. C.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais como preditoras do envolvimento com álcool e outras drogas: um estudo exploratório. **Interação em Psicologia** (online), 18 (2), 167-178.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. aum. São Paulo: Cortez, 2005.

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Saúde Coletiva e Saúde Pública - Relato de
Experiência

**SAÚDE COLETIVA E PRÁTICAS CORPORAIS: UMA EXPERIÊNCIA COM
METODOLOGIAS ATIVAS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Silvana Clares Vieira¹⁵²

André Luis Façanha da Silva

A divisão da formação em licenciatura e bacharel em Educação Física Steinhilber (2006) e por considerar que o trabalho na área continua por se caracterizar pela prática docente frente atuação profissional no Sistema e considerar que Único de Saúde (SUS) é o objeto desse relato de experiência pedagógica (RODRIGUES, 2011). Descrever o uso de metodologias ativas no trato pedagógico sobre saúde coletiva e educação física na atenção básica à saúde (AB), em um curso de licenciatura, de uma universidade pública, no interior do Ceará, é o objetivo desse trabalho. Com abordagem qualitativa, utilizamos a técnica de diário de campo na coleta de informações e reflexões das atividades desenvolvidas em sala e no serviço de saúde, no município de Iguatu, Ceará. As ações pedagógicas foram rodas de conversa a partir de palavras geradoras, vídeos temáticos (Skico-SOS Saúde; História da Política de Saúde no Brasil), visita técnica orientada aos Centros de Saúde da Família (CSF), práticas corporais (PC) (oficina de sensações e massoterapia), discussões em grupo e júri simulado sobre o SUS e AB, que totalizaram 20 encontros. As discussões em grupo sobre saúde, doença, SUS, promoção da saúde, prevenção de doenças, práticas corporais/atividade física, a partir dos conhecimentos prévios observamos diferentes compreensões, “confusões” conceituais e estranhamentos com a literatura da saúde coletiva. Nas visitas encontramos potencialidades e desafios do serviço de AB e do território. As PC provocaram emoções e reflexões sobre a graduação, em seguida o júri causou debates calorosos e criativos

¹⁵² Contatos dos autores: silvana_clares@hotmail.com; andre_facanha@hotmail.com.

entre as equipes que contribuiu na formação dos alunos. Diante disso nota-se a fragmentação da formação em educação física contribui para o desconhecimento dos acadêmicos sobre SUS, principalmente na licenciatura. As dificuldades em torno da separação legal entre bacharelado e licenciaturas traduzem-se em dificuldades no estabelecimento da integração entre a Educação Física e a Saúde Coletiva. Deste modo aos nossos olhos nos parece uma tarefa complexa e difícil de aproximar ambas as áreas, porém mesmo com uma disciplina (condição de optativa) devemos efetivar estratégias didáticas e metodológicas ativas na busca de afetar os estudantes e docentes em se apropriarem desse legado, que é a saúde pública/coletiva brasileira, e almejar mudanças significativas na formação inicial. Embora reconhecêssemos o quanto avançamos e ainda devemos desenvolver sobre formação e atuação profissional/professor licenciado ou bacharelado de Educação Física nos serviços de saúde pública. Para esse caminhar as abordagens participativas e dialógicas contribui para repensar os conhecimentos prévios e o papel da formação acadêmica. Mesmo sabendo do reconhecimento por parte do Ministério da Saúde, que diz o profissional de Educação Física na saúde pode ser licenciado ou bacharelado, essa “brecha” legal é apenas uma “ponta do iceberg” para estabelecer interfaces da Educação Física com a saúde coletiva na atenção básica à saúde. Aos nossos olhos nos parece uma tarefa complexa e difícil de aproximar ambas as áreas, porém mesmo com uma disciplina (condição de optativa) devemos efetivar estratégias didáticas e metodológicas na tentativa de afetar os estudantes, docentes e profissionais de saúde da estratégia saúde da família em se apropriarem desse legado, que é a relação educação física e saúde coletiva brasileira.

Palavras-chave: Formação em saúde. Saúde pública. Atenção primária à saúde. Educação Física

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, L. dos S. F. Crise do capital, reestruturação do campo educacional e suas consequências nas diretrizes curriculares de Educação Física. Org. In: JUNIOR, E. M. D e LIMA, T. F. **Movimento Nacional Contra Regulamentação (MNCR): 10 anos de luta pela regulamentação do trabalho**. Feira de Santana- BA: UFES Editora, 2011.



STEINHILBER, J. CONFEEF. Licenciatura e/ou Bacharelado: Opções de graduação para intervenção profissional, 2006.